

SEMPRE HAVERÁ UM NOVO AMANHECER PARA RECOMEÇAR.

Um Amor para mim

ANALU TEODORO



SEMPRE HAVERÁ UM NOVO AMANHECER PARA RECOMEÇAR.

Um Amor para mim

ANALU TEODORO

Copyright © 2020 ANALU

Capa: TV designers

Revisão: Analu

Diagramação: designersdeanalu

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios (tangível ou intangível) sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal. 2018.



Classificação indicativa: +16

A história pode conter gatilhos como: Depressão, tentativa de suicídio e violência infantil.



Este livro é dedicado a todos que acreditam no amor verdadeiro, na paz, luz e esperança.

Para todos que mesmo em meio ao lutas, nunca deixam de acreditar que dias melhores virão.

“Sempre haverá um novo amanhecer para recomeçar”



Um amor para mim surgiu do acaso. Eu estava deitada em minha cama e do nada comecei a pensar em algumas ideias que foram surgindo rapidamente. Logo, estava escrevendo o primeiro capítulo sem dificuldade alguma e como se fosse a coisa mais simples do mundo.

Mas na verdade, eu sempre tive em mente que seria uma história complexa onde eu tentaria passar os conflitos de uma adolescente em crise e ao mesmo tempo, as suas perdas e dores da vida. Não seria fácil, mas eu não pretendia desistir.

Algumas pessoas se tornam frias e vazias com tantas perdas e tristezas. Essa é a Valentine.

Um amor para mim é uma grande história de superação e transformação de uma adolescente quebrada. O amor é capaz de superar e suportar qualquer barreira.

Pode até ser só mais um clichê, mas tenho certeza que mudará um pouco a sua vida.

É um romance cheio de muito drama e amadurecimento. É acima de tudo, acreditar que sempre haverá um novo amanhecer para recomeçar.

Uma história cheia de grandes surpresas e reviravoltas. Uma história que promete lhe arrancar muitas lágrimas, mas também muitos suspiros de amor.

Uma história de amor e companheirismo que trará grandes lições sobre a vida e o verdadeiro sentido e significado de amar.

Entre laços desfeitos, memórias quebradas e dores curadas, Valentine irá descobrir que a vida tem muito a lhe ensinar. E é caindo e errando que novos caminhos serão traçados e refeitos.

Embarque nesta incrível história de amor verdadeiro.



Sempre haverá um novo
Amanhecer para recomeçar;
Ela é como girassol, só se prende ao que tem luz;
Seu segredo é se permitir florescer, como um girassol.

_____ ≡ _____

Nunca saberemos o quão fortes
Somos, até que, ser forte seja
A única opção.

_____ ≡ _____

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Redes sociais](#)



— Mamãe, quando eu vou ter um amor só para mim? — Valentine questionou com sua inocência de criança. Seus pais sorriam um para o outro e em seguida para ela.

— Você já tem, meu amor! Eu e o papai somos seus amores! — Sua mãe lhe respondeu com um grande sorriso e ela correu para abraçá-los.

— Eu te amo, mamãe! Eu te amo, papai! — A pequena falou emocionada. Seus pais adoravam aquele momento doçura.

— Também lhe amamos, docinho! — Seus pais falaram juntos.

— Para todo sempre! — Os três falaram juntos a frase da família. A frase que eles sempre diziam em momentos como aquele. A frase que Valentine sempre gostou de dizer-lhes.



Filadélfia, Pensilvânia.

4 de abril, 2010 | Dez anos antes

PRIMEIRA FASE

_____ ≡ _____

Nunca saberemos o quão forte

Somos, até que, ser forte

Seja a única opção.

_____ ≡ _____

Valentine corria animada pela casa, deixando sua mãe perdida entre vigiar a garotinha, e, ao mesmo tempo, preparar o jantar antes que seu esposo chegasse de mais um longo e cansativo dia de trabalho. A menina não parava quieta desde quando abriu os olhos naquela manhã. Sempre fora uma criança alegre, espontânea e cheia de vida. Sua mãe lhe deu este nome para que, quando alguém a visse, logo se lembrasse da menina forte e guerreira. As vezes, sua mãe arriscava dizer aos amigos que sua pequena vivia ligada no 220. Mas no fundo, ela sempre gostou de ver a filha correr como uma criança alegre e cheia de saúde.

— Valentine, não corra! Você pode se machucar, filha. — A mãe alertou pela terceira vez naquela tarde. A pequena, por sua vez, ignorou os

avisos da mãe e permaneceu correndo.

— Não vou cair, mamãe! Eu já tenho cinco aninhos. Sou forte! — Ela respondeu quando sua mãe olhou para si pela quarta vez.

— Sossegue, menina! Seu pai já está para chegar. — A mulher respondeu na esperança de acalmar a pequena. Mas Valentine não parecia querer negociar.

A criança corria de um cômodo a outro, pulava no sofá e logo estava correndo por toda a casa. Em meio a tanta adrenalina, acabou escorregando e caindo no chão.

Sua cabeleira cacheada cobriu todo o seu rosto. Se não fosse desesperador, sua mãe até poderia rir. Mas não, ela soltou um grito e olhou para sua filha assustada. Valentine olhou para a mãe e avaliou suas opções: chorar como um bebê ou levantar e fingir que estava tudo bem. Afinal, já era uma mocinha.

Deixando a mulher surpresa, a garotinha retirou os cachos de seu rosto, levantou, sacudiu a poeira e sorriu.

— Estou bem, mamãe. Eu disse que sou forte. — Afirmou com um sorriso radiante. Sua mãe suspirou aliviada e voltou para as panelas.

No fim daquela tarde, seu pai chegou exausto do trabalho. O homem, mesmo suado, apertou sua pequena em seus braços e lhe deu muitos beijos lhe fazendo gargalhar. Essa era a risada que ele precisava para carregar suas energias.

Entre cócegas e sorrisos, Louis olhou para sua esposa parada no balcão da cozinha e sorriu deixando Valentine no chão. Ele não poderia se esquecer dela. Sem se importar com a roupa suja do marido, a mulher o abraçou e logo trocaram beijos apaixonados.

Valentine logo parou o que fazia somente para admirar os pais. Ela já tinha visto cenas como essa em contos de fadas e princesas, mas nunca tão real quanto o amor de seus pais. A menina olhava admirada para o casal a sua frente que logo pararam para notá-la.

— Mamãe, quando eu vou ter um amor para mim? — Valentine questionou com sua inocência de criança. Seus pais sorriam um para o outro e em seguida para ela.

— Você já tem, meu amor! Eu e o papai somos seus amores! — Sua mãe lhe respondeu com um grande sorriso e ela correu para abraçá-los.

— Eu te amo, mamãe! Eu te amo, papai!

Seus pais adoravam aquele momento doce.

— Também lhe amamos, docinho! — Seus pais falaram juntos.

— Para todo sempre! — Os três falaram juntos a frase da família.

Mais tarde, durante o jantar, Elise contava sobre seu dia para o marido. Era sempre uma aventura em família. Falar sobre o dia era mais uma regra para a família. Isso os tornava mais unidos.

Valentine sempre tinha uma coisa nova para contar, o que era surpreendente para uma menininha de 5 anos.

Seu pai riu quando a mesma contou que caiu. Sua mãe até tentou segurar o riso, mas acabou rindo junto aos dois.

— Eu sou forte! — A garotinha levantou na cadeira e imitou a mulher maravilha.

— Senta aí, mulher maravilha. — Sua mãe riu.

— Mesmo que seja forte como a mulher maravilha, precisa obedecer

quando sua mãe diz para não correr. Até as heroínas podem se machucar de vez em quando. — Seu pai alertou. A pequena olhou para o pai com os olhos arregalados.

— E os poderes, papai? Não servem para nada? — Quis saber. O homem não sabia o que responder, então sua mãe interviu.

— Ficam fracos, se não obedecerem aos pais.

Valentine pareceu pensar e analisar as informações.

—Tudo bem, mamãe. Vou obedecer. — Os pais sorriram cúmplices.

Ao olhar para o marido, Elise se lembrou do que deveria dizer. Suspirou e decidiu que era o momento.

— Anjinho, você pode ir escovar seus dentes e me esperar para te contar a história antes de dormir? — Elise pediu olhando para a pequena.

—Tudo bem, mamãe. Mas hoje quero que o papai também conte.

— Certo, agora vá, docinho.

Valentine levantou e seguiu para o banheiro.

— O que foi, meu amor? – Louis indagou preocupado.

Sua esposa foi até o armário da cozinha e voltou com um envelope branco e alguns designers azuis com o nome do laboratório.

Louis sabia bem do que se tratava: Um exame médico.

Elise empurrou o envelope para ele e pediu que abrisse. Preocupado, o homem abriu e leu seu conteúdo.

Um suspiro longo e frustrado foi dado. Louis começou a suar frio e tremer com o objeto em suas mãos. Seus olhos corriam pelas palavras em destaque causando calafrios por todo o seu corpo.

— Câncer? — Leu em voz alta, como se quisesse acreditar em sua própria interrogação.

— Eu estava me sentindo mal já há alguns dias, então, fui fazer alguns exames. — Ela deu uma pausa. Em nenhum momento olhava para seu esposo. — Pedi outro, e depois outro. Eu não queria acreditar.

Louis respirou fundo, guardou a folha de volta e segurou firme na mão de sua esposa. Uma lágrima caiu por sua bochecha, automaticamente, ele limpou. Ainda assim, ela continuou sem olhar para ele. Tinha medo demais para isso.

— Olhe para mim — Pediu quase em um sussurro e a mulher hesitou. Louis segurou em seu queixo e virou seu rosto para ele. — Nós vamos enfrentar isso juntos, como uma família.

Ela assentiu ainda em meio as lágrimas. Mas no fundo, ela tinha medo do que pudesse acontecer. Um medo maior ainda por saber que talvez, pudesse deixá-los para trás.

Seu esposo encostou sua testa junto a dela e beijou seus lábios devagar.

— Você não está sozinha, meu amor. — Sussurrou antes de beijar seus lábios novamente.

Os dois haviam passado e enfrentado tanta coisa para estar juntos que até parecia cruel demais a natureza os impedir de ser felizes.

No fim daquela noite, ambos contaram uma história para Valentine. A pequena mal sabia o que estava acontecendo fora de seu mundo imaginário. Seus pais optaram por não lhe contar nada até que tivessem uma alternativa.

Acabaram por dormir junto a filha sem nem se importarem com o

tamanho da cama e a dor que iriam sentir no dia seguinte.



15 de abril, 2010 | Alguns dias depois

Elise lavava louças enquanto Valentine assistia um desenho na televisão. Logo chegaria o momento da menina ir para a escola, e a mulher finalmente poderia dormir um pouco. Se sentia exausta e já não conseguia cumprir com algumas tarefas domésticas. Louis havia prometido que sairia mais cedo do trabalho, para que assim pudesse ajudar a esposa com suas tarefas do lar.

Vez ou outra, Valentine fazia alguma pergunta em relação ao desenho na TV e isso tirava a atenção de sua mãe, que mesmo não querendo, ficava irritada em meio a tantas indagações da garotinha. E ela havia percebido isso em sua terceira pergunta.

— Está brava comigo, mamãe? — A garotinha quis saber. Olhou para sua mãe por cima do balcão e esperou por uma resposta.

— Não, Valentine. — Suspirou — A mamãe só está cansada hoje.

A pequena se aproximou de sua mãe e ofereceu ajuda para lavar as vasilhas de plástico, já que as de vidro ela não poderia. No instante em que a mulher iria lhe responder, ficou com sua visão turva. Sentiu enjoo e sentou no chão em busca de ar.

— Mamãe, está se sentindo bem? — A pequena se preocupou.

— Anjinho, ligue para o papai. — Deu uma pausa após o mal estar aumentar — É como eu te ensinei, meu amor. Vai no bonequinho azul, procura a foto do papai e aperta.

Valentine mal esperou sua mãe terminar de falar e foi correndo pegar

seu celular. Ao ouvir o barulho da chamada, esperou que o pai atendesse, mas a chamada caiu na caixa postal.

— Não atende, mamãe. — A garotinha respondeu querendo chorar.

— Ambulância, meu amor. Tem uma cruz vermelha. Aperta e espera atender.

Valentine refez a chamada e uma voz feminina atendeu do outro lado.

— Cruz vermelha, em que posso ajudar?

— Minha mamãe está passando mal.

A mulher logo pensou que se tratava de um trote e logo ia desligar a chamada, mas algo no tom de voz da garotinha lhe chamou a atenção. Não parecia ser uma brincadeira.

— Querida, como você se chama?

A intenção da mulher era permanecer com a garotinha ao telefone o máximo possível para que rastreasse a ligação.

— Valentine. Mas a minha mamãe está no chão da cozinha e ela está suando muito.

A mulher logo percebeu que a garotinha estava prestes a chorar.

— Olha, não chora, vai ficar tudo bem. Onde você mora?

Valentine correu até a cozinha e foi olhar o desenho que sua mãe fizera de seu endereço.

— Fica na esquina do mercadinho Willis, moça.

— Qual é o número, meu amor?

— 142, mamãe desenhou uma vez e está na geladeira.

— Você é muito inteligente. Agora você pode ver se sua mãe está respirando?

— Ela respira, mas é muito forte.

— Certo, você pode ir até a cozinha e molhar um pano? Coloca na testa dela.

Com pressa, Valentine pegou uma toalha de prato e molhou na pia e foi até sua mãe.

— Moça, eu coloquei. Acho que a mamãe não me ouve.

Mais uma vez, Valentine queria chorar.

— Ela está fria?

— Muito gelada.

— Agora você vai pegar um pouco de sal, mas é muito pouquinho, tudo bem? Põe na língua dela.

No exato momento em que a pequena colocava o sal conforme a moça havia lhe explicado, a ambulância chegou no local.

— A ambulância moça, ela chegou.

— Você pode abrir a porta?

Rapidamente, a trinca foi aberta e uma equipe entrou em sua casa. Sua mãe já estava praticamente inconsciente.

— E agora, moça?

— Eles vão cuidar dela, pode ficar tranquila.

— Obrigada, moça.

E a ligação foi encerrada.



Uma hora havia se passado desde que Elise havia sido internada. Louis ficava a cada segundo mais aflito. Valentine, por sua vez, tentava lhe deixar tranquilo.

— Papai, a mamãe vai ficar bem. — Afirmou abraçada ao pai. Estavam assim há um bom tempo.

— Eu sei, anjinho. Ela vai ficar bem. — Ele afirmou. Mas no fundo, sabia que não era tão simples assim. E se culpava por não estar em casa quando sua esposa precisou, e por não ter atendido quando sua filha ligou.

— Mamãe é forte, papai. Como a mulher maravilha, lembra? — A garotinha indagou olhando para seu pai. Ele sorriu. Valentine era como um raio de sol em meio a escuridão que estavam passando. Ou melhor, um girassol, como sua esposa gostava de dizer.

Um lindo e doce girassol.



5 de maio, 2010 | Um mês depois

Valentine andava de um lado para o outro no corredor do hospital. Seu pai havia dito que ela poderia ver sua mãe dessa vez. Os médicos sempre diziam que ela não poderia entrar, mas decidiram liberar somente aquele dia.

Seu pai também estava ansioso, pois temia a reação da pequena ao ver sua mãe presa à uma máquina. O que ela poderia pensar? Não seria bom para ela estar em um ambiente assim, mas também não seria justo deixá-la de fora. Não com tudo o que estava acontecendo. Ela merecia saber. Mesmo que não entendesse.

Quando o médico grandão, como ela gostava de chamar, chegou, ela o olhou fixamente e esperou por sua resposta.

— Eu posso entrar agora? — Questionou o olhando com dificuldade, devido ao seu tamanho.

O homem olhou para seu pai e suspirou.

— Sim, você pode entrar agora. — Sorriu para a garotinha que logo tratou de retribuir e soltar pulinhos de alegria. Desde, o dia que sua mãe passou mal, não tinha a visto.

Por isso, assim que entrou no local, correu para subir na cama onde sua mãe estava. O médico tentou lhe impedir, mas a mesma parecia decidida a ficar.

— Deixa ela ficar. — Elise pediu com a voz fraca. — Vem, meu amor. Deita com a mamãe.

Valentine deitou por cima do corpo de sua mãe e tentou ouvir seu coração.

— Bate forte como o coração da mulher maravilha, mamãe. — A garotinha afirmou e sorriu. Sua mãe não conseguiu evitar derramar uma lágrima. Havia sentido tanto a sua falta.

— Minha pequena girassol, temo que precisará crescer sem mim — A emoção embargou sua fala — Mas o papai saberá como cuidar de você. Eu sei que sua luz irá confortar o coração dele e irá te fazer uma menina cada dia mais forte e iluminada.

— Não chore, mamãe. — Valentine limpou suas lágrimas teimosas — A agulha está doendo? Se quiser eu posso pedir para a enfermeira tirar um pouquinho, mamãe. — Sua inocência de criança a fez sorrir em meio as

lágrimas contidas.

— Não, meu amor. Mamãe precisa dela agora. — Sua mãe beijou sua testa e passou a mexer em seus cachos volumosos. — Eu te amo, minha pequena girassol.

— Eu também te amo, mamãe. — A pequena beijou seu nariz e sorriu.

Aquela foi a última vez que Valentine escutara sua mãe dizer que lhe amava. Também foi a última vez que estivera com sua mãe. Infelizmente, os tratamentos já não faziam mais o efeito desejado e ela partira naquela mesma tarde.

Mas antes que sua mãe fechasse os olhos pela última vez, seu pai lhe tirou do quarto e pediu que esperasse.

Com a partida de sua esposa, o homem chorou copiosamente. Se sentiu sozinho como nunca havia se sentido antes. Agora ele teria que lutar sozinho com sua pequena raio de sol.

Valentine escutara seu pai chorar, quis entrar, mas obedeceu quando ele disse para ela esperar.

— Papai, eu posso entrar agora? — Pediu com a voz de choro. Seu pai respirou fundo, saiu do quarto e pegou a mesma em seu colo.

— Por que está chorando, papai? A mamãe está muito doente? — Indagou com a testa colada na dele.

Louis fechou os olhos com força e desejou não estar passando por tudo aquilo. Desejou nunca ter que dar a notícia para sua filha — Céus, ela era tão pequena para entender — Ele pensou.

— Docinho, a mamãe — Vacilou um pouco. Precisava pensar no que

diria e como iria dizer — A mamãe virou um anjinho agora. E ela está no céu.

Louis tirou alguns cachos da bochecha rosada de sua filha e olhou no fundo de seus olhos cor de mel. Olhos que foram herdados de sua mãe. Aliás, ela era uma cópia fiel de sua mãe. Até mesmo os cachos que Louis tanto amava, a garotinha havia herdado.

Valentine olhou de volta nos olhos de seu pai e encostou a cabeça em seu peito. Ali, ela chorou baixinho por vários minutos. Seu pai lhe acariciava o cabelo e chorava junto à ela.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



Filadélfia, Pensilvânia.

25 de junho, 2010 | Um mês e meio depois.

_____ ≡ _____
*Sempre haverá um novo
amanhecer para recomeçar*
_____ ≡ _____

O despertador tocou às 5:45 da manhã, quando Louis olhava para a parede bege de seu quarto. Há dias não conseguia pregar os olhos.

Após a morte de Elise, Louis se esforçara ao máximo para manter a harmonia do lar, além de conciliar o trabalho, os cuidados com uma criança pequena e as tarefas da casa. Era difícil para ele lidar com tudo sozinho, ainda mais tendo que suportar o vazio e a dor da perda.

Ele mantinha em sua cabeça que precisava ser forte por ele e por Valentine, ou iria transmitir insegurança para a filha. E não era isso o que queria para sua pequena.

Em meio aos caos, sempre conseguia sorrir ao final do dia ao ver Valentine sorrir e lhe garantir que iriam ficar bem. Desde que estivessem sempre juntos.

Angustiado e inseguro em relação ao dia que precisaria enfrentar,

Louis se levantou perdido e caminhou para seu banheiro. Em uma rotina que já se parecia monótona para ele, lavou seu rosto, escovou seus dentes e andou feito um zumbi até o quarto de Valentine.

Ao se aproximar do cômodo, era possível ouvir uma melodia calma e clássica vindo do ambiente. A pequena só conseguia dormir assim depois de tudo o que acontecera.

Com pesar, entrou no local e desligou o aparelho onde transmitia a música. Devagar, balançou o pequeno corpo de sua filha e sussurrou para que acordasse.

— Anjinho, já está na hora de acordar. — Repetiu após um resmungo dela.

— Só mais um pouquinho, papai. — Pediu sem abrir os olhos. Era assim todos os dias, desde a perda. Antes, nunca dera trabalho para acordar, visto que já acordava com energia para um dia inteiro.

— Assim iremos nos atrasar — Afirmou ainda sussurrando perto de seu ouvido — Vamos, tenho que fazer o café da manhã, te arrumar e ainda te levar na escola.

Ele sempre dizia isso para a filha. Tinha esperança de que ela pudesse lhe compreender. E ela sempre lhe compreendia.

— Faz panquecas? — Questionou com apenas um olho aberto. Louis sorriu e lhe beijou a bochecha.

— Sim, meu girassol. — Puxou a coberta com vários girassóis bordados à mão por sua mãe — Agora levanta ou eu vou fazer cócegas.

Em um instante, a menina já estava sentada na cama olhando atenta para o pai. Seu cabelo estava um ninho e vários cachos cobriam parcialmente

o seu rosto pequeno.

— Assim que eu gosto — Sorriu e pegou-a em seu colo indo para o banheiro todo decorado com animais marinhos.

— Música dos dentinhos! — Protestou sentada no suporte do lavatório. Seu pai resmungou dizendo que não sabia, mas logo começou a cantar após a pequena fazer bico.

— *Meus dentinhos eu vou escovar*^[1] — Começou a canção enquanto Valentine preparava sua escova de dentes —

Escovar, escovar

Meus dentinhos eu vou escovar

E bem branquinhos vão ficar — Sorriu ao vê-la se preparar para o momento certo da música, para então começar a escovar seus dentes — *Meus dentinhos eu vou escovar*

Escovar, escovar

Meus dentinhos eu vou escovar

E bem branquinhos vão ficar — E então posicionou a escova — *Eu vou passar a escovinha.*

Sai, sai, sujeirinha!

Pra cima e pra baixo, sem parar

E bem branquinhos vão ficar — Sincronizada com a música, reproduzia tudo o que seu pai cantava. Aquele era sempre o momento dos dois pela manhã.

— *Eu vou passar a escovinha* — Continuou — *Sai, sai, sujeirinha!*

Pra cima e pra baixo, sem parar

E bem branquinhos vão ficar — Finalizou a canção e a pequena lavou a escova.

— Limpinhos, papai! — Mostrou a carreira de dentes brilhantes para Louis que sorriu e deu um beijo estalado em sua bochecha.

Em seguida, pegou-a em seu colo novamente e partiu para a cozinha. Precisava fazer logo o café da manhã, ou iria se atrasar.



— Não é assim, papai — A garotinha protestou após Louis fazer o penteado errado.

— Me perdoa, anjinho. O papai ainda está aprendendo, tudo bem? — Indagou após recomeçar o penteado novamente.

— Tudo bem, papai. Eu te ensino — Se prontificou e logo começou a explicar como fazer os pompons que tanto amava.

— E agora, está bom? — Perguntou ao finalizar com as presilhas de girassol.

— Agora sim, papai! — Sorriu sapeca — Só falta uma coisinha.

Louis suspirou apreensivo. Não teria tempo para novos retoques.

— O que, meu bem?

— Os sapatos estão trocados, papai. — Apontou para seus pés com um sapato branco e outro rosa. Seu pai não sabia se ria ou se lhe dava cascudos por ser tão distraído. Mas não tinha tempo para nenhum dos dois. Correu e foi pegar o outro sapato branco.

— Prontinho, meu amor. — Soltou um suspiro aliviado. Mas, assim que colocou Valentine no chão, a campainha tocou.

Frustrado, andou pelo caminho cheio de brinquedos, calçados e algumas peças de roupa. Com um pouco de dificuldade, chegou até a porta.

— Pois não? — Questionou ao se deparar com uma mulher vestida com um uniforme social e uma postura rígida.

— Bom dia, Sr. Evans! — Saldou com um sorriso formal — Sou a assistente social.

Ao ouvir esse termo profissional, Louis sentiu um frio na barriga. Afinal, o que aquela mulher queria?

— Bom dia, Srta. — Sorriu fraco — Em que posso ajudar?

— Eu poderia entrar? Quero conversar com o Sr. à respeito da guarda de Valentine Evans.

Mais uma vez, Louis se sentiu aflito. Por que mandariam uma assistente social? Valentine é sua filha biológica e não deveria passar por isso. Confuso e frustrado, o homem quis questionar tudo isso, mas preferiu dar espaço para a mulher entrar.

Ela, por sua vez, não poupou olhares por todo o ambiente, desde as roupas, sapatos e brinquedos no chão à Valentine parada no meio de todo aquele caos.

— É... a Srta. pode sentar aqui — Ele afasta alguns objetos do sofá e a mulher o olha apreensiva. Com cautela, sentou-se no local indicado por Louis.

— Papai, quem é ela? — Valentine se aproximou da mulher e se concentrou no pai. Ela sentia que algo não estava certo.

— Sr. eu gostaria de poder conversar a sós, sem a garotinha. — A mulher pediu enquanto pegava um grande caderno para anotações.

— Girassol, vai lá no quarto pegar sua mochila, tudo bem?

Valentine hesitou, ficou parada olhando ambos e por fim decidiu obedecer seu pai.

— Então — A mulher iniciou no exato momento em que Valentine saiu de seu campo de visão — Recebemos uma denuncia de que o Sr. não está cuidando bem de sua filha e que não está sabendo conciliar suas obrigações.

Louis suspirou pesado e fechou os olhos com força.

— É mentira! Tudo mentira. — Tentou manter a voz o mais calma possível. Não poderia se exaltar.

A mulher olhou em volta por um longo período e voltou a se concentrar no homem.

— Veja, o Sr. não está em condições de cuidar de uma menina nessa idade e talvez seja melhor levá-la para um lar onde terá conforto e será muito bem cuidada.

Antes que a mulher pudesse terminar, Valentine reapareceu na sala novamente.

— Você não pode me tirar do meu papai — Choramingou e foi sentar no colo de Louis para o abraçar — Papai, eu não quero ir.

A menina entrou em total desespero e escondeu seu rosto no peito de Louis.

— Srta. Como pode ver, minha filha está bem comigo — Respirou fundo — Eu só preciso me acostumar a essa nova rotina.

— Moça, ele só está assim porque antes tinha a mamãe. Só que agora a mamãe virou estrelinha e ele está tentando fazer tudo sozinho. Se você der

um tempo pra ele, vai ver que ele consegue cuidar de tudo.

Emocionada com o que Valentine lhe dissera, a mulher não conseguiu manter sua postura rígida de antes. Afinal, era mãe solteira e sabia como era para uma criança viver longe do pai.

— Veja, o Sr. terá um mês para se reajustar. — Respirou fundo — Se dentro desse período não estiver com tudo em ordem, terei de tomar minhas providências.

— Meu papai consegue sim. — A garotinha reafirmou. Louis assentiu e apertou sua filha mais para perto de si.

— Eu entendi, Srta. — Afirmou.

A mulher se levantou e seguiu para a saída com dificuldade. Por fim, se despediu de ambos e fora embora.

— Não se preocupe, papai. Eu te ajudo. — Beijou sua testa. Louis a apertou em seus braços e tentou não chorar. Ele não suportaria perdê-la também.



Uma das brincadeiras que Valentine mais gostava em sua escola era ir ao playground. Ela simplesmente amava poder brincar em todos aqueles objetos grandes e coloridos.

Até que suas monótonas brincadeiras não lhe pareceram tão atrativas como antes. Ao olhar pra um de seus colegas de classe, o viu pular do topo da casinha de madeira e cair em pé no chão. Se gabando e vendo que Valentine estava lhe observando, aproximou-se e decidiu provocar.

— Aposto que você não consegue pular como eu! — Apontou para a casinha.

— Eu consigo sim, só não quero. — Revidou insatisfeita com sua aproximação. Eles nunca se deram bem. Raramente estavam juntos ou na mesma roda de amigos.

— Você está com medo, isso sim. — Provocou — Sua medrosa!

— Eu não sou medrosa! — Valentine se irritou com o garoto — Vou te mostrar que eu consigo.

Prontamente, subiu os degraus de madeira. Ao olhar para baixo, viu o quanto era alto, mas não estava disposta a desistir.

Sem muito pensar, deu impulso e pulou. Mas seu pulo não fora bem planejado e acabou causando uma queda brusca. Seu corpo foi amortecido por seu braço esquerdo, e o impacto quebrou-o no mesmo instante.

A garotinha gritou com toda a sua força. Nunca antes havia sentido uma dor tão intensa como a que estava sentindo. Rapidamente, várias crianças começaram a se aproximar. Outras iam atrás da professora e supervisora. Já o garotinho que antes lhe provocara, correu para o banheiro. Não queria levar bronca.

— Ai, minha nossa. — A professora exclamou ao ver sangue próximo a sobancelha da garotinha. A mesma chorava sem parar e ela olhava sem reação.

— Reage, Kathy! — Sua supervisora lhe sacudiu — Vai chamar uma ambulância. Depois, ligue para o pai dela. Eu vou tentar acalmá-la.

A mais velha correu em direção a diretoria enquanto que a mais nova tentava acalmar Valentine.

— Crianças, se afastem um pouco. Ela precisa respirar. — A mulher pediu e as demais crianças se afastaram e dissiparam a rodinha que haviam

formado em volta da garota. — Querida, vai ficar tudo bem. Você pode me dizer onde dói?

— Meu braço! — Soluçou e tentou se mexer.

— Não se mexe! Você pode ter quebrado, meu amor. — Suspirou — Alex, vai lá pegar um tecido úmido, por favor? — Pediu a um dos meninos mais próximos. O garotinho correu e logo voltou com o objeto em mãos.

A mais velha limpou toda a região da testa de Valentine e tentou estancar o sangue. Devagar, virou seu corpo e a colocou com a cabeça apoiada em suas pernas.

— Vai melhorar, tudo bem? — Sussurrou para lhe acalmar. A garotinha só sabia chorar.

Ao ouvirem o barulho da ambulância, todas as crianças foram orientadas a voltar á classe com a professora, enquanto a supervisora acompanhava Valentine na ambulância.



— Como assim não tinha ninguém com as crianças? Isso é um absurdo! — Louis exclamou exaltado.

— Sr. Me desculpe por isso. — Lamentou — Eu fui chamada na secretaria e deixei Katherine com elas. Não sei o que houve.

— Não sabe o que houve? — Gritou assustando-a — Eu te digo o que houve! Minha filha caiu de um maldito brinquedo porque não tinha nenhum adulto com ela.

— Sr. Se acalme. — Suspirou cansada — A diretora já está solucionando o problema. Parece que Katherine foi ao banheiro por um instante e quando voltou Valentine já estava caída.

— Ela não tinha que sair se não tinha mais ninguém no local! Eu não admito que isso volte a acontecer com minha filha. — Exclamou. Nada o deixaria tranquilo até saber que a professora havia tomado sua devida punição.

— Papai? — Valentine sussurrou ao ouvir os gritos do outro lado da cortina. Seu pai parou imediatamente e caminhou até ela.

— Oi.. Meu amor — Sussurrou ao se inclinar para falar com ela — Está tudo bem agora.

— Eu caí, papai. Mas eu só queria mostrar para ele que não tinha medo. — Explicou com a voz rouca.

— Amor, não se preocupe com isso agora. O papai já está cuidando de tudo. — Afirmou e beijou sua testa.

— Eu que pulei, papai. Não briga com ela. — Sussurrou de volta.

— Mas se alguém estivesse lá, jamais te deixaria pular — Afirmou — Depois conversamos sobre isso. Agora você precisa descansar.

— O que é isso em meu braço? — Questionou.

— É pra colocar seu osso no lugar, anjinho. Você quebrou.

— E isso? — Encostou no curativo em sua testa após sentir uma leve fisgada no local.

— Você fez um pequeno corte aí, nada demais. Agora descanse.

— Eu não sou mais a mulher maravilha, né papai? Se fosse, não teria caído.

— Super-heróis também se machucam de vez em quando, lembra? — Justificou — Você não pode se arriscar assim. É perigoso.

— Tudo bem, papai. — Beijou a ponta de seu nariz. Este pequeno ato o fez sorrir. — Não vou mais fazer isso.

— Ótimo, agora descanse. — Beijou sua testa.

— Posso comer Waffles quando chegar em casa? — Indagou com um sorriso travesso.

— Só depois do jantar. — Apertou seu nariz. A pequena riu e concordou.



Filadélfia, Pensilvânia.

27 de julho, 2010 | Um mês depois

Louis colocou a última peça no cesto de roupas sujas e suspirou cansado. Havia arrumado toda a casa e a exaustão era vista de longe.

Valentine apareceu em seu campo de visão com um pequeno rodo e uma vassoura em mãos. O homem se apoiou no batente da porta e riu de sua garotinha.

— O que pensa que está fazendo? — Quis saber ainda rindo.

— Oras, arrumando a casa, papai. Não está vendo? — Balançou os objetos em suas mãos. Louis gargalhou e pegou-a em seu colo.

— Já terminamos, senhorita. — Afirmou com diversão.

— Ótimo, porque eu não aguento mais guardar calçados e brinquedos. — Concluiu.

— Ah, é mesmo? E quem foi que espalhou tudo? — Questionou sorrindo.

— Eu que não fui! — Riu travessa.

Antes que Louis pudesse responder, a campainha tocou. Valentine deu um pulo de seu colo e correu em direção a porta. Quando abriu, viu a mesma moça que queria lhe tirar de seu pai.

— Como pode ver, meu papai arrumou tudinho. — Apontou para sua casa — Você já pode ir!

Antes que a garotinha batesse a porta na cara da assistente social, Louis entrevistou.

— Valentine! Não pode fazer isso com as visitas. — Alertou firme.

— Mas ela não é visita, papai. — Afirmou descontente. A mulher apenas observava do lado de fora.

Louis segurou Valentine pela mão e acompanhou a moça por toda a casa. Durante a checagem, a mulher fazia várias anotações. O que acabou o deixando aflito.

— E então? — Quis saber.

— Tudo certo por aqui, Sr. Evans. — Declarou fazendo uma última anotação e caminhando até a saída.

— A garota fica com você — Falou quando já estava na porta — Só corrija suas atitudes com as visitas. — Enfatizou a última palavra e saiu andando até seu carro. Quando já não era mais possível vê-la, Louis olhou para a filha e gargalhou alto.

— O que foi, papai? — A garotinha questionou.

— Nada, meu amor. O que importa é que iremos ficar juntos. — Sorriu pegando-a em seu colo.

— Para sempre, papai? — Indagou. Louis engoliu seco.

— Por um bom tempo, meu amor. Até você enjoar de mim. —
Declarou.

— Eu nunca vou me enjoar de você, papai. — Beijou sua bochecha e
o abraçou.

Louis apenas sorriu e a apertou em seus braços.



FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA.

3 DE SETEMBRO, 2015| 5 ANOS DEPOIS

SEGUNDA FASE

_____ ≡ _____

O segredo é se permitir

Florescer, como um girassol.

_____ ≡ _____

Era uma tarde ensolarada de sábado, Valentine via um filme na televisão enquanto seu pai terminava de preparar o almoço. A menina estava vidrada na televisão desde o início do clássico, A Bela e a Fera, seu filme favorito. Ela simplesmente achava incrível o fato de objetos poderem falar e cantar. Também se sentia parecida com a Bela por adorar livros. Poderia ler um atrás do outro, mas ainda não tinha prática com leituras sem desenhos.

Vez ou outra, seu pai lhe olhava apreensivo, pois tinha que contar uma novidade. No entanto, não sabia por onde começar ou qual seria a sua reação. O fato era que: Louis havia se apaixonado. E estava planejando uma forma correta de contar isso a menina.

— Filha, podemos conversar um pouquinho? — O homem indagou indo sentar ao seu lado no sofá de dois lugares.

— Agora, pai? — O olhou de relance — Estou vendo o filme.

— Eu sei, meu amor. — Louis segurou em sua mão e apertou um pouco. — Mas o que eu tenho pra falar é muito importante e não pode esperar.

Valentine suspirou e deu pausa no filme para enfim prestar atenção em seu pai.

— O que é, pai? — Quis saber. A pequena garotinha virou-se de frente para o pai e esperou que iniciasse a conversa.

— Querida, antes de tudo eu quero dizer que amo muito você e me preocupo com seu bem estar. — Louis estava com medo. Não sabia se Valentine iria compreender. Se por um lado ele achasse que a filha tinha idade suficiente para o compreender, por outro achava que era apenas uma menina que poderia interpretar tudo de uma maneira equivocada.

— Por que está falando isso, pai? — Suspirou — Fiz alguma coisa errada?

— Não, meu amor. — Voltou a segurar em sua mão — Você não fez nada de errado.

— Então o que é? — Questionou intrigada com o rumo da conversa.

— Eu não sei bem como te contar isso, mas, o papai está namorando.

Após sua notícia, Valentine soltou bruscamente a mão de seu pai e se afastou um pouco. Olhou em seus olhos e buscou algum resquício de brincadeira, mas não encontrou nada. Inconformada, a garotinha respirou fundo, fechou os olhos com força e logo voltou a abrir.

— Uma namorada? — Indagou para ter certeza. Louis respirou pesadamente e tentou segurar sua mão novamente, mas a menina não permitiu.

— Sim, Valentine. — Buscou seus olhos cor de avelã e de lá viu resquícios de lágrimas recém formadas.

— Ela vai ocupar o lugar da mamãe, é isso?

— A garotinha perguntou com frustração.

— Não, meu amor. Eu amo sua mamãe e irei amar para sempre, lembra? — Seu pai questionou segurando em suas duas mãos. Dessa vez, a garota permitiu seu toque.

— Então por que irá substituí-la, pai? — A menina indagou sem conseguir segurar as lágrimas por mais tempo. Preocupado, seu pai achou que estivesse cedo demais para um novo relacionamento. Valentine ainda era muito nova e não conseguia compreender certas coisas da vida. Todavia, ele não conseguia esquecer sua namorada e precisava que a garota o compreendesse.

— Filha, mesmo papai amando muito sua mãe, ela está no céu agora. E eu preciso recomeçar. Você entende, docinho? — Louis tentou mais uma vez.

— Não pai! Você não está sozinho, tem a mim! — A garota respondeu em meio as lágrimas. Seu pai sabia que seria difícil e desejou nunca está passando por aquilo. Mas ele não podia deixar de viver sua vida também. Ele precisava seguir em frente.

— Meu girassol, o papai se apaixonou! Tenho certeza que você irá gostar dela! — Louis insistiu mais uma vez. Valentine negou e correu para o seu quarto. Ela não entendia o porque do pai ter se apaixonado outra vez. Em

sua cabeça, ele sempre amaria sua mãe e não pensaria em outra mulher. Durante todo aquele dia, ela permaneceu trancada em seu quarto. E mesmo ele insistindo muito, ela não saiu para nada.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

No dia seguinte, Louis precisou insistir muito para que Valentine saísse do quarto. Ele havia marcado um almoço com sua namorada e precisava que a garota se comportasse bem. No fundo, ele acreditava que ela fosse entender e agir como uma garotinha crescida. Por outro lado, era difícil imaginar qual seria a reação de Valentine.

— Querida, logo Beatrice irá chegar. — Suspirou — Por favor, venha me ajudar.

— Eu disse que iria no John, pai. — A garotinha justificou. John era o seu vizinho e também um amigo muito especial. Desde tudo o que aconteceu, era sua única escapatória para não pensar nas coisas ruins.

— Você pode ir amanhã, querida. — Louis colocou o tabuleiro de assado no forno e voltou a olhar para a menina — Hoje é um dia especial e eu quero que esteja aqui.

— Só se for pra você! — Sussurrou para si mesma.

— Como é? — Questionou enquanto regulava o forno.

— Nada, paizinho. — Sorriu — Mas quero ir na casa do John agora. O senhor disse que eu poderia ir lá hoje.

— Eu disse? — Perguntou duvidoso. Não se lembrava de ter dito que ela poderia ir. Mas também, não se lembrava de várias outras coisas.

— Sim, o senhor disse. — Rebateu.

— Quando eu disse, Valentine? — Questionou ainda na dúvida. Não queria ser injusto com a filha, mas também precisava se certificar de que a garota não estivesse lhe pregando uma peça.

— Ontem, Pai. Você disse que eu poderia ir, se eu fizesse toda a atividade da escola. — Rebateu com um sorriso satisfeito nos lábios.

— Certo, você pode ir. — Se deu por vencido — Mas eu quero que esteja aqui na hora do almoço.

Valentine pareceu insatisfeita. A contra gosto, disse ao pai que voltaria para o tão esperado almoço. Mesmo não querendo estar com a sua tal namorada.

Conversar com John era sempre um momento do qual ela se alegrava, pois podia esquecer de todo o mundo a sua volta. Era simplesmente mágico poder estar junto a ele e em meio às suas belas flores cultivadas por suas mãos. Claro, com a ajuda do pai. Mas boa parte das flores de seu jardim, John mesmo havia cultivado após aprender com seu pai.

Uma das coisas que Valentine amava fazer com ele era deitar sobre a grama bem aparada e fofinha para olhar os diversos formatos das nuvens no céu.

— É tão lindo, John. — Olhou para o menino deitado ao seu lado. — Você não acha?

— Sim, Tine. É muito bonito. Tão bonito quanto as flores.

— John, seus pais são casados? — A garota quis saber.

— Sim, eles são. Por que não seriam?

— Eu não sei — Suspirou — Sabe? Meu pai decidiu se apaixonar outra vez.

— E você acha isso ruim? — John indagou olhando para seus olhos. Ele adorava a cor de seus olhos.

— Sim, eu acho. E ela virá pra almoçar. — Justificou.

— Acho que você deveria levar flores pra ela.

— Por que acha isso, John?

— Porque ela vai ser como uma mãe pra você.

— Ela nunca será como uma mãe, John.

— Será madrasta — Explicou — É quase uma mãe. E se ela vai cuidar de você, merece ganhar flores.

— Não concordo com você dessa vez, John.

— Olha — Ele levantou e foi colher flores para Valentine — Leve Jasmins para ela. Tem um cheiro muito bom e ela vai gostar. — O garoto insistiu e colheu jasmins frescos para ela presentear sua madrasta.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

No momento em que Valentine chegou em casa com as flores, seu pai recebia Beatrice com um sorriso radiante. Ao ver a garotinha se aproximando com o ramo, ficou feliz e logo a chamou para que pudesse finalmente lhe apresentar como sua filha. Não muito contente com a situação, a menina se aproximou ainda meio relutante.

— Querida, esta é a Beatrice! — O homem sorriu largamente — Bea, esta é minha filha. Durante um tempo, o silêncio fez-se presente e nenhuma das duas se pronunciou. Até a mais velha tomar a iniciativa.

— Olá, querida! — Sorriu — Seu pai fala muito de você. E sabe de uma coisa? Ele tem mesmo razão, você é uma menina muito linda.

Valentine não respondeu. Louis olhou para a filha com um olhar apreensivo e pediu mentalmente que ela fosse gentil.

— O papai não fala muito de você! — A garotinha rebateu. Louis coçou a garganta e olhou novamente para a garotinha.

— É, vamos entrar — deu uma pausa — Aposto que vai adorar a comida. — Ele quis amenizar a tensão que havia ficado entre as duas.

Valentine seguiu na frente e olhou toda a casa. Havia algumas flores decorando a mesa e o cheiro delicioso do aroma lhe fez lembrar que estava faminta.

— John pediu — parou um pouco e pensou — Quer dizer, eu lhe trouxe essas flores.

Louis ficara surpreso com a atitude de sua filha pois jamais imaginou que a garotinha pudesse fazer isso. Mas acabou ficando feliz. Beatrice, também surpresa, visto que esperava uma atitude mais arisca, sorriu e pegou as flores de sua mão.

— São jasmins — A garota concluiu — John disse que iria gostar.

— São lindas, querida. — A mulher sorriu — Eu adorei. Veja, também trouxe um presente para você.

Animada, Valentine abriu o embrulho colorido e se deparou com um lindo e fofo urso de pelúcia. Ela adorava bichos de pelúcia, mas não queria demonstrar isso a mulher.

— Ele é muito bonito. — Analisou por um tempo — Mas eu já tenho muitos desse e não tem mais espaço em meu quarto.

— Valentine! — Louis repreendeu a filha. — Não seja ingrata e

agradeça.

— Vai me obrigar à isso também, pai? — Questionou com certa irritação. Beatrice logo se sentiu desconfortável. Não era uma atitude esperada por ela, mesmo sabendo que a garotinha não fosse lhe receber tão bem.

Louis abaixou e ficou de joelhos na frente da garota e olhou firme para ela.

— Por favor, seja gentil. — Pediu sem quebrar o contato visual.

— Ela nunca irá ser como uma mãe para mim! — Declarou com raiva — John me pediu pra trazer as flores e só por isso eu dei.

— Filha, eu só quero que seja gentil — Respirou fundo — Você pode fazer isso?

— Só porque você pediu.

Louis sorriu e voltou a ficar em pé outra vez.

— Vamos almoçar? — Questionou para amenizar toda a tensão.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Durante o almoço, o clima permaneceu agradável e sem mais conflitos. Louis conversava animado com Beatrice sobre seus planos para o futuro enquanto Valentine fazia sua refeição em completo silêncio. Só respondia o que era perguntado para ela, ou quando seu pai pedia que falasse alguma coisa. Mas na maioria das vezes, preferia ficar em silêncio.

Vez ou outra, Beatrice olhava para a menina e sorria na esperança de conquistar um sorriso de volta, mas tudo o que recebia era uma expressão

séria e seu total silêncio. Era evidente para a mulher que toda aquela situação não estava sendo nada agradável para a garotinha, mas tentava o máximo possível manter um sorriso e a esperança de que poderiam se tornar possíveis amigas. Ou do contrário, não teriam um bom relacionamento.

— Quantos anos você tem, meu bem? — Beatrice quis saber. Ela sabia quantos anos a menina tinha, porque Louis havia contado. A sua intenção era puxar assunto, já que Valentine insistia em permanecer calada.

— O papai não te contou? — Indagou sem prestar atenção na mulher — Você disse que ele fala muito sobre mim.

— Sim, mas acho que ele esqueceu essa parte. — Justificou.

— Tenho 9 anos! — Dessa vez, ela olhou para Beatrice — E como pode ver, sou uma menina crescida. Não preciso de uma mãe.

— Valentine! Nós já conversamos querida! — Louis se irritou com o comportamento da filha.

— Está tudo bem, querido. — Beatrice entrevistou — Meu bem, eu não tenho a intenção de ocupar esse lugar. Ele era único e exclusivo de sua mãe. Eu apenas quero ser sua amiga.

— Você é muito velha pra ser minha amiga. — Rebateu.

— Já chega, Valentine. — Seu pai entrevistou novamente — Você está de castigo. Vai já para o seu quarto.

— Mas pai...

— Mas nada, Valentine. Anda, vai para o quarto e pense em sua atitude.

Valentine levantou com raiva e subiu correndo para o seu quarto. Tudo o que estava acontecendo era confuso demais para sua cabeça. Ela não

conseguia compreender o motivo para o pai ter se apaixonado e não queria ter uma mulher em casa. Em sua cabeça, tudo estava bem só ela e seu pai. Ter Beatrice era como apagar a memória de sua mãe.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA.

2 DE OUTUBRO, 2015 | UM MÊS DEPOIS

Poderia ser só mais um dia normal para Valentine, mas não, era seu aniversário de 10 anos e ela não conseguia conter toda a empolgação que estava sentindo. Durante os intervalos na escola, John lhe ouvia dizer a quão animada estava, pois esperava receber um cachorrinho de seu pai. A menina havia lhe pedido um bichinho por muito tempo, mas seu pai sempre dizia que não. Mas neste dia, ela estava confiante de que receberia o seu tão amado filhotinho. No entanto, uma surpresa maior ainda lhe aguardava em sua casa. Certamente, esse dia jamais sairia de sua cabeça.

No momento em que chegou em sua rua, John pediu que fosse a sua casa depois do almoço, pois tinha uma grande surpresa para a garota. Mal sabia ela o que a aguardava dentro de sua casa. Surpresa maior do que essa o garoto certamente não teria. Com um sorriso radiante, a garotinha disse que logo estaria com ele novamente. E com este sorriso, entrou em sua casa.

Imediatamente, jogou sua mochila no sofá da sala e virou-se para a cozinha. Mas, ao invés de ver a moça que sempre cuidava da casa e de suas refeições quando seu pai não estava, a garota deu de cara com Beatrice e um sorriso enorme.

— O que você está fazendo aqui? — Questionou confusa e frustrada ao mesmo tempo.

— Oi, meu bem. — Sorriu ainda mais — Como foi na aula?

— Onde está o papai? Achei que ele fosse sair mais cedo do trabalho hoje. — Valentine deu um longo suspiro e, sem deixar que Beatrice respondesse às suas perguntas, já foi logo fazendo outra. — E onde está a Bonnie?

Bonnie era a moça que trabalhava em sua casa. Frustrada, a garota olhou por todos os cômodos até voltar onde Beatrice estava. A mulher estava perdida. Não sabia se contava a verdade, ou se esperava Louis para que pudessem contar juntos.

— Seu pai chega logo, querida. — Afirmou indo verificar o forno — Eu soube que é seu aniversário hoje.

— Sim, e ele prometeu chegar mais cedo. — Rebateu insatisfeita.

— E ele vai, Valen. Só não conseguiu vir no momento em que havia te prometido.

— Não me chame assim.

— Assim como?

— Você sabe! — Cruzou os braços — Meu nome é Valentine.

— Ok, Valentine — A mulher sorriu — Olha, fiz um bolo pra você.

Ela havia sentido o cheiro quando entrou e imaginou que fosse da Bonnie, mas como era de Beatrice, não deu muita ideia. Mesmo assim, se aproximou da mulher e olhou para o bolo. Parecia delicioso, mas a garota não estava disposta a dar o braço a torcer. Quando colocou seus olhos sobre a mesa, viu o livro de receitas de sua mãe. Aquilo foi o suficiente para causar irritação na garota.

— O livro da minha mãe! Você não pode mexer nas coisas dela! —

Esbravejou irritada.

— Sinto muito! Eu não queria causar tudo isso. — Beatrice respondeu com o olhar triste por não ter conseguido o que queria: Se aproximar da menina.

— Você nunca deveria ter vindo para essa casa! — Valentine gritou indo para fora de casa. Como sempre fazia quando estava muito irritada, iria para a casa de John. Beatrice sentou no chão e chorou.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Frustrada, Valentine contou tudo o que havia acontecido para John. Estava muito zangada e mal deixava o garoto se pronunciar. Em sua cabeça, só conseguia pensar o quanto seu pai foi injusto em levar Beatrice para sua casa. Pelo visto, ele estava mesmo disposto a formar uma nova família. E no que dependesse de Valentine, essa nova relação não seria nem um pouco fácil. Ela não estava nem um pouco satisfeita com as novas mudanças em sua casa.

— Ela é uma intrometida, John! Ela não podia mexer nas coisas da minha mãe! — Respondeu frustrada.

— Talvez ela quisesse lhe agradar fazendo algo que sua mãe fazia. — John tentou explicar enquanto terminava de preparar o presente que pretendia dar a garotinha.

— Mas ela não podia mexer lá, John! — Justificou enquanto observou o cuidado que seu amigo tinha com as flores

— Você precisa dar uma chance para ela, Tine. — John terminou de aparar os girassóis em um vaso pequeno e lhe entregou. Valentine sorriu

tímida.

— Esse é o meu presente? — Indagou. Suas bochechas logo ficaram rosadas.

— Sim! Gostou? — Sorriu

— É lindo! Mas, por que o girassol?

— Porque eles me fazem lembrar alegria e a mamãe diz que representa novos recomeços. — Voltou a sorrir simples — Sabe, por mais que as coisas se tornem difíceis às vezes, o segredo é se permitir florescer, como um girassol.

— O que isso significa, John? — Questionou sem entender.

— Significa que, por mais que seja difícil pra você aceitar as novas mudanças, precisa dar uma chance e enxergar o lado positivo de tudo isso.

— Não tem um lado positivo, John. Eu não quero que ela roube o lugar da mamãe.

— E ela não vai, Tine. Confie em mim, sua mãe está em seu coração e ninguém pode ocupar esse lugar — Sorriu — Seja positiva às mudanças. Forte e resiliente, como o girassol.

— É um presente lindo, eu amei.

Valentine se aproximou e deu um beijo em sua bochecha. Ambos sorriram tímidos.

Determinado, o garoto levantou e foi colher algumas rosas brancas para que ela levasse para Beatrice, como um pedido de desculpas.

— Eu vou com você na sua casa e quero lhe ver entregar as flores a sua madrasta. — Valentine queria negar, mas sabia que o menino não iria

desistir da ideia de presentear a sua madrasta.

Os dois caminharam juntos até a casa de Valentine e sua madrasta estava decorando o bolo que havia feito.

— Beatrice? — Ela chamou. Sua madrasta lhe olhou com receio e se preparou para o que viesse logo em seguida. — John lhe cutucou discretamente. — Quer dizer, eu quero lhe entregar essas flores e pedir desculpas por tudo o que eu disse. — Beatrice lhe olhou assustada e impressionada por não ter acontecido uma outra briga. John apenas sorriu e viu as duas se abraçarem.

Mas o que ele não sabia, era que tudo não passava de uma encenação da parte de Valentine. A menina não pretendia fazer as pazes com a madrasta e só fez aquilo para agradar o amigo. Valentine nunca aceitou o fato do pai ter substituído sua mãe. Para ela, a madrasta sempre fora uma inimiga que chegou para tomar o lugar da mãe.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA.

Cinco de novembro, 2018 | Três anos depois.

TERCEIRA FASE

_____ ≡ _____

O para sempre é real

Enquanto vivermos

_____ ≡ _____

Valentine e John se tornaram ainda mais amigos. O garoto havia se tornado seu fiel companheiro, a quem sempre contava seus conflitos e sentimentos. Agora, com os seus treze anos, Valentine estava na famosa fase da adolescência, onde os hormônios falam mais alto do que qualquer coisa. Dentro deste curto espaço de tempo, Beatrice engravidou de uma menina a qual ela e o esposo decidiram chamar de Amy. Valentine se sentia triste e deixada de lado. Sempre que podia, ela ia desabafar com John e esquecer um pouco dos seus problemas.

Em um dia como qualquer outro, Valentine estava sentada em seu Puff favorito lendo um livro. A garota estava entretida nas páginas, que nem mesmo se dava conta do que estava acontecendo a sua volta. No entanto, quando a voz de sua madrastra se sobressaiu, ela foi tirada bruscamente de seu

universo imaginário.

— Não corra, Amy! — A mulher suspirou e pendurou a toalha de prato em seus ombros — Você pode cair, filha.

Poderia ser qualquer frase e um momento comum como qualquer outro, mas não. Essa pequena frase fizera com que a garota tivesse uma lembrança do passado, onde ela vivia exatamente o que estava acontecendo naquele momento. Uma lágrima caiu por sua bochecha à medida que a lembrança ficava mais forte em sua mente. Sua distração foi cortada quando a porta foi aberta e o seu pai entrou animado. Numa fração de segundos, Valentine viu Amy correr e abraçar o pai que a encheu de beijos enquanto a garota dava altas gargalhadas. Isso a fez sentir um nó na sua garganta forçando para que não chorasse mais. No entanto, foi impossível se segurar ao ver o seu pai, ainda com Amy no seu colo, abraçar a sua madrastra e beijá-la. A pequena Amy, para finalizar a angústia que Valentine estava sentindo, abraçou os pais e logo disse: amo vocês, para todo o sempre. Isso foi o suficiente para fazê-la se acabar em choro. É claro que o seu pai ensinaria essa frase para Amy, assim como a ensinou um dia. Ela só não esperava receber um turbilhão de lembranças do passado. Incomodada com a sintonia da família, Valentine, de propósito, derrubou um vaso próximo a ela no chão fazendo com que todos despertassem do transe e a olhasse.

— Eu não sabia que você estava aí querida, pensei que estivesse no John. — O seu pai falou na falha tentativa de se desculpar.

— Eu não me importo, pai. Vou para o meu quarto. — Valentine passou por eles como um foguete sem nem ao menos lhes dar a hipótese de falar. Ela não queria conversar naquele momento. Ela só queria chorar.

Louis suspirou e coçou sua cabeça. Beatrice o abraçou de lado e tentou passar o máximo de força.

— Vou falar com ela — O homem colocou sua filha no chão e beijou sua esposa nos lábios.

— Vou limpar a bagunça — Sorriu. Beatrice sempre compreendia os ataques e chiliques da garota. Na verdade, ela já estava mais que acostumada.

— Mamãe, a Valentine vai ficar de castigo? — A pequena Amy perguntou com uma expressão confusa. A menina, mesmo com dois anos, já era muito inteligente e conseguia compreender o que se passava a sua volta.

— O papai vai conversar com ela, meu amor — Afirmou enquanto varria os cacos de vidro do chão.

Louis subiu as escadas rapidamente e logo chegou a porta do quarto de Valentine. Ele deu leves batidas na porta e esperou que a menina respondesse.

— Não quero conversar, pai — Sua voz era de choro. Louis se sentia culpado, mas no fundo sabia que precisava ser firme naquele momento.

— Precisamos conversar, Valentine — deu um suspiro longo — O que você fez não foi certo.

Por um momento, nada fora dito, e, quando ele estava prestes a bater na porta novamente, a garota abriu e o encarou com o rosto vermelho e repleto de lágrimas.

— E o que é certo para você, pai? — Quis saber. Era evidente que estava com raiva, no entanto, sua birra não poderia ficar por “isso mesmo”. Ele precisava tomar uma atitude em relação a forte implicância que Valentine insistia nutrir por sua madrastra.

— Valentine, as coisas não são como você quer sempre.

Seu pai adentrou o quarto e fechou a porta. Este era um sinal de que a

conversa iria longe.

— Como quero? Nunca foi como quero, pai — despejou com raiva — Sempre foi como você quis! Você decidiu que queria uma namorada, depois quis trazê-la para dentro de casa e agora você refez toda sua vida com ela e não fez a mínima questão de me incluir.

Toda a frustração que ela sentia fora totalmente despejada sobre seu pai.

— Filha, você está se ouvindo? — Seu pai indagou frustrado — Eu nunca te coloquei de fora da minha vida, Valentine. Você nunca entendeu o meu lado quando eu disse que precisava seguir com minha vida.

— Eu não quero seguir, pai! A mamãe morreu e você nunca deu importância para isso! — Gritou enquanto as lágrimas caíam desenfreadas. Lá de baixo era possível ouvir os gritos da garota, mas Beatrice não poderia subir ou tudo ficaria ainda pior.

— Nunca mais volte a dizer isso, Valentine! — Louis respondeu com raiva. O homem estava prestes a fazer coisas de que certamente se arrependeria depois.

— Por quê? Não consegue ouvir a verdade? — desdenhou — Essa pode ser a sua vida e sua família, mas nunca será a minha.

Cansado de tudo aquilo, Louis sentou-se no chão e abraçou seus joelhos. O homem não sabia mais o que fazer. Todas as suas forças estavam se esgotando.

De repente, levantou a cabeça e olhou para ela novamente.

— Sim, essa é minha família. Você é minha família, Valentine — deu uma pausa — Mas a Beatrice também é, assim como sua irmã — suspirou —

E sim, essa é sua família também. Não adianta você gritar, espernear ou fazer chique. Sua mãe morreu, entende isso? Eu não pedi isso, jamais poderia imaginar que fosse perdê-la. Porém, eu tinha o direito de refazer minha vida e ser feliz outra vez. Eu precisava me sentir completo de alguma forma — Louis limpou as lágrimas, se levantou e foi para perto de sua filha — Eu não posso deixar minha vida para fazer suas vontades. Eu não tive culpa, não tive! — Então — pausou e calculou as palavras que diria — Você vai fazer terapia, sem chique. Está decidido.

Louis fora interrompido bruscamente por um grito da filha. Assustado assistiu à menina gritar e chorar compulsivamente.

— Valentine, pare! — O homem entrevistou-a e a segurou pelos ombros. Seus olhos, cor de mel, transmitiam raiva enquanto lágrimas caíam sem permissão. Louis não sabia mais o que fazer. No impulso, abraçou a filha e a manteve firme em seus braços. No começo, a garota resistiu e tentou afastá-lo. Quando já não tinha mais forças, desistiu e buscou refúgio nos braços do pai. Ele afagou seus cachos enquanto a garota chorava. Quando já estava calma, Louis a afastou um pouco de seus braços e olhou em seus olhos — Eu te amo, Valentine. É por te amar que não vou permitir essa situação.

— Não quero fazer terapia, eu não sou louca — Afirmou baixo.

— Você vai fazer! Beatrice irá com você amanhã.

— Ela não, pai! — Choramingou.

— Eu não posso, tenho que trabalhar, você sabe disso.

— Vou sozinha, mas não com ela.

— Desculpe querida, mas não confio em você, não depois do que acabou de fazer.

Insatisfeita, Valentine se jogou em sua cama e não falou mais com seu pai aquela noite.



No dia seguinte, mesmo contra sua vontade, Valentine fora a sua primeira consulta com Beatrice. Ela sabia que não teria como fugir ou resistir, seu pai havia sido firme em sua ordem. Afinal de contas, o que estava fazendo era para o seu bem.

Quando entrou no consultório, a menina olhou para tudo ao seu redor antes de se sentar e olhar para a Dra. Elisabeth.

— Olá, Valentine. É bom ter você aqui — A doutora foi gentil.

— Você nem me conhece, como pode ser bom me ver? — Desdenhou.

— Sempre é bom receber um paciente — A mulher sorriu gentil.

— Não me trate como se eu fosse louca — A garota se enrijeceu na cadeira com estofado macio.

— Eu não disse que você é louca, Valentine — Justificou — Por que não me diz o motivo para ter vindo?

— Meu pai pensa que sou louca, por isso estou aqui — Afirmou com desinteresse.

— Tenho certeza que não é esse o motivo — deu uma pausa — Vamos lá, por que não me conta? — A mulher soou irritantemente gentil e isso irritou a garota.

— Eu não gosto da minha madrastra, por isso ele julga que fazer

terapia vai me fazer mudar de ideia.

— Por que não gosta de sua madrasta, ela é uma pessoa ruim?

Por um instante, Valentine pareceu pensar.

— Não, penso que não — deu uma pausa e se remexeu na cadeira — Não sei muito sobre ela.

— Já procurou saber? — A Dra. Indagou anotando em seu caderno.

— Não gosto dela, isso basta.

— Precisa ter um motivo para não gostar de uma pessoa — A mulher insistiu.

— Meu pai trouxe ela quando a mamãe morreu e não me perguntou se eu queria — A menina se justificou.

— Sabe Valentine, as vezes não são tudo sobre nós, entende? — questionou — Você já parou para pensar que ela o faz feliz?

— É o que ele sempre fala. Mas sou filha. Meus sentimentos não importam? Ele não tinha o direito de refazer a vida como se nada tivesse acontecido.

— Parece que você quer reviver essa dor só para não se permitir viver outra vez. Por isso, acaba impedindo que seu pai também refaça a vida dele.

— Parece que ele não se importa com o fato da mamãe ter morrido. Ele não se importa com meus sentimentos. Só quer saber dele e da nova família dele.

— Valentine, você precisa se ouvir antes de falar. Ele é seu pai, claro que se importa com você — Justificou — Mas isso não quer dizer que ele irá fazer suas vontades, entende? Ele escolheu superar e viver outra vez, já você

escolheu guardar a dor e revivê-la todos os dias.

— Você não entende — A garota respondeu insatisfeita.

— Sim, entendo — Elisabeth segurou em sua mão e acariciou um pouco — Era sua mãe, eles entendem isso. Só que eles não podem deixar de viver por causa disso. Nem mesmo você deveria.

— O que quer que eu faça?

— Viva, Valentine.



As últimas palavras da Dra. Elisabeth não saía da cabeça de Valentine nem por um segundo. A garota ficava martelando tudo por várias vezes até que pudesse entender. Estava tão distraída que nem mesmo viu quando John se aproximou.

— Hey girassol, precisamos conversar — John estava com as mãos dentro dos bolsos de suas calças. Sua expressão era de quem havia chorado e não parecia bem. Preocupada, a garota logo quis saber o que se passava.

— O que houve, John?

— Vem — O garoto segurou em sua mão e a levou para sua casa. Mais especificamente para seu jardim. Quando já estavam acomodados, ele poderia finalmente falar.

— Você está me assustando, John. Me conte logo — Valentine pediu com um pouco de medo presente em sua voz.

— Vamos nos mudar — Sua voz saiu baixa, quase em um sussurro.

Incrédula, Valentine mal podia acreditar no que o garoto estava dizendo. Não poderia ser verdade, era só uma pegadinha. Era o que a menina

preferia pensar. Afinal de contas, não estava preparada para perder o amigo.

— Você está brincando, não é? — Indagou com um nó em sua garganta. John segurou em sua mão esquerda e fez movimentos circulares com o polegar.

— Eu jamais brincaria com isso, tina — deu um suspiro longo antes de voltar a falar — Vamos amanhã depois do almoço.

— Não, John. Você só está brincando — Os lábios de Valentine tremiam e o menino logo percebeu que ela iria chorar — Diz que é brincadeira.

— Não é brincadeira, girassol — Seus movimentos na mão dela não pararam e só fizeram com que a garota começasse a chorar.

— Por favor, não chora — Pediu em um sussurro e se aproximou. Ambos estavam sentados próximo a uma árvore que tinha bem no centro do jardim. Valentine com as costas no tronco e John na sua frente.

— Como vou fazer sem você? Você não pode ir — Justificou sem conseguir conter as lágrimas. Ele, por sua vez, deixou sua mão para que pudesse limpar suas lágrimas teimosas.

— Eu sempre estarei aqui — Apontou para seu coração. De imediato, a garota corou.

— Não é a mesma coisa, vou sentir saudades — Afirmou.

— Eu também, girassol — Naquele Instante, John a abraçou com intensidade. Era um abraço de entrega e despedida. Quando o menino se afastou, a olhou nos olhos e acariciou sua bochecha úmida pelas lágrimas.

— Por que tem que ser assim? — Quis saber. John apenas continuou com as carícias. Parecia que queria memorizar cada traço da garota e guardar

para si com medo que os perdesse algum dia.

— Você é tão bonita, tine — Mais uma vez, Valentine corou diante do seu comentário. Ele nunca dizia coisas assim para ela. O garoto afastou uma mecha de cabelo para trás de sua orelha e voltou a se aproximar da garota — Eu te amo, doce girassol.

Intacta em seu lugar, Valentine nem ao menos se mexeu. Estava nervosa e confusa com tudo aquilo. John a amava? Como assim? Ele queria dizer como uma amiga, certo? Esses eram seus questionamentos internos. Enquanto o garoto se aproximava ainda mais de si, acabando com o pouco espaço que ainda tinha entre eles, a menina fechou seus olhos.

Então, algo que ela não esperava nem em sonhos aconteceu. Era mágico, único e quase irreal.

John tocou seus lábios suavemente. Um toque que durou alguns segundos antes dele os pressionar com os seus. E céus, como eram macios.

O beijo tímido fora iniciado com simples toques e carícias entre os lábios. Era simplesmente a coisa mais mágica que havia acontecido para Valentine.

Devagar, um beijo doce fora aprofundado e logo veio o frio gostoso em sua barriga. Era como diziam... Parecia milhões de borboletas em seu estômago. A sensação era que estava flutuando e nada mais acontecia a sua volta.

O beijo se encerrou e toda a magia pareceu acabar.

John olhou em seus olhos cor mel, sorriu e acariciou suas bochechas

vermelhas. Era tudo muito novo para eles. Céus, era seu primeiro beijo e havia sido com seu melhor amigo.

— Vou sentir sua falta — John afirmou após encostar sua testa na dela.

— Não vá, John — Sussurrou voltando a chorar. Parecia cruel demais vê-lo ir embora sem poder fazer nada.

— Sinto muito, girassol — Sussurrou.

Ambos choraram juntos aquela tarde.



Seis de novembro, 2018.

Esse dia certamente ficaria gravado na memória de Valentine. Poderia ser um dia comum, mas era o dia que sentia o seu coração partir ao ver John ir embora da sua vida como se nunca tivesse feito parte dela um dia. Parecia injusto demais. Por que a vida tinha que ser assim? Por que sempre arrancar as pessoas que ela amava? A garota não conseguia compreender. Era difícil demais de acreditar que com triliões de pessoas no mundo, justo com ela que aquilo estava acontecendo. Por que justo com ela? Seus questionamentos eram inúmeros.

— Tine — John chamou-lhe fazendo abrir os olhos. Fazia um tempo que ambos estavam com a testa unida e nada era dito. Mesmo com seus pais insistindo que já precisavam ir — Quero que você saiba que eu sempre a amei e sempre vou amar — No seu coração havia profunda tristeza.

— Eu também sempre irei te amar, John — Valentine assumiu com um nó na sua garganta. Ela não estava preparada para perder o amigo. Nunca

estamos preparados para perder alguém que amamos.

— Que você continue a ser alegre como o girassol representa para mim. Que no seu coração, nunca falte o amor. — John colocou o girassol na sua orelha e então se aproximou. No fundo, ambos nutriam um amor um pelo outro. Saber que não teriam a oportunidade de seguir com esse sentimento, os fez sentir muita tristeza. Porém, John não deixou que isso atrapalhasse aquele incrível momento.

Valentine fechou os seus olhos novamente e esperou que John lhe beijasse. Ele, com muito cuidado, encostou os seus lábios aos dela e beijou suavemente. No mesmo instante, a menina sentiu um frio na sua barriga e a sensação gostosa de borboletas no seu estômago tinha voltado. Era como se uma corrente elétrica os cercasse naquele momento tão mágico.

John apoiou a sua mão no rosto de Valentine e começou a movimentar os seus lábios entre os dela. Gradualmente, deram início a um beijo doce, calmo e apaixonado.

A magia falou mais alto e Valentine se sentiu flutuar. Ao fim do beijo, John mais uma vez lhe beijou os lábios suavemente e se afastou um pouco. Ambos abriram os olhos e permaneceram se olhando. Ele acariciou as bochechas levemente coradas de Valentine e sorriu ao encostar a sua testa na dela. Foi um momento mágico e especial para os dois e apenas isso importava. Uma paixão fora descoberta tão inocente e inesperada.

Eles não se importaram com os detalhes, ou se estavam a fazer tudo certo. Eles estavam apenas deixando marcado, uma lembrança que Valentine jamais esqueceria. Ela jamais poderia esquecer o seu primeiro beijo. Menos ainda, do seu melhor amigo e amor de infância.

— Vem, John! — Seu pai o puxou para longe e o levou consigo para

longe da garota. O menino olhou para trás uma última vez e encontrou seus olhos cheios de lágrimas. Em um impulso, se soltou de seu pai e correu de volta para ela.

Naquele momento, um carro vinha em sua direção e o fez parar e paralisar. Valentine o olhou desesperada, enquanto o pai do menino corria de volta em sua direção.

Numa fração de segundos, o carro, que parecia em câmera lenta, o arremessou para longe. Todos estavam em choque e não conseguiam se mexer. O motorista do carro logo fora embora sem ao menos prestar socorro.

De volta a realidade, Valentine correu até John e ajoelhou desesperada ao seu lado. Imediatamente, os pais do garoto se aproximaram com Beatrice logo atrás.

— John! — Gritou em desespero. Nos olhos do garoto haviam lágrimas. Tentou dizer que a amava, mas não conseguiu e perdeu a consciência. — NÃO! NÃO! NÃO!

Valentine fora tirada de perto de John enquanto seus pais choravam onde antes ela estava. Beatrice lhe abraçou por trás e tentou lhe fazer parar de lutar contra ela.

— Me solta! Por favor, me solta! — Pedia desesperadamente.

— Ele está vivo! — O homem gritou — Por favor, chamem uma ambulância.

Com receio, Beatrice soltou Valentine e correu para ligar para a emergência.



Depois de passarem longas horas no hospital, Valentine finalmente pôde entrar para ver John. O menino lhe olhou, acariciou o seu rosto e lhe disse o que ela jamais seria capaz de esquecer.

— Minha doce girassol, você vai ficar bem! Sua luz irá iluminar muitos corações. — John estava com a voz baixa e quase não emitia som.

— Shiii, não fale nada. — Valentine cobriu seus lábios com seus dedos — Você precisa se recuperar. Nós ainda temos muito para viver.

John sorriu, mas sabia que não seria assim. Seu girassol teria que passar por lutas sem ele.

— Você é forte, girassol. Sei que vai ficar tudo bem! Nunca se esqueça que eu te amo. — John fechou os olhos por breves segundos.

— Não lute para falar, pode te fazer mal. — Ele voltou a abrir os olhos e então sorriu.

— Eu preciso sentir seus lábios pela última vez... — Ele pediu já cansado por ter falado mais do que lhe era permitido.

— Não fale bobagens, você irá ficar bem, John. Você precisa ficar bem. — Ela insistiu.

— Por favor! — Ele falou em um sussurro quase inaudível. Se ela não estivesse tão próxima a ele, não teria entendido. Valentine se deu por vencida e se aproximou para beijar seus lábios com carinho. Um pequeno beijo que demorou poucos segundos até a máquina parar de emitir bipes repetidos para um bipe contínuo e então uma linha reta aparecer em sua tela.

Valentine levantou o rosto, assustada, se deparou com a cena que jamais queria ter visto. Nem com sua mãe fora assim porque cuidaram para

que ela não estivesse presente na hora.

Quando se deu conta do que estava acontecendo, seu grito ecoou por toda a sala branca.

— Não! — E tudo começou a passar por câmera lenta. Os médicos entraram correndo com o aparelho, que ela não sabia para que servia, e então começaram a lhe dar constantes choques e ela se debatia com sua madrasta que aparecera tão rápido quanto a equipe.

Beatrice lhe abraçou tentou conter os seus movimentos enquanto a mesma chorava compulsivamente.

— Me solta, me solta! — Ela pedia aos gritos

— Por favor, tire ela daqui — Um dos enfermeiros pediu e continuaram o processo inútil de lhe trazer de volta a vida.

— Por favor, não machuquem ele. — Valentine pediu em meio a luta com sua madrasta.

Quando os médicos viram que já não podiam fazer mais nada, soltaram o aparelho e balançaram a cabeça em negação.

Após terem feito isso, cobriram seu rosto com o lençol branco e se retiraram do local. Valentine parou de lutar e olhou para sua madrasta como nunca.

— Ele morreu? — Questionou com um nó na garganta — Por favor, diz que é um pesadelo. — Pediu em meio ao choro compulsivo.

— Sinto muito, querida. — Beatrice também chorava. Naquele momento, Valentine não se importara com a briga que tinham. Ela apenas aceitou o abraço da madrasta e continuaram ali por um bom tempo. Até que,

não houvesse mais o que ser feito.

9 3 . 9 . 3 . 9 . 3 . 9



FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA.

Dez de novembro, 2019 |Um ano depois

QUARTA FASE

_____ ≡ _____

Você só precisa se permitir

Sentir, deixe aquilo que

Te faz bem entrar.

_____ ≡ _____

Quanto tempo leva para superar a perda de uma pessoa querida? Talvez, para uns, dure pouco tempo, já para outros, uma eternidade. Um ano após a morte de John, Valentine se sentia um pouco melhor. O vazio nunca seria preenchido, mas sua alegria estava voltando aos pouquinhos. Parecia que finalmente conseguiria cumprir a sua promessa.

Seu pai estava mais presente em sua vida, suas consultas com a psicóloga ia bem, seu relacionamento com sua irmã crescia a cada dia... Tudo parecia em seu devido lugar. Estava até tranquilo demais para a garota.

Algumas batidas em sua porta lhe fizeram sair de seus devaneios. Era seu pai, ela já conhecia sua batida.

— Posso entrar? — Louis olhou pela fresta da porta.

— Sim, pai. — A garota lia um livro do qual estava apaixonada pelo enredo e não queria parar a leitura, mas um tempo com o pai lhe parecia convidativo naquele momento.

— O que está lendo? — O homem quis saber ao se sentar próximo à filha.

— A culpa é das estrelas — Afirmou, fechou o livro e analisou seu pai.

— O que as estrelas fizeram? — Sua pergunta parecia séria, no entanto, a garota não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Nada, pai — Sorriu — O que o senhor quer?

— Conversar, faz tempo que não temos uma conversa — Suspirou — Como anda esse coração?

Valentine fez uma expressão interrogativa e pensou por um tempo.

— Estou bem, pai. Se é isso que você quer saber.

— Bem só para não entrar no assunto ou bem de verdade?

— Bem de verdade, senhor Louis.

— Certo... e como andam as suas terapias com a Dra. Elisabeth?

— Ela faz muitas perguntas das quais, a maioria, eu não sei responder.

— Parece confuso... Você está gostando? — Louis acariciou a bochecha da menina em um gesto carinhoso. Tinha um tempo que não lhe fazia um carinho como esse. Ela estranhou, mas não recusou.

— Acho que sim. Ela é boa.

— E a Beatrice? Vocês conversam?

— Estou com sono, será que poderíamos deixar essa conversa para depois?

— Não vai fugir para sempre, querida.

— Enquanto eu puder, continuarei.

— Sabe que não funciona assim.

Ela bocejou.

— Sono, pai.

— Tudo bem! — Beijou sua testa por alguns segundos — Boa noite, querida.

— Boa noite, pai.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Caminhar por cima de ovos. Era como Valentine sentia toda vez que encontrava com Beatrice por entre os cômodos da casa. Não era como se ela tentasse evitar vê-la, já que moravam sob o mesmo teto. Ela só não sabia como iniciar uma conversa ou se deveria fazer isso. A verdade era que a garota nunca se sentiu a vontade o suficiente. Parecia que elas não estavam em uma mesma sintonia. Talvez fosse a sua insistência em não querer sentir. Afinal, se ela não sentisse, não sofreria, certo? Talvez. Sua culpa e pensamentos negativos nunca lhe deixaram saber como seria sentir. Sentir seu abraço, ouvir seus conselhos e lhe deixar entrar. Eram barreiras muito bem construídas e ela não estava disposta a quebrá-la.

Em meio ao caos de vagar pelos cômodos para não vê-la, a garota deparou com a frustração. Beatrice sempre estava em todos os lugares. Cansada de ter que fugir, sentou-se em seu Puff favorito e abriu o livro para continuar a leitura. Do outro lado da bancada, Beatrice a olhou enquanto lia.

— O que está lendo? — A mulher quis saber. Ela respirou fundo. Era só uma pergunta, não tinha problema responder, certo? Isso não significava que ela precisaria entrar.

— A culpa é das estrelas... — Por algum motivo, ela esperou uma pergunta igual a do pai, mas ela não veio.

— Adoro esse livro — Foi o que recebeu em resposta. A garota franziu a testa e a olhou por cima do livro.

— Adora? Desde quando? — Ela parecia não acreditar que pudessem ter o mesmo gosto literário.

— Sim, é um livro incrível. John Green é um escritor maravilhoso, não acha?

Era surreal! Beatrice falava sua língua. Ou melhor, ela entendia do mundo adolescente. Ou era só um jogo para que se aproximasse? Certamente passou um bom tempo pesquisando antes de iniciar essa conversa. Não! Era absurdo demais. Ou não?

— Sim, ele é ótimo.

Nada mais fora dito. Talvez isso pudesse ser a confirmação que esperava e Beatrice realmente havia pesquisado. Ou, ela não tinha mais assunto para continuar aquele diálogo bizarro. Era melhor acreditar na segunda opção.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Mais uma consulta daquelas que Valentine olhava aflita para o relógio a cada cinco segundos. Ok, ela poderia passar por mais uma consulta, não era o fim do mundo. Elisabeth faria novas trocentas perguntas, das quais, nem a metade ela conseguiria responder, a consulta terminaria e ela poderia ir

embora. Tudo parecia programado em sua cabeça. Só precisava dar certo. Nunca dava certo.

Impaciente, a garota batia o pé freneticamente no chão. Seus olhos iam e vinham dos ponteiros — que mais se pareciam lesmas — do relógio. O tempo parecia não passar nunca em suas terapias. Mais que droga! Ela pensava sempre.

— Olhar para o relógio de segundo em segundo não vai fazer o tempo passar mais rápido — Elisabeth sorriu. Ela era insuportável as vezes. Ok, ela era uma psicóloga. Mas ainda assim era insuportável.

— Quem sabe não funciona dessa vez? — Revidou impaciente. Detestava estar ali.

— Vai, o tempo só irá passar se conversar comigo — Encorajou

— O que quer saber hoje? — Indagou

— Me diga um momento bom que você tenha passado com sua madrasta — Elisabeth a desafiou com uma expressão encorajadora.

— Hmm, eu não sei — Na verdade, ela sabia sim, só não queria dizer.

— Vamos, deve ter algum — A mulher insistiu.

— Aaah — Seu corpo relaxou um pouco — Quando John morreu — E de repente, sentiu um nó em sua garganta — E quando ela falou sobre John Green ser incrível.

— O que você sentiu? — Continuou desafiando a garota.

— Eu não sei — Rebateu desconfortável.

— Sim, Valentine, você sabe — Sua expressão era tranquila — Me diga.

— Acho que, me senti segura — Valentine não olhava diretamente em seus olhos — É, acho que foi isso. Senti como se eu pudesse esvaziar toda a carga.

— E o que mudou? — Perguntou desafiadora.

— Eu não sei! — A garota já estava começando a ficar irritada.

— Você sabe, sim. Vamos, fale.

Valentine olhou para o grande relógio na parede cor creme e revirou os olhos. Quando ela queria, a hora nunca passava rápido.

— Eu só... — Vacilou um pouco — Não sinto mais isso.

— Me explique melhor.

— Você é a psicóloga aqui, não eu. — Rebateu.

— Explique, Valentine.

— Foi só naquele instante... Eu precisava ser confortada e ela estava lá.

— Está aí sua resposta.

— Eu não entendi.

— Ela sempre estará ao seu lado, Valentine — Explicou — Você só precisa permitir que ela entre — Elisabeth apontou o dedo para seu coração.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Quando chegou em casa, Valentine parecia pronta para ir falar com sua madrastra. Ela lhe deixaria entrar. Talvez não fosse o fim do mundo. Ela precisava de alguém que pudesse estar ao seu lado, dividir problemas, compartilhar leituras. Isso parecia ótimo para ela. Só havia um problema. Beatrice estava ajoelhada no chão e chorava desesperada.

Ela estava chorando! E não qualquer choro. Não! Era alto, desesperado. O que havia acontecido ali?

Tudo parecia girar ao seu redor. Ela queria perguntar o que tinha acontecido, mas se quer conseguia raciocinar diante daquela cena.

O telefone residencial estava fora do gancho, havia um prato — ou o resto do que um dia fora — estava no chão e a mulher não parecia que pararia de chorar tão cedo.

Angustiada, ela não pensou muito em seus atos. Correu e sentou ao lado da mulher. Beatrice não disse nada, apenas lhe agarrou em seus braços e chorou por um longo período.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Chorar, berrar, espernear, não iria adiantar naquele momento. Nada do que dissesse ou fizesse traria o passado de volta. Os erros, o que não foi feito ou o que poderia fazer no presente, tudo lhe assombrava em um só momento.

Parecia que a vida brincava de pisar em sua cara e dizer que ela não poderia ser feliz. Não, não seria. Estava predestinada ao sofrimento. Era isso.

Valentine havia contado todas as janelas, havia olhado para todas as pessoas para procurar resquício de uma possível dor, e já havia memorizado todas as brincadeiras das crianças ao redor. Nada parecia fazer sentido para ele. Ninguém parecia sentir sua dor, eles não pareciam querer estar lá. Nem mesmo as crianças respeitavam o momento. Seus pais também não se importavam em corrigi-las.

Merda! Era um maldito velório! Eles poderiam ao menos segurar suas crianças por um instante, não? Afinal de contas, o que faziam lá se nem conheciam seu pai?

Mais que droga!

A garota saiu da capela com raiva. Beatrice lhe chamou, mas nada parecia pará-la naquele instante. Ela só queria sofrer sozinha.

Primeiro sua mãe.

Depois John. Agora seu pai também?

Qual é vida?

Valentine estava certa que o problema era com ela. Daquele dia em diante, ninguém mais entraria. Seu coração estava selado, escuro e vazio.

Só havia uma pessoa lá: Amy. Talvez pudesse lhe fazer uma pessoa melhor algum dia. Mas naquele momento, era somente a pessoa que ainda a mantinha viva.

Ela não voltou mais a capela, não viu seu pai ser sepultado, não viu Beatrice jogar uma rosa para ele. Simplesmente foi embora. Não queria fazer parte daquilo.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA.

Dez de abril, 2020.

O tempo havia passado tão rápido, que Valentine, as vezes até se assustava. Ela nunca se conformou com a ideia de ter que se mudar com a madrasta. Ela até se arriscava pensar que seria mil vezes melhor, ter ido para um orfanato. Talvez, quem sabe, se emancipado. Todavia, ela nem mesmo tinha idade para isso. E de fosse para um orfanato, só poderia sair de lá aos 18 anos. Por mais que ela deteste a madrasta, não suportaria viver presa por tantos anos.

Sua vida havia se tornado bem monótona. Contra sua vontade, tinha que ir á escola todos os dias e depois cuidar de Amy para que sua madrasta pudesse trabalhar tranquila. Apesar de tudo, Valentine amava a irmã. Afinal de contas, era a única pessoa que havia lhe restado. Ela nunca contou a madrasta nem mesmo como uma conhecida. Para ela, era somente uma pessoa que ela tinha o desprazer de ver todos os dias e ainda suportar.

Suas brigas não diminuíram com o tempo. Valentine insistia em dizer que a madrasta veio tomar o lugar da mãe dela, no coração do pai, levando com ele, todas as memórias boas que um dia existiu em sua mente. Ela até tentou fazer novas amizades, mas as pessoas insistiam em achá-la estranha e não queriam se aproximar por ela ser órfã. Eram pessoas fúteis e sem caráter algum.

Valentine pensou diversas vezes em tirar sua própria vida. Pois, acreditava que não tinha sentido algum continuar vivendo. No entanto, sempre que olhava para sua irmãzinha, via os olhos cor de mel que ela e Amy haviam herdado do pai e não conseguia prosseguir.



Pela manhã, Valentine acordou cedo como de costume e demorou para levantar e seguir sua rotina monótona de todos os dias. Mesmo estando com sua porta trancada, ouvia os murmúrios de sua madrasta e irmã do outro lado. Ela até pensou em ignorar e faltar aula naquele dia. Mas logo Beatrice bateu em sua porta de modo apressado.

— Que é? — Valentine respondeu sem muito ânimo.

— Levante-se querida, vai se atrasar! — A doce voz de sua madrasta lhe tirava do sério a cada vez que escutava.

— Meu despertador funciona muito bem, obrigada. — A menina

respondeu de mau-humor. Era assim todos os dias.

— Estamos lhe esperando para o café da manhã. — A mulher insistiu do outro lado e Amy corria para todos os lados.

— Vem Tine, tem suco de abacaxi. — Foi a vez da pequena Amy dizer animada. Ela sabia que Valentine amava suco de abacaxi. Toda vez que Amy a chamava por esse apelido, ela lembrava de seu amigo John que partira tão cedo, lhe causando um enorme vazio e dor.

— Já estou indo, Amy. — Valentine tratava a irmã como ouro. Ela jamais poderia negar-lhe amor. Era sua irmãzinha e ela a amava incondicionalmente. Logo, levantou de sua cama e correu para fazer sua higiene matinal e se apressar para o café da manhã. Amy conseguia lhe animar todas as manhãs. Assim que terminou de se arrumar, saiu de seu quarto e seguiu para a mesa onde estava sua madrastra e irmã.

— Senta aqui do meu lado, tine. — Amy pediu lhe fazendo sorrir. Mesmo que, um sorriso fraco. Ela sentou-se ao lado da irmã e começou sua refeição sem nem ao menos olhar para sua madrastra. Durante todo o café da manhã, só se ouvia a voz fina e animada de Amy. Ela era a única a arrumar assunto para conversar todas as manhãs.

— Valentine, tenho médico agora pela manhã. — Sua madrastra começou a dizer com receio do que a menina pudesse dizer. Elas nunca conversavam.

— E o que tenho com isso? — respondeu grossa como de costume.

— Eu só preciso que você leve a Amy na escola hoje.

— Não posso! Vou me atrasar para o primeiro tempo se eu for até a escola dela. — se justificou. Não que ela não estivesse com vontade de acompanhar a irmã. Ela só detestava a ideia de chegar atrasada na aula e

todos olharem para ela como se fosse um extra terrestre.

— Vai ser rápido e eu já avisei a diretora da escola que você atrasaria alguns minutos hoje. — Beatrice falou mais determinada dessa vez. Era o diálogo mais longo das duas nos últimos dias.

— Como sempre, você anda fazendo todas as escolhas da minha vida. Primeiro, quis se mudar e me tirar tudo o que eu tinha na outra cidade, depois, quis me obrigar a estudar naquela escola ridícula, só porque você estudou lá. Agora, quer se intrometer em meus horários também? Quem você pensa que é pra se intrometer em tudo que me diz respeito? — Valentine olhava para sua madrastra com profunda raiva em seu olhar. A menina nunca esteve disposta a se dar bem com Beatrice e não seria agora, que seu pai faleceu, que as coisas mudariam.

— Eu só preciso que você a leve na escola, Valentine. Não estou pedindo nada de mais. Já estou cansada de suas atitudes e esse comportamento grosseiro. Até quando vai continuar me insultando, menina? — Beatrice finalmente tomou coragem para dizer o que sempre teve vontade durante todos esses anos. Ela temia que isso só afastasse ainda mais as duas. Mas ela não poderia deixar que as coisas continuassem a caminhar daquela maneira.

— Você não pode falar assim comigo! Eu não lhe devo respeito algum, porque você não é minha mãe! — Gritou. As lágrimas começaram a cair descontroladas. Amy não entendia o que estava acontecendo e se escolhia com os gritos da mãe e irmã.

— Estou tentando, Valentine. Juro que estou tentando! Faço de tudo para que você tenha conforto e que nunca lhe falte nada e é assim que você

me trata? — Sua madrasta estava evitando chorar. Mas era impossível com a gravidade da situação.

— Eu nunca lhe pedi nada, Beatrice! Aliás, quem entrou em minha vida sem ser chamada foi você! — Beatrice não lhe respondeu. Ao contrário, apenas chorou. Ela não queria que as coisas chegassem aquele ponto, mas também precisava impor respeito. Valentine estava indo longe demais com todo aquele comportamento.

— Mamãe, não chore. — Amy correu para lhe abraçar.

— Eu estou bem, meu amor. Faz assim, pegue sua mochila lá no quarto. Sua irmã já vai lhe levar a escolinha. — Sua mãe pediu com tranquilidade na voz. — Não se esqueça de escovar dente, docinho. — Ela gritou quando a menina já tinha virado no corredor. Quando ela pode ter certeza que Amy não podia mais ouvir a conversa, olhou para Valentine e respirou antes de retomar a conversa de onde haviam parado.

— Valentine, seu pai amou a sua mãe. — Ela começou a dizer.

— Se realmente tivesse amado, não a teria trocado por você. — Valentine falou com sua habitual amargura de sempre.

— Você ainda não compreende menina. Seu pai precisava de um novo amor para que assim, conseguisse seguir e cuidar de você. Por acaso você pensou em todas as vezes que ele se sentiu triste por não ter quem cuidasse dele?

— Ele já tinha a mim! Não precisava de você! Nunca precisou.

— Estou falando de um amor carnal, Valentine. Você ainda não entende o que é isso. Eu não te culpo, em seu lugar, me sentiria da mesma forma. — A madrasta lhe falou com sinceridade.

— Mãe, terminei! — Amy falou interrompendo as duas.

— Deixa eu ver esses dentinhos. — A mãe pediu e a pequena mostrou com alegria. — Escovou direitinho! Parabéns meu amor. — Amy sorriu e logo correu para segurar a mão de Valentine.

— Podemos ir, Tine? — A irmã questionou em expectativa. Ela amava passar mais tempo com a irmã. Beatrice olhou para Valentine, como se quisesse dizer que a conversa não havia se encerrado e liberou as duas. Valentine odiava ter que conversar com a madrastra. Por ela, as duas nunca precisariam conversar.



Mais um fim de dia estava próximo e Valentine encarava o lindo jardim a sua frente. Esse era o único lugar da casa que ela realmente gostava e se interessava em ficar o tempo que precisasse. Isso, porque todas aquelas flores juntas, a fazia lembrar de seu amigo John que insistia em sempre vir a sua memória. Ela até poderia passar horas ali as admirando e nunca se cansaria. Atrás de si, estava sua madrastra que havia chegado do trabalho sem que a menina notasse. Beatrice percebeu o quanto o jardim era importante para Valentine porque trazia lembranças de John. Por isso, pensou que essa seria uma ótima casa para elas morarem.

Beatrice colocou as bolsas pesadas no chão e apoiou sua mão no ombro de Valentine que nem se mexeu, mas sabia que era sua madrastra.

— Ele faz muita falta! — Valentine falou se referindo ao seu primeiro amor e seu coração logo se apertou.

— Sei que sim, querida. — Quando Valentine percebeu o que estava acontecendo entre ela e a madrastra, afastou seu ombro bruscamente e encarou a madrastra com raiva.

— Não, você não sabe. — Ela falou irritada e logo saiu em direção a casa novamente.



A noite enfim havia chegado e com ela, a rotineira insônia que assombrava a vida de Valentine durante aqueles últimos anos. A menina virava para todos os lados e até ouvia música para se distrair, mas o sono não vinha.

Isso só fazia com que a garota pensasse em sua vida e todas as suas perdas. Primeiro, sua mãe, depois seu melhor amigo e primeiro amor, em seguida, seu pai. Ela sentia que a vida não tinha nada mais a lhe oferecer. Queria que tudo acabasse logo. Talvez, quem sabe, acabasse com sua vida de uma vez? Assim ela não sentiria tanta dor por ter perdido as pessoas que amava. Ela até culpada a Deus por suas perdas. Quem ele pensa que é para lhe tirar tudo e todos? Era o que a menina pensava.

Sem conseguir pensar em tantas barbaridades, Valentine levantou de sua cama e apressou se em abrir sua janela e logo receber o vento gelado da madrugada em seu rosto. Ela queria e iria acabar de vez com todo o seu sofrimento. Com um pouco de dificuldade, por ser baixa, ela finalmente conseguiu pular a janela e sentar sobre o telhado que cobria a varanda da casa. Valentine olhou para a rua e viu as poucas pessoas caminharem sem um rumo certo.

Ela sempre costumava olhar aquelas pessoas e se identificava com elas. Mas será que essas pessoas chegariam ao ponto que ela chegou? De interromper a própria vida? Valentine lutava contra os pensamentos que a fazia desistir de tamanha burrice e se inclinava cada vez mais para a ponta do telhado. O vento soprava um pouco mais forte a fazendo se arrepiar e temer o que faria. Como se a brisa da madrugada, a impedisse de continuar. Ou seria

Deus? A menina não queria acreditar que Deus ainda se importava com ela. Valentine olhou para baixo novamente e sentiu um nó em sua garganta. Quando ela se inclinou para se jogar, escutou uma voz baixa e suave.

— Tine? — Amy chamou-lhe e Valentine lhe olhou.

— O que faz aqui Amy? Você deveria estar dormindo sabia? — Valentine encarou os olhos de Amy e sentiu seu coração se apertar. Antes de pensar em se suicidar, ela nem ao menos pensou em sua irmã.

— Eu não consigo dormir Tine. Posso ver as estrelas com você? — Amy questionou com sua inocência de criança. Mal sabia o que sua irmã pretendia fazer.

— Eu não estou... — Valentine pensou no que iria acabar de dizer e preferiu se calar. Como ela diria a irmã que não estava vendo as estrelas e que queria se suicidar? — Tudo bem, você pode ver as estrelas comigo. Eu te ajudo a subir. — Valentine se curvou na janela e pegou a irmã no colo, por fim, sentaram juntas em uma parte mais segura do telhado. A mais velha cobriu a irmã e a si própria ficando abraçadas admirando as estrelas. Então, Valentine se lembrou do motivo que a faz querer viver: sua irmã Amy.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____

Ela é como um diamante

Bruto que precisa ser lapidado

Cuidadosamente por mãos hábeis

_____ ≡ _____

Valentine olhou para sua irmã com mais atenção e admirou sua tranquilidade de criança. Por breves segundos, ela desejou voltar a sua infância, quando ainda era feliz e nada de ruim tinha lhe acontecido. Amy parecia bem alheia a tudo a sua volta. Olhava para as estrelas como se fosse a última vez. De repente, ela olhou para uma em específico e então sorriu.

— Tine, para você, qual das estrelas é o papai? — Amy questionou pegando-a completamente de surpresa. Como ela responderia a essa pergunta sem magoar a pequena? Ela pensou em dizer que seu pai havia morrido e pronto. Que não havia uma estrela, ou um céu para ele ir.

Certamente, destruiria os sonhos de Amy, e Valentine não estava disposta a fazer isso. Então, ela olhou para a maior e mais brilhante estrela e disse que aquela era o pai delas.

— A mesma que eu escolhi. É muito linda, não é? O papai deve está feliz agora porque estamos bem, não é Tine? — Essa pergunta, fez o coração da garota se apertar e criar um nó em sua garganta. Ela queria fugir dessa

conversa o mais rápido possível.

— Sim Amy, Mas agora ele quer que eu te leve para o quarto e te coloque para dormir. — Valentine era ótima no sentido mudar de assunto.

— Posso dormir com você, Tine? — A pequena questionou com seus olhos brilhantes de sempre.

— Pode sim, meu amor. — As duas saíram do telhado com cuidado e Valentine tentou esquecer o real motivo para ter ido lá essa madrugada. O fato é que Amy salvara sua vida. Mesmo que, ela não tenha conhecimento disso.

As duas deitaram juntas na cama e Valentine cobriu a sua irmã por completo e também a si mesma. Elas haviam passado muito tempo no vento gélido da madrugada. Amy aproximou-se de Valentine e tentou sentir mais de perto, o cheiro que ela amava: flores.

— Cheiro de flor, Tine. Você tem cheiro de flor. — A pequena sorriu e encostou o rosto no peito da irmã para assim dormir tranquila. Valentine amava a fragrância de flores que John a deu uma vez. Sempre que está para acabar, ela compra outra igual. Pelo visto, Amy também amava.



No dia seguinte, Valentine acordou mais cedo que o costume e logo se lembrou da noite anterior. O fato dela ter ido ao telhado para acabar com a própria vida perturba sua mente a cada segundo. Ela sempre pensou nessa possibilidade, mas nunca havia tentado colocar em prática. A garota olhou para o lado e viu Amy dormir tranquilamente e então se lembrou que, se ela contasse a mãe que tinha ido ao telhado com ela, as coisas poderiam se complicar. Rapidamente, ela se apressou em acordar a irmã.

— Bom dia Tine, já é hora de acordar? — A pequena questionou com

os olhos ainda pequenos de sono.

— Está um pouco cedo ainda, princesa, mas eu preciso te pedir uma coisa. — Valentine falou tirando a coberta de Amy e ajudando-a a levantar e ficar sentada na cama.

— O que é, Tine? Faço o que você pedir. — Amy sempre procurou obedecer à irmã em tudo e isso deixava Valentine satisfeita.

— Você promete que não irá contar a sua mãe que fomos ao telhado ontem? — Questiona olhando nos da menina.

— Vou ter que mentir para a mamãe, Tine? Isso não é errado? — Valentine coçou a cabeça confusa e tentou arrumar a situação.

— Amy, preste atenção. Você gosta de ver as estrelas, não é? O papai está lá, lembra? — Ela sabia bem que o pai não tinha virado uma estrela e muito menos estava no céu. No entanto, se sua madrasta descobrir que ela estivera no telhado e ainda levou Amy, as duas podem brigar ainda mais.

— Sim Tine, eu gosto muito. — Seus olhos brilharam.

— Então você não pode contar a Beatrice que fomos lá. Ela não vai gostar de saber e ainda irá nos proibir de ir lá. Você promete que não irá contar, amor? — Valentine questionou segurando o queixo da menina.

— Tudo bem, Tine. Mas o que falo a mamãe? — A menina questionou confusa.

— Diz que você queria dormir comigo essa noite, anjinho. Você não estará mentindo. Só não conte do telhado. — Amy concordou com a irmã e sorriu por está fazendo o que ela pediu.

— Está na hora de ir para a escola? — Amy questionou olhando para a janela e vendo os primeiros raios de sol iluminar o quarto. Era uma linda

paisagem para as meninas olharem.

— Ainda não, mas vamos tomar um banho? — Valentine questionou levantando da cama e Amy fez o mesmo.

— Juntas? — Amy pergunta com um olhar travesso de criança. Sempre que as duas tomavam banho juntas, faziam uma enorme bagunça.

— Juntas, mas sem bagunça, Amy. — Valentine advertiu a irmã. No fundo, ela também gostava da bagunça que Amy fazia no banheiro enquanto “tomavam banho”.

Quando as duas entraram no banheiro, Amy logo correu e ligou o chuveiro e começou a pular igual pipoca na panela. A mais velha ria da empolgação da criança a sua frente e logo começou a tirar suas roupas também. Amy amava tomar banho com Valentine. Para ela, tudo era motivo pra virar festa.

— Amy, cuidado, você pode cair. — Valentine falou mostrando que o chão era liso.

— Vem logo tine, a água está quentinha. — A pequena respondeu com seu sorriso contagiante.

— Tudo bem, eu vou, mas sem bagunça sua sapequinha. — Está com Amy fazia Valentine se sentir bem e esquecer do mundo a sua volta. Para ela, aquele era o único momento bom de seu dia. Ela podia ser sincera e demonstrar amor sem medo.

Quando enfim terminaram de tomar banho, Valentine ajudou Amy a se vestir e se vestiu também. Amy ficava observando o tudo o que Valentine fazia com atenção e tentava imitar. Quando tine começou a pentear o cabelo e fazer uma linda trança embutida, Amy quis que a irmã também fizesse nela.

— Deixe eu terminar o meu é já faço no seu, ok? — Amy concordou e esperou que Valentine terminasse para fazer no dela. Assim que ela terminou, Amy correu e sentou no banquinho de frente para o espelho e sorriu em expectativa.

— Quero igual, Tine! — Amy falou animada.

— Pode deixar. Sabia que seus cachos são lindos? — Valentine falou enquanto passava o pente no cabelo da pequena com cuidado para não machucar.

— É igual o seu né, Tine? — Amy sempre queria ser igual Valentine em tudo. Valentine acreditava que era coisa de criança e que logo aquela fase acabaria, mas no fundo, ela achava aquilo tudo muito fofo.

— Sim Amy, igual o meu. — Valentine sorriu e continuou a trançar o cabelo da irmã.

Assim que ela havia terminado e Amy sorriu admirada, por está igual à irmã, Beatrice bateu na porta assustando as duas.

— Vou abrir tá, Tine? — Amy pediu e Valentine concordou. Quando Beatrice entrou no quarto, o sorriso de Valentine logo sumiu.

— Então você estava aqui o tempo inteiro mocinha? — A mulher questionou se referindo a criança.

— Sim mamãe. Dormi com a tine. Olha mamãe, ela trançou meu cabelo. — Amy falou bastante empolgada e Valentine apenas observava a cena com um sentimento de tristeza.

— Está lindo, meu amor! — Beatrice sorriu e olhou para Valentine. — Você também está linda, Valentine. — A mulher falou tentando ser gentil. Valentine sentou-se de frente para sua penteadeira e ignorou completamente a

mulher.

— Mamãe, hoje a Tine pode me levar para a escola de novo? — Amy questionou quebrando o clima pesado.

— Não meu amor, sua irmã tem aula bem cedo e sua escola fica muito longe da dela. Outro dia ela leva, ok? — Beatrice questionou olhando para a pequena e em seguida foram tomar café da manhã.



Quando Valentine saiu para ir à escola, reparou que havia um rapaz parado em frente a casa vizinha. A mesma estava vazia há algum tempo e a garota não fazia ideia que tinham vizinhos novos. Se aproximando mais do portão, ela não conseguiu evitar olhar para ele com atenção.

O cabelo negro e mediano dava um formato jovial ao seu rosto e combinava com o tom claro de sua pele, um fato que a desconcertou um pouco, pois percebeu que estava reparando demais. Até mesmo conseguiu ver uma covinha em seu queixo quando o mesmo sorriu para algo em seu celular. Parecia distraído e nem havia notado sua presença.

O barulho do portão o fez parar de digitar freneticamente em seu celular e olhar para ela. E então, ela pôde ver a cor de seus olhos. Adorou a tonalidade que tinha quando os raios de sol refletia sobre as íres castanho-claro. Com um sorriso nos cantos dos lábios, o garoto acenou para Valentine. Se sentindo desconfortável, ela preferiu seguir seu caminho sem responder seu cumprimento.

Instigado, o garoto apenas sorriu e voltou a se concentrar em seu aparelho eletrônico.



Na escola, a professora de matemática entrou na sala com um menino o qual Valentine nunca tinha visto antes. Ela observou a professora colocar todo o material na mesa e logo em seguida parar e olhar para a turma e esperar que todos ficassem em silêncio. Quando notou o rapaz com mais atenção, pôde perceber que era o mesmo que estava na casa ao lado da sua. Só podia ser brincadeira.

Frustrada, a garota revirou os olhos e abaixou a cabeça para que o mesmo não a visse.

— Bom dia, classe. — A professora saudou e a turma respondeu em um coro não muito animado. — Esse aqui é o Harry, ele acabou de chegar na cidade e também na escola. Espero que o tratem bem.

Todos olharam para o menino e nada disseram. O mesmo caminhou até uma mesa vazia e sentou-se jogando a mochila no chão. Quando olhou para o lado, viu a garota de cabeça baixa. Pela trança e roupas semelhantes, reconheceu sua nova vizinha.

— Hey! — Ele chamou em um sussurro. Valentine não ousou se mexer, talvez não seja comigo, pensou. Harry puxou sua trança de modo que chamasse sua atenção e sorriu travesso quando a mesma levantou a cabeça.

— Oi! — Valentine não estava nem um pouco a fim de conversar, por isso, abriu o seu caderno e começou a desenhar.

Durante as aulas, Valentine não falou com o garoto novo e ele também não falara com ela, embora tenha sentido vontade. Ele notou que ela era um tanto antissocial e parecia não ter amigos e isso lhe causou uma certa curiosidade. No intervalo, ele até tentou conversar com ela, mas Valentine não estava disposta a interagir com o menino e o ignorou em todas as suas tentativas de puxar assunto.

No fim das aulas, Valentine se apressou em arrumar seu material e seguir para a sua casa. Ela teria toda a tarde para ela, visto que sua irmã estuda em horário integral.

— Posso te acompanhar até em casa? — Harry falou assim que ambos tinham saído pelo portão da escola.

— Não, obrigada. Sei o caminho de cor e não preciso que você fique no meu pé o tempo inteiro. — Valentine o olhou uma última vez e logo seguiu seu caminho. Alguns minutos depois, ela notou que Harry estava logo atrás dela e isso a fez ficar irritada.

— Parece que você não quer mesmo a minha companhia. — O menino falou lhe lançando um sorriso travesso.

— Parece que você não é tão burro quanto eu pensei. Por que está me seguindo? — Valentine questionou irritada e o encarando com fúria.

— Não estou te seguindo. — O menino falou brincalhão.

— Ah, não? Desde que saímos da escola você está no meu pé! Qual é o seu problema, garoto? — Ela questionou cruzando seus braços e batendo o pé direito no chão. Harry achou aquilo tudo muito engraçado e precisou segurar a vontade de rir.

— Nenhum, gatinha. — Harry piscou para Valentine e saiu andando na sua frente. Ela achou toda sua atitude atrevida demais. Meio receosa, ela continuou seu caminho e Harry parou para esperá-la.

— Não precisa me esperar! Já falei que sei muito bem andar sozinha. — Valentine falou um pouco afastada do garoto a sua frente.

— É... Então, não sei se você percebeu, mas estamos indo para a mesma direção. Você poderia, pelo menos ser um pouco mais gentil? Eu não

mordo, pode ficar tranquila. — O garoto falou sério, porém, em um tom brincalhão e isso irritou Valentine.

— Sou gentil com quem merece, eu nem ao menos lhe conheço. Se me der licença, eu tenho mais o que fazer e preciso chegar em casa logo. — Valentine, mais uma vez passou pelo garoto e seguiu seu caminho até sua casa.

Assim que ela chegou na casa, viu que Harry estava logo atrás dela e entrou em seguida.

— Parece que seremos vizinhos. — Harry falou com seu costumeiro sorriso brincalhão e jeito despojado.

— Parece que você ainda não entendeu que eu não quero falar com você. — Valentine entrou em casa e ignorou o fato das casas serem próximas e o muro ter uma boa parte de vidro. Harry encarou a menina e ri. Ele achava toda aquela situação divertida. Não que ele quisesse realmente brincar com Valentine. Ele só queria se aproximar dela e acabou achando a situação divertida. Ele percebeu que precisaria de muito cuidado ao conquistar a confiança da menina.

Afinal, ele não vira ela com alguém na escola e também não era muito de conversar, mas ele não tinha a intenção de desistir assim tão fácil. Valentine tinha lhe causado uma certa curiosidade e ele faria de tudo para tê-la próxima a ele.

Ela é como um diamante bruto que precisava ser lapidado cuidadosamente por mãos hábeis. A garota não facilitaria as coisas para seu lado, no entanto, Harry percebeu a tristeza no seu olhar e ficou ainda mais instigado. Ele precisará de muita paciência.





_____ ≡ _____

*Ali, com apenas a luz da lua os
iluminando, seus olhos pareciam
mais escuros e penetrantes,
mas ainda assim, eram fascinantes.*

_____ ≡ _____

Quando a noite chegou, Valentine sentiu vontade de olhar as estrelas. Todos aqueles pontos brilhantes lhe acalmava por alguns instantes. De imediato, as palavras de sua irmã Amy lhe vieram a mente. Rapidamente, ela se lembrou da estrela que havia escolhido para ser seu pai, quando Amy lhe questionou. Não é como se ela fosse passar a acreditar de uma hora para outra que seu pai havia realmente virado uma estrela. No entanto, a beleza e grandeza do céu, a fez refletir por um longo tempo. Só voltou para a, quando sua madrasta bateu em sua porta e logo entrou em seu quarto. Valentine suspirou pesadamente e virou-se para a mulher.

— Não lhe dei autorização para entrar em meu quarto, Beatrice. — Sua impaciência era visível.

— Tudo bem, me perdoe. Só vim dizer que teremos visitas no jantar. — A doce voz de Beatrice sempre lhe incomodava.

— Eu não quero e não vou participar. — Frustrada, a garota foi se

sentar em sua cama.

— Não é um pedido Valentine, é uma ordem. — Pela primeira vez em muito tempo, Beatrice finalmente tomou coragem para impor limite às pirraças da menina.

— Como se você pudesse mandar em mim. — Valentine ri amarga. — Escute — Ela se aproximou de Beatrice e olhou em seus olhos. — Você nunca teve o direito de mandar em mim e não vai ser agora que terá. — Prosseguiu encarando a mulher sem se intimidar.

— Quero que esteja na sala às 20:00. — Beatrice saiu de seu quarto sem esperar por uma resposta. Frustrada, Valentine jogou uma almofada na porta e gritou com raiva. Parecia que o mundo estava contra ela naquele instante. Nada dava certo em sua vida. Obedecer Beatrice estava fora de cogitação. Aliás, ela nunca fizera isso em toda sua vida. Por que teria que fazer justo agora? A menina sentou no chão de seu quarto e começou a chorar. Ela estava com raiva e tristeza ao mesmo tempo. Mais uma vez, desejou por fim em sua vida. Só assim, todos os seus problemas seriam resolvidos. Foi então que ela levantou rapidamente e tornou a olhar para a janela. Os olhos e sorriso de Amy, logo lhe predominam a mente a impedindo de prosseguir. Ela não poderia fazer aquilo. Não por ela, mas sim por sua irmã. Valentine saiu da janela e sentou em sua cama outra vez. Por breves segundos, ela pensou em obedecer Beatrice e ir até o jantar, mas logo afastou seus pensamentos e pôs um travesseiro em seu rosto. Não de forma que a sufocasse, mas para impedir-lhe de pensar.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando a hora do jantar chegou, Valentine prendeu seu cabelo em um cabo de cavalo e saiu de seu quarto. Por mais que ela odiasse sua madrasta, não poderia fingir que não estava com fome. Então, se tivesse que

engolir pessoas que nunca tinha visto em sua vida por um curto período, que fosse logo. Assim, toda a patética cena se encerraria de uma vez.

— Que bom que você veio. — Beatrice abriu um largo sorriso.

— Não vim por você. — Valentine soltou sem lhe dar importância. O sorriso de Beatrice morreu na mesma hora e logo deu início a seu cansaço interno.

— Logo irão chegar. — Amy cortou o clima tenso com sua típica empolgação de sempre.

— É, pequena? O que temos para o jantar? — Valentine questionou colocando em seu rosto uma máscara que usa diariamente. Agora ela teria que ser a menina feliz disposta a tudo para fazer sua irmã feliz.

— Mamãe fez rolo italiano — Ela sorri e dar vários pulos. Valentine amava quando sua mãe fazia rolo italiano. Mesmo sendo tão jovem quando a mesma se foi, Valentine conseguia se lembrar da harmonia que era ter seus pais reunidos na mesa de jantar. Era sempre uma festa.

— Hum, que delícia! — Sorriu e Beatrice não conseguiu evitar um sorriso por ter acertado em algo dessa vez. Logo, ambas são despertadas pelo barulho melancólico da companhia e Amy correu para atender. Assim que abriu a porta, seus vizinhos lhe recebeu com um harmonioso sorriso. Valentine virou-se para a porta e deu de cara com seu pior pesadelo, mais conhecido como Harry.

— Ah! Era só o que me faltava. — Ela resmungou para si mesma. Beatrice foi até a porta e recebeu seus convidados para o jantar. Harry logo colocou seus olhos em Valentine e sorriu travesso fazendo a mesma fechar a cara.

— Valentine, esses são nossos novos vizinhos, Clair e Matthew e

claro, seu filho, Harry. — Beatrice os apresentou empolgada. Valentine sorriu forçada e cumprimentou o casal a sua frente.

— Já conheci Harry eu já conheci mais cedo. — Ela respondeu sem muito ânimo.

— Estamos na mesma classe. — O menino falou com seu costumeiro sorriso travesso nos lábios.

— Então, já podem fazer companhia um ao outro. — Beatrice responde entusiasmada com a ideia. Os adultos sorriem e Valentine revira os olhos.

— Patético. — Ela resmunga baixo, mas ainda assim, Harry escuta. Não demorou muito e logo Beatrice acomodou todos em sua grande mesa de jantar. Harry fez questão em sentar ao lado de Valentine, que mais uma vez revirou os olhos e permaneceu calada durante todo o jantar.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Quando o jantar finalmente teve fim, Beatrice pediu que Valentine levasse Amy até o quarto. A mesma havia capotado no sofá. Assim que voltou, os adultos mantinham uma conversa animada e Harry apenas observava. A garota sentou um pouco afastada de todos e passou a observar também. Ela só desejava que tudo acabasse logo.

— Valentine, por que não leva Harry para conhecer seu jardim? — Beatrice sugeriu e a menina logo fechou a cara.

— Jardim? Que interessante! Será um enorme prazer! — O rapaz respondeu de imediato. Não muito satisfeita, Valentine caminhou em direção a porta dos fundos.

— Venha comigo. — Respondeu sem vontade. Assim que chegaram no jardim, Harry correu seus olhos pela extensão de diversas flores e se perdeu em tantas que ali estavam. Ele não tinha muito interesse por flores, mas queria poder conversar a sós com Valentine. No entanto, ao se deparar com tantas flores juntas, se impressionou um pouco.

— São bonitas! — Ele comentou com o intuito de puxar assunto. Sem que pudesse evitar, Valentine o olhou. Ali, com apenas a luz da lua os iluminando, seus olhos pareciam mais escuros e penetrantes, mas ainda assim, eram fascinantes. Ela logo se repreendeu por pensar assim, mas não conseguia evitar. Seus fios negros caíam na testa e iam até suas sobancelhas, deixando uma aparência jovial e atraente. Percebendo que estava sendo observado, sorriu discretamente. Valentine disfarçou e olhou para suas flores. Já Harry, decidiu fazer o mesmo que a garota havia feito segundos antes. Observou seu cabelo preso em um rabo de cavalo despojado e segurou o impulso de soltá-lo para ver seu comprimento, e quem sabe tocá-los. Sentir seus cachos entre seus dedos deveria ser a melhor sensação de todas. Assim como ela, se repreendeu por pensar assim e logo afastou seus pensamentos. No entanto, quando a garota virou-se de frente para ele novamente, ele não pôde evitar olhar o formato de seu rosto, seus olhos e até mesmo sua boca. Intrigado, olhou para seus pés e tossiu um pouco. Aquela típica tosse fingida e nervosa.

— Eu sei. — Ela respondeu repentinamente. Por um instante, Harry não soube o que a mesma falava, mas não demorou muito para associar a resposta da garota ao que havia falado antes. O rapaz se aproximou mais das flores e passou a tocá-las incomodando Valentine. Quando o mesmo chegou perto de seus girassóis, ela também o seguiu. Queria assegurar-se de que ele não os tocaria.

— Não toque neles! São especiais! — Respondeu batendo em suas mãos. Quando a menina virou de costas para ele, Harry se apressou em pegar uma rosa se aproximar de Valentine. Ele a abraçou por trás e lhe mostrou a rosa.

— Uma flor, para outra flor. — Valentine revirou os olhos e o empurrou para trás. — Que clichê! — Revirou seus olhos novamente — E, além disso, não preciso que você me dê flores! Tenho muitas outras em todo o jardim, vivas e belas, e essa em suas mãos, logo morrerá. — Respondeu rude e o encarou com desdém.

— Todas as flores morrem! É o ciclo da vida, assim como as pessoas. — O garoto lhe respondeu com um sorriso travesso em seus lábios. Sorriso o qual começara a irritar Valentine.

— Não creio que esse seja um bom assunto — A menina o alertou e olhou para seus pés, na tentativa de esconder seus olhos tristes. — Aliás — Ela voltou a levantar seu rosto. — Você nem deveria estar aqui. — Ela o encarou profundamente e cruzou seus braços.

— Você bem que podia me dar uma oportunidade — O garoto quis provocar lhe olhando com a mesma intensidade.

— Oportunidade para que? — Quis saber, mas, no fundo, ela já sabia o que Harry falava. Ele se aproximou dela outra vez e logo ela pôde sentir o cheiro de seu perfume fazendo-a perder os sentidos.

— Para conquistar sua amizade. — Respondeu com seu rosto bem próximo ao de Valentine. O garoto estava se segurando para não tocar os cachos que insistiam em ficar em seu rosto. Ele achava adorável quando a mesma os prendia atrás da orelha e eles logo voltavam novamente. Valentine pareceu voltar a si após perceber que estava sendo observada demais e

rapidamente se afastou.

— E, porque eu iria querer sua amizade? — Ela questiona olhando para suas unhas. Ela não queria admitir, mas Harry havia conseguido lhe deixar nervosa.

— Ainda seremos bons amigos Valentine, é só questão de tempo! — menino deu a volta no jardim e se calou. Valentine deu graças a Deus por um momento de silêncio. No entanto, Harry logo voltou a falar.

— Por que não gosta de sua madrasta? — Questiona com os braços cruzados.

— Isso não é da sua conta! — Ela fez careta — Espera, como sabe que ela é minha madrasta? — Intrigada, quis saber.

— Quando foi levar sua irmã para o quarto, minha mãe, curiosa do jeito que é, questionou o fato de vocês serem tão diferente dela. Então, sua madrasta explicou. — Harry sorriu travesso. — Já deu para perceber que você não vai muito com a cara dela. — Valentine revirou os olhos. — A propósito, minha mãe lhe achou um pouco antipática. — Dessa vez, a garota fez uma careta feia.

— Problema dela! Ela não tem nada com minha vida. Valentine saiu do jardim e deixou Harry sozinho. Ao chegar na sala, ele estava logo atrás de si e seus pais na porta a sua espera.

— Vamos querido, já está tarde. — Sua mãe o chamou. Harry sorriu travesso para Valentine e seguiu até sua mãe. Seus pais agradeceram a Beatrice pelo jantar e boa recepção. Os adultos marcaram um novo encontro e enfim seguiram para sua casa. Valentine deu graças a Deus e logo ia subindo para seu quarto também.

— Espere. — Beatrice pediu e ela parou no primeiro degrau da escada

e virou para olhar a sua madrasta.

— Gostou do Harry? — A mulher questionou na tentativa de puxar assunto.

— Mal o conheço. — Afirmou — Não tem o que dizer. — Concluiu e virou novamente para seguir seu caminho. Beatrice desistiu e deixou a mesma ir. Ela até poderia insistir, mas de nada adiantaria e ainda poderiam acabar brigando. Ao invés disso, foi para seu quarto e fez suas higienes para enfim ir dormir. Valentine entrou em seu quarto e fez o mesmo agradecendo mentalmente por toda aquela cena estúpida ter acabado logo. O fato de todos estarem ali, reunidos e felizes, incomodou-lhe profundamente. Mais ainda por agora saber que Harry estará sempre em sua casa. O garoto havia conseguido lhe irritar. Ele irá precisar de muita paciência se realmente quiser a amizade dela.



No dia seguinte, Valentine acordou com o despertador tocando mais alto do que de costume e na falha tentativa de desligá-lo, ela o derrubou no chão. Com o impacto, o mesmo desligou por breves segundos e ela agradeceu mentalmente por isso. Sua cabeça explodia e tudo em seu quarto parecia girar. De vagar, ela levantou de sua cama e entrou no banheiro a procura de um remédio na gaveta do mine armário. Assim que o achou, engoliu sem água mesmo, mas assim que o remédio chegou em sua garganta, travou e não quis descer, obrigando a mesma descer e pegar um copo d'água. Com o remédio em seu devido lugar, Valentine retornou para seu quarto e encontrou seu despertador berrando como sempre. Ela o pegou já irritada e tentou desligar, mas na queda, o botão quebrou.

— Droga! Inferno, tinha que quebrar com o alarme ativado? — Ela resmungou. — Quer saber? Não gosto de ti mesmo. — E o jogou pela janela.

Com sorte, o mesmo quebraria ao chegar ao chão e pararia de tocar, mas para sua má sorte, o despertador bateu na janela do quarto de Harry e quebrou o vidro.

— Pelo menos o acordei. — Valentine sorriu e seguiu para seu banheiro sem se preocupar com a janela que havia quebrado. — Já estou até vendo o infeliz me aborrecendo por causa dessa janela. Isso se ele descobrir que fui eu. — A garota resmungou ao entrar no banheiro. Para sua má sorte, o despertador tem seu nome gravado.

— Oh! Droga. — Ela assustou-se ao lembrar desse detalhe. — Ah! Que se dane! A menina continuou seu banho e ignorou o fato de estar ferrada. Ela terá que ouvir muito de sua madrastra depois.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____

*É tão estranho para ele ver a
vulnerabilidade de Valentine,
Sendo que a mesma é tão diferente
Quando todos estão olhando.
Parece até outra pessoa.*

_____ ≡ _____

No momento em que o despertador de Valentine bateu violentamente na janela de Harry, o menino levantou assustado e começou a olhar para todos os lados, pensando que a casa estava sendo assaltada. Ao se dar conta do que se tratava, o garoto levantou de sua cama e pegou o aparelho, agora desativado do chão e o olhou com mais atenção. Na parte de baixo, ele encontrou o nome de Valentine gravado em várias pedras brilhantes e então sorriu travesso.

— Será que ela queria me acordar? — Se questionou — Bom, isso com certeza vai lhe custar a mesada. Harry guardou o despertador cor de rosa em sua mochila e correu para o banheiro. Ele queria se arrumar o mais depressa possível para dar tempo de ainda acompanhar Valentine até a escola. Ele estava tão empolgado com a ideia de ver a menina e lhe questionar sobre o acontecido, que nem mesmo notou quando sua mãe entrara em seu quarto e

em seguida, no seu banheiro.

— Mãe! — Ele reclamou constrangido e, ao mesmo tempo, cobrindo suas partes íntimas.

— Me poupe né, Harry, já vi isso daí muitas vezes. — A mãe respondeu rindo de seu constrangimento.

— Só quando eu era criança. Quer fazer o favor de me esperar lá no quarto, dona Clair?

— Para né, filho. — Ela deu uma pausa. — Eu só quero saber o que foi aquilo em sua janela. — Clair questionou com uma aparência nada boa. Harry pensou na hipótese de contar a verdade, mas logo imaginou que colocaria Valentine em uma tremenda confusão, por isso, decidiu omitir alguns detalhes.

— Quando acordei já estava daquele jeito. — Ele sorriu amarelo. Clair cruzou os braços na altura do peito, e encarou os olhos de Harry.

— E você quer que eu acredite que a Janela se quebrou sozinha, Harry? — O menino riu travesso e a mãe o fulminou com os olhos. — Conte logo o que aconteceu, ou eu não saio deste banheiro — Ela ameaçou ainda de braços cruzados.

— Tá bem! Tá bem! — Ele deu uma pausa e sentiu-se mal por não conseguir encobrir o erro da “amiga”. — Valentine jogou um despertador e quebrou o vidro.

— Como é que é, Harry? Aquela garota antipática fez o quê? — Clair questionou indignada e o fez revirar os olhos pelo grito histérico da mãe. Ele sempre achou isso totalmente desnecessário.

— Ah! Mãe, a senhora entendeu. Agora me deixe tomar banho em

paz! — Pediu. Suas bochechas já estavam vermelhas o suficiente para mais constrangimentos.

— Vou agora mesmo saber o que aconteceu, mocinho. — Clair finalmente saiu do banheiro e ele tomou o banho mais rápido de toda a sua vida para dar tempo de ir ver Valentine e irem juntos para a escola. Ele sabia que tinha metido a garota em confusão, mas o que poderia fazer? Sua mãe não lhe deixaria em paz até que ele contasse a verdade. Assim que ele terminou seu rápido banho, se vestiu, escovou os dentes e deixou o cabelo bagunçado mesmo. Para ele, era estiloso. Calçou seus tênis, pegou a mochila e desceu correndo até o andar de baixo. Antes de sair, pegou uma fruta qualquer, deu bom dia ao pai e enfim saiu de casa. Ao olhar para a casa ao lado, percebeu o tumulto que lá estavam fazendo.

— O que aconteceu, Clair? — Beatrice questionou sem entender a irritação de sua nova vizinha.

— Sua filha é uma trombadinha. — A mulher respondeu irritada. Do quintal, Harry não conseguia ouvir com clareza e até pensou em entrar na casa, mas logo desistiu. Não queria ser envolvido na confusão.

— Amy não é nenhuma trombadinha, Clair! — Beatrice se incomodou com a situação.

— Eu não falo da criança. — Clair olhou em volta a procura de Valentine, mas apenas encontrou os olhos curiosos de Amy. — Falo de Valentine. — Ela concluiu com irritação.

— Ela não é minha mãe! — Valentine respondeu descendo a escada já irritada. — Que seja! Você quebrou a janela do meu filho. — A menina revirou os olhos.

— E daí? Foi sem querer. — Sua voz soou com desdém. — Como

assim e daí, menina? Você não tem juízo, ou sua mãe não lhe deu educação?
— Clair tocou na ferida de Valentine e isso a irritou ainda mais.

— Não ouse falar de minha mãe! Você não tem esse direito! —
Enfurecida com a mulher, a sua frente, Valentine desejou enforcá-la. Antes
que Clair ousasse responder à altura, Beatrice interviu.

— O que aconteceu afinal? — Quis saber. A informação ainda não
tinha entrado em sua mente.

— Essa aí simplesmente arremessou um despertador na janela do meu
filho.

— Como é que é, Valentine? — Beatrice questionou sem entender.
Amy correu e se escondeu embaixo da mesa.

— Eu não devo satisfações às duas! — Valentine ia saindo, mas
Beatrice segurou-lhe pelo braço.

— Você trate de me explicar muito bem essa história, mocinha. —
Beatrice estava séria e não pretendia deixar a conversa para depois.

— Solte meu braço! — Tentou se soltar, mas fora em vão — Está
machucando! — A menina reclamou e Beatrice lhe soltou, mas exigiu
explicação.

— Ande, estou esperando. — Insistiu.

— Foi sem querer. Eu não tinha a intenção de acertar a janela de
Harry. — Ela respondeu com sinceridade — O botão do despertado quebrou
e eu não conseguia desligá-lo. — Ela olhou para Clair. — Foi aí que eu o
joguei pela janela, mas para cair no chão, não na janela do idiota. —
Valentine se explicou com tédio.

— Olha lá como fala do meu filho. — Clair se estressou. — Exijo que

arrumem a janela ainda hoje. — E saiu da casa. Certamente, às duas mulheres não se falariam mais.

— Viu o que você fez, Valentine? — Beatrice estava irritada e acabou falando mais alto do que de costume — Então quer dizer que para resolver seus problemas você sai arremessando coisas nas janelas dos outros?

— Não grite comigo! — Valentine também gritou.

— Você não percebe o quão infantil está sendo, menina? Já está na hora de crescer, Valentine! Não aguento mais essa sua birra desnecessária. — A mulher parecia exausta.

— Estou pouco me importando! Quer saber, Beatrice? — Valentine se aproximou da mulher e mirou seus olhos. Nenhuma das duas notou que Amy estava embaixo da mesa presenciando tudo. — Quero que você morra! Morra, Beatrice! — Assim que terminou de jogar as palavras em sua madrastra, a garota saiu batendo a porta. Antes de se virar e dar de cara com Harry, a menina chutou e socou a porta várias vezes e começou a chorar de raiva. O garoto decidiu não se aproximar.

— Droga, droga, droga! — A menina soltou repetidas vezes à medida que ia despejando toda sua frustração na porta. Pouco tempo depois, decidiu parar e respirou fundo. Quando enfim virou, Harry estava observando.

— Está muito encrencada? — Ele questiona a uma certa distância.

— Não é da sua conta, idiota! — Ela passa por ele e segue para a escola. Harry corre para acompanhá-la e anda ao seu lado sem lhe dirigir a palavra. Ele notou que não adiantaria de nada tentar falar com ela. Se quando não está irritada, já o trata mal, imagina estando.



Quando as aulas se encerraram naquele dia, Harry tentou mais uma vez conversar com Valentine sobre o ocorrido.

— Olha, eu até tentei não contar à minha mãe sobre o despertador, mas ela não saía do banheiro, e eu estava cheio de vergonha

— Garoto — Valentine lhe interrompeu. — Eu não estou nem um pouco interessada em sua vida. Agora me deixe em paz. — Ela passou por ele e caminhou para a saída da escola. Harry, mais uma vez quis acompanhar seu ritmo, mas parecia que estava cada dia mais difícil se aproximar de Valentine.

— Tudo bem, não falo mais do despertador de criança que você jogou em minha janela. — Harry provocou quando já estava ao seu lado. Ele parece gostar do perigo.

— Se me dirigir a palavra outra vez, lhe faço engolir esse livro. — A garota apontou o livro que está em suas mãos. Harry se assusta e por alguns segundos, se mantém em silêncio.

— Se queria me acordar, por que não foi até em casa? Seria bem mais educado! — Ele voltou a provocar.

— Você é idiota ou só se finge? Já não disse que não quero conversar? Tem demência ou o quê? — Valentine questionou parada bem à sua frente. Harry acabou com o espaço entre eles e falou bem próximo a ela:

— É legal te irritar! — E sorriu travesso. Tanta proximidade, fez Valentine perder a concentração, mas logo se afastou e voltou ao seu normal.

— Torne a me irritar e arranco-lhe as bolas. — Ameaçou e seguiu seu caminho até sua casa. Harry não tornou a lhe irritar. Apenas seguiu andando um pouco atrás dela. Em todo o tempo, o menino mantinha um sorriso travesso nos lábios. Ele não sabia explicar, mais por algum motivo,

queria muito a amizade de Valentine. Ele não estava disposto a desistir assim tão fácil.



Sentada em seu jardim, Valentine observa cada flor com bastante atenção, mas a que mais lhe chama atenção, são os girassóis, por lembrar boa parte de sua infância com John. Ela amava quando o amigo lhe presenteava com os girassóis. Com as lembranças fortes em sua cabeça, Valentine se emociona e pega um dos diversos vasos de girassóis á sua frente. De seu quarto, Harry observa quando Valentine cheira a flor e depois sorri. Ele acha o sorriso dela bonito e se questiona por ela ser como é na frente de todos e sozinha ser tão vulnerável. Ele permanece apenas observando e a menina não percebe.

Ela, que até então estava sentada, deita e observa o céu azul. O dia está tão lindo que ela até se emociona. Logo, as lembranças de seus pais lhe veem a mente e ela chora como criança. De longe, Harry observa com vontade de ir até ela e consolá-la, mas certamente voltariam a brigar. Ele se conteve e continuou a apenas observar. É tão estranho para ele ver a vulnerabilidade de Valentine, sendo que a mesma é tão diferente quando todos estão olhando. Parece até outra pessoa. Ela finalmente olha para o lado e percebe que Harry a observa com atenção. Na mesma hora, ela levanta e limpa seu rosto com certa urgência e corre para dentro de casa.

— Droga de menino enxerido! — Ela pragueja enquanto sobe a escada e vai direto para o seu quarto.



No início da noite, Beatrice chega em casa exausta e senta no estofado pequeno ao lado da janela.

— Ainda está triste, mamãe? — Amy questiona ao se lembrar que viu a mãe chorar quando Valentine desejou sua morte. A mulher segura a pequena mão de Amy e sorri fraco.

— Só estou cansada, meu amor. — Ela responde. Em parte, é verdade, em outra, é totalmente mentira. Em seu olhar há tristeza.

— Tine te fez chorar mamãe. Ela foi má com você. — A pequena conclui triste.

— Valentine tem dodói no coração, amor. Ela não faz por mal. — Beatrice tenta reverter a situação.

— Quando ela vai melhorar? — Ela questiona na inocência.

— Não sei, querida. Queria que fosse logo acredito que vai demorar. — Beatrice não consegue esconder a tristeza.

— Estou brava com ela. — A pequena diz de repente. — Não fique, meu anjo. Ela precisa de você para melhorar mais rápido.

— Você é minha mamãe, precisa muito mais de mim do que ela. — Beatrice se entristece por ver tristeza nos olhos da pequena. Pelo visto, até ela se magoou com o comportamento de Valentine.

— Um dia você irá entender, meu amor. — Beatrice pegou Amy em seu colo e a abraçou. Valentine desce e observa a cena.

— Não sabia que já tinha chegado. — Revirou os olhos para a mulher — Vem me dar um abraço, Amy. — A menina pede ignorando a madrasta. Amy ignora e se aconchega mais no colo da mãe e ela entranha o comportamento da irmã e insiste em chamá-la. — Você não me ouviu chamar, meu amor? Estou com saudades de te abraçar. — Ela pergunta com nó na garganta, pois percebe que a menina a ignora completamente.

— Ela está cansada, Valentine. Amanhã vocês conversam melhor. — Beatrice intervém preocupada. Ela não imaginou que Amy realmente fosse levar a sério o que tinha falado.

— Aposto como você colocou ela contra mim! — Valentine acusa a madrasta com raiva.

— Mamãe não fez nada! Você que fez! — Amy responde. Valentine sente um aperto em seu coração por ver que Amy está com raiva dela.

— Eu não fiz nada, Amy. — Ela responde com a voz mais tranquila, para não assustar a menina. — Fez a mamãe chorar, e agora eu não quero falar com você! Vai embora! — Amy torna a esconder o rosto no peito da mãe. Valentine não consegue evitar uma lágrima e sobe correndo sem nem olhar para trás. Beatrice teme o pior.



Capítulo 9



_____ ≡ _____
*É flor que sabe sorrir. É quem sabe
Achar o sol em tempos nublados
Demais. É saber que dias bons
Não somem nem se perdem, só
se escondem vez ou outra.*

_____ ≡ _____
Ao chegar em seu quarto, Valentine se apressou em trancar e desejar toda sua raiva e frustração. O fato de Amy tê-la ignorado a deixou magoada, pois a irmã é tudo o que ela tem. Abalada, a garota caminhou até a sua janela e pulou para o telhado. Ela precisava ser acalmar e olhar as estrelas lhe pareceu uma ótima ideia, já que da última vez havia funcionado.

Do telhado, ela conseguia ver a pouca movimentação da rua e também a janela do quarto de Harry, que para sua infelicidade, se encontra aberta. Ela ignorou essa parte e olhou para baixo. Várias vezes esteve naquele mesmo lugar e se viu tentada a pular, mas prometeu que não faria isso por sua irmã. No entanto, agora que a relação das irmãs está abalada, Valentine voltou a reconsiderar a ideia.

Era uma altura considerável e poderia matá-la. Talvez assim, toda a

dor que sente pudesse finalmente acabar. Ela daria um fim a uma vida de angústia e sofrimento interno, mas, a que custo?

— Certo, é só eu me jogar e tudo estará acabado. — Valentine tornou a olhar para frente ao ter certeza de que, dessa vez, não teria nenhum impedimento. Por fração de segundos, curvou seu corpo para a frente e se preparou para o impacto.

— O que está fazendo aí Valen? — Harry questionou e a assustou por aparecer tão subitamente na janela de seu quarto.

— Não é da sua conta, Harry. Me deixe em paz, ok? — Valentine o olhou nervosa e esperou que ele entrasse para que assim ela pudesse concluir seu plano, mas ele não o fez.

— Pretende fazer o que estou pensando? — Harry questiona com seus olhos vidrados em Valentine. O medo começou a lhe perturbar a mente. De qualquer forma, ele lhe impediria.

— Como se eu pudesse ler mentes — Ela deu uma pausa para olhá-lo — Me faz um favor? Entre para o seu quarto e me deixe sozinha — Harry notara o tom agudo que a voz de Valentine emitia. Ela está com tanto medo quanto ele. Antes, ela tinha a certeza de que pularia, mas com ele ali, não conseguiria.

Não com seus olhos intimidadores lhe observando a todo momento. Harry notou que era um daqueles momentos em que Valentine se encontrara vulnerável. Não era mais aquela garota durona e marrenta de sempre. Havia algo estampado em seus olhos que fazia seu coração doer. Havia medo, mágoa e ressentimentos em seus olhos. Naquele instante, Harry se inclinou e também foi para o telhado.

— O que está fazendo? — Valentine questionou ao ver Harry

caminhando até seu telhado. Devido às casas serem coladas uma na outra, o garoto facilmente conseguiu pular de um telhado para o outro sem que se machucasse e logo chegou ao lado de Valentine.

— Vou te ajudar a voltar para o quarto — Ele disse com um sorriso simples nos lábios.

— Não preciso de sua ajuda, Harry! Vá embora! — Devido às circunstâncias, Valentine não conseguiu evitar chorar. Harry lhe observou ficar cada vez mais vulnerável e então se preocupou.

— Vem, vamos entrar! — Insistiu e segurou em sua mão. Quando seus dedos se tocaram, ele pôde sentir o quão gelada a garota estava. — Está frio aqui fora. — Ele concluiu segurando firme em sua mão. Este pequeno ato a fez estremecer.

— Estou bem aqui. Não preciso que você me diga o que fazer — Despejou as palavras sem se importar se fossem ou não magoar. Ela só queria que o menino que fosse embora.

— Não vou embora até que você entre! — Harry falou tão sério que Valentine até se admirou. Ele nunca fora tão sério em sua presença.

— E quem você pensa que é para me dar ordens? — Valentine começará a se irritar e não entregaria os pontos assim tão fácil.

— Estou pedindo que entre, está frio Valentine — Harry abraçou o próprio corpo.

— Não lhe chamei aqui — Ela respondeu com desdém.

— Não seja tola e entre — Ele insistiu em um tom mais sério.

— Ou o quê? — Ela provocou.

— Serei obrigado a chamar sua madrasta, e as coisas irão começar a

se complicar para o seu lado. — Harry manteve uma expressão séria e rígida durante todo o tempo em que Valentine o olhou até se dar por vencida e pular a janela de volta para o seu quarto. Ele apenas sorriu satisfeito e também entrou no quarto travando a janela logo em seguida.

Valentine não protestou, apenas sentou em sua cama e abraçou os joelhos. Harry apenas observou quando a menina começou a chorar baixinho. De vagar e meio receoso, ele se aproximou e sentou ao seu lado na cama e começou a mexer em seus cachos de forma carinhosa. Quase fazendo um cafuné. Ela não se mexeu.

— Se você quiser, pode me contar o que aconteceu. — Harry encorajou. Valentine levantou a cabeça e o olhou por alguns segundos.

— Minha vida é uma droga! — Ela assumiu chorando um pouco mais alto e tentando esconder o rosto do menino curioso a sua frente.

— Não acredito que seja uma droga. Você tem uma irmã que te ama, uma grande mulher que cuida de você, uma casa onde morar. Não é uma droga, Valen. Veja o tanto de coisas que você tem. — Ele sorriu.

— O que você sabe sobre mim, Harry? — Ela esperou por sua resposta antes de concluir. — Isso mesmo, nada. Você não sabe nada sobre mim, Harry. Então não venha me dar lição de moral.

— Se você me desse tempo para falar, eu teria respondido — Ele fez uma pausa — Sei que você perdeu seus pais e sei que não gosta de sua madrasta. Agora, eu não entendo o porquê de tanto ódio e rancor. — o garoto olhou no fundo, de seus olhos castanhos e esperou por uma resposta que não fosse patada. Valentine riu amarga e o encarou por alguns segundos até formar uma resposta plausível.

— Ela roubou o lugar que era da minha mãe. Depois ela roubou o

lugar que era meu, e por último ela roubou o carinho do meu pai. — engoliu o nó em sua garganta e forçou um sorriso amargo para Harry. — O que mais você espera que eu faça? Que eu a ame?

— Não acredito que ela tenha feito tudo isso. Você está vendo as coisas por um ângulo diferente e arrumando desculpas para alimentar toda essa mágoa aí dentro. — Ele apontou o dedo para o seu coração.

— Vejo tudo como é, Harry, e tem mais — Valentine olhou para baixo — Ela me tirou o único amor e motivo de ainda viver. Ela tirou minha irmã de mim. — E mais uma vez as lágrimas saíram descontroladas e ela escondeu o rosto para que Harry não a visse nesta terrível situação.

— Do que está falando? — Harry tentou buscar sua atenção novamente.

— Ela colocou Amy contra mim.

— Me conte o que aconteceu. — Harry segurou em suas mãos bem firme e passou a lhe fazer carinho com seus polegares.

— Eu acredito que Amy deve ter ouvido minha briga com a Beatrice e agora está com raiva de mim por ter feito a mãe dela chorar. — A garota o olhou e buscou refúgio em seus olhos. Pela primeira vez, ela só desejou um abraço seu, nada mais.

— Não fique assim, Valen. Tudo vai ficar bem outra vez. — Harry tentou convencer.

— Harry... — sussurrou com receio e o garoto a enrolou a terminar — Você poderia me dar um abraço? — Seus olhos estavam em seus pés e suas bochechas ficaram vermelhas. Se não fosse pela escuridão do quarto, o garoto teria visto o rubor em sua bochecha. Harry ficou surpreso, mas logo fez o que a menina pedira. A abraçou forte enquanto mexia em seu longo

cabelo cacheado. Valentine aproveitou o momento e chorou até que não restasse mais lágrimas. Chorou por John, chorou por seus pais e chorou por Amy. Ela sentia que tudo estava desmoronando.

Longos minutos depois, seu choro finalmente cessou e ela permaneceu quieta no abraço reconfortante de Harry. Era tudo o que ela estava precisando, um abraço. Valentine não conseguiu evitar sentir o cheiro do perfume de Harry. Era um cheiro muito agradável. O garoto, por sua vez, se afastou um pouco de Valentine e a olhou por alguns instantes. Poucas lágrimas ainda permaneciam em seus olhos e o garoto limpou com seu dedo polegar.

Os dois estão tão próximos que ambas as respirações se misturam. Harry observa cada traço no rosto de Valentine e tenta decorá-los. No quarto, a única iluminação vem da lua através da janela. Ainda assim, Harry conseguia vê-la perfeitamente.

Parecendo não se conformar em apenas olhar, seus dedos passeiam pelo rosto de Valentine e quando ele se aproxima um pouco mais, ela parece despertar e abaixa a cabeça. Harry se afasta um pouco e os dois permanecem calados e constrangidos.

— Acho melhor eu ir dormir. — Ela respondeu sem levantar o olhar.

— Vou ficar até que você durma — Harry respondeu determinado. Ele queria garantir que ela ficaria em segurança. Valentine deitou em sua cama e Harry ajudou a se cobrir e, em seguida, se manteve um pouco distante apenas a observando. Quando Valentine enfim pegou no sono, ele observou mais de perto e sorriu ao ver que seu cabelo quase cobria o rosto de tão cheio que é.

— Tão linda. — Ele disse baixinho. — E tão marrenta — Harry sorri

com seu próprio comentário. Ele a observa por mais um tempo e por fim beija sua bochecha para enfim sair de seu quarto. Ele destrava a janela com bastante cuidado para não fazer barulho e sai de vagar do quarto fechando a mesma em seguida. Ao chegar em seu quarto, sua mãe está parada de braços cruzados.

— Onde você estava, Harry? — Sua mãe questionou irritada.

— Na casa da Valentine, mãe — Ele sempre aprendera que falar a verdade era a melhor opção.

— Por que não a porta, menino? Você perdeu o juízo? — Harry pensou que a mãe fosse brigar por ele ter ido ver Valentine, mas pelo visto, ela nem se importou com este detalhe.

— Tomei cuidado, mãe. Estou bem. — Ele disse por fim e foi até o seu banheiro para escovar os dentes.

— Da próxima vez que usar o telhado como meio de saída, vai ficar um mês sem mesada.

— Tudo bem, mãe. Usarei a porta. — Harry terminou o que tinha ido fazer no banheiro e voltou para o seu quarto.

— E como está sua amiga? — Harry precisou olhar para sua mãe e ter certeza de que ela estava mesmo perguntando sobre Valentine.

— Ela está bem. — Afirmou confuso — Pensei que não gostasse dela. — Harry concluiu sorrindo travesso.

— No meu coração não há lugar para mágoas e ressentimentos, Harry. Na vida, temos que valorizar as coisas boas. Não há tempo para cultivar sentimentos ruins. — Harry concordou sorrindo e se deitou. Sua mãe ajudou com a coberta e deu um beijo em sua testa. — Boa noite, querido.

— Boa noite, mãe. — E por fim saiu de seu quarto. Harry processou as últimas informações em sua mente e fechou os olhos para dormir. O dia tinha sido bem exaustivo e cheio de surpresas. Ele finalmente conseguiu se aproximar de Valentine e ainda lhe deu um abraço.

A questão era: ela continuaria a dar uma chance para iniciarem uma amizade ou aquele teria sido só um momento de fraqueza? Ele desejou que não. De qualquer forma, ele aprendeu com sua mãe a dar um passo de cada vez. Por fim ele se lembrou do quase beijo que tiveram. Na verdade, ele não sabia muito bem o que estava fazendo, não tinha controle do seu corpo. Mais um pouco e os dois teriam se beijado. Como seria depois? Certamente Valentine iria ignorá-lo para o resto da vida.

Onde ele estava com a cabeça para se aproximar daquela maneira? Como pôde deixar que um momento falasse mais alto que a razão? Sempre que está perto de Valentine, Harry perde a razão. Ele havia começado a se apaixonar.

— O que você está fazendo comigo, Valen? — Ele sussurrou quase sendo vencido pelo sono e cansaço. — Ainda vamos ser grandes amigos! — Ele sorriu com tal pensamento. Ele sabia que uma barreira havia sido quebrada. A questão era: quantas outras ele teria que quebrar para chegar no coração de Valentine?



No dia seguinte, Valentine sentiu os primeiros raios de sol invadir seu quarto e incomodar seu rosto. Ao abrir seus olhos, notara que havia se esquecido de fechar a cortina de sua janela.

Ao se recordar da noite anterior, sorriu ao imaginar Harry em seu quarto a esperando dormir. Ela não queria admitir, mas o menino estava, aos

poucos, lhe conquistando.

Como um pesadelo, os “flashes” da briga com Beatrice voltou a sua mente. Não que ela esteja se sentindo culpada, pelo contrário, ela não se arrepende de tudo o que dissera. Ela só se lembrou que sua irmã não a quer mais por perto, e ao se lembrar de suas palavras na noite anterior, seu estômago se revirou e na mesma hora, sentiu um nó em sua garganta, acompanhado de um aperto em seu coração. Como a irmã poderia ter raiva dela, se ela só continua vivendo por ela? Em sua cabeça, não parece justo. Todavia, Amy é apenas uma criança. E na idade dela, crianças não tem consciência do justo do injusto. Amy só sentiu em seu coração, a vontade de proteger a mãe.

Batidas em sua porta logo lhe fizera despertar de seus devaneios. Beatrice batia em sua porta e dizia que iria se atrasar, caso não se levantasse logo. Ela apenas ignorou, levantou de sua cama e fechou a cortina para apenas voltar para sua cama e dormir novamente. Ela decidiu que não iria à escola.

Poucos minutos depois, Beatrice notara a demora de Valentine para descer e resolveu subir e insistir novamente, mas nada escutou.

— Acho que ela não vai à escola hoje, mamãe. — Amy apareceu subitamente.

— É, você tem razão. Ela deve estar cansada. — Beatrice sugeriu ao ver a careta que Amy fazia.

— Ela deve estar chateada... Mas mamãe, eu só quis lhe proteger. — Amy respondeu com seu jeito meigo e inocente de sempre.

— Não se preocupe com isso, meu amor — Beatrice apertou seu nariz. — O tempo cura todos os males.

— Tine é má, mamãe? — A pequena questionou com uma expressão confusa.

— Oh! Não foi isso que a mamãe quis dizer, meu anjo. — A mulher pegou a menina no colo para que pudessem descer novamente. — Eu me refiro a doença que sua irmã tem no coração. O tempo há de curá-la.

— Não seria melhor chamar um médico, mamãe? — A pequena questionou de modo inocente.

— Um médico talvez possa ajudar também. — Beatrice pensou na possibilidade de levar Valentine em um psicólogo novamente — Só que agora não é hora para tantas perguntas, sua danadinha. Estamos atrasadas. — Amy sorriu e então correu para poder escovar os dentes.



Ao chegar na escola, Harry notou que Valentine não estava em nenhum lugar. Quando já estava pronto para ir à escola, até decidiu esperar por ela, mas a mesma demorou e ele imaginou que ela já tivesse ido. No entanto, ao chegar na classe, notara que havia se enganado. Ela não iria aparecer na escola.

No fim das aulas, ele correu para poder chegar em casa logo. Estava preocupado com ela e queria ir ver como ela estava. Assim que chegou em seu quarto, notou o pequeno despertador, cor de rosa em cima de seu criado mudo e então resolveu consertar antes de ir vê-la.

No momento em que Harry terminou seu almoço, escovou os dentes e correu para arrumar o objeto causador de problemas.

Assim que terminou, sorriu ao ver que ficara melhor do que ele esperava. Esperançoso, correu em direção a casa de Valentine.

A garota, por sua vez, havia acabado de se levantar naquele mesmo instante e caminhava a passos curtos até seu banheiro. Não que ela quisesse se levantar, ela só o fez por mera obrigação.

Após terminar sua higiene matinal, Valentine desceu até a sala e então pôde ouvir a companhia tocar.

— Inferno, quem perturba há uma hora dessas? — Ela resmungou ao caminhar até a porta e olhar pelo olho mágico. Ao ver Harry e um embrulho em suas mãos, não evitou sorrir. Ela até pensou em não atender, mas queria saber até onde iria sua perseverança em conquistar sua amizade. Ao abrir a porta, Harry sorriu travesso e logo foi entrando.

— Hey, eu não disse que você poderia entrar — Valentine resmungou.

— Se não quisesse, não teria aberto a porta — Ele intensificou seu sorriso — Sei que me viu pelo olho mágico.

— O que quer aqui? — Ela questionou ao fechar a porta e caminhar até o sofá para se sentar.

— Não vai me convidar para sentar? — Ele questionou travesso.

— Eu não. Nem lhe convidei para vir aqui. — Valentine respondeu sem expressão. Ela jamais iria admitir que gostara da companhia de Harry na noite anterior.

— Então eu mesmo me sento. — E sentou ao lado de Valentine no sofá de dois lugares.

— Folgado — Revirou os olhos.

— Por que não foi a escola hoje? — Ele questionou agora próximo a ela.

— Não estava com vontade de ir. — Ela respondeu sem olhá-lo.

— Trouxe isso. — Entregou o embrulho e na mesma hora, ela o abriu curiosa. Ao se deparar com seu despertador, não controlou a vontade de revirar os olhos.

— Poderia ter jogado fora. Eu não gosto dele. — Ela falou ao colocar o objeto na estante ao seu lado e voltar sua atenção para o menino.

— Por isso jogou em minha janela? — Harry provocou.

— Eu não o joguei na sua janela, Harry. Ele simplesmente bateu lá. — E revirou os olhos. Harry começara a achar divertido a maneira como conseguia irritá-la facilmente.

— Hmm, sei. — Sorriu travesso

— De qualquer forma, obrigada pela intenção. — Pela primeira vez, Harry, ficara surpreso ao ver Valentine

Agradecendo por algo. Sem contar a maneira menos grosseira a qual ela o estava tratando. Definitivamente não era a mesma Valentine que conhecera.

— Você fica me devendo uma — Piscou e sorriu de canto. Valentine desviou sua atenção para outro lugar que não fosse seus olhos.

— Já almoçou? — Ele questionou para quebrar o silêncio que se instalara entre os dois.

— Nem ao menos tomei café da manhã — O respondeu sem olhá-lo.

— Devia comer alguma coisa. — Sugeriu.

— Não estou com fome — Ela olhou para um quadro onde tinha uma fotografia dela com o pai, Amy e Beatrice. Ambos tinham um sorriso alegre

no rosto. Quer dizer, menos Valentine. Em seu coração, uma tristeza se instalou. Tudo o que havia lhe restado foi o jardim e sua irmã. Mas agora, somente seu jardim.

— No que está pensando? — Harry questionou quebrando o silêncio novamente.

— Em nada de agradável — Ela deu uma pausa. Por mais que ela quisesse se abrir com ele, sentia que ainda não era o momento. — O que acha de irmos até o jardim?

— Por mim, tudo bem. — Sorriu simples e a acompanhou até o local. Valentine levou consigo um lençol e duas almofadas para que os dois pudessem deitar e relaxar um pouco.

Ao terminar de arrumar tudo, ela se deitou e indicou o lugar ao seu lado para que Harry pudesse se deitar também. Ele estava achando aquilo tudo muito novo. Até um dia atrás, Valentine nem mesmo o queria por perto e agora se tornara tão vulnerável ao seu lado. Não é como se ele não gostasse disso, pelo contrário, ele até acha bom. Mas não está acostumado a ser tratado bem pela garota.

— No que está pensando? — Foi a vez de Valentine questionar ao notar que Harry havia se calado.

— Em nada — Ele a olhou e viu rastros de tristeza. — E você? No que tanto pensa?

— Em como você parece um idiota ao tentar desvendar no que penso — Ela sorriu. Um sorriso simples e pequeno, mas ainda assim, um sorriso. Harry o achou tão bonito, que até gravou cada detalhe em sua memória para que não pudesse esquecê-lo.

— Você fica bem quando sorri, deveria fazer isso mais vezes —

Harry não conseguia tirar seu olhar de Valentine um só segundo. E ela, desconcertada, levantou-se inesperadamente e passou a observar todo o jardim. Um elogio assim não era comum para ela. Somente quando era criança e John dizia tais coisas. Seu coração se apertou subitamente e a fez pegar um vaso pequeno com um girassol e cheirar inalando seu perfume, como se quisesse se lembrar do passado com mais clareza.

— Você está bem? — Harry questionou ao notar a mudança de humor da menina. Nesta altura, ele também havia se sentado.

— Só estou memorizando. — Ela respondeu ainda de olhos fechados.

— O que exatamente? — Questionou olhando para seu rosto calmo e um tanto triste.

— As lembranças, Harry — Ela então abriu os olhos e Harry viu uma lágrima nascer — São muitas.

— Talvez devesse guardar todas essas lembranças em uma caixa e só abrir quando tivesse certeza que não fosse lhe ferir. — O menino respondeu e tocou em sua mão livre.

— Sempre irão ferir, de um jeito ou de outro, sempre irei lembrar. — Valentine sorriu e apertou um pouco a mão de Harry.

— Então faça delas algo bom. — Ele sorriu simples.

— Harry? — Ela o olhou com outras lágrimas nascendo.

— Diga, Valen — Sorriu simples.

— Por favor, me abrace — Pediu com a voz embargada pelo início de choro. Harry obedeceu e abraçou seu corpo pequeno.

— Você sabe qual é o significado deles? — Harry questionou sem desfazer o abraço. Enquanto Valentine chora em seu ombro, ele mexe em

seus cachos volumosos outra vez.

— Do que exatamente? — Valentine questionou ainda abraçada a ele.

— Dos girassóis, Valen. Sabe o significado? — Valentine não conseguiu responder devido aos soluços então apenas balançou a cabeça indicando que não.

— É flor que sabe sorrir. É quem sabe achar o sol em tempos nublados demais. É saber que dias bons não somem nem se perdem, só se escondem vez ou outra. — Harry citou a frase que ouvirá antes e Valentine sorriu ao se lembrar do motivo pelo qual John lhe deu um vaso com um m girassol de presente em seu aniversário. Pelos seus sorrisos radiantes e alegria contagiante. Mesmo carregando uma tristeza no coração, naquela época, Valentine ainda sabia sorrir.

— É lindo, Harry. — Valentine soltou do abraço e o olhou atenta. — Me faz lembrar de coisas boas.

— Isso é um ponto positivo. — Harry sorriu.

— Você pode ser bem gentil quando quer. — Valentine sorri simples.

— Ainda verei seu sorriso de verdade. — Harry sorriu travesso. Valentine se calou e por breves segundos, ambos permaneceram apenas se olhando. Harry segurou em suas mãos e se aproximou de Valentine lhe deixando nervosa. Ele sorriu ao perceber isso e deu um beijo em sua testa. Valentine suspirou aliviada e Harry sorriu travesso.

— Obrigada por está aqui, Harry. — Valentine o beijou na bochecha e o abraçou em seguida. Harry estava amando tudo aquilo. Para ele, era tudo uma grande novidade. Afinal, quem iria imaginar que Valentine lhe daria uma chance de serem amigos? Na cabeça de Harry, só em sonhos isso aconteceria.

— Amigos? — Ele questionou sorrindo como nunca.

— Amigos! — Valentine sorriu simples. Ao menos e um sorriso sincero. Há muito tempo ela não sorria assim.

— Nunca pensei que esse dia chegaria. — Ele sorriu brincalhão.

— Deixe de ser bobo! — Ela deu um tapa em seu ombro.

— Ai, agressiva! — Provocou.

— Quem manda ser idiota? — Ela riu. Finalmente uma gargalhada. Simples, porém uma. Harry se animou ainda mais por ter conseguido mudar o jeito marrento de Valentine. Eles estavam tão felizes juntos, que nem ao menos notaram a hora passar.

— Já está tarde. Logo Beatrice chega. — Valentine logo mudou de humor.

— Ah! Não! Onde está o sorriso? — Pediu de modo brincalhão.

— Ele vai se esconder por algumas horas. — Ela respondeu sem expressão. E o seu humor característico estava voltando. Foi só ela lembrar da madrasta e tudo mudou. Harry decidiu não forçar a barra. Afinal, ela havia evoluído bastante. Juntos, eles dobraram o lençol e levaram tudo para dentro da casa e esperaram Beatrice e Amy chegarem.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____

*Porque saudade é só uma
lembrança bonita, pedindo
pra acontecer outra vez.*

_____ ≡ _____

Quando Beatrice chegou em casa com Amy, Harry disse que precisava ir para casa porque sua mãe logo chegaria.

— Você já jantou? — Beatrice questionou já preparada para uma grosseria da menina.

— Não estou com fome! — Valentine respondeu resolvendo ocultar a parte de que não comeu nada o dia inteiro. Ao menos não mentiu, ela realmente não sente fome.

— E não vai comer ao menos um sanduíche? — Insistiu.

— Talvez mais tarde, agora eu irei subir. — Sem dar tempo para Beatrice responder, ou se quer fazer outra pergunta, Valentine subiu as escadas correndo e se trancou em seu quarto. Intrigada, Beatrice agradeceu mentalmente por não terem tido uma briga e seguiu com Amy para o banheiro.

— Está com fome? — Sua mãe perguntou.

— Sim mamãe, muita. — Amy sorriu fraco. — Estou triste porque Tine parece triste. — Você também notou? — Beatrice enxugou as pequenas mãos de Amy e tornou a repetir o processo, só que agora com suas mãos.

— Ela deve ter brigado com aquele garoto. — Amy sugeriu enquanto mexia no pote de sabonetes.

— Sim, talvez meu amor. — A mulher pendurou a toalha no gancho — Acredito que ela sente sua falta!

— Podemos comer um sanduíche bem grandão? — Amy mudara de assunto tão facilmente que Beatrice até se assustou com tamanha inteligência.

— E você por acaso daria conta de um sanduíche desse tamanho, mocinha? — indagou enquanto caminhavam de volta para a cozinha.

— Claro que sim! Como tudo! — A pequena riu e Beatrice não se conteve. As duas prepararam os lanches juntas e comeram em meio as perguntas e palhaçadas de Amy.

Enquanto isso, Valentine revirava sua gaveta a procura de um pequeno chaveiro para dar a Harry no dia seguinte. Ela se sentiu agradecida por ele ter consertado o despertador que seu pai lhe dera aos 10 anos e precisava retribuir de alguma forma. Mesmo ela não admitindo, o despertador era uma forma de ter o pai por perto, como uma lembrança feliz. E querendo ou não, Harry ajudou a manter viva uma de suas melhores lembranças. Quando a saudade aperta, é nas boas lembranças que ela tenta se apegar.

— Onde foi que eu o coloquei? — Resmungou enquanto mexia nos objetos de sua penteadeira e nada do objeto em questão. — Droga de chaveiro que não aparece. — Em meio ao seu estresse, Valentine começou a se sentir mal e fraca por não ter comido nada, e antes que caísse por fraqueza, decidiu abandonar a busca e ir descer para comer um sanduíche. Para sua

sorte, a madrasta e Amy já tinham terminado e subido.

Devido a sua fome ter aumentado absurdamente, Valentine correu para preparar um sanduíche e comer enquanto processava onde foi que deixou o chaveiro em formato de carro. Enquanto comia, Valentine olhou para a estante da sala e viu seu despertador brilhar no escuro e não conseguiu evitar sorrir ao se lembrar de Harry. Ela tinha que admitir, o garoto havia mexido com ela.

Logo ela se levantou da bancada e foi até a sala buscar seu despertador para levar de volta ao quarto, e como se fosse mágica, se lembrou que havia colocado o chaveiro na gaveta da estante, e realmente o encontrou lá. Feliz, terminou de comer seu sanduíche, limpou sua pequena bagunça e subiu correndo para seu quarto. Ela precisava de um longo, quente e relaxante banho. Ao menos tivera um dia bom ao lado de Harry. Não se sentiu tão sozinha e pôde contar com o abraço e conforto do garoto que em tão pouco tempo, havia se tornado seu amigo, e olha que ela cuidou para que ele sempre estivesse o mais longe possível, mas quem não se encanta com o carisma do garoto?



No dia seguinte, o despertador de Valentine voltou a tocar a acordando de imediato. Ela olhou para o objeto ao seu lado e viu que o mesmo estava marcando 6:00 da manhã. Ela até tentou se lembrar se havia o ativado, mas sorriu ao constatar de que tinha sido Harry.

Com uma animação que não tinha há dias, a menina levantou de sua cama e foi para o banheiro tomar um banho e enfim acordar. Ela não queria admitir, mas estava muito ansiosa para ver Harry e lhe entregar o chaveiro para agradecimento. Mais uma vez, um sorriso lhe escapou do rosto e se apressou no banho.

No andar de baixo, Beatrice prepara o café da manhã, assim como faz todos os dias. Ao se lembrar que teria outra consulta para ir, se preocupou por não poder buscar Amy na escola no fim da tarde. Ela precisará da ajuda de Valentine, mas, falar com a garota sem que brigassem seria uma tarefa e tanto. Ainda mais agora que Amy está chateada com Valentine. Beatrice resolveu ignorar tal situação e somente contar para Valentine, na hora do almoço. Beatrice sai de seus devaneios com Amy descendo a escada correndo.

— Já não disse para você não descer correndo, Amy? — A mulher indagou um pouco irritada.

— Desculpe mamãe, queria chegar mais rápido. — Amy respondeu cabisbaixa.

— Que isso não se repita! — Ela respondeu ainda brava por seu comportamento, e isso fez Amy permanecer de cabeça baixa. Quando Beatrice foi se aproximar da menina para lhe abraçar e dizer que fez aquilo para o seu bem, um mal-estar lhe impediu se prosseguir.

— O que foi, mamãe? — Amy questionou preocupada enquanto Valentine descia a escada com um sorriso simples.

— Não foi nada, meu amor, estou bem. — Beatrice se recompôs e continuou a preparar o café da manhã.

— Estou saindo. — Valentine respondeu sem dirigir o olhar para Beatrice.

— Não vai tomar café da manhã? — Quis saber preocupada, pois não sabe se a garota comeu algo na noite anterior. Não sabendo ela que Valentine passara o dia inteiro sem comer.

— Certo, o que está no forno? — Se interessou após sentir um cheiro

familiar.

— Bolo de laranja. — Beatrice sorriu e Valentine continuou séria.

— Andou mexendo no livro de receitas da minha mãe? — Valentine questionou com a testa franzida.

— Vi a receita na ‘internet’. — Beatrice respondeu com cautela. Ela não queria que aquilo virasse uma briga. Queria que pelo menos uma vez na vida, conseguissem tomar café da manhã sem voarem pratos ou palavras ofensivas.

— Vai demorar muito para ficar pronto? — Quis saber com sua expressão voltando ao normal.

— Já desliguei o forno — Beatrice abriu o mesmo e tirou de lá um lindo e cheiroso bolo de laranja. Amy sorriu em expectativa e logo enfiou um dedo na calda de cima queimando o mesmo. — Amy, não pode tocar em coisas que saem do forno! — Sua mãe repreendeu enquanto mergulhara o dedo da pequena em um copo d’água gelado enquanto Valentine apenas observava a cena.

— Desculpe mamãe, eu só quis pegar um pedaço. — Amy resmungou com voz de choro.

— Oh! Meu amor, você sabe que a mamãe sempre tira seu pedaço. Não pode mexer em coisa quente. — Beatrice beijou seu pequeno dedo, agora vermelho. Valentine se remexeu incomodada.

— ok mamãe, vou tomar mais cuidado. — Amy respondeu enquanto a mulher fazia um pequeno curativo.

— Pronto, não faça mais isso! — Amy concordou com a cabeça e beijou a bochecha da mãe.

— Te amo, mamãe! — Amy respondeu fazendo Valentine ficar ainda mais incomodada com a situação. Beatrice notou o desconforto da menina e tentou ao máximo não lhe ferir.

— Eu também querida. Agora tome seu café da manhã, ou então iremos nos atrasar. — A mulher sentou-se ao lado de Amy e logo começaram a comer. Em silêncio, Valentine passou a fazer o mesmo. Comeu dois pedaços do bolo, ainda meio quente e bebeu um copo de café com leite. Beatrice lhe observou e agradeceu por um momento sem briga.

— Vou indo! Valentine levantou da cadeira e seguiu para o banheiro do corredor, escovou os dentes novamente e voltou a sala. — Tenham um bom dia. — E saiu pela porta. Beatrice sorriu pelo bom dia de Valentine. Era um progresso e ela ficou feliz por isso. Ao sair, Valentine deu de cara com Harry em seu portão e logo sorriu.

— Pensei que não iria à escola hoje também. — O menino está com um sorriso travesso em seus lábios.

— Eu estava comendo, você não come? — Ela debochou.

— Sim, mas não levo a manhã inteira para isso. — Sorriu mais ainda. Valentine deu um leve tapa na cabeça.

— Deixa de ser bobo, nem demorei. — Sorriu também. Harry admirou seu sorriso.

— Já lhe disse que deveria sorrir mais vezes? — Questionou se aproximando dela.

— Hmm... Já! — Ela respondeu de forma nervosa fazendo Harry se divertir. O garoto deu um beijo em sua bochecha e se afastou novamente.

— Quando sorri, consigo enxergar o que há aí dentro — Respondeu

apontando para o eu coração.

— Hmm, ok! — Valentine olhou para baixo sem graça. — Eu tenho algo para te dar. — Ela falou se lembrando do chaveiro.

— Não vai me arremessar nada não, né? — Harry provocou fazendo-a revirar os olhos.

— Como você é idiota! — Sorriu. — Olha, é um chaveiro. — Ela mostrou o objeto em suas mãos.

— E por que está me dando? — Ele questionou com um sorriso travesso.

— Para agradecer por ter arrumado o despertador que meu pai me deu, quando eu tinha 10 anos. — Ela sorriu com a lembrança.

— Não precisa me presentear por isso, fiz por querer ser seu amigo. Sabe? Como um acordo de paz. — Sorriu e empurrou o chaveiro de volta.

— Por favor, aceite. — Ela insistiu e então ele guardou o chaveiro na mochila e pegou em sua mão.

— O que está fazendo? — Ela questionou confusa.

— Segurando sua mão. — Ele respondeu o óbvio e sorriu travesso.

— Não é necessário — Sorriu sem graça e caminhou um pouco mais a frente. Harry logo acompanhou seus passos sorrindo por ter conseguido deixá-la nervosa.



No fim das aulas, Valentine voltou para casa novamente na companhia de Harry. Quando chegaram, se despediram e cada um foi para sua casa. Ao entrar em casa, Valentine deu viu sua madrasta sentada no sofá

e então se assustou.

— O que faz aqui? — A garota questionou confusa.

— Saí mais cedo do trabalho — Respondeu olhando para ela com atenção.

— Por quê? — Quis saber indo se sentar no outro sofá.

— Preciso ir ao médico fazer uns exames! — Beatrice respondeu olhando para seus pés. Ela não imaginara que seria tão difícil tocar neste assunto.

— Mais exames? Você já não fez da outra vez? — A menina questionou incrédula.

— São exames de rotina, Valentine. Todo mundo passa por isso. — A mulher tentou parecer normal.

— Engraçado — Sorriu irônica — Você também disse que eram exames de rotina da última vez. Está doente, Beatrice? — Indagou com a testa franzida.

— Não, Valentine. Não se preocupe, como eu falei, são exames de rotina. — Beatrice fez uma expressão tranquila, para que assim conseguisse convencer a menina e por fim encerrar o assunto.

— Não estou preocupada como você, querida madrasta. — Valentine levantou e foi para a cozinha. No fundo, Beatrice viu preocupação em seu olhar e se sentiu feliz por isso.

— Preciso que você vá buscar Amy na escola às 18:00. — Beatrice foi direto ao ponto.

— Por quê? Você não vai ficar a tarde toda fazendo exames de rotina, ou vai? — Questionou enquanto começava a preparar arroz para o almoço.

— Sim! — Valentine ergueu o olhar para Beatrice. — É em outra cidade, por isso. — Se justificou.

— De qualquer forma, Amy não está falando comigo, duvido que queira vir embora ao meu lado. — Valentine respondeu e começou a preparar salada. Por incrível que pareça, para as duas.

— Ela não tem outra escolha. — A mais velha respondeu e se deitou no sofá após sentir enjoo.

— Você está bem? — Valentine questionou sem conseguir esconder a preocupação.

— Sim menina, tudo ótimo. — Mentiu. Valentine notara o rosto pálido de Beatrice e sabia que algo não estava certo.

— Vai almoçar? — Perguntou mudando de assunto.

— Sim, um pouco. — Valentine assentiu e continuou a preparar o almoço sem dizer mais nada. Se fosse algo sério, Beatrice logo lhe diria. Por isso, decidiu ignorar o fato de parecer estranho o comportamento da madrastra. Nem ela mesma estava se reconhecendo, é como se Harry tivesse despertado um sentimento bom. Valentine estava disposta a não mais brigar, mas se aproximar da madrastra já seria um desafio para ela.



Ainda desconfiada com a madrastra, Valentine decidiu chamar Harry para conversar assim que a mulher saiu. Mesmo que ela tentasse se convencer de que não estava preocupada com a madrastra, era possível ver o contrário em seus olhos.

— Ainda não acredito que você me chamou para vir aqui — Harry sorriu — É, você está mudada mesmo.

— Harry, fica quieto e me escuta! — Valentine resmungou revirando os olhos.

— Relaxa aí, Valen! — Ele sorri travesso — OK, pode falar o que te perturba.

— Eu estou supondo que Beatrice está mentindo para mim. — Valentine o olha e Harry faz o mesmo, como se quisesse analisá-la.

— E por que você se importa com isso? — Fez uma pausa — Pensei que não gostasse de sua madrasta.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra, Harry. — Valentine tenta se justificar.

— Então, está preocupada com ela? — Ele questiona levantando uma sobrancelha.

— Não! — Ela abaixa o olhar — Só não acho justo ela mentir para mim.

— E, porque ela deveria dizer a verdade, se vocês nem ao menos se falam sem começar uma briga? — Harry questiona deixando a garota irritada.

— Harry, você está me deixando confusa! — Ela responde levantando-se do sofá e indo até à cozinha para pegar água.

— Me desculpe. — Ele se aproxima dela e a abraça por trás — Fique tranquila, quando for a hora certa, ela irá dizer a verdade, seja lá o que tenha acontecido. Valentine se afasta do abraço do garoto, mas não de forma bruta como fazia antes. Ela se sente confusa e nervosa, por isso, decide se manter a uma certa distância dele.

— É, acredito que sim. — Ela diz por fim. Harry nota a reação que o mesmo causou em na garota e sorri travesso. — O que foi? — Ela questiona

ao perceber seu sorriso.

— Nada não! — Ele diz e desfaz o sorriso de forma sutil. Valentine revira os olhos e o pega pela mão.

— Vem, vamos assistir algo na TV. — Ela continuou o conduzindo até a sala novamente e ligou a TV indo se sentar no sofá novamente. Harry senta na ponta esquerda, perto da porta de entrada, Valentine deita no espaço restante e apoia a cabeça em seu colo.

— Folgada você. — Ele sorri e Valentine o encara.

— Não mais que você, querido. — Ela também sorri e volta sua atenção para a TV e começa a selecionar canais. Quando para em um filme de romance, ela decide deixar.

— Não tem coisa melhor, não? — Reclama.

— Esse filme parece ótimo, Harry. — O menino revira os olhos e se contenta com o filme escolhido pela garota. Entediado, ele começa a brincar com os cachos de Valentine, enquanto a mesma permanece concentrada na TV. Harry mergulha seus dedos entre os cachos e ela agradece mentalmente, pois acha a sensação relaxante.

— Tenho que busca Amy na escola hoje. — Ela diz quebrando o silêncio e Harry continua com suas carícias.

— E isso é ruim? — Ele questiona inerte ao que faz e ao cheiro doce que sente no cabelo de Valentine.

— Não, mas você sabe, ela está magoada pelo que fiz. — Valentine assume.

— Fique tranquila Valen, crianças não costumam guardar mágoas. Logo ela te perdoa, se você pedir desculpas. — Harry sorri ao notar que

Valentine o olha atenta aos seus carinhos relaxantes.

— Não sei não. — Ela diz confusa. Harry beija sua testa e sorri.

— Vai dar tudo certo! — Ela também sorri e volta sua atenção para o filme. Harry continua a mexer em seu cabelo.



Mais tarde, Valentine escuta seu celular despertando e quase caí do sofá assustada. Ela olha para todos os lados e tenta se recordar dos últimos acontecimentos. Ao se lembrar que viu um filme com Harry mexendo em seu cabelo, sorriu. Logo ela se lembrou de Amy.

— Oh! Droga! Estou atrasada. — Valentine levantou correndo, desligou o alarme irritante de seu celular e calçou suas sapatilhas de volta. — Preciso correr. — Por fim, sai de casa trancando a mesma e se lembra que precisa de dinheiro para o ônibus. Ela abre a porta outra vez e pega o dinheiro que a madrastra deixou na mesa de centro.

Ao chegar na escola, Valentine se depara com uma Amy triste sentada na escadaria do portão de entrada enquanto o porteiro tenta, inutilmente ligar para Beatrice pela vigésima vez.

— Olá, eu... é... vim buscar a Amy — Valentine diz de forma nervosa e o porteiro olha para ela com uma carranca enorme.

— Onde está a mamãe? — Amy questiona triste.

— Ela precisou ir ao médico. — Ela responde olhando para baixo.

— Agora que a moça chegou, vou para minha casa. — O porteiro diz sem tirar a carranca do rosto e por fim vai embora deixando às duas sozinhas.

— Eu não quero ir embora com você. Quero a mamãe. — Amy diz zangada.

— Amy, sua mãe está no médico agora, ou vai comigo, ou vai ficar aí até escurecer. — Valentine olha para o céu — E não vai demorar muito. Amy parece pensar e decide se render. Ela levanta e segue andando na frente de Valentine.

— Você precisa me dar a mão, Amy. — Ela diz firme.

— Eu não quero. — A pequena continua a andar enquanto olha para baixo.

— Você não pode atravessar sem me dar a mão. É perigoso. — Valentine insiste e Amy não lhe dar ouvidos. A menina continua a caminhar em direção a pista e não percebe quando vem um carro em alta velocidade. Valentine entra em choque, mas consegue reagir. Ela empurra Amy para o outro lado e cai por cima dela. O carro passa raspando em seu pé.

— Nunca mais faça isso! — Valentine diz ofegante e muito assustada. Nos olhos de Amy, há pavor e lágrimas recém formadas. Logo ela começa a chorar baixinho. — Não... não chore. — Valentine levanta de cima da irmã e pega a mesma em seu colo. — Shiii... Está tudo bem agora. — Amy esconde o rosto no peito de Valentine e continua a chorar baixinho enquanto lhe aperta. Valentine afasta seu rosto de si enquanto tenta afastar alguns cachos do rosto da pequena.

Ela pega um prendedor em sua bolsa prendendo o cabelo de Amy em um coque.

— Olha pra mim. — Valentine pede e Amy afasta um pouco o rosto. A pequena treme em seu colo e tem o rosto vermelho e olhos assustados. — Você não pode andar na rua sem me dar a mão, ouviu? — Valentine responde firme, no entanto, se segura para não chorar junto.

Por muito pouco, essa briga das duas lhe custaria a vida de sua irmã, e

ela não quer mais ter que enterrar alguém que ama. Amy balança a cabeça afirmando que sim.

— Eu... sinto muito pequena. Não quis te assustar, mas se eu não fizesse isso, o carro iria te acertar. — Valentine chora. Amy põe a mão em seu rosto e enxuga as lágrimas.

— Desculpa, Tine. — A pequena chora também. Por longos minutos, às duas permaneceram abraçadas e chorando.

Todos que passavam, achavam estranho, mas não ousavam dizer algo. Simplesmente passavam reto. Depois de um tempo, Valentine levanta do chão com Amy em seu colo e tira a sujeira das roupas de ambas.

Por sorte, caíram em uma parte com gramado, mas ainda assim, a garota sentia seu pé direito doer a cada passo que dava. Certamente, o tinha torcido ou algo do tipo. Amy encolheu em seu colo e colocou a cabeça em seu ombro. Ela permanecia assustada e muito quieta.



No caminho para casa, Amy dormiu encolhida no colo de Valentine. Pouco antes de chegarem em casa, a garota notou seu pé inchado e se assustou, mas teria que aguentar andar um pouco com Amy em seu colo. Sua casa não fica tão longe do ponto de ônibus, mas também não fica tão perto. Caminhando com dificuldade, finalmente chegou em casa com Amy nos braços. Ao ver as duas, Beatrice se assustou com a aparência aflita no rosto de Valentine.

— O que aconteceu? — A mulher questionou preocupada. No rosto da garota, há medo e pavor. Logo novas lágrimas surgem enquanto ela conta o que aconteceu para a madrastra.

Beatrice pega Amy de seus braços e põe a mesma deitada no outro

sofá e volta sua atenção para Valentine.

— Deixa eu ver a situação deste pé. — Meio relutante, Valentine deixa a madrastra tirar sua sapatilha e massagear seu pé inchado.

— Ai... — Ela resmunga.

— Acredito que você o torceu. Vou pegar gelo. — Valentine observa a madrastra ir até à cozinha e pegar vários cubos de gelo. Quando volta, pede para Valentine deitar no sofá e pôr as pernas em seu colo. Beatrice coloca os cubos de gelo em uma toalha de prato e o encosta com cuidado no pé de Valentine.

— Gelado! — Ela resmunga e Beatrice rir. — Não tem graça.

— É gelo, Valentine. — A mulher diz o óbvio e a garota fica quieta. Beatrice nunca imaginou que um dia estaria assim com Valentine. Ainda mais cuidando de um machucado. Quando era mais nova, Valentine nunca deixou que a madrastra encostasse em um machucado seu.

— Já está bom! — Valentine tira a perna do colo de Beatrice e tenta se levantar, mas a mesma a impede.

— Melhor ficar deitada aí. — Ela adverte e Valentine obedece. Beatrice levanta e pega Amy em seu colo para levar ao quarto enquanto Valentine permanece no sofá olhando para o teto. Ao voltar, a mulher oferece ajuda para subir e tomar um banho. No entanto, a menina só aceita a ajuda para subir. Seria constrangedor demais tomar banho com sua madrastra observando.

— Melhor eu te ajudar, Valentine. — Beatrice insiste ao ver a dificuldade dela ao pôr o pé no chão.

— Eu consigo sozinha. — Ela insiste.

— Se for vergonha, não precisa ter! — Beatrice sorri e as bochechas de Valentine ganham um tom claro de vermelho.

— Eu consigo. — Ela olha para baixo. — Beatrice a olha por mais algum tempo e Valentine se dá por vencida ao perceber que não seria fácil parar em pé. Sem contar que ela poderia escorregar.

— Prometo não olhar tanto. — Beatrice sorri de seu constrangimento.



Quando terminam o banho, Beatrice ajuda Valentine a se vestir e observa sua postura diante de tudo o que ocorria. Ela estranhou não terem brigado durante um dia inteiro.

— Se sente melhor? — A mulher questiona e Valentine faz uma careta de dor.

— Dói bastante. Obrigada por me ajudar. — Ela diz com sinceridade. Beatrice põe sua mão por cima da mão da garota e aperta um pouco.

— Eu não te negaria ajuda. — Valentine afasta sua mão devagar e desvia o olhar. Para ela ainda é difícil uma aproximação. Beatrice não se entristece dessa vez. Ela se sente feliz por não terem brigado e por ter conseguido ajudá-la sem que a mesma lhe agredisse verbalmente. No fundo, ela acredita que ainda irá conseguir conquistar a confiança da menina. É tudo questão de tempo.

Beatrice deixa Valentine sozinha em seu quarto e segue para o seu. Um bom banho lhe cairia bem.





_____ ≡ _____

*Se eu pudesse fazer um pedido,
Desejaria ter você aqui comigo.*

_____ ≡ _____

No dia seguinte, Valentine acordara um pouco mais tarde que o normal. Os raios de sol invadiam seu quarto fazendo-a lembrar que se esqueceu de fechar a cortina na noite anterior. Ao tentar se mover, seu pé doeu e ela lembrou do dia anterior e tudo o que tinha acontecido. Com cuidado e se apoiando nas coisas, Valentine levanta de sua cama e desce para a sala devagar. Ao chegar ao fim da escada, ela logo pôde ver sua madrastra e Amy tomando o café da manhã enquanto conversavam sobre algo que ela não se esforçou para entender.

— Bom dia — Ela sentou em seu lugar de sempre a mesa.

— Bom dia! Como está o seu pé? — Beatrice questionou.

— Parece uma bola e dói muito ainda. — Valentine pegou algumas torradas para sua refeição.

— Acredito que é melhor você ficar em casa hoje. — Beatrice sugeriu. Amy observa as duas com atenção, mas nada diz.

— É, acredito que não vou conseguir ir à escola hoje. — Ela respondeu sem olhar para a mulher.

— Fique deitada e põe o pé para cima, e claro, põe gelo. — Beatrice ordenou. — Se não melhorar, te levo na emergência mais tarde.

— Não será preciso, vai melhorar. — Valentine detesta a ideia de ter que ir ao hospital pelo simples fato de ter passado um bom período no hospital com sua mãe.

— Espero que sim. — Sua madrasta sorri. Pela primeira vez, Valentine corresponde ao seu sorriso com outro simples. Isso faz Beatrice se alegrar.

— Vocês são amigas agora, mamãe? — Amy indaga curiosa. Beatrice sorri com a pergunta, mas, no fundo, tem receio de responder.

— É certo que não brigaremos meu amor. — Beatrice olha para Valentine como uma forma de confirmar o que acabara de dizer. Valentine sorri simples. Amy corre e senta no colo de Valentine.

— Você contou à mamãe? — Ela sussurra fazendo às duas mais velhas rirem.

— Sim. — Valentine sussurra e volta a sorrir.

— Obrigada por me salvar, tine. — Valentine apenas lhe beija o rosto e a pequena a abraça. — Senti falta desse cheiro. — Amy diz ainda abraçada a Valentine.

— E eu senti sua falta, pequena. — Ela assume. Beatrice apenas observa as duas e não consegue evitar ter ‘flashes’ de seu passado, quando ela também tinha uma irmã.

— Valentine, hoje a Amy não vai à escola. Eu ia levá-la comigo, mas já que você estará em casa, pode cuidar dela? — Beatrice questiona.

— Posso sim, não terá problema. — Deu uma pausa — Acredito que

Harry vem e peço ajuda dele com o almoço. — Valentine suspira ao lembrar do garoto. Beatrice levanta de sua cadeira, ainda perturbada com a lembrança do passado e se aproxima das duas.

— Então eu já vou indo, estou um pouco atrasada. — A mulher beija o rosto de Amy e fica na dúvida se faz o mesmo com Valentine ou não e acaba por não fazer nada. Valentine percebe e se sente desconfortável. Naquele momento, a garota desejou ter sua mãe por perto novamente. Valentine fechou os olhos por um instante e se sentiu mal por trazer as lembranças de volta.

— É, vamos ficar bem. — Ela respondeu ao abrir os olhos.

— Eu sei que sim.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Quando chegou da escola, Harry foi direto para a casa de Valentine. O menino ficara preocupado com sua ausência na escola e decidiu verificar se ela está bem. Quando tocou a campainha, escutou quando Valentine gritou e pediu para Amy ir abrir a porta. Seus movimentos estão limitados.

A pequena correu e foi atender a porta.

— Ah! Harry! — Ela sorri.

— Olá Amy! Posso entrar? — Ele sorri travesso.

— Sim, vem! — Amy segura em sua mão e o conduz até a irmã que está deitada no sofá.

— Explorando sua irmã? Que coisa feia, Valen! — Ele provoca e a faz revirar os olhos.

— Como você é besta! Eu torci o pé ontem e não consigo andar

direito. — Se justifica.

— Deixa eu ver! — Harry senta no chão da sala e segura o pé de Valentine que reclama de dor. — É, está inchado. — A garota revira os olhos.

— Jura? Nem percebi. — Amy rir com os dois bobões a sua frente.

— Já almoçaram?

— Não. Será que você pode me ajudar a preparar algo para a Amy? Eu não consigo... é você sabe. — Valentine olha para vários lugares, menos os olhos de Harry.

— Certo! Acredito que consigo fazer macarrão. Lembro de minha mãe ter me ensinado. — Harry levanta do chão e segue para a cozinha. Amy o acompanha e passa a observar todos os seus movimentos.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando estava quase terminando seu macarrão, Harry notara que Amy havia saído da cozinha. Ele olhou para a sala e a viu subir as escadas. Certamente iria buscar algum brinquedo. Valentine sentiu o cheiro de molho vindo da cozinha e decidiu ir olhar.

Até que está bom o cheiro, ela pensou.

Com cuidado, ela se levantou do sofá e foi até a cozinha a passos curtos.

— O cheiro está me deixando louca, Harry! — Ela diz ao olhar para o menino todo atrapalhado na cozinha. Valentine se apoia na mesa e o observa.

— Então significa que está bom. — Sorri convencido.

— Bom, o cheiro está, agora o gosto eu já não sei. — Valentine

provoca e Harry se aproxima dela.

— Tenho certeza que irão gostar, macarrão é minha especialidade! — O garoto diz todo convencido e Valentine rir. Uma alta e gostosa gargalhada.

— Eu já falei que você fica ainda mais linda quando rir? — Harry acaba com o pouco espaço que tinha entre os dois e tira algumas mechas de cabelo do rosto de Valentine.

— É... sim. — Respondeu nervosa por estarem tão próximos um do outro.

— E eu amo sua risada! Deveria rir mais vezes! — Harry acaricia sua bochecha com seus dedos. Valentine suspira e sente seu coração acelerado. O garoto percebe a reação que causa em Valentine e isso o faz sorrir travesso.

— O que está fazendo? — Ela questiona quase em um sussurro ao ver que Harry está com o rosto muito próximo ao dela. Tão próximo que seus lábios quase se tocam.

— Você me deixa doido Valen! — Ele sussurra e encosta seus lábios nos de Valentine.

— O que vocês estão fazendo? — Os dois são interrompidos por Amy. Valentine se afasta de Harry e sente suas bochechas queimarem.

— Nada meu amor! — Ela responde de imediato.

— Parece que iam se beijar, igual nos filmes de princesa. — Amy diz com um sorriso sapeca. Valentine cora na mesma hora.

— Eu só estava tirando um cisco do olho dela, Amy. — Harry sorri travesso ao olhar para Valentine e ver suas bochechas vermelhas.

— Não foi o que eu vi! — A pequena insistiu.

— É? O que você viu? — Harry se diverte com a situação.

— Ela não viu nada, Harry. — Valentine o repreende. — Meu amor, tinha um cisco no meu olho, Harry só estava me ajudando a tirar. — Amy se convenceu e deixou os dois em paz.

Logo Harry terminou sua especialidade e os três se sentaram para comer.

— Está gostoso, Amy? — Harry questiona ao ver a garotinha toda lambuzada de molho. Isso faz ele e Valentine rir.

— Sim! Muito gostoso! — Ela responde com macarrão em sua boca. Os dois riem mais ainda.

— Não fale de boca cheia, meu amor. — Valentine pede e Amy apenas concorda com a cabeça e continua a devorar sua comida.

— Acredito que acertei na receita. — Ele diz olhando diretamente para Valentine.

— Não está tão bom assim — Ela provoca.

— Não é o que o molho no canto de sua boca diz. — Harry sorri travesso.

— Você está blefando!

— Engano seu! — O garoto vai com seu dedo em direção a sujeira no canto de sua boca e limpa o local. A menina cora.

— Eu quero mais! — Amy corta o clima novamente.

— Eu coloco. — Harry pega o prato dela e põe mais um pouco. Amy come com vontade.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando a noite chegou, Valentine mais uma vez precisou da ajuda de Beatrice no banho. Ela tentou não se sentir tão envergonhada, mas fora em vão, mas independente disso, ela estava gostando de ser cuidada por sua madrasta. Ela até tentava negar esse sentimento, mas estava mais forte do que ela poderia controlar. Beatrice a ajudou a se vestir e ela enfim pôde deitar em sua cama. Há essa altura, Amy já tinha capotado. Só restava ela e a madrasta acordada. Valentine lembrou do momento em que ela e Harry quase se beijaram na cozinha e então sorriu.

— Posso saber o motivo desse sorriso? — Sua madrasta questiona ao flagrar seu sorriso. Valentine a olhou e suspirou.

— Vem aqui — Pediu e sua madrasta seguiu até ela. — Senta aí! — Beatrice se sentou.

— Você... é bom, me desculpa? — Valentine pede com sinceridade e medo ao mesmo tempo. Medo de sua madrasta negar tal pedido, mas ao contrário do que ela pensa, Beatrice se emociona e lhe abraça forte. De início, Valentine até tenta se esquivar, pois, não está acostumada a demonstrações de afeto vindo de sua madrasta. No entanto, o calor do abraço de Beatrice a fez se sentir segura outra vez e então se rendeu ao abraço. Valentine abraçou a madrasta e se permitiu sentir o carinho que tanto estava precisando. No momento em que se lembrou de sua mãe, não conseguiu evitar chorar. Beatrice afastou de seu abraço e limpou suas lágrimas teimosas, mas naquele momento, a menina precisava mesmo chorar. Só assim, se sentiria mais leve depois.

Pensando nisso, Beatrice simplesmente a deitou em seu colo e abraçou forte o seu corpo. Ela não se importou com o tamanho da menina, apenas a acolheu em um abraço sincero enquanto ela chorava em seu colo. Não é como segurar Amy em seu, mas ela não se incomoda com isso. Há

tanto tempo que ela espera por um momento como esse. Beatrice tirou o cabelo do rosto de Valentine e mais uma vez, tentou apanhar todas as suas lágrimas. Aos poucos, a sensação de alívio ia consumindo o corpo e mente da garota. Ela se sentia leve, em paz, até que o colo de sua madrastra é bom.

— Mais calma? — Beatrice questiona e ela afirma que sim com a cabeça.

— Obrigada! Seu colo é bom! — Valentine assume um pouco envergonhada.

— É bom te consolar! — Beatrice sorri e Valentine também.

— Eu acredito que vou me viciar! É tão bom estar assim! — Ela olha nos olhos de Beatrice e por um momento, pensa está olhando para os de sua mãe, mas logo ela afasta esse pensamento. Afinal, sua mãe e Beatrice são pessoas completamente diferentes.

— Eu darei o meu colo sempre que precisar! — A garota sorriu e se levantou com cuidado.

— Hoje aconteceu uma coisa. — Ela começou dizendo.

— E que coisa seria essa? — Beatrice questiona.

— É... Harry e eu quase nos beijamos. — Valentine diz olhando para o forro de sua cama.

— Como assim? Me conte direito. — A madrastra se anima. Com um pouco de vergonha, ela conta como aconteceu.

— Estávamos na cozinha. Ele estava fazendo macarrão para o almoço... e aí ele se aproximou de mim e quando dei por mim, seus lábios estavam próximos aos meus. Nem chegou a ser um selinho porque a Amy chegou e... bom, você sabe. — Ela cora.

— Mas, ele chegou a encostar? — Beatrice estava amando ver a enteada toda constrangida.

— Sim, mas foi bem de leve. — Valentine sorriu ao se lembrar.

— Você sentiu o que com isso? Seria seu primeiro beijo? — Valentine olhou para a mulher curiosa a sua frente e sorriu.

— Eu estava nervosa, e não, não seria! — Valentine assumiu envergonhada. — Quando eu e John tínhamos 13 anos e ele me contou sobre a viagem, nos beijamos. Foi meu primeiro beijo e imagino que dele também. — Seu coração aperta.

— Você o amava? — Beatrice questiona segurando em sua mão esquerda e fazendo carinho.

— Sim, e suponho que estou sentindo o mesmo por Harry. — Ela sorri.

— Então, se deixe levar. Logo você descobre!

— Acredito que sim...

Beatrice a abraça e diz que tudo vai se encaixar aos poucos. Pelo menos agora ela teria com quem contar. Valentine nunca imaginou que um dia choraria no colo de sua madrastra. Ainda mais agora que já tem 15 anos e não é tão pequena assim, mas ela gostou e pretende contar com a madrastra sempre que precisasse.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



Uma semana depois

_____ ≡ _____
*O primeiro beijo e o primeiro
Amor serão sempre lembrados,
Como uma memória que
Um dia fora marcada.*
_____ ≡ _____

Uma forte tempestade ameaçava cair a qualquer momento e isso deixara Valentine apavorada. Já era noite e sua madrastra ligara dizendo que iria demorar um pouco para chegar com Amy, e a garota logo ficou apavorada com a ideia de ficar sozinha em meio a uma tempestade. Desde pequena, Valentine sempre tivera muito medo de tempestades e não queria ficar sozinha quando tudo começasse. Como se pudesse ler seus pensamentos, Harry entrou em sua casa sem nem bater na porta ou tocar a companhia.

— Cheguei! — Anunciou e sorriu como de costume.

— Estou vendo, Harry! — Ela respondeu um pouco nervosa.

— Por que está nervosa? — Ele questionou se aproximando e sentando ao seu lado no sofá.

— Eu tenho medo de tempestades — Respondeu baixo.

— O quê? Não ouvi. — Chegou mais perto dela, pois de fato não tinha escutado.

— Tenho medo de tempestades, Harry! — Respondeu mais alto e abaixou a cabeça constrangida. O garoto sorriu e segurou em seu queixo para erguer seu rosto novamente.

— Eu sei de algo que pode te acalmar. — Harry não esperou por sua resposta e pegou em sua mão a conduzindo até o jardim.

— Harry, acredito que não seja uma boa ideia! Pode chover a qualquer momento! — Valentine respondeu incomodada.

— O jardim sempre te acalma! — E continuou levando a garota para o local. Ele sabia que poderia chover a qualquer momento, mas pretendia fazer daquele momento uma memória especial para a garota.

— Harry, é melhor nós entrar! — Ela pediu um pouco frustrada.

— Calma, é o seu jardim! — Ele pegou uma rosa simples e colocou em sua orelha.

— Eu sei, mas vai chover, e raios... trovões... vamos entrar! — Pediu com algumas lágrimas nos olhos. O garoto se aproximou e a abraçou.

— Eu estou aqui com você! Sempre vou estar! — Harry estava amando conhecer mais da garota a cada dia. Saber seu lado fraco, seus gostos e medos. Para ele, era uma forma de se aproximarem mais. Ele se afastou um pouco do abraço e olhou para Valentine.

— Eu te amo, Valen! Como nunca amei antes, eu te amo! — Ele respondeu deixando-a completamente surpresa, porém com um sentimento de felicidade rasgando seu peito.

— Me ama? — Indagou, como se não tivesse entendido bem. Harry afastou uma mecha de seu cabelo e colocou atrás de sua orelha.

— Você nem imagina o quanto — Harry fez carinho em sua bochecha e se aproximou ainda mais dela. Valentine esperou em expectativa e nervosa ao mesmo tempo. A medida que suas respirações se misturavam, o coração de ambos aceleraram e Valentine sentiu Harry cada vez mais próximo. Seus olhos se fecharam e o pouco contato que tinha entre os dois fora quebrado. A garota tomou a iniciativa roçando seus lábios nos dele de forma tímida. Ele, por sua vez, pressionou seus lábios levemente sob os dela. Os lábios de Harry começam a se movimentar junto aos de Valentine, puxando seus lábios devagar fazendo com que a garota sentisse um leve frio na barriga. Sem pressa, iniciaram um beijo calmo e eletrizante ao mesmo tempo. Novas sensações começaram a invadir o pensamento da garota fazendo-a se sentir nas nuvens. A sensação de frio na barriga junto as borboletas no estômago aumentava a medida que o beijo se aprofundava, e a garota se sentiu flutuar.

Quando a chuva começou a cair em pingos grossos, os dois nem se quer se moveram. Estavam mais envolvidos no beijo. Harry envolveu a cintura de Valentine com seus braços na tentativa de tê-la mais perto e transformou o beijo em algo mais intenso. Uma de suas mãos partiu para os cachos molhados da garota, mergulhando os dedos entre eles enquanto a puxava mais para si. Somente quando um forte trovão rasgou o céu, Valentine se afastou do garoto com seu coração acelerado por conta do beijo e o medo vindo junto.

— Vamos entrar! — Ela pediu um pouco amedrontada. Harry sorriu e roubou um selinho.

— Vamos! — Os dois finalmente entram em casa completamente encharcados. No mesmo instante, Beatrice entrou com Amy. Por pouco, não

pegaram a chuva também. Por sorte, a mulher tinha levado o guarda-chuva. Ao olhar para os dois, ela se preocupou.

— O que estavam fazendo na chuva? — Ela indagou com uma sobrancelha levantada.

— Estávamos lá no jardim quando começou a chover... — Valentine respondeu em meio ao frio que começara a sentir.

— Vão se trocar! — Ordenou — Harry, vou ver se arranjo roupas para você. Vai para o banheiro aqui de baixo mesmo e tome um banho quente — Deu uma pausa e voltou a direcionar seu olhar para Valentine — E você mocinha, para o seu banheiro fazer o mesmo. Não quero ninguém gripado. — A garota obedeceu e logo subiu.



Após o banho, Beatrice deu a Harry uma das poucas peças de roupas do pai de Valentine que ela não tinha mandado para doação. As roupas ficaram um pouco larga, mas daria para passar uma noite. Ao perceberem que a chuva não iria passar tão cedo, Beatrice pediu que Harry ligasse para a mãe e avisasse que passaria a noite com elas devido à chuva ter começado e impedido o garoto de sair. Sua mãe não reclamou, apenas pediu que tivesse juízo. Enquanto Valentine ainda estava no banho, Beatrice terminava de preparar lanches para todos. Percebendo que a mulher estava distraída, Harry subiu as escadas devagar para não fazer barulho e foi para o quarto de Valentine. Quando chegou na porta amarela com um girassol no fim do corredor, o garoto imaginou que fosse o quarto dela pela posição da janela que dar para o seu próprio quarto e também pela pintura na porta. Ele bateu algumas vezes e escutou quando Valentine pediu que entrasse. Assim que entrou no quarto, Harry pode vê-la enxugar os cachos com uma toalha e achou aquilo fofo. Nunca imaginaria Valentine tão calma como agora. Aliás,

a Valentine de antes jamais o deixaria entrar em seu quarto.

— O que foi? — Ela questionou ao notar seu olhar nela.

— Estou apreciando a vista — Sorriu travesso. Valentine jogou a toalha úmida em seu rosto.

— Bobo! — Sorriu constrangida. Harry se aproximou e puxo-a pela mão para que pudesse ficar de pé. Valentine deu um passo para trás e Harry outro para frente até que a garota encontrasse a parede atrás de si. Não haveria mais para aonde ir, Harry pensou.

— Você fica linda quando está nervosa, sabia? — Ele indagou enquanto tirou alguns fios de cabelo do seu rosto.

— Para, Harry. — Respondeu um pouco constrangida.

— Eu amei o nosso primeiro beijo! — Ele sorriu e beijou sua testa — Para uma primeira vez, até que foi muito bom!

— Eu... — Valentine não encontrou as palavras certas.

— Você? — Ele provocou e brincou com seus cachos úmidos.

— Foi bom... — Sorriu tímida. Nunca pensou que pudesse admitir, mas estava cada dia mais apaixonada pelo garoto irritante que lhe tirava o ar toda vez que estava por perto.

— Podemos repetir, se quiser! — Ele sugeriu com seu rosto mais próximo ao de Valentine. Ela não disse nada, apenas o deixou prosseguir — Você é tão cheirosa... — Harry cheirou seu cabelo.

— Você está me deixando louca. — Sussurrou fazendo o garoto sorri travesso antes de encostar seus lábios junto aos dela e beijá-la com carinho. Mais uma vez, deram início a um beijo apaixonado.

Harry puxou-a pela cintura e a garota colocou uma de suas mãos em seus cabelos. Como se ainda fosse possível, ambos se entregaram ainda mais ao beijo e se esqueceram completamente do local. A porta do quarto fora aberta e Amy entrou.

— Tine... Opa — Amy cobriu a boca com as mãos e sorriu. Valentine se afastou de Harry e olhou para a irmã com seus olhos brilhando olhando o casal.

— Amy, não pode entrar assim, meu anjo. — Valentine a olhou nos olhos.

— Agora vocês estavam se beijando, não é? — Ela perguntou com um sorriso de orelha a orelha. Valentine olhou para Harry e o mesmo mantinha um sorriso travesso nos lábios.

— Sim! Nós estávamos! — Ele disse sem problema algum. Valentine o repreendeu por isso.

— Igual nos filmes de princesa? — Ela questionou animada com a ideia. Harry afirmou que sim se divertindo com a situação. Amy desceu correndo e foi contar para Beatrice o que viu enquanto as bochechas de Valentine ganham tons claros de vermelho. Harry estava amando.



Na hora do lanche, o assunto era o beijo de Valentine e Harry. A garota não sabia onde se enfiar de tanta vergonha que estava sentindo. Beatrice provocou perguntando se havia sido bom e ela só soube ficar ainda mais vermelha fazendo os dois mais velhos rirem.

— O lanche está uma delícia, Bea. — A garota quis mudar de assunto e ela achou adorável.

— Não mais que o beijo, né? — A mulher provocou mais uma vez e a garota abaixou a cabeça. Estava mais vermelha que um tomate. Harry se divertia com toda a situação.

Beatrice segurou a mão da garota e fez carinho.

— Só estou brincando, meu amor. — Respondeu sorrindo. Valentine assentiu e sorriu com suas bochechas ainda vermelhas.

O restante do lanche fora mais descontraído e leve. Valentine suspirou aliviada por o foco não ser mais ela e o beijo.



Quando Harry acordou, olhou para o lado e viu Valentine em sua cama. O mesmo havia dormido em um colchonete no chão. Ao olhar para o despertador digital de Valentine, constatou que eram 5:40 AM ainda. Quando tornou a virar, viu Valentine dormir tranquila. Seus cachos se encontram todo espalhado pelo lençol lilás de sua cama. Harry sorri com a imagem de Valentine e vai até ela. Ao se aproximar, tirou alguns fios de cabelo de seu rosto. O garoto permanece um tempo, apenas admirando a menina ao seu lado. Se há um mês lhe dissessem que Valentine era tão sensível, ele não acreditaria. Jamais passou pela sua cabeça que a garota marrenta e cheia de si, tivesse monstros e traumas internos. Por isso, ele se sente feliz por nunca ter desistido de conquistar sua amizade. Agora não só a amizade, eles são muito mais do que bons amigos.

— Tão linda... — Ele diz baixo enquanto desenha alguns traços de seu rosto com seu dedo indicador. Ele nunca se cansa de admirá-la. — É marrentinha, você é mais sensível do que pensei que fosse. — Harry imita os contornos dos lábios de Valentine e isso faz a garota se mexer um pouco e virar de lado para ele. Ele sorri.

— Hey... bela adormecida, é hora de acordar! — Harry sussurra perto do ouvido da garota. Ela resmunga e continua em sua posição. — Vai perder a hora, Valen.

— Hm, que horas são? — Ela questiona ainda de olhos fechados.

— 5:55, agora levanta, vai. — Ele insiste e ela abre seus olhos castanhos para o encarar.

— Não são seis horas ainda. — Ela diz baixo e com a voz um pouco rouca.

— Só faltam 5 minutos, preguiçosa. Não faz diferença. — Ele ri de sua expressão indignada.

— Com cinco minutos a mais eu terminaria meu sonho. — Valentine fecha seus olhos novamente.

— E eu posso saber com o que você estava sonhando? — Valentine abre seus olhos e processa a pergunta de Harry. Em seu sonho, ela estava com John e ambos se beijavam. Ela afastou o pensamento e preferiu não dizer isso a Harry. Ela o ama e não quer magoá-lo. Valentine abre seus olhos novamente e senta na cama para encarar seus olhos favoritos. Os olhos os quais sempre a deixa nervosa.

— Nada demais. — Diz por fim. Harry afasta seus cachos do rosto os colocando atrás da orelha. Ele se aproxima e beija sua bochecha.

— Me diz uma coisa, Valen — Harry olha em seus olhos — Quem é John?

Surpresa com a pergunta repentina, Valentine sentiu um nó em sua garganta.

— O que foi? — Harry se preocupa e tira suas mãos de seu rosto. Em

seguida, ele limpa algumas lágrimas que se formaram.

— Desculpe... — Ela diz com a voz trêmula — Ele era um amigo. Ele morreu quando tínhamos treze anos.

— O que houve? — Harry torna a apanhar todas as lágrimas de Valentine.

— Ele foi atropelado. — Ela olha para baixo — Harry, não quero mentir para você, eu e John éramos um pouco mais que amigos.

— E você ainda o ama? — Harry questiona com uma pontada de ciúmes.

— É diferente, Harry. Eu gosto você, mas o John foi meu primeiro amor e ele nunca saíra de minhas lembranças.

— Devo me preocupar com isso? — Harry acaricia a bochecha de Valentine.

— Não, seu bobo. Como eu disse, gosto de você. — Ela assume um pouco envergonhada.

— Pode repetir? Eu não escutei muito bem. — Harry diz com um sorriso travesso em seus lábios.

— Eu... Ah! Você entendeu. — As bochechas de Valentine ganham um tom rosado e isso diverte Harry.

— Eu também te amo, pequena! — Ele lhe beija na bochecha.

— Como soube do John? — Ela quis saber.

— Um papel que estava caído no chão...

— Você leu? — Se constrangeu.

— Só tinha o nome dele e uns corações.

— Ah! — Para amenizar o clima, Valentine se aproximou e beijou-o nos lábios.



Quando saiu do banho, Valentine viu Harry sentado em sua cama.

— Terminou rápido. — Ela sorri e vai até o espelho de sua penteadeira para fazer um rabo de cavalo alto e bem alinhado. Ao terminar, Valentine pega um dos batons que raramente usa e passa de forma que não fique exagerado. Para completar, passa também o lápis de olho e a máscara de cílios.

— Você está linda, sabia? Vou ter que tomar muito cuidado com você na escola hoje. — Harry diz em um tom brincalhão.

— Deixe de ser bobo, Harry. Estou igual a todos os dias. Só passei algo básico. — Valentine vira para olhá-lo.

— Pois, para mim, você está impecável. — Ele rouba um selinho.

— Agora você também está com batom vermelho. Se estava com inveja, era só passar também. — Valentine o provoca.

— Não me provoque, Valen. — Ele sorri travesso. Valentine rir dele e volta a virar para pegar o livro de receitas na gaveta de sua penteadeira. — É de receitas? — Ele questiona.

— Sim! Era da minha mãe. — Valentine encara o objeto em suas mãos e sorri emocionada.

— E o que vai fazer com ele?

— O que eu deveria ter feito há muito tempo. — Valentine passa por Harry e pega a sua mochila para descenderem juntos.

No andar de baixo, viram Beatrice arrumando a mesa para o café da manhã e Amy sentada em seu lugar somente a espera.

— Bom dia! — Valentine é a primeira a dizer.

— Bom dia! — Beatrice sorri. No entanto, a menina logo percebe que a madrastra está um pouco pálida. Isso não é bom, ela pensa consigo mesma.

— Dormiram bem? — A mulher questiona.

— Sim! Melhor impossível. — É Harry quem responde animado.

— Tine, você está muito linda hoje. — Amy elogia ao notar uma pequena diferença na irmã.

— Só hoje? — Ela questiona em tom brincalhão.

— Não. Você sempre está linda, mas hoje está mais. — A pequena sorri e Valentine beija sua testa. Ao voltar sua atenção para Beatrice, ela se lembra do objeto em suas mãos e então o entrega a mulher a sua frente.

— O que é isso? — Beatrice pergunta confusa.

— O livro de receitas da minha mãe. Quero que fique com você. — Valentine sorri sincera. — É para pedir desculpas pelo modo como me comportava com você, e também porque eu não quero que fique guardado sem utilidade.

Beatrice observa a garota atenta e depois de aceitar que o que está acontecendo é real, ela sorri e abraça a menina com carinho.

— Eu sempre soube que seríamos amigas! — Beatrice sorri com carinho e Valentine retribui com sinceridade. Após se afastar, a mulher sente um leve desconforto e mal-estar. Valentine percebe.

— Tudo bem? — Questiona preocupada. Beatrice senta em uma das

cadeiras e respira fundo tentando se recompor.

— Sim, estou bem. Você pode terminar de pôr a mesa? — Ela questiona ainda de olhos fechados.

— Claro! Harry, pega água para ela. — Valentine pede enquanto termina de ajeitar a mesa.

— O que foi, mamãe? Está passando mal? — Amy questiona preocupada. Beatrice abre os olhos e sorri fraco para a pequena a sua frente.

— Mamãe está bem, meu amor. — Ela responde. Gradualmente, sua cor volta ao normal e ela consegue se recompor. Juntos, todos tomam o café da manhã em harmonia.



Quando Harry e Valentine chegaram da escola, ela o pediu para almoçar com ela. Seus pais nunca estão em casa nesse horário, então ele aceita e se oferece para fazer macarrão, já que da última vez, viu que Valentine amou tanto quanto Amy.

— Usa carne moída! — Ela sugere.

— Essa parte é com você, linda. Só sei fazer macarrão. — Valentine ri.

— Tem que aprender. — Ela segue até a geladeira e pega a carne para começar a preparar enquanto o macarrão ainda está na água.

— Você me ensina. — Ele sorri travesso. Valentine concorda e começa a preparar tudo sob o olhar curioso de Harry.

— Está vendo? Tem que mexer de vez em quando para não grudar no fundo. — Valentine lhe mostra e ele se aproxima lhe abraçando por trás e segurando a colher com ela.

— Assim? — Harry sente o cheiro doce do cabelo e perfume de Valentine. Isso a faz perder a noção do que está fazendo. — Em Valen? É assim que se faz? — Harry sorri travesso ao notar que Valentine está nervosa.

— Ham... ah, sim! Assim mesmo. — Ela disfarça o nervosismo e solta a colher. — Mas está bom, depois eu mexo mais um pouco.

Harry segura em sua cintura e vira a mesma para si, ficando bem próximo ao seu rosto.

— Está nervosa, Valen? — Ele provoca.

— Ham... claro que não. — Ela desvia o olhar. Harry segura em seu queixo e aproxima o seu rosto do dela.

— Não é o que parece. — O garoto roça seus lábios nos de Valentine.

— Eu... — Fica sem argumentos.

— Amo deixar você assim. — Harry volta a provocá-la antes de tomar os lábios de Valentine para si e beijá-la com intensidade. Ambos se unem mais ainda e intensificam o beijo.

— A carne... eu vou ir mexer. — Ela se afasta dele sorrindo. — Você não pode me distrair assim.

— Por que não? É divertido te ver tão vulnerável aos meus toques. — Ele sorri travesso fazendo a mesma se envergonhar um pouco.

— Se a comida queimar, nós ficamos com fome. É isso que você quer? — Ela questiona mudando de assunto.

— Ah! Não. Vou ver meu macarrão. — Ambos começam a rir um do outro.





_____ ≡ _____

Seu abraço foi o mais
Apertado que pôde.
Como se quisesse dizer
E deixar marcado o
Quanto aquele momento
Era importante.

_____ ≡ _____

- No início da noite, Beatrice chegou em casa com Amy após um longo e exaustivo dia de trabalho e encontrou Valentine dormindo toda torta no sofá. Preocupada com a posição em que a garota está, Beatrice decidiu acordá-la.

— Que horas são? — Ela questiona esfregando os olhos.

— 19:00, querida. — Beatrice responde e Valentine se assusta por ter dormido tanto.

— Nossa, dormi muito — Levantou-se do sofá com um pouco de dificuldade e com dor em alguns lugares do corpo.

— Não te faz bem dormir nessa postura, melhor ir para a cama quando quiser dormir um pouco. — Beatrice advertiu com carinho e ela

assentiu.

— Vou tomar um banho e já volto para lanchar com vocês. — Valentine diz caminhando até a escada.

— Você pode aproveitar para dar banho em Amy? Estou um pouco cansada hoje. — Beatrice indagou. Ao olhar para ela, Valentine viu uma expressão cansada em seu rosto.

— Tudo bem. — Deu uma pausa — O que está sentindo? — Ela questiona ao notar uma leve careta de dor que a mulher não conseguira evitar.

— É só uma dor de cabeça por conta de toda a exaustão do dia, querida. Não se preocupe que já vai passar. — Beatrice responde sorrindo como sempre. A garota assente mesmo sabendo que ela não está sendo totalmente sincera e sobe com uma Amy sorridente e saltitante escada a cima. Parece que nunca há tempo ruim para essa menina e isso a faz rir. Ao chegarem no topo, Amy pôde correr livre pelo corredor afora e entrar no quarto de Valentine.

— Me diga Amy, onde eu aperto para te desligar? — Ela perguntou com um sorriso brincalhão nos lábios.

— Desligar? Não sou robô, tina — A pequena responde enquanto Valentine tira sua roupa com cuidado para não machucar.

— É só um jeito de falar, meu amor — Sorriu — Eu quis dizer que você está muito agitada hoje.

— Entendi, vem, quero tomar banho logo — Amy responde puxando a mais velha pela mão e indo até o banheiro com quase toda a roupa tirada de seu corpo. Valentine riu de sua euforia em tomar banho com ela e terminou de tirar a peça que lhe restava no corpo.

— Pode entrar na banheira — Ela indicou a banheira que fora colocada em seu banheiro recentemente — Cuidado para não escorregar e espere que eu vou ligar a torneira para enchê-la. — Valentine advertiu e a pequena obedeceu sentando-se no fundo da banheira a espera da irmã.

Valentine tira sua roupa por completo e entra na banheira após ligar a torneira fazendo Amy sorrir em animação. Ela nunca tivera vergonha em tomar banho com Amy por a mesma ser apenas uma criança. Com a banheira completamente cheia, Valentine desliga a torneira e começa a dar banho em Amy primeiro.

— Tine, por que você tem peitos e eu não? — Amy disparou de repente fazendo Valentine se constranger. Ela não esperava por uma pergunta como essa, mas já imaginou que em algum momento Amy fosse reparar na diferença das duas.

— Porque você é criança, meu amor. — Ela tentou manter a calma diante do assunto.

— Quando eu crescer, também vou ter? — A pequena questionou enquanto Valentine passa shampoo em seu cabelo.

— Feche os olhos, se não vai arder — Valentine pediu — Sim, você vai ter.

— Mamãe também tem — A pequena disse com seus olhos fechados enquanto Valentine tira o shampoo de seu cabelo.

— Sim, porque ela é adulta. — Valentine respondeu e, ao mesmo tempo, agradeceu mentalmente por manter sua depilação em dia. Do contrário, a conversa acabaria se tornando um pouco mais complexa e ela não saberia como lidar com isso.

— Deixa eu passar o shampoo no seu cabelo? — Amy pediu

mudando repentinamente de assunto e Valentine agradeceu por isso.

— Deixo, mas eu coloco em sua mão — A pequena levou sua mão em direção a irmã e esperou que ela colocasse o shampoo.

— Fecha os olhos, tine. Se não vai arder — Amy repetiu o que a garota havia falado minutos antes e Valentine riu.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Após o término do banho, Valentine secou o cabelo de Amy para que ela não gripasse e desceu com a mesma para comer. Beatrice já havia tomado seu banho e resolveu ir adiantando o lanche das meninas.

— Você não vai comer? — Valentine questionou ao ver apenas dois sanduíches em cima da mesa.

— Eu vou jantar — Beatrice deu uma pausa — Preciso tomar um remédio um pouco forte e é preciso manter uma alimentação correta.

— Remédio para quê? — Valentine questionou preocupada. Amy por sua vez, já estava se deliciando com o sanduíche que tanto ama.

— São vitaminas, só isso. — Beatrice respondeu. Valentine assentiu desconfiada e passou a comer seu sanduíche enquanto Beatrice preparava seu prato. Quando terminaram de comer, Beatrice levou Amy para escovar os dentes e depois dormir. Enquanto isso, Valentine lavou a louça e apagou a luz da cozinha para ir subir também.

Ao chegar em seu quarto, percebeu Beatrice sentada em sua cama.

— Senta aqui — A mulher indicou o espaço ao seu lado na cama e Valentine obedeceu sem nada dizer. — Eu preciso ser sincera com você... Não ando muito bem ultimamente e preciso de sua ajuda com a casa e com a Amy.

— O que você tem? — Valentine tornou a questionar preocupada.

— Não é nada sério, meu amor. — Beatrice respondeu lhe fazendo carinho no rosto. Valentine a abraçou forte e se aninhou mais perto da madrastra. Como se quisesse garantir que tudo realmente está bem.

— Eu não quero te perder... — Valentine respondeu com a voz afetada por um início de choro. Beatrice sentiu um nó em sua garganta.

— Você não vai me perder, querida. — A mulher respondeu enquanto afaga seu cabelo um pouco úmido ainda. Valentine levantou seu rosto para olhar nos olhos de Beatrice e ter certeza de suas palavras.

— Promete? — Questiona

— Eu prometo. — Beatrice deixa um beijo em sua testa e Valentine lhe aperta mais no abraço.

— Então eu fico mais tranquila. — Sorriu.

— Te amo, menina! Sempre amei. — A mulher assumiu.

— Eu sempre tive medo de te amar Beatrice, mas agora eu não tenho mais medo. — Sorriu e beijou a face da mulher com carinho.

Beatrice abraçou a garota e se despediu para ir dormir. O dia havia sido longo e ela precisa repor as energias para o dia seguinte. Quando sua madrastra saiu, Valentine recebeu uma mensagem de Harry em seu celular. Com um sorriso, não demorou para ler.

Estou te esperando aqui em casa!

Foi o que o garoto disse na mensagem. Valentine sorriu ainda mais e saiu de seu quarto a procura da chave no corredor. Beatrice sempre deixa pendurada na parede perto de seu quarto para não perder. Ao chegar na casa de Harry, Valentine se depara com tudo escuro no andar de baixo e sobe para

seu quarto com cuidado para não acordar seus pais. Assim que chegou no quarto do garoto o mesmo puxo-a para dentro e fechou a porta.

— Que susto, Harry — Levou a mão no coração assustada.

— Fique calma — Sorri travesso

— Por que me chamou aqui?

— Porque senti sua falta e quis te ver! — O menino se aproximou mais dela.

— Você me viu mais cedo, Harry — Respondeu.

— Parecia eternidade. — O garoto acabou com o espaço entre eles e a encostou na parede. — Eu amo você, marrentinha.

Antes que Valentine pudesse responder, Harry a beijou com mais intensidade que das outras vezes. Se entregando ao beijo, a garota colocou suas mãos no cabelo de Harry para sentir os fios macios entre seus dedos. O beijo se intensifica cada vez mais os fazendo sentir sentimentos os quais nunca haviam sentido antes. Harry passeia sua mão pelo corpo de Valentine deixando a mesma toda arrepiada.

— Valen, eu te amo. — Harry a pega no colo e põe em cima de sua cama. Ao ver as bochechas rodadas da garota, ele sorri.

— Eu também te amo, Harry. — Valentine assume um pouco tímida, ele sorri voltando a beijá-la empurrando-a devagar para se deitar na cama. O beijo fez com que Valentine sentisse seu corpo inteiro se arrepiar. Para ela, não era certo estarem tão próximos, mas, ao mesmo tempo, não quis quebrar o clima que tinham começado. Harry cessou o beijo e olhou para ela com carinho.

— Eu te quero, Valen! Te quero como nunca quis antes. — Sua voz

saiu ofegante e cheio de desejo em seus olhos. Valentine sorriu tímida e sentiu suas bochechas queimarem.

— Nunca pensei que pudesse dizer isso Harry, mas eu também te quero. — Ao ouvir suas palavras, Harry sorriu em expectativa, fazendo Valentine ver o brilho que se formou em seus olhos.

— Eu te amo, marrentinha! — Tornou a beijá-la com carinho misturado ao desejo que nunca sentiram antes. — Você está pronta para isso, Valen?

Sim Harry, eu estou. — assume tímida e corada.

Harry, tira a roupa de Valentine, peça por peça sem deixar de olhar em seus olhos. Tímida, a garota puxa o lençol e se cobre. Quando Harry faz o mesmo consigo mesmo, ela não consegue evitar cobrir o rosto com as mãos na tentativa de esconder a vergonha. No entanto, o garoto a tira de seu rosto com cuidado.

— Não precisa ficar envergonhada, Valen. — Sorri travesso puxando o lençol devagar. Tomando o máximo de cuidado para não machucá-la com o peso de seu corpo, ele deita por cima dela alinhando perfeitamente os corpos. Harry coloca seus dedos entre seus cachos e a beija delicadamente enquanto se une a ela. Ambos se entregam totalmente um para o outro e por breves minutos, até se esquecem do mundo real.

— Foi o melhor momento da minha vida — Ele disse ofegante enquanto Valentine tenta controlar sua respiração. Ambos deitados bem próximos e abraçados.

— Eu não tenho dúvida! Foi incrível. — Ela respondeu tímida. Harry sorriu e afastou os cachos de seu rosto e segurou em seu queixo para beijá-la nos lábios com carinho. Valentine jamais se imaginou em um momento como

esse que ambos estão vivendo juntos. Sempre se pegou pensando que nunca seria feliz outra vez. Agora que encontrou mais um motivo para acreditar que dias melhores virão, ela decidiu se entregar a esse amor como nunca. Harry sempre a imaginou como uma garota difícil, mas nunca quis desistir de conquistá-la, afinal, Valentine é só um ser humano confuso como qualquer outro. Sua amargura foi um meio pelo qual ela encontrou de se defender de tudo o que estava vivendo e sentindo, mas, no fundo, sempre fora mais sensível do que aparentava ser. Sua casca-grossa era só uma farsa, quando, na verdade, ela sempre fora uma menina sensível e vulnerável precisando de amor e cuidado. Foi isso que Harry viu em seus olhos e o motivou a continuar ao seu lado até que a mesma se rendesse ao amor que as pessoas a sua volta estão dispostas a oferecer. Ao olhar para o rosto calmo de Valentine ao seu lado, Harry sorri por tê-la tão perto e tão entregue. A mesma dorme tranquilamente enquanto o garoto acaricia o seu rosto e, vez ou outra, mexe em seus cachos perfeitos que o mesmo tanto ama.

— Você me conquistou desde o início, e eu amo te amar tanto. — Ele assume sussurrando para não acordá-la. A verdade é que Harry sempre sonhara com o momento em que Valentine estivesse assim, tão entregue ao amor que ele está disposto a proporcionar.

— Eu prometo te amar e cuidar até o meu último suspiro, marrentinha. — Ele torna a dizer baixo enquanto ouve sua respiração tranquila próxima a ele. Harry puxa seu corpo para mais perto e a abraça com carinho para então dormir ao seu lado. Como sempre imaginou que um dia seria.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando Valentine acordou na manhã seguinte, notou que Harry ainda dormia tranquilamente e então sorriu por pegá-lo dormindo. Para ela,

ele é ainda mais bonito enquanto dorme. Ao se dar conta de que ainda está nua, sente suas bochechas queimarem por se lembrar da noite anterior e então se apressou em levantar antes que Harry acordasse e a visse do modo que está. Mesmo tendo se entregado para ele, a mesma ainda sente um pouco de vergonha por aparecer assim na frente dele, por isso, após ter terminado de se vestir, deu um beijo na bochecha do garoto e saiu sem fazer barulho. Em sua casa, Valentine tomou cuidado ao verificar se sua madrastra ainda dormia. Ela não sabe qual será sua reação ao descobrir o que ela e Harry fizeram e sente vergonha só ao imaginar ter que explicar o que aconteceu. Mesmo assim, ela não pretende esconder isso de sua madrastra por muito tempo devido à boa amizade que as duas estão construindo. Ao caminhar em direção ao corredor, entrou em seu quarto e foi rapidamente tomar um banho para iniciar o seu dia. O que ela não imagina, é que Beatrice sabe que ela não passou a noite em casa e ainda a viu chegar, mas a mulher decidiu esperar que a menina dissesse o que houve antes de questioná-la.

Quando terminou o banho, Valentine vestiu seu habitual uniforme da escola e fez um rabo de cavalo para não ter que desembaraçar os cachos. Isso daria trabalho e ela não tem muito tempo. Ao sair de seu quarto, notou o corredor ainda vazio e desceu para ver se a madrastra já havia acordado.

— Bom dia! — Valentine sorriu para a mulher e deu um beijo em sua bochecha logo em seguida.

— Bom dia, querida. — A mulher retribui o carinho e deposita um beijo em sua testa.

— Bom dia, minha princesa! — Ela diz se referindo a Amy que sorri.

— Bom dia, tine.



Mais uma manhã comum se passou para Valentine e Harry. Ao saírem da escola, ambos caminharam juntos até o caminho de volta para casa. Quando chegaram, Harry se despediu da garota com um beijo carinhoso e seguiu para sua casa com a promessa de que voltaria a tarde para que pudessem assistir a um filme juntos. No momento em que Valentine chegou perto da porta de casa, pôde ouvir vozes dentro vindo de dentro e achou toda a situação estranha pelo simples fato de que a madrasta trabalha nesse horário. Por isso, antes de entrar, se colocou a ouvir o que estava sendo dito dentro de casa.

— Eu não sei como vou contar isso a ela, Clair. — Valentine reconheceu a voz da madrasta — Essa menina já sofreu tanto que eu temo o que possa acontecer.

Incomodada com o assunto, Valentine abriu a porta de casa e às duas mulheres olharam para ela espantadas por pensar que a garota pudesse ter escutado parte da conversa.

— Boa tarde! — Respondeu educadamente e passou pelas duas indo até à cozinha para pegar um copo d'água.

— Valen, senta aqui. — Beatrice pediu indicando uma cadeira. Valentine temeu o rumo da conversa, mas obedeceu ao pedido da madrasta.

— O que houve? Por que não está no trabalho? — Valentine questionou aflita. Não é a primeira vez que ela vê a madrasta faltar um período de trabalho e isso a fez temer o que pudesse estar de fato acontecendo.

— Querida, eu vou ter que fazer outro exame hoje. — A mulher fez uma pausa para segurar em sua mão. Uma tentativa carinhosa de transmitir segurança e proteção — Preciso que você pegue a Amy na escola.

— Outro exame? — Valentine indagou ignorando a última parte.

— Rotina, meu amor. — Beatrice respondeu com um nó na garganta.

— Eu sei que tem algo acontecendo, Beatrice. — Valentine respondeu apertando um pouco a mão de sua madrastra.

— Impressão sua, eu só vou fazer um exame normal de sangue. — Beatrice tentou sorrir.

— Eu vejo em seus olhos que essa não é a verdade. — Valentine deixa uma lágrima cair. Beatrice se comove e não consegue mais negar o que realmente está acontecendo, mas só em imaginar o quão difícil seria contar a Valentine o que se passa, tentou ao máximo continuar com sua justificativa de sempre.

— Não meu amor, não chore. — Beatrice limpa suas lágrimas. Clair apenas observa toda a cena diante de si calada. — Eu estou bem.

— Me promete que vai ficar bem? — Valentine ignora o que a madrastra falou e pede com o coração apertado.

— Eu já estou, querida. — Beatrice insiste.

— Promete? Só diga isso e eu não faço mais perguntas. — Valentine pede com sua voz embargada. Beatrice segura em sua outra mão e faz carinho em ambas.

— Eu prometo. — Ela diz por fim. Valentine respirou com alívio e abraçou a mulher o mais apertado que pôde. Como se quisesse dizer e deixar marcado o quanto precisa dela ao seu lado.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Mais tarde, como prometido, Harry foi até a casa de Valentine para que eles pudessem assistir um filme juntos. Para ficar perto dela ele está

disposto a até mesmo assistir filme de romance. Ao bater na porta três vezes seguidas, Valentine teve certeza de que era ele. Só ele para fazer algo do tipo. Quando abriu a porta, tentou sorrir como sempre fazia quando o via, mas devido ao último acontecimento, não conseguiu evitar uma expressão triste e preocupada. Percebendo o estado de Valentine, Harry a abraçou sem nada dizer. Enquanto estavam no abraço, o menino afagou seus cachos com carinho e sussurrou em seu ouvido que tudo iria ficar bem. Mesmo ele não tendo conhecimento do que estava acontecendo para deixá-la tão triste.

— Hey, vem! — Harry fechou a porta atrás de si e a levou até o sofá.

— Obrigada por estar aqui. — Ela agradeceu.

— Eu disse que viria, não disse? — Sorriu. — Me conta o que aconteceu?

— Eu estou preocupada com a Beatrice. Ela foi fazer outro exame — deu uma pausa — Mesmo ela insistindo em dizer que está tudo bem, eu sei que tem algo de errado acontecendo com ela.

— E por que acha isso? — Harry acaricia a bochecha da garota.

— Eu só sinto. — Valentine chora outra vez e o garoto lhe abraça novamente.

— Confie que ela está bem, Valen. — Harry se afasta do abraço e olha em seus olhos. — Vai ficar bem tudo bem. Harry faz carinho em seu rosto e se aproxima para deixar um beijo carinhoso em seus lábios pequenos.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Mais tarde, após terem assistido juntos ao filme que Valentine escolhera, Harry se ofereceu para ir com ela para buscar Amy na escola. Como o caminho seria um tanto longo, ela aceitou. Ao menos teria com quem

conversar e não teria tempo para pensar em coisas ruins. Quando chegaram na escola, Amy estava com uma das professoras a espera de sua mãe. Ao ver Valentine e Harry, a garotinha correu e os abraçou. Valentine ficou aliada por Amy não fazer perguntas sobre o motivo de a mãe não ter ido buscá-la como de costume. Pelo contrário, a garota parecia eufórica por ir embora com os dois.

— O que há com essas pessoas? — Questiona incomoda após receber olhares tortos no ônibus.

— Devem pensar que Amy é nossa filha — Harry sorri travesso.

— E se fosse? Eles não tem nada com isso. Nossa vida não lhes diz respeito. Harry gargalhou e as pessoas pararam de olhar. Umas porque haviam escutado, outras porque encontraram coisa melhor para fazer.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Sentada em sua cama, Valentine relembra tudo o que viveu em apenas um dia. Pensou em sua madrasta e no que poderia estar acontecendo. Como se pudesse ler seus pensamentos, Beatrice abriu um pouco a porta de seu quarto e perguntou se podia entrar. A garota respondeu que sim e deu espaço para ela deitar ao seu lado na cama. Por alguns minutos, ambas permaneceram em total silêncio, apenas olhando uma para outra. Até Valentine quebrar o silêncio.

— Preciso te contar uma coisa que eu fiz... — Começou. Ela não pretendia mesmo esconder da madrasta então preferiu contar logo.

— O quê? — A mais velha questionou em expectativa. No fundo, ela sabe que se trata do fato dela não ter dormido em casa.

— Eu dormi na casa de Harry na noite passada. — Valentine disparou um pouco constrangida e com receio de qual seria a reação da madrasta.

— Eu já sabia, mas queria que você me contasse, então não falei nada. Fico feliz que tenha sido sincera comigo. — Beatrice sorriu, mas, ao mesmo tempo, sentiu um aperto em seu coração por não estar sendo sincera com Valentine.

— Não vai brigar comigo? — Valentine questionou.

— Não, você foi sincera e isso já basta! Mas quero que me avise da próxima vez. — A garota sorri e ganha coragem para continuar a conversa.

— É que nós fizemos outra coisa, além de dormir... bem, você sabe... — Valentine sentiu suas bochechas queimarem e Beatrice sorriu diante da situação. Sim, ela sabe o que Valentine está falando.

— Você sabe que vocês não estão preparados para isso, né? — Beatrice questiona.

— Vai me deixar de castigo? — Valentine torna a olhar em seus olhos. Beatrice faz carinho em sua bochecha.

— Eu gosto do fato de estar sendo sincera. Não vou te deixar de castigo. — Beatrice sorriu. — Mas Valen, você é muito jovem meu amor. Tem muito o que viver e aprender. Não vou negar que fiz o mesmo que você. Já fui adolescente e sei o que se passa nessa cabecinha.

Valentine sorri.

— Gosto do fato de estarmos tendo essa conversa. — Sorri.

— Eu também. — Beatrice beija sua testa — Me diz, você o ama?

— Amo. — Valentine não tem medo de dizer o quanto Harry mudou seus sentimentos e pensamentos.

— Ele te machucou? — Beatrice indagou ficando um pouco séria e Valentine constrangida.

— Não. Ele foi muito carinhoso e cuidadoso comigo, Bea. — Valentine sorriu. — Mas não vou negar que fiquei com pouco dolorida.

— Isso é normal, meu amor. — Beatrice volta a suavizar sua expressão. — Se forem continuar, peço que sempre me conte e se previna.

Valentine volta a sorrir com todo o cuidado e atenção que está recebendo da mulher que passou a amar mais do que pensou que um dia fosse amar.

— Eu farei isso, pode ficar tranquila. — Sorriu.

— Mas Valen, eu te peço que só continue com isso se você tiver certeza que ele também te ama e que pretendem assumir um relacionamento sério. — Beatrice dá uma pausa — Eu sei que vocês são muito novos e nem devem estar pensando em casamento, mas quero que tenham juízo e consciência do que farão daqui para frente.

— É tão bom ouvir todas essas coisas. — Deu um suspiro longo — Eu acreditava que nunca pudesse passar por isso. — Beatrice nota seu olhar triste.

— Você não está só, eu vou cuidar de você até meu último suspiro — Beatrice assumiu.

— Eu te amo, Bea! — Valentine respondeu deixando a mais velha emocionada.

— Eu te amo mais, tenha certeza disso. — Acaricia sua bochecha. — E eu não vou permitir que ele te faça sofrer ou brinque com você.

— Eu amo te amar. — Valentine sorri e fecha seus olhos para sentir todos os carinhos que sua madrastra possa proporcionar a ela.

— E eu amo ter você tão pertinho. — Ela beija sua testa. Alguns

minutos se passam e elas se deixam vencer pelo cansaço e acabam dormindo juntas e abraçadas.



_____ ≡ _____

*Eu sempre estarei ao seu lado,
mesmo que você não queira*

_____ ≡ _____

No dia seguinte, quando Valentine acordou, sua madrastra já não estava ao seu lado na cama e isso a fez imaginar que a mesma estivesse preparando as coisas para o dia. Com preguiça de levantar, continuou deitada até o momento em que seu despertador tocou pela terceira vez aquela manhã. Ao olhar para o mesmo, viu que já eram 06h30min AM. Se ela ainda quisesse tomar café da manhã antes de ir à escola, teria que tomar banho e se arrumar em apenas 10 minutos. Sem demora, ela finalmente se levantou para encarar mais um dia de frente, como sempre lutou para fazer. Quando terminou seu curto banho, se vestiu e deixou o cabelo solto mesmo. Ela não teria tempo para mexer nele. Se fosse fazer isso, levaria 1 hora somente no cabelo. E ela definitivamente não teria tempo para dar a devida atenção. Então, somente arrumou alguns fios que insistiam em cair em seu rosto e saiu de seu quarto.

— Bom dia! — Ela deu um beijo na testa de Beatrice e outro na bochecha de Amy indo sentar em seu lugar logo em seguida.

— Achei que não fosse à escola hoje. — Beatrice deu um sorriso brincalhão.

— A cama estava bem confortável. — Sorriu.

— Tine, eu quero meu cabelo cheio igual o seu.

— Meu amor, seu cabelo está lindo nesse rabo de cavalo. — Beatrice precisou intervir. A verdade é que a diretora da escola pediu que as meninas não fossem com o cabelo solto porque estava tendo problemas com piolhos.

— Não está igual o da tine. — Ela resmungou após morder um pedaço de bolo.

— A mamãe quer que você vá de cabelo preso hoje, Amy. — Valentine continuou após entender que Beatrice estava preocupada com os piolhos. Se Amy pegasse, não seria uma tarefa fácil limpar todo o seu cabelo. Já não é seguro com o cabelo preso, imagina se estiver solto.

— Mas eu quero ficar igual. — A garotinha insistiu em seu protesto.

— Amy, escute — Valentine olhou firme para ela — Sua escola está passando por problemas com muitos piolhos e pediu que as meninas fossem de cabelo preso para a escola. — Ela deu uma pausa para analisar as expressões que a pequena fazia e ao notar que não estava a convencendo, decidiu acrescentar um pouco de medo. — Se você pegar piolhos terá que cortar todo o seu cabelo e aí não vai mais ficar igual a mim. É isso que você quer?

Amy olhou para ela assustada e balançou a cabeça várias vezes e enfim decidiu que não iria mais reclamar do cabelo preso. Beatrice sorriu e agradeceu a Valentine por ter tomado controle da situação.

Ao se despedir de Beatrice e Amy, Valentine seguiu com Harry até a escola em silêncio. Notando sua falta de comunicação, o garoto tentou puxar

assunto.

— Aconteceu alguma coisa, Valen? — Questionou preocupado.

— Não, só estou pensando em algumas coisas aleatórias. — Respondeu evitando seus olhos.

— E que coisas seriam essas? — Ele insistiu após segurar em sua mão e parar de andar.

— Estamos atrasados, Harry. — Deu um suspiro cansado.

— Não muda de assunto. Eu sei que algo aconteceu. — Harry tocou sua bochecha com o dedo polegar. — Se abre comigo, Valen. Você sabe que agora pode contar comigo.

— Sim, eu sei. — Sorriu — Podemos não ir a escola só hoje? — Sugeriu.

— E o que você quer fazer?

— Podemos ir até a praça e ficar olhando as pessoas passarem.

— Meio chato, não acha?

— Tudo menos ter que encarar um dia exaustivo e fingir que estou ouvindo o professor.

Harry riu da confissão que Valentine fez se aproximando mais dela para dar um beijo.

— Tudo bem, nós iremos até a praça.



Já se passou mais de uma hora desde que Valentine e Harry chegaram à praça para conversar. No entanto, a garota pediu que ele a deixasse um pouco na dela enquanto formulava seus pensamentos e conflitos

internos. Ele não negou, pelo contrário, estava amando fazer carícias no rosto e cabelo dela enquanto admirava seu rosto tranquilo. Mesmo que parecesse estar longe em seus pensamentos, continuava a manter uma expressão tranquila e isso chamava a atenção do garoto. Quando o sol começou a se pôr, Harry e Valentine perceberam que já era hora de voltarem para casa.

— Mesmo tendo que te ver chorar e ficar em silêncio, foi um dia bom. — Ele assumiu puxando-a para mais perto dele. Ela sorriu.

— E eu te agradeço por ter ficado ao meu lado.

— Eu sempre estarei ao seu lado, Valen. — Harry acaba com o pouco espaço que ainda tinha entre eles fazendo Valentine ficar na ponta dos pés. — Até quando você não quiser.

— Mesmo correndo o risco de levar tapas?

— Mesmo correndo o risco de ser agredido. — Harry sorri e beija sua testa com carinho seguindo sua trilha de beijos por sua bochecha, pescoço e por último, em seus lábios.

— Isso é golpe baixo. — Ela se afasta um pouco.

— Não, não é. — Sorri travesso e volta a beijá-la com carinho.

Como estavam um pouco longe de casa, decidiram ir para casa de ônibus. Não seria muito agradável caminhar tanto a noite em uma cidade que pode não ser muito segura durante a noite. Quando subiram para o ônibus, foram para o fundo, nos últimos bancos. Harry sentou no primeiro banco longe da porta e Valentine aproveitou o espaço restante para se deitar e pôr a cabeça em seu colo.

— Valen? — Ele chama sua atenção depois de um tempo em silêncio.

— Sim...? — Ela o olha e o vê um pouco inseguro em falar o que

tanto quer. — Pode falar Harry.

— É que, bem. — Ele brinca com alguns de seus cachos — Não vai ficar chateada se eu perguntar?

Valentine pensou um pouco e enfim respondeu.

— Não. Pode falar. — Ele continua a mexer em seus cachos, e para que ela fique mais próxima a ele, o mesmo apoiou suas pernas no suporte de ferro logo a sua frente. O mesmo que é usado para pessoas com deficiência física.

— Lá na praça, você estava pensando em seu passado, ou só no fato da Beatrice poder estar doente?

— Em meu passado e em todos que perdi — Valentine desvia o olhar.

— Olha para mim — Ela obedece — Me desculpe, não quis ser indelicado.

— Não se preocupe você merece saber. — Ela sorri fraco para convencê-lo de que está tudo bem.

— Você é uma das pessoas mais fortes que eu conheço. — Harry faz carinho.

— Você acha? Na verdade, tenho muito medo de perder quem eu amo... — Seu olhar se torna triste.

— Sim! Você é incrivelmente forte. — Ele sorri. — E olha, a Beatrice vai ficar bem! E você não vai me perder nem tão cedo. Vamos nos casar e ter vários filhinhos para alegrar a casa. Várias Valentine. — Harry sorri travesso.

— E vários Harry também. — Ela sorri. Um sorriso espontâneo e verdadeiro após ter derramado tantas lágrimas durante a tarde.

— Sim! — Ele se aproxima para dar um beijo simples em seus lábios.

Uma senhorinha entra pela porta de trás e resmunga algo sobre os jovens de hoje em dia. Envergonhada, Valentine se afasta do beijo de Harry e ele apenas rir.

— Ela deve achar que sou qualquer uma.

— E você se importa? Eu não me importo nem um pouco com o que ela pensa ou deixa de pensar — Sorri convencido — Estou apenas beijando minha linda namorada, o que há de mal nisso?

— Bobo!

— Linda! — Rouba um beijo dela.



Quando Valentine chegou em casa, Beatrice já havia chegado e estava na cozinha preparando o jantar. Amy sorria com um desenho na TV. A garota entrou sem ser notada pela criança distraída. Quando chegou à cozinha, Beatrice a viu

— Estava preocupada! Onde estava? — A mulher não estava aborrecida. Muito pelo contrário, em seu rosto é perceptível a preocupação que sentiu ao chegar e não encontrar Valentine em casa. Ainda mais depois de ter recebido uma ligação da sua escola por ela não ter comparecido a aula naquele dia. Ela até tentou ligar para a menina, mas notara que a mesma esqueceu o celular na mesa enquanto tomavam café da manhã.

— Desculpa, não quis preocupá-la — Valentine se aproximou da mulher após se lembrar da tarde que tivera. O medo tomou conta de si e ela não conseguiu evitar chorar.

— O que foi querida? Está com medo de levar bronca?

Valentine não respondeu. Ao invés disso, abraçou Beatrice da mesma forma que abraçou Harry na praça, como se fosse perdê-la a qualquer momento.

— Oh! Meu amor — Beatrice afasta um pouco o seu cabelo e faz carinho em suas costas.

— Eu não quero e não posso te perder! — A garota assume ainda em seu abraço e Beatrice percebe que seu choro não é por ter cabulado aula e sumido o dia inteiro sem dar qualquer satisfação de onde estava. Nem quando ela insistia em não querer Beatrice por perto, agia dessa forma.

— Meu anjo, eu estou bem. — Valentine olha para a mulher sem ter certeza de suas palavras.

— Eu sei que não está! — Deu uma pausa — Me conta o que está acontecendo, por favor! — Beatrice senta em uma das cadeiras e a põe sentada em seu colo.

— Eu sempre quis fazer isso — Se refere em ter a menina em seu colo. — Eu vou ficar bem! — Ela afasta o cabelo do rosto de Valentine e beija sua bochecha.

— Não vai me contar? — Ela insiste em querer saber o que há com a madrastra.

— Não há nada. — Afirmou — Agora me conte, onde estive o dia todo e porque não foi à escola?

— Justo. — Valentine limpa suas lágrimas — Eu acordei meio mal hoje e pedi que Harry ficasse comigo na praça. Desculpe por isso. Não vai se repetir.

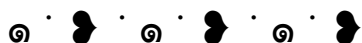
— Poderia ter me avisado, querida. Fiquei preocupada.

— Eu esqueci o celular...

— Certo, mas não faça mais isso, ou me matará de susto.

— Não brinque com isso...

— Desculpe querida. — Beatrice volta beijar sua bochecha. — Vai tomar um banho e volte para jantar. Você deve ter ficado o dia todo sem comer hoje.



Depois do jantar, Beatrice até tento disfarçar, mas Valentine notou quando ela tomou alguns comprimidos escondida e guardou os vidros dentro do armário. Quando a mulher subiu com Amy em seu colo, a garota correu e foi até o armário para poder pegar os vidros de remédio e descobrir para que servem, mas não consegue identificar pelo rótulo. Pensando nisso, ela subiu correndo e pegou seu notebook para pesquisar na internet.

— Vamos ver... — Ela digita o primeiro nome no campo de busca, mas é impedida de continuar ao ver Harry entrar por sua janela.

— Que susto, Harry!

— O que está fazendo?

— Pesquisando para que servem esses remédios que a Beatrice anda tomando. — Ela balança um dos frascos na sua frente.

— Isso é errado, Valen. Ela pode ficar brava com você e com razão.

— Mas eu preciso descobrir. Não aguento mais tanto suspense.

— Melhor você ter uma conversa sincera com ela do que tentar descobrir escondida.

— Você tem razão. — Afirmou — Vou guardar tudo isso e já volto.

Valentine desceu com cuidado para não acordar Beatrice e guardou todos os remédios em seus lugares de antes. Ao voltar para seu quarto, Harry estava deitado em sua cama

— Agora vem aqui, você precisa relaxar um pouco. — Harry puxa seu braço para que ela deite ao seu lado na cama. Ele puxa a garota para mais perto e abraça seu corpo. Poucos minutos depois, ambos se deixam vencer pelo cansaço.



No dia seguinte quando Valentine acordou Harry já não estava mais ao seu lado. Ela sorriu ao se lembrar da noite passada e imaginou que ele deve ter ido a sua casa para tomar um banho e se arrumar para ir à escola. Ao se dar conta de que a casa está silenciosa, imaginou que Beatrice ainda estivesse dormindo, assim como Amy. Então, ela se levantou e começou a sua rotina matinal antes de descer e preparar o café da manhã para Beatrice. Poucos minutos depois, Beatrice desce a escada vestida com um roupão e se depara com Valentine arrumando a mesa para o café da manhã. Por breves segundos, ela apenas permaneceu admirando de perto sem dizer nada. Até a menina notar sua presença.

— Bom dia! — Valentine sorriu. Beatrice devolveu o sorriso.

— Bom dia, querida! Atrasei-me um pouco hoje, mas não precisa se preocupar com o café da manhã. Eu já estava descendo para arrumar tudo. — Beatrice sorriu gentil.

— Você sempre prepara tudo sozinha, Bea. Hoje é minha vez de cuidar um pouco de você. — Ao colocar a torta de morango que Amy tanto ama na mesa, Valentine volta a sorrir para a madrastra. Beatrice se aproxima dela com um pouco de emoção por ter escutado palavras tão simples, no

entanto, carregadas de amor e cuidado. Ela nunca imaginou que viveria para presenciar um momento tão bom como esse ao lado de Valentine.

A mulher acariciou seu rosto e beijou sua testa com carinho.

— Eu te amo, Valentine.

— Eu também te amo, Bea.

Juntas, terminaram de colocar os últimos objetos na mesa e esperaram que Amy descesse para terminar de iluminar a manhã. E não demorou muito para a pequena se juntar á elas e tomarem o café da manhã em harmonia, como Beatrice sempre desejara em seu íntimo, e logo após o café da manhã, Valentine se despediu de Beatrice e foi ao encontro de Harry, para juntos, irem à escola. Em sua mente, ela desejou que aquele fosse um dia bom, onde não pudesse ter que pensar em seu passado sombrio e sentir culpa. No fundo, ela sempre sentiu culpa por ver todos que amava morrer e ela não poder fazer nada. Mas hoje não. Hoje ela focaria no que ainda tem e em como é sortuda por ter tantas pessoas que a ama. Ela também nunca pensou que fosse se entregar ao amor e cuidados de Beatrice algum dia, pois sempre teve medo de que, se um dia fizesse isso, ela também morresse. Mas percebeu que esteve enganada durante todo esse tempo. Beatrice está bem e nada de ruim vai lhe acontecer. Ao menos é o que ela espera.



Quando as aulas se encerram no início da tarde, Valentine voltou para sua casa junto a Harry. Ao se aproximarem do bairro com casas iguais e uma do lado da outra, se abraçaram e cada um entrou em sua casa. No momento em que a menina se virou e colocou a mochila no sofá, ela se deparou com Beatrice caída no chão da cozinha.

—Bea? — quando não obteve resposta, correu assustada até a mulher

e começou a sacudir seu corpo gelado. — Por favor, fale comigo! Eu não posso te perder também! Responda-me, Bea, por favor. — O desespero começou a tomar conta de Valentine e lágrimas cobriram sua face rapidamente. Logo, o medo se fez presente e ela não soube o que fazer.

Quando se deu conta de que precisa de ajuda, correu desesperada até a casa de Harry e bateu na porta com toda a força que ela nem sabia que tinha. Harry se assustara com tamanha brutalidade e se apressou para atender. Ao se deparar com Valentine em prantos, ele não teve outra reação, se não, lhe abraçar. Mas a menina mal o olhou e saiu puxando seu braço até sua casa. Quando o mesmo entendeu o que estava acontecendo, pegou um copo d'água para Valentine e correu para que pudesse ligar para a emergência.

— Ela vai ficar bem, meu amor — Afastou o cabelo de seu rosto.

— Eu não posso perdê-la também, Harry. — Um soluço impediu de continuar falando — Ela é tudo o que me restou.

— Olhe para mim! — Harry pediu segurando em seu rosto. — Ela vai ficar bem. Nada de ruim vai acontecer.

Harry abraçou a gorta e deixou que as lágrimas de Valentine caíssem descontroladas em seu peito. Em sua mente, ele deu graças a Deus por Amy não estar em casa. Com certeza, o impacto seria duas vezes pior para ele sozinho.



No hospital, Valentine mantinha sua cabeça no colo de Harry há mais de uma hora. Claro que ele não se incomodara, mas o fato dela não ter dito uma só palavra desde que chegaram, começou a preocupá-lo. Ela apenas olhava atenta um ponto fixo no chão, como se sua mente estivesse longe. E de fato estava. Nem mesmo quando Harry chamou seu nome pela terceira vez

e tocou seu rosto com carinho, ela voltou para a realidade. É como se estivesse hipnotizada. Na verdade, sua mente estava em todos que a vida levou dela sem nem avisar com antecedência ou se podia. Ela não conseguia parar de pensar em sua mãe, em John e em seu pai. Todos foram embora e ela não conseguiu fazer nada para ajudá-los. Não que ela pudesse realmente fazer algo para mudar toda a situação. Mas o sentimento de impotência insistia em continuar em sua mente, como se quisesse lembrá-la de que ela não merece ser feliz e não pode fazer nada para mudar isso. Em sua mente, ela não conseguia deixar de pensar em Amy. Como ela contaria o que aconteceu? Como a criança iria reagir ao fato da mãe dela está em um hospital sabe se lá em que estado? Aliás, nenhum médico havia aparecido para dar notícia. Toda essa situação já estava deixando sua mente conturbada. Harry mais uma vez tocou seu rosto com carinho e ela pareceu despertar do transe em que estava para repetir a frase a qual não saia de sua mente.

— Eu não posso perdê-la, Harry! — Valentine olhou em seus olhos na esperança de que eles pudessem transmitir a segurança que está precisando no momento.

— E você não vai, acredite em mim! — Ele cobriu seus lábios com carinho e deu um beijo simples, mas cheio de amor. O amor que ela precisa para acreditar que tudo vai ficar bem.

— Como vou contar para a Amy? — Questionou ainda olhando em seus olhos negros.

— Contaremos juntos — Segurou em sua mão — De um jeito que não a assuste.

— Obrigada por estar sempre aqui quando eu preciso — Tentou sorrir, mas a dor não permitiu.

— É o mínimo que um bom namorado e amigo pode fazer! — Sorriu convencido.

— Namorado? — Questionou com a testa franzida — Não me recordo de você ter feito um pedido. — Dessa vez, ela deu um sorriso ao ver a reação que ele teve em suas expressões faciais.

— Não seja por isso — Ele a levantou de seu colo com cuidado e se pôs de joelho em sua frente.

— Harry, o que você está fazendo? — Perguntou olhando para as pessoas que olhava curiosos para eles.

— Eu estava esperando o momento certo, mas acho que já passou da hora — Ele retirou uma pequena caixinha do seu bolso e olhou em seus olhos. — Valentine Evans, você aceita ser a minha namorada? — Ele abriu a caixinha relevando um lindo e delicado anel com uma pedrinha de diamante. Valentine olhou dele para o anel diversas vezes e não conseguiu segurar a emoção. Não por estar vendo um anel tão caro na sua frente, mas por estar de frente à pessoa que aprendeu a amar em tão pouco tempo e por essa linda demonstração de amor e cuidado.

— Eu.. é claro que sim, Harry! — Sorriu emocionada.

— Esse anel foi da minha avó materna. Ela me deu antes de falecer e disse que era para eu dar a mulher que eu tivesse a certeza de que me faria feliz e fosse ser a esposa que ela sempre sonhou para mim — Ele deu uma pausa e respirou fundo. — E hoje eu tenho a certeza de que amo você e sei que será a mulher da minha vida. — Harry colocou o anel em seu dedo, limpou suas lágrimas teimosas beijou-a. Algumas pessoas ao redor começaram a bater palmas e assobiar fazendo os dois se separarem. As

bochechas de Valentine logo ficaram vermelhas fazendo o garoto sorrir.



Quando o médico finalmente apareceu para dar notícias, disse que Beatrice estava bem, mas que iria precisar ficar internada para fazer alguns exames. Ela até tentou protestar, mas não adiantou muito. Teria que ir para casa e deixar Beatrice no hospital, mas não sem antes vê-la e fazer algumas perguntas das quais não poderia mais esperar. Beatrice precisaria ser honesta com Valentine e contar o que estava acontecendo de verdade. Ao entrar no quarto hospitalar, Valentine olhou para o rosto pálido de sua madrasta e sentiu um nó em sua garganta. Ela precisaria ser muito forte.

— Chegue mais perto, meu amor. — Beatrice pediu com a voz frágil. Valentine obedeceu e chegou para mais perto. Aproveitando a oportunidade, a mulher segurou em suas mãos e começou a falar novamente.

— Eu não posso mais continuar mentindo para você, meu amor. Preciso te contar a verdade. — Antes mesmo de contar, Valentine já não conseguia mais controlar as lágrimas. Em seu coração ela sabe que boa coisa não é e que precisará ser forte.

— Você mentiu para mim todas as vezes que eu te perguntei se estava bem. — Sentiu outro nó em sua garganta e precisou olhar para qualquer lugar, menos em seus olhos.

— Olhe para mim, querida. — Pediu com a voz quase falhando. Valentine olhou e lágrimas começaram a cair mais rápidas e incontrolláveis.

— Eu não estou preparada para outra perda, então trate de ficar boa logo — Valentine falou baixinho.

— Eu tenho que te contar... por favor, entenda que eu só quis te proteger — Beatrice deu uma pausa — Mas eu não posso mais esconder.

Minha doce menina, eu estou com câncer.

Na mesma hora que proferiu tais palavras, Valentine soltou as mãos de Beatrice e chorou mais ainda.

— Câncer? Não, de novo não! — Valentine sentou no chão frio e abraçou seus joelhos.

— Querida, me ouça. — Beatrice pediu e ela lutou para continuar olhando em seus olhos. — Eu vou ficar bem! Não vou te deixar só. Eu prometo lutar até o fim. — Beatrice esticou seu braço para que Valentine segurasse em sua mão e assim ela o fez.

— Você promete? — Sua voz saiu embargada pelo choro.

— Sim, eu te prometo. — Beatrice sentiu um nó em sua garganta por saber que não depende somente dela, mas ela teria uma conversa bem sincera com Deus. Ela precisaria lutar de todas as formas possíveis. Afinal de contas, Amy e Valentine precisam muito dela.



_____ ≡ _____

*Assim como há dias de luz,
Risos e felicidades haverá
Também dias de sombra,
Dor e lágrimas.*

_____ ≡ _____

Em casa, Harry e Valentine precisaram pensar no que diriam a Amy. Queriam uma forma de falar que não a assuste. O fato de ter que contar a verdade para Amy, deixa a garota assustada. Ela nunca se imaginou tendo que dar esse tipo de notícia. Ainda mais se tratando de um assunto tão sério e delicado. Não será nada fácil considerando seus monstros internos. O bom é ter Harry ao seu lado para apoiá-la e dar o devido suporte.

Logo que Amy chegou com Clair, Valentine se apressou em dar um banho na criança e preparar algo para eles comerem. Enquanto ambos comem, Harry aproveita para dizer que passaria a noite com elas e assim Clair não precisaria ficar. Isso fez Amy ficar curiosa e perguntar pela mãe. No entanto, Valentine deixou para dizer quando a pequena terminasse de comer. Caso contrário, poderia se negar a comer depois da notícia.

Assim que Clair foi embora, se prepararam para dar a notícia a Amy. Uma hora ou outra, eles teriam que fazer isso e o quanto antes, melhor.

As crianças têm muito mais facilidade para compreender assuntos delicados. Com Amy não seria diferente. Por isso, eles decidiram colocá-la na cama juntos e começarem o assunto antes que a mesma começasse a fazer perguntas.

— Amy, você é uma garota forte? — Harry questionou para a garotinha que prontamente respondeu.

— Sim, sou forte! — Seu sorriso iluminou o coração de Valentine.

— Então você está pronta para saber... — Valentine começou a dizer e pensar em cada palavra a ser dita — A mamãe está no hospital...

— O que ela tem? — Indagou um pouco assustada e ambos seguraram em suas mãos para transmitir segurança.

— Ela está com um probleminha que só os médicos podem tirar — Harry acariciou sua mão direita.

— Ela vai virar estrelinha igual o papai e a sua mamãe, tine? — A pequena questionou sem qualquer intenção de ferir. No entanto, tais palavras pegaram Valentine totalmente de surpresa. Como começar a explicar para uma criança o que é o câncer e o que ele é capaz de fazer com a pessoa?

— Não, meu amor. — Valentine limpou uma lágrima involuntária. Amy se levantou e sentou em seu colo colocando as pernas em volta de sua cintura.

— Desculpe, tine. Eu não quis te deixar triste. — A menina acariciou o seu rosto e Harry permaneceu apenas observando.

— Está tudo bem, meu anjo. — Valentine sorriu — Você não me deixou triste.

— Mesmo? — Amy questionou e ela assentiu. Em um pequeno gesto

de carinho, Amy beijou seu nariz — Eu te amo, tina.

Valentine repetiu o carinho e a colocou de volta em baixo das cobertas. Após terem contado uma história para ela, a mais nova finalmente pegou no sono e Valentine pôde voltar para seu quarto com Harry.

— Agora você pode tomar um banho para relaxar — Harry beijou sua testa — Estarei esperando aqui.

Ela apenas assentiu e entrou em seu banheiro. Ele aproveitou para tomar um banho no banheiro do andar de baixo.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Com seu pijama de frio coberto de doces, Valentine saiu do banheiro e Harry já estava a sua espera. O garoto sorriu para seu pijama e achou divertido provocá-la.

— Sabia que você fica uma gracinha vestida assim? — Questionou se aproximando dela. Suas bochechas ganharam um tom mais rosado e isso o divertiu.

— É só um pijama, Harry — Sorriu um pouco constrangida.

— Eu amo quando suas bochechas ficam vermelhas assim. — Brincou acariciando a mesma.

— Se você não parar, elas irão virar tomates. — Sorriu tímida. Ele sorriu travesso, segurou em seu queixo para que pudesse levantar seu rosto e beijá-la nos lábios com carinho. Após o gesto de carinho, Harry apagou a luz do quarto e deixou apenas a do abajur acesa.

— Vai ficar tudo bem, não vai? — Valentine questionou apreensiva. Harry sentou-se de frente para ela e segurou em suas mãos.

— Eu estou aqui com você, meu amor. — Sorriu simples — Vai ficar

tudo bem.

— Não, Harry. Você não entende porque nunca passou por tudo o que passei. — Disparou sem pensar, mas não de forma rude ou que o ferisse.

— Na verdade, eu perdi meus pais quando tinha apenas seis anos, Valen. Eles sofreram um acidente de carro. — Tal confissão fez Valentine ficar confusa.

— Você... — Não conseguiu terminar.

— Sim, eu sou adotado, Valen. — Deu uma pausa para pensar nas palavras seguintes — Eu entendo cada dor que você tenha passado porque passei por situações parecidas. Fui para um orfanato, sofri durante anos sentindo a falta deles até ser adotado pelo casal mais amoroso que eu pude conhecer. Quando terminou de falar, lágrimas escorriam pelo rosto de Valentine por ter dito que o mesmo não a entendia, quando, na verdade, sempre compreendeu.

— Desculpe, Harry! Eu não devia ter dito isso, me perdoe! — Pediu entre soluços.

— Não chore, pequena. — Limpou suas lágrimas — Está tudo bem. Eu já superei.

— Eu não quis te ferir, eu só... — Não conseguiu terminar sua frase por sentir vergonha e abaixou a cabeça. — Desculpe... — Falou baixinho e com um aperto em seu coração.

— Olhe pra mim, Valen. — Pediu com a voz suave, mas a mesma permaneceu de cabeça baixa. Harry segurou em seu queixo com carinho e virou seu rosto em sua direção novamente. O garoto beijou sua bochecha, como se quisesse impedir as lágrimas de caírem. — Está tudo bem, pequena. Eu não fiquei chateado. Não tinha como você saber. Eu estou bem, de

verdade. — Sorriu. Ele segurou em seu queixo novamente e aproximou seu rosto do dela para beijá-la com carinho. — Vem, deite para descansar um pouco. O dia foi cheio hoje.

Harry deitou e puxou a mesma para deitar sobre seu corpo. Por fim, cobriu ambos e deixou um beijo simples seus lábios. Valentine apoiou a cabeça em seu peito e aproveitou o carinho que ele começou a fazer entre seus cabelos. Com poucos minutos, ela pegou no sono. Ao escutar sua respiração tranquila, Harry sorriu e fechou seus olhos também.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

No dia seguinte, Valentine precisou se reorganizar completamente para uma nova rotina. Como ela e Harry não poderiam chegar atrasados na escola, Clair levaria Amy para a escola. Como os dois irão visitar Beatrice no finalzinho da tarde, Clair também buscaria Amy na escola.

Na parte da manhã foi difícil para Valentine conseguir se concentrar em suas aulas. Sempre que podia, pedia para ir ao banheiro ou beber água para que pudesse respirar aliviada e chorar sem que ninguém visse. Algumas vezes, Harry foi atrás e a abraçou sem nada dizer. Os professores tinham consciência do que estava acontecendo e somente por isso permitiu que ela escapasse das aulas algumas vezes. No fim das aulas, os dois foram juntos para casa da garota e Harry fez o almoço para eles. Na verdade, ele precisou insistir muito para que a menina comesse. Se dependesse dela, não iria comer nada.

O garoto até tentou distraí-la colocando um filme para que pudessem assistir juntos, mas nada fazia ela sorrir ou se esquecer, pelo menos por alguns minutos, o que está acontecendo à sua volta. As horas pareciam passar se arrastando e ela só desejou que passasse rápido para que pudessem ir visitar Beatrice o mais rápido possível. Queria saber se está tudo bem ou se

ela precisaria ficar no hospital mais um dia, ou quem sabe, vários dias. Nunca se sabe. E considerando o fato de que não teve boas recordações em sua infância, nada tira da sua cabeça que o pior vai acontecer novamente.

O que aconteceria se ela também perdesse a única pessoa a qual restou? Aliás, a pessoa a qual ela sempre fez questão de manter longe e que agora se arrepende amargamente por não ter passado tempo suficiente com ela. Elas poderiam ter feito tantas coisas juntas, poderiam ter ido a tantos lugares, compartilhado tristezas, felicidades e segredos, mas não, o medo a impediu de ter Beatrice próxima. Valentine sempre pensou que se aproximasse, ela também acabaria morrendo. E não é que a maldição a cercou novamente? Justo agora que estava recomeçando a sua vida. Justo quando decidiu dar a Beatrice a hipótese de tê-la por perto. Por que com ela? Por que a vida insistia em tirar tudo de bom que ela tinha? Já não era suficiente ter levado os pais e o melhor amigo? Tinha que voltar a perseguir-lá outra vez? Não é nem um pouco justo. Ela também merece ser feliz. Ou será que isso nunca será possível para Valentine?

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

No final da tarde, quando finalmente puderam ver Beatrice, a mesma dormia como um anjo. Como se o mundo ao seu redor não estivesse desmoronando pouco a pouco. Os médicos disseram que ela estava sob o efeito de medicamentos fortes e que os exames mostraram um quadro avançado de Leucemia. Mesmo se tentassem as rádio e quimioterapia, não iria adiantar devido ao grande avanço da doença. A única solução será o transplante de medula, o mais rápido possível. A questão é: onde encontrar um doador compatível tão rápido? Óbvio que pensaram em Amy. Mas ela não pode devido a pouca idade. Eles precisariam pensar rápido. Beatrice depende disso. Infelizmente, não conseguiram vê-la acordada e o horário de

visitas logo se encerrou os obrigando a voltar para casa. Com sorte, conseguirão vê-la no dia seguinte.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

A noite logo se aproximou e com ela, uma temperatura mais fria. No ponto do ônibus, Valentine logo começou a sentir frio.

— Está com frio, pequena? — Harry tocou em suas mãos se certificando de que as mesmas estão geladas. No entanto, a noite não está tão fria ao ponto de congelar alguém de frio. Está um clima agradável.

— Sim, muito! — Respondeu se encolhendo a medida que o frio aumenta.

— Vem aqui — Harry tirou o seu casaco e abraçou-lhe cobrindo com o casaco logo em seguida. — Melhorou?

— Sim, um pouco. — Disse ainda tremendo um pouco. Com pouco tempo, o ônibus chegou e os dois foram se sentar em um banco duplo no meio do ônibus. Valentine se sentou perto da janela e pôs suas pernas no colo de Harry e apoiou sua cabeça em seu peito o abraçando para se proteger do frio.

— Aqui dentro está quente, Valen. De onde vem tanto frio? — Questionou um pouco confuso e voltou a cobri-la com seu casaco.

— Estou com muito frio. — Respondeu baixo. Harry tocou seu rosto e o sentiu um pouco quente.

— Acredito que você esteja com febre, pequena. — Ele abraçou seu corpo que tremia um pouco.

— Deve ser só impressão sua. — Tornou a falar baixo. Ele apenas beijou sua testa e assentiu.

— Espero que sim. Não quero que fique doente. — Fez carinho em seu cabelo soltando o mesmo que estava preso apenas com um coque frouxo. Seus dedos mergulharam entre seus cachos e ela agradeceu mentalmente.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando o ônibus estava quase chegando no ponto em que Harry e Valentine costumam descer todos os dias, o garoto precisou acordá-la. Do contrário, precisaria carregá-la em seu colo. Não que ele achasse ruim, mas, levariam um tempo caminhando até chegar em casa, por isso, decidiu acordá-la.

— Valen, acorda! — Ele balançou um pouco o seu corpo e a mesma despertou meio assustada.

— Onde estamos? — Questionou olhando para os lados com os olhos arregalados. Harry soltou uma gargalhada gostosa e a abraçou antes de puxar a cordinha para que o ônibus parasse. Só então ela percebeu que estão no ônibus e que logo irão descer. Assim que os dois desceram, Valentine o abraçou pela cintura por ainda sentir frio e seguiram caminhando até em casa. Quando chegaram, Clair já havia chegado com Amy.

— Tine! — A pequena correu para abraçá-la pulando em seu colo como faz de costume. Mesmo estando com o corpo dolorido, Valentine a abraçou como se não estivesse sentindo nada e sorriu.

— Oi, meu amor! Como você está? — Questionou sem tirar seu sorriso do rosto. Amy a olhou com atenção e então sorriu.

— Eu estou bem! Você viu a mamãe? — Quis saber com animação. — Eu queria ter ido, mas tia Clair disse que eu não podia.

— Vi sim, amor. — Não aguentando mais o peso de Amy em seu colo, Valentine sentou no sofá de dois lugares e continuou com a pequena em

seu colo.

— Ela está bem? Vai demorar muito para ela voltar pra casa? — Questionou mexendo em seu cabelo volumoso. Amy pegara a mesma mania que Harry.

— Ela vai ficar bem — Se limitou a responder sentindo um aperto em seu coração. Era difícil para eles explicarem o que de fato acontece. Amy não entenderia e isso poderia causar sérios problemas psicológicos, assim como aconteceu com Valentine. E não é isso que ela quer para sua irmã. Por isso, espera que Beatrice fique bem logo. Elas não estão prontas para uma perda tão grande.

— Quando, tine? — Amy insistiu deixando-a sem saída. Harry se aproximou para que pudesse intervir e ajudar na situação.

— Docinho, vamos assistir um desenho bem legal enquanto a Valen toma um banho bem quentinho? — Sugeriu chamando a atenção da criança ao mesmo tempo, em que repara nas bochechas rosadas de Valentine.

— Só vou se você assistir princesas — Seus olhos brilharam. Harry, meio receoso, aceitou para que Valentine pudesse ir tomar um banho e descansar.

Aproveitando a deixa, a mesma se despediu de Clair e subiu para o seu quarto podendo finalmente respirar aliviada. Por um momento, pôde enfim relaxar em seu banho enquanto se permitia derramar algumas lágrimas. Quando tudo irá acabar? Ela pensou.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando Harry conseguiu fazer Amy dormir, se despediu da mãe ao dizer que mais uma vez passaria a noite com elas e desceu para preparar um lanche para ele e Valentine. Desde que chegara, ele não conseguiu comer

e a mesma também não havia descido após o banho. Depois que preparou tudo, subiu para o andar de cima e logo entrou para o quarto de Valentine a encontrando deitada embaixo de várias cobertas. Logo imaginou que a mesma pudesse estar sentindo frio, mas não deixou de se preocupar devido à noite estar fresca.

— Trouxe um lanche para nós — Sorriu ao deixar a bandeja em cima da cama e se sentando ao seu lado.

— Estou sem fome, Harry. — Sua voz saiu baixa e abatida. O garoto colocou sua mão na testa de Valentine e notou que a mesma realmente está com febre.

— Você está com febre, Valen — Afirmou olhando-a com atenção e preocupação. — E precisa tentar comer um pouco. Faz tempo desde nossa última refeição.

Sem dizer nada, Valentine sentou-se na cama e puxou a bandeja para mais perto de si e bebeu o copo de leite com achocolatado que Harry havia colocado para ela.

— Obrigada, Harry. Você tem sido tão bom comigo. — Sorriu fraco e se deitou novamente. Ele segurou em sua mão e fez carinho.

— Eu sempre estarei aqui para você, Valen. Porque eu te amo. — Admitiu e beijou sua testa. Valentine o olhou com algumas lágrimas se formando e agradeceu mais uma vez. — Agora, tente comer. — Ele insistiu.

— Eu estou sem fome... — Voltou a dizer o mesmo que antes.

— Mas precisa comer mesmo assim. Vai, só a metade pelo menos. — Ele pegou o sanduíche e partiu ao meio. Ela aceitou e começou a comer.

— Você parece a Beatrice... — Afirmou um pouco triste.

— Ela vai ficar bem, linda! — Afirmou sorrindo. — Enquanto você come, vou buscar algum antitérmico para você tomar. Ela apenas afirmou com a cabeça e o mesmo desceu em busca do remédio e de um termômetro. Quando voltou, Valentine já havia terminado de comer a metade do sanduíche.

— Boa menina — Sorriu entregando o comprimido e um copo d'água. — Preciso medir sua temperatura antes. — Falou posicionando o termômetro embaixo do braço dela. Após alguns segundos, o aparelho apitou mostrando o resultado.

— Quanto deu? — Ela questionou ajeitando a blusa.

— 38... Um pouco alta, mas vai melhorar — sorriu. Valentine tomou o remédio.

Enquanto o mesmo comia seu sanduíche e a outra metade do dela, ela o observou e sorria algumas vezes. Se alguém dissesse há dois meses que ela se apaixonaria por Harry, a mesma teria negado. Jamais imaginou que o garoto pudesse ser tão especial e amoroso. Assim que ele terminou de comer, levou tudo para o andar de baixo, lavou tudo para não ficar sujo para o outro dia e voltou a subir para o quarto de Valentine. A mesma já havia escovado os dentes e ele fez o mesmo indo se deitar ao lado dela na cama. Ela se aproximou mais dele e colocou a cabeça em seu peito. Mesmo por cima do tecido de sua camisa, sentiu sua bochecha quente.

— Boa noite, pequena! — Sussurrou perto de seu ouvido.

— Boa noite, Harry. — Ela então fechou seus olhos e o garoto mergulhou seus dedos em seus cachos. Só parou quando ouviu sua respiração tranquila. Por fim, ele a abraçou e fechou os olhos para que pudesse dormir também.



No dia seguinte, quando o despertador tocou, Harry foi o primeiro a acordar e desligar o aparelho. Quando olhou para o lado, viu um pequeno montinho todo encolhido ao seu lado e não conseguiu evitar sorrir com a cena. Metade de seu cabelo cobria o seu rosto e isso o fez rir mais ainda.

— Acorda, Valen! — Sussurrou perto de seu ouvido e a mesma resmungou algumas palavras difíceis de compreender. Ele afastou o cabelo de seu rosto e beijou sua testa. — Acorde, minha pequena. Já está na hora. — Beijou sua bochecha. Valentine abriu os olhos e o encarou indignada por ele ter interrompido o seu sono.

— Bom dia — De imediato, Harry verificou se sua febre havia passado e ficou ainda mais preocupado por se dar conta que a mesma continua com febre.

— Bom dia, Valen. — Acariciou sua bochecha avermelhada. — Você está com febre ainda.

— Isso significa que... — o olhou com receio.

— Você não vai à escola hoje. — E então ela respirou aliviada. Tudo o que ela não quer é ter que ir ao médico. Tudo menos isso.

— E você? — Questionou.

— Vou ter que ir para pegar a matéria. — Voltou a acariciar sua bochecha.

— Vou ter que ficar sozinha? — Indagou com certo receio.

— Será por pouco tempo. — Sorriu e levantou da cama — Vou acordar a Amy e preparar algo para nós. — Sorriu deixando-a sozinha no

quarto e indo até o da Amy para acordá-la.

Assim que o fez, ajudou a pequena no banho e a se vestir. Em seguida, foi pegar o remédio para Valentine no andar de baixo e logo foi preparar algo para eles comerem antes de sair. Neste meio tempo, Clair chegou para levar Amy à escola e esperou até que a mesma fizesse sua refeição. Antes de sair, Amy quis se despedir da irmã, mas Harry achou melhor não, para que a mesma não fique doente também.

Quando ambas se foram, Harry subiu com o café da manhã de Valentine e sorriu ao vê-la abraçada com um urso de pelúcia o qual ele não tinha visto ainda. A mesma estava de olhos fechados e quando escutou o ruído da madeira, abriu os olhos para olhá-lo.

— Eu não sabia que você gostava de ursinhos. — Sorriu travesso. Ela o olhou constrangida e afastou um pouco o urso de si.

— Foi a Bea que me deu quando eu tinha 10 anos, mas eu nunca quis. Então ela guardou para quando eu a aceitasse como amiga. — Ao se lembrar do passado e do tempo que perdera ao não aceitar Beatrice, Valentine sentiu um aperto em seu coração.

— Ah! Não se preocupe. Eu achei super fofinho te ver assim. — Sorriu e enfim entregou a bandeja com o café da manhã. Ela mais uma vez não quis comer e ele precisou insistir um pouco.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Um pouco antes de sair, Harry verificou novamente a temperatura de Valentine e relaxou ao constatar que havia abaixado.

— Eu deixei um livro na estante, caso queira ler um pouco e também algumas frutas, caso sinta fome. — Sorriu e se aproximou para beijar seus lábios. Um beijo simples e carinhoso.

— Espero que as horas passem rápido.

— Vai passar. Qualquer coisa, me liga ou manda mensagem que eu venho correndo — Ela sorriu de seu cuidado e atenção.

— Tudo bem, Harry. — Sorriu. O mesmo beijou seus lábios mais uma vez e enfim saiu para a escola.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Depois de ter passado algumas horas apenas observando as paredes claras de seu quarto, Valentine começou a se sentir entediada. Por isso, decidiu se levantar e ir até o andar de baixo para que pudesse assistir algo na televisão, mas quando passou pelo corredor, não conseguiu evitar a vontade de ir até o quarto de Beatrice. Ela imaginou que pudesse encontrar algo onde aliviasse a dor que estava sentindo por não tê-la em casa. Quando se aproximou da porta, encontrou a mesma trancada e não achou a chave para abrir. Um pouco chateada, ela sentou-se no corredor e passou a observar o papel de parede um pouco antigo. Tudo a gosto de Beatrice. A garota sempre achou tudo muito velho, mas nunca quis tentar mudar.

Ao olhar com mais atenção para o papel de parede que cobria a parede, ela se deu conta que uma parte estava soltando. Por curiosidade, quis ver a cor da parede por trás. Então, levantou do chão e começou a retirar uma parte do papel. Quando se deu conta, já havia arrancado uma boa parte onde dava pra ver uma pequena porta de madeira. Isso a deixou intrigada e bastante curiosa para saber o que está atrás da porta. Na mesma hora, começou a retirar mais do papel, deixando a porta totalmente exposta. Com certa rapidez, girou a maçaneta e se surpreendeu ao perceber que a mesma não está trancada. Quem esconderia uma porta embaixo do papel de parede sem trancá-la? Pensou consigo mesma. Provavelmente, devem ter perdido a chave e cobriram com o papel de parede, mas o que Beatrice queria

esconder?

Valentine desceu a longa escada empoeirada que a levou até um porão sujo e abandonado. Várias caixas cobriam boa parte do local com várias estantes com livros cheios de poeira. Sem conseguir acreditar no tanto de coisas que tinham ali e sem saber por onde começar a mexer, ela apenas olhava para tudo procurando algo que chamasse sua atenção. Foi então que ela encontrou um pequeno baú de madeira e logo foi até o mesmo e o abriu com certa rapidez. Dentro, haviam várias cartas.

Curiosa, começou a folhear os envelopes para descobrir de quem eram as cartas. Quando se deu conta de que as mesmas são de John, ficou surpresa e em choque. Rapidamente, lágrimas começaram a cair e seus olhos começaram a ficar embaçados. Com dificuldade, ela retirou uma caixa de cima de um sofá velho e sentou no mesmo sem se incomodar com o tanto de poeira que ali estava. Com suas mãos trêmulas, abriu o primeiro envelope com cuidado e admirou a caligrafia perfeita que seu amigo tinha. A emoção dominou a garota quando percebeu que a carta é para ela.

O que será que John tinha a dizer?

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____
*A vida é uma viagem, desde
momento em que chegamos
ao mundo até quando nos
aproximamos do seu final.*
_____ ≡ _____

Valentine, olhou mais uma vez para o envelope amarelado em suas mãos e pensou no que pudesse estar escrito nele, e por fim, conseguiu a coragem que precisava para se levantar. Com o pequeno baú em uma de suas mãos e a carta de John na outra, seguiu de volta para o corredor, fechando a porta logo em seguida. Suas mãos trêmulas seguraram o baú com mais firmeza e continuou seu caminho até o andar de baixo. Ao abrir o envelope, logo se deparou com a caligrafia perfeita de John e não conseguiu evitar que as lágrimas caíssem por sua bochecha. A emoção foi mais forte, quando seus olhos começaram a ler o que o garoto escrevera antes de partir.

Minha doce girassol, eu nem sei por onde começar a dizer o que tanto me incomoda. Isso faz doer minha garganta por imaginar você lendo o que eu jamais seria capaz de dizer pessoalmente. Eu nem mesmo terei a hipótese de dizer o quanto te amo. Para mim, ainda é difícil crer que vou para longe. Lutei para acreditar e não entendia o porquê dos meus pais

quererem me levar. Então eu entendi. Tenho Câncer. Eu sempre via pessoas morrerem por causa dessa terrível e fatal doença e nunca imaginei que um dia pudesse acontecer comigo, mas não é sobre isso que eu quero falar. Minha doce Valentine, eu te amei desde a primeira vez que pus meus olhos em ti. Éramos apenas crianças inocentes em busca de novas aventuras. Era um amor tão inocente que eu jamais imaginei que pudesse te enxergar como alguém que eu verdadeiramente amei. Em seus olhos eu encontrei a luz que tanto me encantou. Em seu sorriso, eu encontrei a força e a paz que eu precisava em momentos difíceis. Até quando você não sorria, eu conseguia ver luz em você, minha doce girassol. Quando nos tornamos adolescentes, descobri o quão grande era meu amor por você. Eu estava disposto a não mais esconder, mas fui impedido por um diagnóstico idiota o qual eu neguei diversas vezes até cair na real. Eu vou morrer! Vou morrer e não terei a chance dizer o quanto te amei. O quanto eu quis ser mais que um amigo para você, mas eu preciso que você me prometa que nunca vai deixar de ser luz e força. Porque foi assim que eu sempre a vi, minha doce girassol. Você sempre me perguntava o motivo de eu sempre te comparar aos l girassóis e não outra flor qualquer. Afinal, eu tinha tantas outras em meu jardim, não é mesmo? A questão é que nenhuma outra lhe descrevia tão bem quanto o girassol. Você é luz, tine. Você é força e esperança. Mesmo em dias nublados, vejo a luz e força que emana de você. Sabe? Eu sempre te admirei por tamanha força. Sei que vai continuar sendo forte depois que eu for. Eu queria não ter que te escrever isso e continuar ao seu lado. Quem sabe, poder te amar como sempre quis. Minha doce girassol, eu escrevo porque as palavras não saíram de minha boca. Não, sabendo que iria chorar. Eu odeio te ver chorar. Acredito que eu não teria força suficiente se te visse chorar. Certamente, eu não iria conseguir dizer tudo isso. Por isso, eu escrevo essa carta, não para reabrir uma ferida, mas para te lembrar o quanto eu te amei

e quis estar com você. Meu girassol incrível, você sempre foi o amor mais lindo e puro em minha vida, tocar seus lábios com os meus foi como sentir o vento soprar e ir nas nuvens. Então eu soube, o quão delicada era, o quão grande era o meu amor por ti. Nunca pensei que pudesse ser merecedor de um gesto tão lindo. Te beijar foi a certeza que eu precisava para ir em paz. Foi naquele jardim, com seus lábios nos meus, que eu soube que você também me amou. Seus lábios doces e maios me deram a certeza que eu precisava para ir em paz e te deixar, mas não sozinha, sei que ficará bem. Dê uma chance a Beatrice. Só uma pequena chance, girassol. Ela te ama tanto. Tanto quanto sua mãe amou um dia.

Minha doce girassol, eu sei que agora deve ter conhecido alguém especial. Viva em paz, viva feliz. Não deixa sua luz se apagar. Eu escrevo para deixar marcado e registrado o quanto te amei.

Seja sempre, girassol.

Com amor, John.

Valentine já estava em prantos e tremendo. As palavras de John paralisou-a por inteiro. Foi como trazê-lo de volta, mesmo depois de tanto tempo. Seu coração se apertou ainda mais por ter a certeza que não o teria mais. Foi só quando Harry entrou em sua casa, que a garota voltou para sua amarga realidade.

— Valen? — Ele caminhou a passos rápidos até ela e ajoelhou a sua frente — Por que está chorando? O que aconteceu? — Questionou angustiado por vê-la tão mal, mas a menina se quer conseguiu responder, pois, os soluços impediu de proferir qualquer palavra que fosse. Harry deixou qualquer pensamento de lado para abraçá-la. Mesmo não entendendo o que estava acontecendo, ele sentou no sofá e tentou confortá-la. Suas mãos afagou seu cabelo em um carinho o qual ela desejou que durasse para sempre.

Por longos minutos, ambos ficaram assim. Até que seu choro finalmente cessou e ela pôde falar com mais calma.

Harry a afastou de vagar e olhou em seus olhos.

— Consegue me dizer o que aconteceu? — Questionou preocupado e afastou alguns cachos de seu rosto. Foi então que o garoto percebeu que as bochechas dela estão vermelhas. Certamente, está com febre outra vez. Sua mão foi diretamente a testa de Valentine para ter a certeza que precisava.

— Eu estava entediada, então saí do quarto para vir assistir TV, mas quando passei pela porta do quarto da Beatrice, quis entrar. — Valentine deu uma pausa e procurou refúgio nos olhos de Harry — Encontrei a porta trancada e não achei a chave onde ela normalmente deixa. Então eu me sentei no corredor e fiquei lá por um tempo até perceber que o papel de parede do corredor estava soltando.

— E como você é curiosa, quis ver como era sem o papel — Ele deduziu. Valentine assentiu. — Continue, Valen.

— Foi então que eu achei uma porta. Não estava trancada. Aí eu pensei, talvez Beatrice quisesse mantê-la escondida e colocou o papel de parede. — Suspirou — Decidi entrar e descí uma escada que me levou até um porão. Bem sujo. Tem várias caixas lá. Todas perdidas de poeira. Cheguei a conclusão que está abandonado por anos.

— O que mais você encontrou? — Questionou limpando algumas lágrimas que se formaram nos olhos da garota.

— Um baú, cheio de cartas... — Então ela mostrou a carta que estava lendo poucos minutos antes do garoto chegar. Ele olhou com atenção e decidiu ler. Quando terminou, entendeu o motivo do choro e angústia de Valentine.

— Eu sinto muito. — Ele declarou triste e puxou-a para outro abraço.
— Mas não fique triste, eu estou aqui com você.

Valentine se afastou para olhá-lo e tentou sorrir, mas fracassou ao sentir novas lágrimas se formarem. Carinhosamente, Harry limpou cada uma delas até que a mesma se acalmasse novamente.

— Você está com febre. Tenho que te levar ao médico. — Ele disse após alguns minutos.

— É só eu tomar o remédio que passa.

— Você está dando febre desde ontem, Valen. O remédio não está ajudando e eu não sei a origem do problema. — Harry acariciou sua bochecha com carinho e sentiu o quão quente a mesma está.

— Vai passar... — Ela insistiu e ele desistiu de tentar convencê-la.

— Tudo bem então — Beijou sua testa — Vou pegar o remédio e fazer o almoço para nós.

— Estou sem fome... — Respondeu e deitou no sofá entregando a carta para que Harry guardasse de volta no baú.

— Mesmo assim, precisa comer. Principalmente por estar doente.

— Está bem — Valentine decidiu não insistir.



No hospital, Valentine foi direto para a recepção se identificar e pegar o cartão de visitas com o seu nome. Harry permaneceu sentado a sua espera e a mesma entrou no quarto. Seus olhos varreram todo o local até chegarem em Beatrice e encontrar a mesma acordada.

— Chegue mais perto — Sua voz saiu baixa e falha fazendo com que

lágrimas caíssem nas bochechas de Valentine. Limpando as rapidamente, se aproximou e segurou em sua mão.

— Senti tanto a sua falta. — Sussurrou e não conseguiu evitar as lágrimas.

— Não chore, querida. Eu vou ficar bem. — Beatrice sorriu fraco para que pudesse passar segurança no que acabara de dizer.

— Por que não me contou? — A menina questionou se referindo a doença.

— Não encontrei a melhor explicação adequada, mas não se preocupe, eu vou ficar bem. Eu prometo. — A mulher respondeu com mais certeza e voltou a sorrir. No entanto, olhando para ela, era difícil dizer que ficaria bem algum dia. Seu rosto pálido e sua aparência cansada, mesmo não tendo feito esforço algum, deixou dúvidas.

— Vamos encontrar um doador, eu prometo. — Foi a vez de Valentine falar. Sua voz carregada de emoção, fez Beatrice enfim quebrar a barreira e se permitir chorar. No fundo, ela sente medo de não conseguir vencer a doença e, não só deixar Valentine sozinha, como a pequena Amy também.

— Eu tenho certeza que sim. — Ela enfim falou. — E esse anel aí?

— Foi o Harry que me deu — Valentine sorriu em meio as lágrimas — Ele me pediu em namoro. Sabe? Mais que um namorado incrível, ele tem sido um grande amigo e companheiro. Eu não sei o que seria de mim sem ele.

— Quando eu voltar para casa, faremos uma festa para comemorar o namoro de vocês. — Beatrice parecia cansada, pois fechou os olhos devagar.

Valentine aproximou seu rosto do dela e beijou sua bochecha.

— Eu te amo. — Respondeu quase sussurrando para a madrastra que logo foi vencida pelo cansaço. Antes de sair, Valentine beijou sua testa e fez uma rápida oração. Ela nunca fora religiosa ou se quer próxima disso, mas se permitiu ter fé e acreditar que as coisas ficariam bem.



Em casa, Clair os esperava Valentine e Harry chegar enquanto cuidava de Amy. No momento que os dois jovens passaram pela porta, encontraram Amy triste e de cabeça baixa no sofá e uma advertência em mãos. A menina olhou para a irmã e correu para o seu colo. Amy se encolheu no colo de Valentine e escondeu o rosto no pescoço da mais velha. Harry olhou para a mãe e o bilhete em busca de uma explicação.

— Amy ganhou uma advertência por ter socado o nariz de um amiguinho na hora do intervalo. — Clair justificou o bilhete em mãos e entregou para que Harry o lesse. Assustada, Valentine sentou no sofá com a pequena em seu colo e pediu que a mesma olhasse para ela. Por medo, Amy continuou com o rosto escondido.

— Amy, olhe para mim. Precisamos conversar. — Valentine pediu firme e a mais nova olhou para ela receosa. Harry ocupou o espaço ao lado de Valentine para que pudesse participar da conversa e dar apoio, caso fosse necessário.

— Mãe, se a senhora quiser, já pode ir para casa. Cuidamos disso. — A mulher afirmou com a cabeça e deixou os dois adolescentes sozinhos.

— Amy, por que socou o rosto do seu amigo? — Valentine questionou com voz firme, mas de uma forma que não a assuste.

— Ele não é meu amigo, tina. — A pequena justificou e abaixou a cabeça. A mais velha segurou em seu queixo para conseguir sua atenção de

volta.

— Mesmo assim, Amy. Você não pode socar o nariz das pessoas. Mesmo que tenha um motivo para isso, violência não nos leva a lugar nenhum. — Valentine continuou com seu tom de voz firme. Amy olhou para ela assustada e logo começou a chorar.

— Amy, só queremos entender o motivo para você ter feito isso, não precisa chorar. — Foi a vez de Harry se manifestar com a voz um pouco mais suave, mas ainda assim firme.

— Ele disse que a mamãe iria morrer e que eu iria ficar sozinha, porque ninguém iria querer uma órfã por perto — Amy soluçou e tornou a olhar para baixo. O coração de Valentine se apertou e ela sentiu um nó em sua garganta. Novamente, segurou no queixo da pequena para que encontrasse seus olhos. Então, limpou as lágrimas que insistiam em cair.

— Amy, seu coleguinha foi muito rude por dizer essas coisas e eu te digo que são mentiras para te magoar, mas o que não pode, é você deixar a raiva te dominar e usar a violência para resolver as coisas. — Valentine enxugou as últimas lágrimas da pequena e puxou-a para um abraço. Amy a apertou como se fosse seu porto seguro e só então a mais velha notou o quanto ela treme. Harry aproveitou o embalo para colocar seus dedos entre os cachos da pequena e fazer carinho.

Poucos minutos depois, Valentine a afastou para que pudesse olhá-la.

— Me promete que não vai mais usar a violência como uma forma de resolver seus conflitos? — A mais velha questionou sem quebrar o contato visual. Amy afirmou que não voltaria a fazer isso e beijou a bochecha da irmã.

— Eu te amo, muito. — A menor falou a olhando.

— Eu também, meu amor. — Valentine apertou seu nariz e deu um beijo em sua bochecha.

— A mamãe vai ficar bem? — Indagou angustiada. Valentine pensou no que dizer e não encontrou as palavras certas. A verdade é que ela sente tanto medo quanto Amy.

— Vai sim, lindinha. — Harry respondeu em seu lugar. Por fim, encerraram a conversa e Valentine foi ajudar a irmã com o banho enquanto Harry preparava algo para eles comerem.



Mais tarde, antes de dormir, Valentine pediu que Harry orasse com ela, para que Beatrice melhorasse e para que encontrassem um doador o mais rápido possível. O garoto achou admirável a decisão dela de querer orar e juntos, oraram por longos minutos. Por fim, se deitaram para dormir. Um ao lado do outro e abraçados, como estão acostumados.

No meio da madrugada, Valentine é assombrada por um sonho estranho o qual a fez ter recordações de sua infância. No sonho, ela aparenta ter uns três anos e corria pela casa enquanto a mãe conversava com uma moça mais jovem e com voz de anjo. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia ver o seu rosto, mas tinha certeza que a conhecia de algum lugar. Quando a moça a chamou para que se sentasse em seu colo, a pequena Valentine correu e foi para o colo da mulher ao lado da mãe. A moça olhou-a nos olhos, beijou sua testa e sorriu. Ainda assim, a Valentine por trás do sonho não foi capaz de enxergar o rosto da doce mulher.

— A titia vai para casa agora, mas volta assim que der. — Por fim, a mulher beijou sua bochecha, a abraçou e voltou a colocá-la no chão para abraçar sua mãe por um longo período e enfim partir. A pequena Valentine

olhou a mulher se afastar e sentiu um incômodo em seu coração.

Ofegante, Valentine acordou e sentou na cama a procura de Harry. O mesmo acordou assustado pelo movimento brusco da garota e a olhou preocupado.

— O que houve, Valen? — Questionou acendendo o abajur para que pudesse enxergá-la melhor.

— Tive um sonho muito estranho. — Disse com a voz baixa e falha. Como se ainda estivesse hipnotizada pela forte lembrança. Harry puxou seu corpo pequeno e trêmulo para mais perto e afagou o seu cabelo.

— Passou, minha pequena. Está tudo bem agora. — Afirmou puxando-a para que pudesse se deitar. Valentine apoiou sua cabeça no peito de dele e tentou se acalmar, mas fora em vão.

— Foi mais que um sonho, Harry. — Ela inclinou sua cabeça para olhá-lo.

— Não se perturbe com isso, Valen. Foi só um sonho ruim. — O garoto acariciou sua bochecha.

— Não, foi uma lembrança. Eu estava com minha mãe em nossa antiga casa e tinha por volta de uns três anos. Uma moça estava conversando com ela e antes de ir embora, afirmou que voltaria. Ela disse: A titia vai para casa agora, mas volta assim que der. Então ela abraçou minha mãe como se fosse a última vez e partiu.

— Talvez tenha sido uma lembrança, mas não deixe isso te afetar, meu amor. — Ele beijou a ponta de seu nariz.

— Eu tenho certeza que conheço aquela voz, mas não consegui ver o rosto. — Ela afirmou ainda incomodada. Harry envolveu sua cintura com seu

braço e a puxou para beijar seus lábios com carinho.

— Foi só um sonho. Não encha essa cabecinha com suposições.

— Você tem razão... — Se deu por vencida e o abraçou um pouco mais forte. Harry mergulhou seus dedos nos cachos dela e prosseguiu com a relaxante massagem até que a mesma voltasse a dormir. Quando ouviu sua respiração tranquila novamente, pôde dormir também.



Na manhã seguinte, quando Valentine acordou, sentiu o seu lado na cama vazio e procurou por Harry. Olhou para o lado e viu a porta do banheiro aberta e imaginou que o mesmo estivesse tomando banho. Quando o mesmo saiu do banheiro enrolado na toalha, não conseguiu evitar corar.

— Bom dia, Valen. — Ele sorriu travesso por vê-la constrangida.

— Bom dia! Por que não me acordou? — Tentou agir naturalmente.

— Ah! Quis deixar você dormir mais um pouco. — Sorriu e foi até sua mochila para pegar uma peça de roupa e voltar para o banheiro. Quando voltou, encontrou Valentine sentada na beirada da cama. Suas bochechas vermelhas o deixou preocupado e então se aproximou para ver se está com febre.

— Ok mocinha, hora de ir ao médico. — Fez uma expressão preocupada — Já faz dois dias que está com essa febre insistente e eu já não sei mais o que fazer.

— Ah! Não Harry. Tudo menos isso. — Resmungou e voltou a se deitar.

— Não dar para continuar assim, Valen. Temos que descobrir a origem dessa febre e falta de apetite.

— Só mais um dia. Se não passar, eu vou sem reclamar. — Pediu manhosa e ele não conseguiu negar. Por fim, terminou de se vestir e foi pegar o remédio para ela.

— Se eu voltar da escola e ainda estiver assim, vou ter que te levar ao médico. — Respondeu sério e ela concordou.

— Obrigada — Agradeceu e tomou o remédio. Harry deu um beijo em sua testa e se despediu indo para a escola.

Aproveitando que ficou sozinha, Valentine se levantou e seguiu para o corredor. O sonho da noite anterior não sai de sua cabeça e algo diz que o porão tem algo a mais onde possa descobrir sobre o passado. No fim da escada, logo pôde ver várias caixas com quadros antigos e outros objetos completamente cobertos por uma densa camada de poeira. Nas estantes, diversos livros e objetos de decoração estão espalhados. Quando olhou para uma das estantes, viu um envelope e uma foto por baixo do mesmo. De onde está, só consegue ver uma pequena parte não muito reveladora da foto. Então, precisou subir no antigo sofá de apenas um lugar para poder pegar a foto e o envelope, mas acidentalmente, quando sua mão tocou o envelope e a foto, acabou se desequilibrando e caindo. Sua costela e parte de sua barriga bateu forte na quina do armário fazendo com que ela gritasse de dor. Por um longo espaço de tempo, ela apenas ficou em posição fetal tentando não pensar na dor, mas fora impossível, e por consequência, não conseguiu se levantar.

Alguns minutos depois, com um pouco de esforço, conseguiu se levantar e com o que tanto queria em mãos, voltou para o seu quarto, mas por causa da dor, deixou o envelope e a foto dentro do pequeno baú que havia encontrado antes e deitou em sua cama esperando a dor passar.

Mais tarde, quando Harry chegou da escola, achou estranho não encontrar Valentine na sala e foi até o quarto. Ao encontrá-la dormindo,

decidiu não acordá-la, mas achou necessário verificar sua temperatura ficando mais aliviado ao constatar que está baixa. Deixando a mesma descansar, voltou para a cozinha e começou a preparar o almoço para eles. Quem diria que um dia ele precisasse assumir tantas responsabilidades. De uma hora para outra, precisou assumir o controle da vida de outra pessoa como se fosse um adulto responsável. Não que ele ache ruim estar cuidando de Valentine e sua irmã. Ele acha incrível poder fazer parte da vida dela em todos os sentidos. Para ele, é como se estivessem se preparando para uma vida a dois no futuro. Sem contar que é bom para ele estar perto de Valentine. Ele chegou até a pensar que nunca conseguiria se aproximar dela. Com muita persistência e dedicação, conseguiu enfim conquistar a garota.





_____ ≡ _____

*Enquanto houver solução,
Haverá uma luz no fim do túnel.*

_____ ≡ _____

Mais um dia havia se iniciado e ao som do despertador, Valentine fora a primeira a acordar. Alguns raios de sol entravam no quarto através do tecido fino da cortina. Em outros momentos, acharia grandioso, mas não via beleza na simplicidade. Pelo menos, poderia ir à escola. Ficar em casa só a faria pensar em coisas ruins. Com tanta coisa acontecendo, a garota nem mesmo se lembrou de olhar o baú para ler a carta misteriosa e ver o conteúdo da foto.

No fim da tarde, novamente foram visitar Beatrice. Finalmente os médicos puderam dar esperanças de que tudo ficaria bem, se conseguissem um doador. O hospital não tem material suficiente e a longa fila pode demorar um bom tempo.

Valentine nunca ouvira falar da família de Beatrice e nem mesmo sabe se ela tem algum irmão ou irmã e este é um fato que a intrigou. Ela nunca conversou a respeito de sua família e isso começou a incomodar Valentine. Não é possível que seu pai fosse a única família dela. Afinal, de onde Beatrice veio? A questão é que precisam correr contra o tempo em busca de um doador. Enquanto isso, não se sabe até quanto tempo ela poderá

aguentar, mas não podem perder a fé e a esperança. Enquanto houver solução, haverá uma luz no fim do túnel.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

O clima estava frio aquela noite, mais frio que o comum. Valentine adorava os dias frios, principalmente quando passava a tarde inteira com seus pais. Era um momento o qual ela mais sentia falta. Um aperto tomou o seu coração e a garota desejou estar com eles novamente.

— Como foi lá no hospital? — Clair Indagou fazendo-a sair de seus devaneios. Amy dormia ao seu lado no sofá.

— Nada mudou. — Harry foi o primeiro a se pronunciar. Valentine caminhou até o outro sofá e sentou fechando os olhos por alguns instantes.

— Mas os médicos disseram algo? — A mulher voltou a questionar.

— Sim, mãe. Disseram que a Beatrice pode ficar bem se encontrarmos um doador para ela. — Ele respirou fundo — O mais rápido possível, ou ela não resistirá.

Valentine abriu os olhos, assustada com o rumo da conversa, levantou bruscamente indo correndo para o andar de cima.

— Falamos algo que não deveríamos? — Clair questionou confusa.

— Ela anda muito sensível nos últimos dias. — Ele afirmou preocupado. — A senhora já pode ir. Eu cuido delas.

Harry assumiu a postura de homem da casa tão rapidamente que até assustou sua mãe.

— Filho, você tem passado muito tempo aqui. Você não pensa que deveria ir para casa e descansar um pouco? — Sua mãe questionou preocupada.

— Eu preciso cuidar delas, mãe. — Ele respondeu firme.

— Essa responsabilidade não é sua, querido. Você sabe muito bem disso. — Clair colocou sua mão esquerda no ombro do garoto e o olhou com mais firmeza no olhar.

— Mãe, elas são importantes para mim e precisam de mim agora. Se eu não cuidar, quem irá? — Ele questionou se afastando da mãe para ir até o sofá e pegar Amy no colo. A pequena resmungou algumas palavras desconexas e continuou dormindo.

— Harry, você não faz outra coisa se não cuidar dessa casa e delas. Você não acredita que deveria pensar mais em você e sua saúde? — Clair o olhou angustiada. Tudo tem sido muito difícil para todos e a mulher começara a sentir que tudo isso é um fardo para seu filho. Ainda mais sendo tão jovem e tendo a vida inteira pela frente. Por que se prender a uma pessoa que só o traz dor de cabeça?

— Mãe, eu estou bem. Não se preocupe. — Respondeu caminhando até o início da escada.

— Você não é pai delas, Harry! — Clair se exaltou um pouco e fez Amy se mexer no colo de Harry. Por pouco não acorda.

— Sim, a senhora tem razão. — O garoto reformulou o que iria falar para não desrespeitar sua mãe. — Mas sou o namorado da Valen e prometi cuidar dela e da irmã enquanto Beatrice não fica boa.

— Essa menina tem idade suficiente para cuidar dela mesma e da irmã. Você não precisa assumir essa responsabilidade, Harry. Aliás, eu já estou cansada de toda essa rotina. — A mulher fala se referindo a ter que levar e buscar Amy na escola todos os dias até que Harry e Valentine volte do hospital.

— Mãe, a Valen não está bem psicologicamente! Ela perdeu os pais, perdeu o melhor amigo e pode perder a única pessoa a qual a ama de verdade. Você não acha que está sendo egoísta, não? — Harry não aguentou e despejou toda a frustração e raiva em sua mãe, e só depois de dizer, percebeu o erro que cometeu. Clair o olhou indignada e não se conteve em palavras.

— O que Valentine tem é frescura! Muitas pessoas perdem algo importante na vida e nem por isso deixam de viver suas vidas, Harry.

— As pessoas reagem de formas diferentes, mãe! — O garoto aumentou o tom de voz fazendo a pequena Amy acordar e olhar para os dois, assustada.

— Escute, Harry. Você também perdeu seus pais e sofreu durante muito tempo naquele orfanato, mas continua de pé e vivendo sua vida. Valentine precisa parar de se fazer de vítima o tempo todo e viver. Essa menina tem idade suficiente para assumir as próprias responsabilidades. Eu não quero que meu filho passe a vida inteira cuidando de uma menina problemática. — Ao terminar de falar, Clair encarou o menino com irritação e só então percebeu que Valentine estava no topo da escada presenciando toda a conversa. Amy olhava para todos a sua volta sem entender.

— O que está acontecendo? Vocês estão brigando? — A pequena questionou no colo de Harry. Valentine limpou as lágrimas que caíam e desceu lentamente os degraus indo até Harry. Sem dizer nada, pegou Amy em seu colo e subiu para o quarto da criança.

— É só isso que ela sabe fazer, fugir! — Clair tornou a dizer.

— Já chega, mãe! É melhor a senhora ir para casa agora. — O garoto falou firme. A mulher tentou intervir, mas fora em vão. Por fim, decidiu ir embora e deixá-los sozinhos. Harry caminhou até a porta e trancou a mesma.

— Conta uma história, tine? — Amy pediu com os olhos apertados de sono.

— Qual história você quer ouvir, amor? — Valentine questionou puxando a coberta para cobrir a mais nova.

— Da Bela e a fera! — Sorriu em expectativa. Valentine beijou sua testa e começou a narrar a história para ela.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando Harry enfim encontrou Valentine, a garota ia saindo do quarto de sua irmã. Preocupado, ele segurou em sua mão e puxou-a para o quarto.

— Está tudo bem? Você saiu sem dizer nada. — Deu uma pausa e logo continuou — Fiquei preocupado.

— Eu estou bem, Harry. — A garota afirmou com convicção.

— Olha, você não precisa dar importância para as coisas que minha mãe falou. — Harry respondeu aflito com toda a situação que a mãe havia causado.

— Ela tem razão, Harry. — Ela o olhou — Você tem se sacrificado muito por nós e essa não é sua obrigação.

— Você nunca foi e nunca será um fardo para mim, Valen. — Respondeu firme.

— Como não? Ela tem razão! Você não vive mais sua vida como antes e vive preso a responsabilidades que são só minhas. Você deve ter vários sonhos e eu estou te impedindo de vivê-los, Harry. — A garota estava se sentindo esgotada e cansada de tudo aquilo. Não queria ter que suportar tudo sozinha, mas também não queria que o mesmo se sacrificasse por ela.

Era injusto.

— Escute! — Ele segurou em seu queixo — Eu estou com você porque eu quero, porque te amo! Minha vida agora é você, Valentine. Se eu cuido de você é porque eu gosto, e não porque sinto obrigação. Eu tenho sonhos sim, vários, aliás, mas todos eles são ao seu lado, Valen! — Harry a olhou e encostou sua testa na dela. Por alguns instantes, ambos ficaram parados, um olhando para o outro sem se importar com o mundo ao redor.

— É tão lindo, Harry. — Valentine sussurrou. — Eu não mereço o seu amor. Sempre te tratei mal e fiz da sua vida um inferno, como pôde me amar? — Concluiu sem quebrar o contato visual. Harry contornou seus lábios com seu dedo polegar e continuou a olhar para ela com carinho.

— Você merece sim todo o amor que eu tenho para te oferecer, Valen. Acredite, eu te amei desde a primeira vez que te vi. — Harry sorriu e não conseguiu conter a vontade de beijar seus lábios. Apenas beijo simples e teve a certeza que este é o lugar o qual ele sempre quis estar: ao lado de Valentine. Se preciso for, ele irá cuidar dela até o fim de sua vida. Porque o amor é isso afinal.

— Eu amo tanto você. — Ela assumiu com suas bochechas coradas, o que o fez sorrir travesso, como de costume.

— Eu também te amo, minha menina marrenta. — Beijou a ponta de seu nariz.

— Eu deveria ter te amado desde o início. — Ela disse sorrindo das lembranças.

— Valeu a pena cada obstáculo até aqui. — Harry segurou em seu queixo e tomou seus lábios em um beijo apaixonado e carinhoso.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Sentados no pequeno sofá na varanda de frente para o jardim, Harry e Valentine admiram o céu estrelado. Fazia tempo que eles não iam ao jardim. Como é o lugar que sempre a mantém tranquila, o garoto quis levá-la para que pudessem olhar as flores e as estrelas. Um lindo espetáculo de luzes e cores logo ali. Eles até arriscariam dizer: mágico! O universo é mesmo incrível e sempre nos surpreende com sua grandeza e beleza.

Deitada com a cabeça apoiada no braço do pequeno sofá de dois lugares e com as pernas no colo de Harry, Valentine mantém seus olhos nas pequenas estrelas brilhantes que compõem o céu. Sua mente viaja para várias lembranças ao mesmo tempo, e nenhuma em questão. Pensar é o que ela nunca consegue deixar de fazer. Seria impossível.

— No que tanto pensa? — Harry questionou segurando em sua mão e fazendo carinho com o polegar.

— Em tudo e em nada ao mesmo tempo. — Ele sorri.

— Me explique melhor, linda. — Ele continuou com seu carinho em sua mão.

— Estou pensando em minha vida, na Beatrice e em como sinto a falta dela aqui em casa. — Assume com uma expressão triste.

— Vamos conseguir um doador, Valen. — Harry diz confiante e puxa seu braço para que a mesma fique mais próxima a ele.

— Eu tenho tanto medo de perdê-la. — Seu coração se aperta e um nó começa a se formar em sua garganta. Harry faz carinho em seu rosto e mantém seus olhos presos aos dela.

— Você não vai! Ela ficará bem. — Ele desmancha o coque de seu cabelo fazendo com que o mesmo caia até sua cintura. Ele mergulha seus dedos em seus cachos e começa a fazer movimentos curtos para fazê-la

relaxar. Isso quase sempre funciona. Ela encosta sua cabeça em seu peito e ele continua a mergulhar seus dedos entre seus cachos grossos e pesados. Poucos minutos depois, ela adormece.

— Eu amo você, pequena guerreira. — Ele diz baixo para não acordá-la. Por fim, levanta do sofá com cuidado e entra em casa novamente trancando a porta dos fundos em seguida. Subiu a escada com o máximo de cuidado possível e seguiu para o quarto de Valentine. Ao colocá-la na cama, ajeitou seu corpo cobrindo-a por inteira e deitando ao seu lado em seguida. Por fim, puxou seu corpo mais para perto dele e colocou seu braço em volta de sua cintura. Com poucos minutos, ele acaba pegando no sono também.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



~ *Algumas semanas depois* ~

_____ ≡ _____

A verdade obscura

Corrói a alma.

_____ ≡ _____

Após algumas semanas terem se passado, o estado de Beatrice passou a se agravar cada dia mais. Os médicos dizem que não é fácil encontrarem um doador compatível e sua situação não está nada favorável para que esperem por tanto tempo. Devido à longa e interminável espera, Harry sugeriu que ele e Valentine fizessem os testes para saber se algum deles poderiam doar. Ao sair o resultado, se surpreenderam por Valentine poder doar, ao mesmo tempo, ficaram felizes por finalmente darem a Beatrice uma chance de viver outra vez. Com o passar dos dias, tudo estava encaminhado para sua cirurgia de transplante de medula óssea. Valentine estava a flor da pele e não aguentava esperar por mais tempo, mas era necessário mais alguns dias, até que finalmente pudessem realizar o procedimento.

— Vai dar tudo certo, Valen. — Harry repetiu pela quarta vez enquanto a mesma encarava um ponto fixo a sua frente.

— Eu darei a vida de volta para ela. — A garota tomou consciência

do quão grandioso era a situação — Tem noção do que isso significa, Harry?

O garoto segurou em sua mão e sorriu diante de sua afirmação.

— Sim, Valen. Vocês finalmente poderão viver juntas e felizes. — Ele sorriu, o que a fez sorrir mesmo que por apenas alguns instantes.

— Eu nunca acreditei que pudesse dizer isso, mas eu amo aquela mulher como se fosse minha mãe, Harry. É estranho, mas sinto como se ela tivesse uma parte de mim com ela.

— Isso se chama amor, minha linda.

Harry sorriu e deixou um beijo carinhoso em sua testa.

— É, você tem razão. — Sorriu — Você pode me deixar sozinha? Eu preciso pôr alguns pensamentos em ordem.

— Tudo bem. — Ele beijou seus lábios rapidamente e saiu.

Aproveitando o momento, Valentine pôde pensar com mais clareza em tudo o que está acontecendo. De repente, sua vida mudou drasticamente. Se o seu eu de antes dissesse que neste exato momento ela estaria sofrendo por ver Beatrice mal, ela diria que estava ficando maluca, mas o seu eu de hoje se pergunta como pôde demorar tanto tempo para enxergar um amor tão puro e tão paciente quanto o de Beatrice. Não só o dela, o de Harry também. Ambos foram pessoas que ela sempre tratou mal e quis afastar, mas hoje sabe o quanto errou tentando os afastar de sua vida.

A garota saiu de seus devaneios e olhou para sua penteadeira, a mesma a qual Beatrice fez questão que fosse dela ao se mudarem para a casa onde moram. Olhando com mais atenção para os objetos, Valentine viu o pequeno baú o qual achara em seu misterioso porão. Como pôde se esquecer dele?

Rapidamente, ela se levantou e caminhou a passos largos até sua penteadeira para que pudesse pegar o pequeno objeto. Voltando para sua cama, abriu o baú com cuidado e passou seus olhos pelas inúmeras cartas diante de si. Antes que pudesse pensar de quem pode ser as cartas, viu o motivo pelo qual se machucou no porão: A foto junto ao envelope de tom amarelado.

Um suspiro longo foi dado e ela finalmente tomou coragem para olhar a foto. Duas mulheres sentadas em um longo sofá e uma criança no colo de uma delas. Uma das mulheres, Valentine reconheceu rapidamente: sua mãe. Seus traços familiares a fez se sensibilizar e querer chorar. Ver sua mãe tão jovem, bonita e cheia de saúde arrancou-lhe algumas lágrimas. Como a vida pôde ter sido tão injusta? Com tantas pessoas ruins pelo mundo, por que levar uma tão boa e que jamais faria mal à alguém? Essa é uma questão que a garota jamais conseguiu compreender. Por que pessoas boas tinham que morrer enquanto ruins faziam maldade pelo mundo?

Quando finalmente olhou para a mulher mais jovem ao lado de sua mãe, não teve dúvidas, era Beatrice. Em uma versão bem mais jovem, mas não podia negar, era ela. Com uma expressão confusa em seu rosto, ela olhou para si mesma na foto. Uma pequena menininha no colo da mulher a qual jamais imaginou ter conhecido em outro momento de sua vida. O que Beatrice estava fazendo naquela foto e com ela no colo?

Imediatamente, Valentine virou a fotografia antiga e amarelada em busca de alguma informação e logo pôde ver a caligrafia caprichada de sua mãe.

De sua amada irmã, com amor: Elise

Era o que estava escrito no verso da imagem. Irmã? Como assim irmã? São as perguntas que passaram a rodear sua cabeça. Beatrice, sua tia?

Não faz o menor sentido, ou será que faz? Na fotografia, ambas as mulheres estão sorrindo e olhando uma para outra enquanto a versão infantil de Valentine se diverte com o colar de sua suposta tia. Sem aguentar mais mistérios e perguntas sem respostas, ela pegou de volta o envelope e o abriu sem demora. Mais uma vez, reconheceu a letra de sua mãe. Seus olhos passaram a correr entre as linhas da misteriosa carta.

Bea, minha irmã. Quantas saudades eu sinto de ti, minha pequena de alma brilhante. Você sempre foi minha irmãzinha mais nova, o bebê que eu sempre quis para cuidar. Sinto tanto viver tão longe de ti. Queria poder estar ao seu lado como antes e lhe ver crescer e amadurecer, mas infelizmente, nossas vidas tomaram rumos diferentes, mas olha, não fique triste. Eu sempre irei te visitar e você pode vir aqui quando quiser. Valentine amará crescer ao lado de uma tia tão incrível e bela quanto você. É uma pena o Louis não ter lhe conhecido quando veio aqui da última vez. Ele teria amado lhe conhecer. Minha irmã, essa fotografia é para te lembrar do momento incrível que tivemos juntas no nosso último encontro. Não demore para me escrever de volta, com amor:

Elise

Lágrimas caem compulsivamente dos olhos de Valentine. Então Beatrice é mesmo sua tia. Como puderam esconder isso durante tanto tempo? Seu pai sabia e não contou? Porque Beatrice se casou com seu pai mesmo sabendo que era o esposo de sua mãe? É certo que a mesma estava morta quando ambos se juntaram, mas ainda assim é muito estranho. Imaginar que seu pai pudesse estar traindo sua mãe pegou-a de surpresa e causou grande mágoa em seu coração. No entanto, Beatrice não seria capaz de uma coisa dessas, ou seria?

Com suas mãos trêmulas, Valentine se levantou de sua cama com

outra carta em mãos. Imediatamente, começou a ler mais uma que sua mãe escreveu.

Bea, sinto tanto sua falta. Queria ter você por perto neste dia tão especial. Nossa pequena Valentine está completando três aninhos, e eu nunca me canso de dizer “nossa” sim, tão sua quanto minha. Afinal, se não fosse por você, eu jamais poderia realizar meu sonho de ser mãe. Nosso pedacinho de amor cresce a cada dia mais forte e cheia de luz. Você precisa vê o quão radiante ela está hoje. Fiz um pequeno bolo para comemorar seu aniversário e Louis lhe fez uma linda casa de bonecas. Só está falando você, minha irmã. Venha logo nos ver. Com amor:

Elise

Sem conseguir conter as inúmeras lágrimas, a garota molhou o pequeno papel em suas mãos, mas não de forma que pudesse estragar. Sem conseguir assimilar o conteúdo da carta, tentou imaginar o que sua mãe quis dizer com a parte: ela é tão sua quanto minha. Como assim? O que está por trás desse enigma? Com um nó em sua garganta, foi de volta ao encontro de sua cama e colocou a carta sobre a mesma para que pudesse pegar outra. Desta vez, encontrou uma com uma grande passagem de tempo, mas não quis deixar para pegar outra mais recente desde a última. Com certa pressa, abriu o envelope e pegou o papel para ler.

Bea, é com muito pesar que eu lhe escrevo esta carta, minha irmã. Eu sinto em lhe dizer, mas estou com câncer. Desculpe, não há uma maneira melhor de lhe escrever isso. Na última vez em que nos vimos, eu estava tão bem. Ao menos foi o que parecia. Minha irmã, quando fui te ver, não imaginei que fosse ser a última vez. Infelizmente, essa carta não lhe chegará a tempo. Por isso, preciso ser rápida e clara. Eu não lhe escrevi antes por medo. Eu não sabia o que estava acontecendo direito e não quis

lhe alarmar com o que pudesse ser. Quando descobri o quão grave é minha situação, já era tarde demais e eu não pude lhe escrever. Tive que suplicar aos médicos e ao Louis que me deixassem lhe escrever essa carta. Aliás, meu esposo não tem conhecimento do que está escrito aqui. Ele não pode saber. Preciso ir direto ao ponto. Eu irei morrer, Bea. Não há outra maneira. Eu tentei, mas não há. Eu irei morrer e não tenho muito tempo mais. Eu preciso que você venha, mas não para uma visita, preciso que você fique no meu lugar. Valentine precisa de ti. Ela não pode ficar sem uma mãe, só tem cinco anos. Tenho certeza que você irá conseguir conquistar o coração de Louis e do nosso pedacinho de amor. Por favor, minha irmã, este é o meu último pedido. Fique com nossa menina e cuide do meu esposo. Tome o tempo que precisar para assimilar tudo isso, mas não os deixe só. É tudo o que eu te peço. Sinto muito por não poder lhe beijar e abraçar ou perguntar como vão seus planos. Eu te amo, nunca se esqueça disso. Sou muito grata por seu amor e por ter me dado a chance de ser mãe. Até algum dia, na eternidade. Com amor:

Elise

Trêmula e incapaz de se mover, Valentine encostou o papel próximo ao seu coração e o abraçou como se pudesse sentir a presença de sua mãe através dele. Lágrimas tomaram a face da garota com mais frequência e pesar. Seu coração se apertou a medida que tentou sentir sua mãe ainda mais perto. A dor impediu-lhe de respirar e sua visão logo começou a escurecer. Sem conseguir puxar o ar de volta para seus pulmões, seu corpo logo caiu ao chão e sua visão escureceu. O papel caiu próximo a sua mão.

Quando Amy chegou ao seu quarto para chamá-la a pedido de Harry, a pequena logo a viu caída no chão. Ao vê-la desacordada, a menina correu e colocou seu ouvido próximo ao coração de Valentine e logo

começou a chorar em desespero.

— Tine? Acorda, por favor! Não me deixe sozinha igual à mamãe. — A pequena sacudiu-a desesperada e com sua voz embargada pelo choro. Ao balançar o corpo da irmã, não obteve resposta. Em choque, correu de volta até Harry.

— Harry, Harry! — Gritou enquanto corria até o banheiro do andar de baixo onde o mesmo disse que estaria. Ao entrar, se assustou ao vê-lo nu e rapidamente se virou. — Desculpe! Eu não sabia

— Tudo bem, anjo. — Harry pegou a toalha e se cobriu. — O que houve?

— Já posso olhar? — Questionou assustada e trêmula.

— Pode sim, meu amor.

Quando Amy se virou para olhá-lo, lágrimas cobriam seu rosto por inteiro e o garoto se preocupou de imediato.

— O que houve, Amy? — Harry questionou e abaixou para ficar da mesma altura que ela.

— Tine está caída lá no chão do quarto dela.

Ao ouvir isso, o garoto correu até o quarto de Valentine e logo fora acompanhado pela menor.

— Valen? — Ele chamou tocando seu rosto pálido e frio. Verificou seu pulso e sentiu suas pulsações fracas. — Anjo, fique aqui com ela, eu vou ligar para a ambulância.

Quando saiu do quarto, Amy voltou a deitar próxima a Valentine e colocar o ouvido em seu coração. Assustada, continuou a chorar e tremer diante de toda a situação.



No hospital, os médicos logo a levaram para uma área de emergência, enquanto Harry ficara com Amy na sala de espera. Por intermináveis minutos, ambos ficaram à espera de notícias sem nada dizerem. Ainda assim, o garoto tentava acalmar o corpo trêmulo de Amy algumas vezes. Já em outras ocasiões, ele estivera ocupado demais em seus próprios pensamentos. Tanto que nem percebera quando a pequena se afastou e começou a andar sozinha pelos corredores do hospital.

Passando pelos quartos, Amy pudera ver vários pacientes sendo medicados, ou apenas descansando. Quando chegou a porta do quarto onde pôde ver sua mãe, seu coração acelerou rapidamente. Sem conseguir evitar e ter alguém que pudesse impedi-la a pequena entrou no local um pouco assustada e olhou para sua mãe. Seu rosto pálido a fez pensar que talvez não estivesse viva.

— Mamãe? — Chamou para ter certeza de que a mãe ainda está viva. Quase que de imediato, Beatrice reconheceu a voz de sua filha e abriu os olhos para que pudesse vê-la.

— Oi! Meu amor... — A voz de Beatrice saiu baixa e falha. — Chegue mais perto para que eu possa te tocar, meu anjo. Senti tanto a sua falta.

Amy olhou para a mão pálida de sua mãe e a tocou de longe. Ao sentir a mão gélida, logo tornou a se afastar.

— Por que me deixou, mamãe? — A pequena questionou com a voz embargada e com algumas lágrimas se formando em seus olhos cor de mel.

— Eu não te deixei, docinho. — Um nó se formou em sua garganta e logo não conseguiu mais controlar suas emoções. O aparelho conectado à si,

começou a apitar de maneira desregulada assustando Amy.

— O que é isso, mamãe? — Questionou tampando os ouvidos. Sem conseguir responder, devido a sua respiração ter começado a falhar, Beatrice sentiu sua visão embaçar. Logo, enfermeiros chegaram no local e tiraram Amy para que pudessem realizar todo o processo de reanimação. Assustada, Amy correu de volta para onde Harry estava.

— Amy, o que houve? — O garoto questionou preocupado. Amy o olhou ofegante e então chorou ainda mais.

— Eu não tive culpa, não ti-ve — Soluçou — Eu vi a mamãe e ela passou mal, mas eu não tive culpa.

— Calma, meu anjo. — Harry tirou alguns cachos de sua bochecha rosada pelo choro e fez carinho. Ao ver cabelo misturado a lágrimas, decidiu fazer um coque na pequena e prender com um elástico que estava em seu pulso. Com seu rosto totalmente visível, ele limpou as lágrimas novamente e beijou sua testa.

— Ela vai ficar boa? — Questionou após ter finalmente se acalmado.

— Sim, meu amor. — Harry afirmou com um leve sorriso e a acompanhou de volta ao quarto da mãe para ter certeza que a mesma estava bem. Ao ver Beatrice controlada e dormindo novamente, Amy ficara mais tranquila.



Mais algum tempo na sala de espera e o médico finalmente apareceu para falar sobre o estado de Valentine. Harry se levantou rapidamente com Amy em seu colo e prestou atenção quando o homem começou a explicar o que tinha acontecido com a menina.

— A pressão dela abaixou por isso desmaiou. — Deu uma pausa antes de continuar — Acredito que tenha passado por alguma emoção forte demais e não aguentou. Então eu preciso que você me explique direito o que aconteceu.

O médico encarou Harry com certa desconfiança e esperou por sua explicação. Percebendo a desconfiança do médico, o garoto imaginou que o mesmo estivesse analisando uma briga entre os dois jovens.

— Eu não sei o que aconteceu, senhor. Quando cheguei em seu quarto, ela já estava desmaiada. — Ele analisou as expressões faciais do homem e continuou. — Acredito que tenha sido por causa do estado de saúde de Beatrice. Ela anda muito sensível nos últimos dias, e, as coisas tem sido muito difíceis para ela.

— De qualquer forma, ela não poderá passar por emoções muito fortes. Irei receitar alguns medicamentos que ela precisará tomar para ansiedade e o demais é só cuidados mesmo.

Após ter esperado o médico terminar de falar e liberar a visita, Harry pegou a receita e olhou para Amy.

— Não falaremos que Beatrice passou mal, OK?

— Eu vou ter que mentir, Harry?

— Não, anjinho. Você só não vai tocar no assunto. A Valen não pode passar por emoções agora. Tudo bem?

Após alguns segundos, Amy assentiu e ambos entraram no quarto hospitalar. Ao ver Valentine deitada e com o rosto tão apagado, Harry se sentiu triste, mas não demorou para se aproximar com Amy em seu colo. Devagar, o garoto tocou o rosto de sua namorada e acariciou de leve. No mesmo instante, Valentine abriu seus olhos e o encarou. Parecendo não

entender o que estava acontecendo, ela o olhou confusa, mas ao buscar o ocorrido em sua mente, voltou a sentir o mesmo aperto em seu coração e um nó em sua garganta.

— Está tudo bem agora. — A voz de Harry saiu suave e cheia de comoção. Ambos passaram por muita emoção em apenas um dia. Valentine o olhou inexpressiva e não respondeu.

— O que aconteceu antes de você desmaiar, Valen? — O garoto quis saber. Quando começou a sentir dor em seus braços por ainda estar com Amy em seu colo, trocou a pequena de lado e voltou a se concentrar em Valentine, mas a mesma continuou sem demonstrar nenhum tipo de emoção ou expressão fácil e permaneceu em silêncio. Harry tocou em sua mão e apertou um pouco em gesto de conforto.

— Está tudo bem. Você pode confiar em mim, meu amor. — Mesmo o garoto demonstrando preocupação, Valentine fechou os olhos com força e pediu para ficar sozinha. Sem entender o pedido da garota, ele permaneceu parado olhando-a aflito. Valentine o pediu mais uma vez para sair e virou para o lado. Meio angustiado, o garoto obedeceu ao seu pedido e saiu do quarto com Amy.



Algumas horas se passaram e Harry permaneceu angustiado do lado de fora. Inquieto por não saber o que aconteceu com Valentine e não poder ajudá-la, o garoto se sente impotente. Ele entende que ela queira um tempo sozinha para pensar, mas deixá-lo aflito não parece certo para ele. Devido a sua insistente escolha de ficar sozinha e não tocar no assunto, Harry decidiu não insistir. Embora queira muito estar ao seu lado e cuidar dela como sempre fizera, mas no momento, nem sua presença trouxe o sorriso que ele tanto ama ver em seu rosto.

Quando estava perto de anoitecer, eles tiveram a notícia que Beatrice finalmente tinha sido preparada para o processo do transplante de medula óssea. Feliz, Harry não conteve a emoção e entrou no quarto para avisar a Valentine, pois pensara que essa notícia a deixaria feliz, ao menos a faria falar com ele, mas ao contrário do que ele pensou, ela não reagiu tão bem quanto o esperado.

— Eu não quero falar dela. — Valentine respirou fundo e fechou os olhos com força para evitar que o choro viesse. Sem entender, Harry procurou seus olhos confusos.

— Por que não? Você não estava preocupada pensando que ela não iria se recuperar? Então, ela está fazendo o transplante que a trará de volta a vida. Você não está feliz? Era tudo o que você queria.

— Harry, me deixe sozinha. Eu não quero falar sobre esse assunto e muito menos sobre ela.

— E o que você quer, Valentine? — Harry questionou frustrado.

— Ficar sozinha, Harry. Será que é pedir muito? — Questionou alterada. Ele se afastou atordoado e enfim saiu do quarto novamente.

Do lado de fora, pôs as mãos no rosto e se permitiu chorar. Choro de irritação, impotência e tristeza. Afinal, o que tinha acontecido com a Valentine de dias atrás? O que aconteceu com a doce menina sensível? É certo que algo de muito ruim aconteceu para que ela começasse a agir dessa maneira. Pelo fato de não conseguir entendê-la e ajudá-la, o garoto se sentiu triste, impotente e frustrado. Chorou até que não restassem mais lágrimas. Com medo de assustar Amy, Harry olhou para os lados para que pudesse localizá-la e a encontrou encolhida e dormindo em uma das cadeiras da sala de espera.



Quando Valentine finalmente recebeu alta, Harry chamou um táxi para que pudessem ir para casa e aproveitou para comprar os remédios no caminho. Durante todo o percurso, Amy fora dormindo. O que causou um grande muro entre os dois jovens. Valentine não falara uma só palavra e se concentrou em olhar pela janela do carro durante todo o caminho até sua casa.

Ao descerem do carro, Valentine entrou em casa sem esperá-lo e subiu correndo para o seu quarto. Harry por sua vez, carregou Amy até o andar de cima e após acomodá-la em seu quarto, tentou entrar no de Valentine para que pudessem conversar, mas encontrou a porta trancada se frustrando ainda mais.



No dia seguinte, após terminar o café da manhã, Harry subiu para que pudesse dar o remédio a Valentine e convencê-la a descer para comer. Se surpreendendo ao encontrar a porta destrancada, o garoto logo entrou. Valentine está deitada em sua cama de barriga para cima e parece olhar para nada em específico. Sua mente parece longe. Ele chegou mais perto e sentou na beirada de sua cama. Valentine nem se moveu ou o mandou sair como das últimas vezes. Pelo fato de não ter encontrado a porta trancada, o garoto imaginou que ela o quisesse ali. Por isso, tomou a iniciativa e segurou em sua mão fazendo movimentos circulares com o polegar.

— Você não vai me contar o que aconteceu para te deixar assim? — Harry questionou aflito. Valentine o olhou com lágrimas recém formadas em seus olhos e não falou nada. Inquieto, Harry insistiu e ela se deu por vencida o entregando as cartas de sua mãe para Beatrice. Quando o garoto correu seus olhos pelas linhas muito bem escritas e elaboradas, ficou surpreso e em

choque.

Beatrice é irmã nova da mãe de Valentine e isso a torna sua tia.

— Eu sinto muito, Valen. — Ele concluiu com angústia e sinceridade. Não pelo fato de Beatrice ser de fato parte de sua família. Mas por terem escondido isso dela durante todos esses anos. Valentine escondeu o rosto com as mãos para esconder e abafar o seu choro e não o respondeu.

— Por isso você não queria falar sobre ela ontem?

Valentine o olhou com o rosto completamente vermelho e os olhos brilhando devido ao choro e assentiu. Como puderam esconder uma coisa assim dela? Por que Beatrice nunca contou? Por Deus, Valentine tentou odiá-la durante boa parte de sua vida e se negou a amá-la quando, na verdade, ela sempre fora tão parte dela quanto Amy e seus pais. Como puderam ser capazes de um jogo assim? É de sua vida que eles estavam falando. Ou melhor, ocultando.

— Ela mentiu para mim todos esses anos, Harry. — Ela finalmente falou depois de um tempo. Harry puxou-a para um abraço apertado e afagou seu cabelo volumoso e levemente bagunçado depois de uma longa noite de sono. E ela só dormiu por causa do efeito do remédio para ansiedade.

— Eu sinto muito, baixinha. Se eu pudesse, tiraria toda essa dor que você está sentindo em seu coração agora, mas o que posso fazer é te abraçar e dizer que as coisas irão se acertar.

Harry lhe apertou ainda mais em seu abraço enquanto seu choro se tornou mais audível. Durante um tempo, ambos permaneceram assim. Até Valentine se afastar de seu abraço com delicadeza e o entregar outra carta da qual ela só descobriu e leu assim que acordou.

— Você precisa ler essa. — Ele pegou o envelope amarelado e

manchado devido ao tempo e começou a ler.

Era da mãe de Valentine para Clair. E a história fica mais complicada ainda.

Querida amiga, eu nem sei por onde começar a lhe contar. Eu estou muito doente. Não há maneira melhor de dizer isso. Mas, não existe solução para a minha doença. Estou fadada a um caminho tortuoso até a morte. Mas eu preciso lhe escrever essa carta antes do meu fim. Eu quero que você cuide de minha irmãzinha para mim. Ajude ela a cuidar de minha filha e do meu esposo. Ela não tem muita estrutura para isso, mas sei que ela irá conseguir. E você precisa ajudá-la pra mim. Este é o meu último pedido. Com amor:

Elise

Ao final da triste carta, Harry derramou algumas lágrimas. Então sua mãe também tem conhecimento de toda essa história triste e nunca os contou. Principalmente a Valentine que merecia saber de toda a verdade. Tanta coisa poderia ter sido diferente se ela soubesse de toda a verdade. Qual a razão para tantas mentiras e joguinhos? A resposta está em uma carta que a mãe de Valentine escrevera para ela.

Querida, girassol

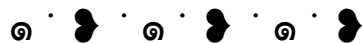
Se você está lendo essa carta, é porque chegou o momento de lhe contar um pouco e nossa história. Antes de tudo, peço que não sinta raiva de mim, nem de sua tia, seu pai ou qualquer outro envolvido. Filha, eu daria qualquer coisa para estar ao seu lado agora te ver crescida e linda. Mas se Deus quis assim, nós não podemos questionar. O que eu tenho para lhe dizer é que fiz tudo para o seu bem. Eu precisava lhe proteger de coisas que você jamais entenderia. Beatrice é sua tia, meu amor. E ela viu cuidar muito bem de você. E espero que não demore para lhe contar a verdade. Se antes eu não

lhe contei dela com mais detalhes, foi porque seus avós a manteve longe de mim por ter me casado com seu pai. E eu não queria que você crescesse acreditando que ela não queria te ter por perto. Enfim, filha. Ela vai te explicar melhor. Eu não tenho muito tempo mais. Se cuide, e nunca se esqueça que te amo e sempre amarei. Continue a iluminar vidas com sua luz e essência, minha doce e única girassol. Seja forte e brilhe sempre. Com amor:

Elise

Lágrimas escorrem descontroladas ao final da carta. Parece que muita coisa está envolvida em seu passado. Como puderam esconder? Ela tinha o direito de saber. Afinal, é a história dela também. Para piorar ainda mais a situação, Clair chega de repente no quarto de Valentine e interrompe os dois. A garota olha para ela com raiva e levanta de sua cama com toda a fúria contida por muito tempo.

— Como você pôde mentir para mim todo esse tempo? — Valentine gritou indo até ela com muita raiva. Harry correu e segurou a garota pela cintura.





_____ ≡ _____

Porque nada volta a ser como
Era antes, depois que somos
Quebrados, sempre vão existir
Marcas para provar que
Algo esteve errado

_____ ≡ _____

Valentine olhou com raiva para a mulher à sua frente enquanto Harry permaneceu a segurá-la pela cintura, para que a menina não conseguisse atacar sua mãe. Com a raiva que está sentindo, seria provável que ela desferisse tapas desenfreados à mulher que olha para a situação sem expressão alguma em seu rosto.

— Como ousa falar assim comigo, garota? — Clair questionou com o tom de voz autoritário.

— Como minha mãe pôde ser sua amiga algum dia? — Valentine deu uma pausa e analisou a postura de Clair diante de toda a situação que os cerca e continuou: — Você não merecia a amizade dela.

É visível toda a raiva que Valentine sente por Clair, sem nem mesmo ter conhecimento do seu passado.

— Você não pode e não vai falar comigo assim, garota.

Quando Clair se aproximou para desferir um tapa no rosto de Valentine, Harry entrou no meio de ambas e impediu que sua mãe atacasse sua namorada.

— Mãe, você não vai bater nela — O garoto a olhou com firmeza. — Você sabe que errou ao não contar sobre o passado de Valentine.

Clair olhou para o filho com indignação e começou a falar:

— Escute, Harry, eu não vou permitir que essa menina o coloque contra mim. Eu não devo satisfação a ela e muito menos a você. Quem deveria contar sobre o passado era a tola da Elise, e não eu.

— Não ouse falar da minha mãe! — Valentine gritou tentando ultrapassar Harry. Clair olhou para ela com ironia e riu.

— Sabe qual foi o erro de sua amada mãezinha, Valentine? — A mulher riu em escárnio — Ela jamais ouviu seus pais ou a mim. Quis se casar com o podre coitado do Louis e pôr em risco toda a herança que era dela por direito. A única culpada por tudo de ruim ter acontecido fora somente ela! Então, se quer mesmo culpar alguém por sua vida ser uma grande merda, culpe à quem a trouxe a vida. — Clair deu uma gargalhada alta e voltou a dizer: — Nem isso ela foi capaz de fazer por conta própria, era mesmo uma inútil. Ainda não sei o que teu pai viu naquela sem sal.

Tudo o que Clair falara fora o ápice para Valentine explodir e passar por Harry sem que o mesmo pudesse contê-la e começou a desferir socos e tapas em Clair com toda a raiva que estava sentindo. A mulher segurou em seus braços com força e empurrou-lhe no chão. Por consequência, caiu sentada e bateu cm sua coluna bem ao pé de sua cama. A menina soltou um grito de dor.

— Mãe, já chega! Vai pra casa e nos deixe sozinhos! — Harry ordenou com fúria. Nunca sentiu tanta raiva de sua mãe como está sentindo agora.

— Eu vou, mas não antes de dizer que sempre tive raiva de sua mãe, garota. Ela sempre teve tudo o que era meu! Por isso, desejo que você sofra muito nessa vida. Que você pague por sua mãe ter existido um dia!

— Mãe! Cale essa boca! Não vê o que está dizendo? Como pode ser tão má e incapaz de perceber o mal que está fazendo?

Harry olhou para sua mãe com os punhos cerrados, não que ele fosse mesmo agredi-la, mas a raiva o estava consumindo. Clair riu alto e saiu do local trombando com Amy. No mesmo instante, sentiu uma raiva sem tamanho, como se a criança fosse culpada por tudo de ruim que acontecera em sua vida. Amy a olhou assustada e se encolheu quando a mesma passou por ela. Ao ver que a mesma estava voltando, Amy ameaçou correr, mas logo fora alcançada pela mulher.

Clair segurou em seu braço e sentiu vontade de liberar toda a sua raiva e frustração no pequeno ser assustado à sua frente, mas sua mente transtornada fez com que tivesse outra ideia. Ainda segurando em seu braço, levou a mesma de volta até seu quarto e fechou a porta.

Enquanto isso, sem perceber o que a mãe acabara de fazer, Harry se aproximou de Valentine com certa pressa e a ajudou a levantar. Com um grunhido de dor, ela se apoiou em no garoto e permitiu que ele lhe ajudasse a voltar para a cama.

— Se machucou? — Questionou preocupado.

Sem conseguir conter a dor, ela apenas assentiu com a cabeça.

— Deixe-me ver — Se referiu a sua coluna. Ela deitou em sua cama

de barriga para baixo e ele levantou sua blusa para que pudesse olhar com atenção.

— Está um pouco roxo. Farei uma massagem, tudo bem?

— Está bem.

Harry começou a massagear toda a extensão de sua coluna com cuidado.

— Valen, não ligue para tudo o que ela falou. Eu sei que é difícil, mas tente não guardar tudo aquilo porque não irá te fazer bem.

— Como ela pode ser assim? Como minha mãe pôde ser amiga dela?
— Valentine questionou emotiva.

— Eu também não entendo. Nunca pensei que minha mãe pudesse ser assim. Eu nem mesmo sabia de toda essa história.

Enquanto os dois adolescentes conversam, Clair encara o corpo pequeno de Amy.

— Não precisa ter medo de mim, criança. — A mulher sorriu para passar segurança — Eu só quero fazer um pedido, ou melhor, é uma ordem.

Clair sorriu e analisou a garotinha por inteiro. Amy permanece encolhida e com medo de Clair.

— Eu quero voltar para o quarto da tina. — Pediu manhosa.

— Você não vai voltar para lá até que eu te diga o que fazer — Falou firme

— Eu faço. Só me deixa sair — Amy abraçou o seu urso de pelúcia favorito e fechou os olhos com medo.

— Olhe para mim, criança. — Clair ordenou com a voz firme e Amy

voltou a encará-la com medo. — Preste bem atenção no que eu vou te dizer. — Clair falou com a voz mais baixa, com medo de que Harry ou Valentine pudesse escutar.

— Estou prestando... — Respondeu baixo.

— Você vai dizer a Valentine que Harry machucou você.

Clair encarou Amy com atenção e pensou no que fosse dizer. A verdade é que ela pode fazer qualquer coisa, somente para afastar o filho de Valentine.

— Mas ele não me machucou. — Amy respondeu com medo e apertou ainda mais o seu ursinho contra si.

— Mas você vai dizer o que estou falando, sabe por quê? — Clair segurou em seu queixo com força e encarou seus olhos com raiva. — Porque se você não fizer, eu vou fazer muito mal a sua irmã.

Clair respondeu com raiva sem deixar de fazer contato visual com a menina. Com medo, Amy logo começou a chorar e Clair cobriu sua boca para que a mesma não fizesse barulho.

— Fique quieta, ou serei obrigada a te bater, pestinha. Eu juro que não será pouco.

A mulher sussurrou com ira. Aos poucos, Amy fora cessando o choro. Apertando seu ursinho contra seu corpo trêmulo, olhou para baixo.

— O que tenho que fazer? — Perguntou entre soluços. Clair segurou em seu queixo e lhe obrigou a olhar para si.

— Você vai dizer a Valentine que, enquanto Harry te dava banho, colocou o dedo em sua vagina.

Imediatamente, Amy arregalou os olhos. Ela já ouvira essa palavra

antes e sabe o que significa. Por isso, encarou a mulher espantada.

— Harry não fez isso! — A pequena respondeu assustada. Clair segurou com força em seu rosto e olhou em seus olhos raiva.

— Mas você vai dizer a ela que ele fez, sua peste estúpida, ou eu vou fazer Valentine pagar por sua estupidez.

Mais uma vez, Amy começou a chorar e Clair fora obrigada a abafar seu choro.

— Eu avisei para você não chorar! — Falou baixo — Agora você vai pagar por não ser uma menina obediente.

Clair segurou a criança pela cintura, de modo que ainda pudesse cobrir sua boca e foi em direção à sua cômoda, onde encontrou fita adesiva. De modo habilidoso e rápido, a mulher cobriu a boca da criança com firmeza e garantiu que a mesma não pudesse emitir som algum. Com essa certeza em mente, começou a desabotoar suas calças retirando seu cinto. Amy a observou assustada e tentou correr, mas fora impedida pela mulher que agarrou em seu braço e a manteve parada diante de si. Ao mesmo tempo, fora até a porta e trancou a mesma para que não fosse pega.

Quando voltou sua atenção para Amy, riu de seus olhos arregalados.

— Vou te ensinar a ser uma criança obediente e a fazer exatamente o que lhe mandam.

Clair pegou a criança pelo braço novamente e a puxou em direção a sua cama para que pudesse se sentar. Com Amy à sua frente, abaixou suas calças do pijama e em seguida a calcinha. Mesmo com os protestos da menina e seu choro totalmente desesperado e abafado, a mulher colocou-a deitada de bruços em seu colo e pegou seu cinto para bater na criança.

Tentando controlar seus movimentos de luta, Clair desferiu sem dó ou qualquer tipo de remorso, golpes dolorosos na criança. Após ter certeza de que tinha sido suficiente, a mulher deixou a cinta de lado e colocou a criança de pé. Amy a olhou com puro terror nos olhos e tentou se afastar. Clair não se comoveu com suas lágrimas e seu rosto completamente vermelho.

— Pare de chorar — Ordenou firme. Amy parou de chorar, com medo de que Clair lhe atacasse outra vez. Quando parou, a mulher tirou a fita adesiva de sua boca.

— Isso foi para você aprender a fazer o que os adultos lhe mandam. Você vai fazer o que mandei?

Amy afirmou que sim e engoliu a vontade de chorar.

— Boa menina. Agora se vista e vá lavar o rosto. Não quero que te vejam assim.

Amy obedeceu e foi para o seu banheiro lavar o rosto e logo voltou para Clair.

— Eu vou embora, mas se você não fizer o que mandei, vou fazer muito pior, então vai ser só com você. Sua irmã também irá pagar. Entendeu?

— Sim — Apertou seu urso de pelúcia e desviou o olhar da mulher. Quando Clair finalmente saiu e foi para sua casa, Amy começou a chorar baixo para que não lhe escutassem.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Mais tarde, quando Valentine estava sob efeito do remédio para ansiedade, Harry passou pelo quarto de Amy e a viu deitada na cama abraçada a seu urso de pelúcia. Devido à menina estar deitada de costas para a porta, e pelo fato dela não ter se mexido com o barulho da porta, imaginou

que a mesma pudesse estar dormindo. Por esse motivo, decidiu ir ao mercado para que pudesse fazer algumas compras que estavam faltando.

Com poucos minutos depois de sua saída, Amy se levantou de sua cama sentindo dor de cabeça por ter chorado muito e seguiu a passos lentos até o quarto de Valentine. A pequena tocou em seu corpo e a mais velha nem ao menos se mexeu. Por estar sob o efeito do forte medicamento que o médico receitou, nem um barulho alto seria capaz de acordá-la tão cedo.

— Tine? — Amy chamou com a voz suave. — Estou com dor de cabeça, tine. Acorda!

Mesmo com todos os seus esforços, Valentine não acordara. Vendo que seria inútil tentar acordar a irmã, Amy desceu para a cozinha e decidiu procurar por Harry, e como não o achou em lugar algum, voltou para a cozinha e optou por pegar o remédio para dor de cabeça sozinha.

Como ainda não sabe ler pela pouca idade que tem, Amy se perdera em meio à tantos frascos de medicamentos que achou na caixinha branca com uma cruz vermelha. Ao olhar para a parte de cima do armário da cozinha, viu vidros cor de rosa e se lembrou do dia que sua mãe disse a Valentine que estava tomando remédios para dor de cabeça. Naquele mesmo dia, a pequena viu sua mãe tomar vários comprimidos deste mesmo vidro rosa.

Decidida a tomar o remédio e parar a dor que sente, a criança subiu em uma cadeira e pegou os tão temidos fracos rosa que Beatrice tomava para o tratamento do câncer. Com os vidros em mãos, a pequena abriu um deles e pegou três comprimidos, assim como vira Beatrice fazer. Amy olhou para os comprimidos pequenos e os engoliu com ajuda de água.

Logo após ter ingerido todos, deixou os vidros em cima da mesa,

sendo um aberto, e fora deitar no sofá da sala. Ao se lembrar do momento horrível que passara mais cedo, Amy se encolheu no sofá com seu ursinho e fechou os olhos com força para esquecer as cenas de tortura física e psicológica que Clair a obrigara passar.

Com poucos minutos, os remédios começaram a fazer efeito e ela começou a ter dificuldades para respirar. Assustada, abriu os olhos e tentou puxar o ar de volta, mas a medida que se esforçara, mais crítica ficara a situação. Seu coração acelerou rapidamente e logo sua visão começou a escurecer. Sem conseguir respirar, e com espuma saindo de sua boca, Amy começou a perder os sentidos.

Seu estado começou a se agravar, causando uma parada cardiorrespiratória. No andar de cima, um forte vento bate na janela do corredor, fazendo com que Valentine acorde assustada.

— Amy? — Chamou após se situar de onde está — Harry?

Ninguém respondeu. De repente, sentiu um aperto em seu coração. Preocupada e ainda meio zozza pelo efeito dos remédios, decidiu descer para descobrir o que estava acontecendo. Se debruçando na escada, viu Amy se debater no sofá. Desesperada, desceu correndo os próximos degraus.

— Aí meu Deus! Amy! — Desesperada, tentou tocar em sua irmã, mas a mesma estava condicionando. Em choque, saiu gritando por socorro na rua de casa.

No mesmo instante, Harry vinha com várias sacolas de feira e se depara com Valentine gritando. Preocupado, apressou os passos e encontrou a menina na porta de casa em total desespero.

— O que houve?

— Amy, alguma coisa aconteceu com ela! — Lágrimas começaram a descer descontroladas por sua face. Harry deixou as sacolas no chão e correu para dentro de casa.

— Amy? — Grita desesperado e sem entender o que está acontecendo. Vendo o estado da garota, logo se lembrou das aulas que seu pai adotivo o ensinou durante boa parte de sua infância. Quando se deu conta do que está acontecendo, saiu correndo para chamar por seu pai.

— PAI! PAI! PAI! — Gritou em desespero. O homem de meia-idade logo saiu de casa assustado e encarou os dois jovens com uma expressão interrogativa.

— O que foi, Harry? — Respondeu limpando a boca, pois o mesmo estava comendo.

— Pegue o desfibrilador portátil e o balão de oxigênio, AGORA! — Harry tornou a olhar para Amy e percebeu que se não agissem o mais rápido possível, iriam perdê-la. Sem entender o desespero do filho, o homem seguiu de volta para dentro de casa e fez o que o garoto pediu voltando com urgência. Quando entrou em casa, pôde ver o motivo do desespero do filho e então tudo começou a passar rapidamente.

Com cuidado, ele colocou Amy deitada no chão da sala, rasgou sua blusa e começou o processo de reanimação enquanto Harry observava tudo em puro terror e choque. Ao mesmo tempo, Valentine fazia uma oração enquanto tenta controlar as lágrimas e o desespero por ver a irmã desfalecendo a sua frente.

— Harry, ligue para a emergência! Eu não vou conseguir mantê-la respirando por muito tempo! — O homem pediu ofegante enquanto permaneceu a lutar pela vida da garota. Ao trazê-la de volta, pôs o oxigênio

para que ela pudesse continuar respirando. Quando a assistência ao paciente atendeu Harry, seu pai pegou o telefone para que pudesse se identificar como médico e pedir urgência.

— Pai, olha! — Harry mostrou os vidros de remédios em cima da mesa e logo entenderam o que estava acontecendo. Valentine já não tinha forças para processar as informações.

— Menina, 4 anos, overdose! Por favor, eu preciso de uma ambulância agora! — Matthew respondeu. A mulher quis mais informações, mas ele logo se identificou como profissional da área e pediu que a mulher deixasse as informações para depois. Rapidamente, uma equipe foi mandada para o local.

Quando a ambulância chegou, Valentine finalmente começou a reagir diante de toda a situação. Harry puxou-a para que a mesma não chegasse perto dos paramédicos e tentou mantê-la perto de si enquanto Amy fora colada no veículo.

— Me deixe, eu quero vê-la! — A garota pediu em desespero.

— Valen, olhe pra mim! — Ele segurou em seu rosto — Não há nada que você possa fazer agora. Deixe que eles vão cuidar dela.

— Eu sou uma inútil, Harry! Nem para cuidar da minha irmã, que é a minha única obrigação, eu sirvo. — Respondeu entre soluços incessantes.

— Valen, não foi sua culpa!

— O que está acontecendo aqui? — Clair questionou interrompendo os dois e olhando para dentro da ambulância vendo Amy.

— Mãe, não é hora de fazer perguntas! — Harry respondeu de forma ríspida.

— Harry, eu irei com ela. Quando a menina estiver mais calma, vá com ela até o hospital. — Seu pai pediu e logo os paramédicos fecharam a ambulância e seguiram com urgência para o hospital local.

— Tudo isso é culpa sua! — Valentine acusou olhando para Clair com raiva enquanto Harry a mantém segura perto de si. A mulher olhou para ela com falsa indignação e exigiu que o filho fizesse Valentine se calar.

— Como pode dizer isso? Eu não tive culpa da sua irresponsabilidade!

— Não dê importância para o que ela está falando, Valen.

Harry segurou na mão de Valentine e, após trancar a casa, fora com a mesma até o ponto de ônibus mais próximo para que pudessem ir ao hospital.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Fazia cerca de duas horas desde que haviam chegado ao hospital e não tinham informações sobre o estado de Amy. Valentine seguiu chorando por longos minutos enquanto se culpava por não ter dado a devida atenção à sua irmã. Com tudo que aconteceu, ela passou a viver em um mundo só dela e não se deu conta do ser tão pequeno e frágil que precisava de sua atenção.

Inquieto com o seu incessante choro, Harry á abraçou forte e tentou tranquilizá-la.

— Ela vai ficar bem, Valen. — Falou baixo próximo ao seu ouvido enquanto mexia em seu cabelo.

— E se não ficar? Isso tudo é culpa minha! — Respondeu com a voz embargada pelo choro.

— Meu amor, não fique assim. — Pediu olhando em seus olhos — Não existe um culpado, OK? Aconteceu e agora iremos cuidar para que não

se repita.

— O que vou dizer a Beatrice?

Harry limpou suas lágrimas insistentes e voltou a olhar em seus olhos.

— Vamos dizer a verdade, meu amor. Não tivemos culpa. — Respondeu colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. Quando Valentine foi responder, o pai de Harry apareceu para lhes dar notícias. Ambos se levantam com certa urgência e encaram o homem sério diante deles.

— Então pai? — Harry questiona impaciente.

— Nós fizemos o possível Harry... — O homem prosseguiu cauteloso.

— O que o senhor quer dizer com isso? — Valentine questionou começando a entrar em desespero.

— Que fizemos uma lavagem estomacal, mas devido a grande quantidade de medicamentos que ela ingeriu, seu corpo não reagiu da maneira como esperávamos após a limpeza.

A expressão no rosto do homem fez Valentine temer o que ele fosse dizer.

— Mas pai, ela vai ficar bem, não vai? — Questionou com medo.

— É o que esperamos, meu filho. — Seu pai segurou em seu ombro

— Agora só depende dela.

Ao dizer isso, Valentine entrou em desespero.

— Podemos vê-la? — Ele questionou apertando Valentine em um abraço desajeitado.

— Não, ela está na terapia intensiva.

— E não há mesmo o que se possa ser feito?

— Infelizmente não. Precisamos esperar. — Seu pai respondeu angustiado por ter que dar esse tipo de notícia.

— Vou levá-la para tomar um ar — Respondeu se referindo à Valentine e saiu antes que ele começasse a chorar também.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Três dias se passaram arrastados para Harry e Valentine. Ambos haviam passado longas horas no hospital em busca de notícias ou qualquer coisa que os fizessem ter a certeza de que Amy ficaria bem. A pequena ainda não havia saído da terapia intensiva e os médicos não estavam positivos em relação ao seu estado de saúde. A verdade é que nenhum deles realmente acreditavam que a menina fosse melhorar, mas não ousavam dizer isso à Valentine. Durante esses longos dias, Harry precisou lutar entre fazer Valentine comer e tomar seus remédios para ansiedade.

Houve momentos em que a menina nem ao menos queria tomar banho. Ele, com sua paciência e dedicação, esteve ao seu lado até em seus longos momentos de crises, e nos momentos em que ela insistia em ficar sozinha, Harry também permaneceu ao seu lado. Com a notícia de que Beatrice havia reagido bem ao transplante de medula óssea, Harry ficou receoso quanto a contar a verdade para a mulher.

Os médicos disseram que ela ainda precisaria passar um tempo no hospital para se recuperar totalmente, e o mesmo preferiu deixar para contar quando Beatrice estivesse em casa. Certo de que tudo iria melhorar, o garoto insistia em manter pensamentos positivos tanto por Valentine quanto por ele próprio. Afinal, ele tinha que se manter no controle por ela.

Sua mãe insistia em dizer para ele deixar Valentine e viver sua vida. Ainda mais agora que ela não podia mais chantagear Amy, e ainda sabendo que a criança poderia morrer, não sentiu o mínimo remorso por tudo o que fizera a criança passar.

Em alguns momentos, Harry até chegou a pensar que sua mãe faria alguma coisa para o impedir que continuasse ao lado de Valentine. Não sabendo ele que a mulher já havia feito e falhado, mas nada a impede de voltar a fazer algum mal. Principalmente por saber que, se Amy melhorar, ela poderia contar a verdade para Valentine. Ela estaria perdida.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Ao final do quarto dia na terapia intensiva, Amy finalmente começou a apresentar sinais de melhora. Os médicos mal podiam acreditar no milagre que tinha acontecido. Eles tinham certeza de que ela iria morrer. Quando seu pai lhe contou, Harry ficou tão alegre que até foi correndo para contar a Valentine, que estava na parte de fora do hospital.

— Valen?

Quando a mesma o olhou, ele abriu um largo sorriso e fora até ela a abraçando e tirando-a do chão.

— Hey, o que houve? — Questionou sem entender enquanto Harry girava feito louco.

— A Amy! Ela está melhorando, Valen! — Respondeu eufórico sem parar de lhe girar em seu colo.

— Está falando sério? — Harry finalmente colocou-a no chão.

— Sim, meu amor. — Lágrimas de alegria escorriam pelo seu rosto. Era a primeira vez que Valentine o via chorar. Mesmo sendo por alegria.

— Não brinca, Harry. — Ela respondeu começando a chorar também. Ele puxou-a pela cintura e chegou bem próximo ao seu rosto.

— Não estou brincando! Estou falando sério, baixinha.

Ao dizer isso, Valentine o abraçou e se permitiu chorar, mas dessa vez, por alegria e alívio.

— Eu posso vê-la? — Questionou enquanto ele limpa suas lágrimas.

— Ainda não, mas ela já está fora de perigo. — Sorriu depositando um beijo em seus lábios. Juntos, fizeram uma oração em agradecimento. De longe, Clair observava os dois, furiosa pela melhora de Amy. Porque sabe que ela poderá contar o que sofreu em suas mãos no dia em que ingeriu os remédios de sua mãe. Em sua mente logo começou a formular um plano para impedir que Amy não melhorasse. Nem que para isso, precisasse matá-la.



Quando Valentine e Harry finalmente entraram no hospital, a garota logo começou a sentir um mau pressentimento. Angustiada, abraçou o garoto e pediu que ele não saísse de perto dela. Ao mesmo tempo, sentiu a necessidade de estar próxima à porta do quarto onde Amy está. Sem entender de fato o que estava sentindo, não quis sair até que liberassem a entrada dela. Quando fizeram, ela se negou a sair de perto da irmã até que mesma fosse para casa. Algo em seu coração dizia para não deixá-la sozinha, e ela não deixou.

De noite, quando Harry fora pra casa tomar um banho e pegar roupa para Valentine, sua mãe aproveitou para entrar no quarto onde as duas estavam.

— O que faz aqui? — Valentine questionou com o tom de voz baixo.

— Só quero ajudar, menina. Não seja tão rude. — Respondeu suavizando sua expressão para que Valentine acredite nela.

— Eu não quero sua ajuda. Não depois de tudo o que você fez.

— Eu sinto muito por tudo o que eu disse. Não tinha a intenção de lhe ferir. — A mulher respondeu fazendo Valentine rir.

— Jura que vai fingir arrependimento agora? — Questionou incrédula. — O que você quer, Clair?

— Eu estou arrependida de verdade, Valentine. — Clair olhou para Amy e os aparelhos conectados a ela. — Se você quiser, pode ir comer alguma coisa e eu fico aqui com ela.

Valentine riu novamente.

— Você pensa que eu sou burra, é? — Deu uma pausa e olhou para Amy — Eu não vou sair daqui até que Harry volte.

— Você está sem comer desde cedo. Anda, é só por alguns instantes.

Antes que Valentine pudesse responder, ouviu quando Amy resmungou e logo correu para perto da irmã.

— Oi! Meu amor. — Imediatamente lágrimas começaram a se formar em seus olhos a partir do momento em que olhou para Amy. A garotinha olhou ao redor e para Valentine. Quando Clair se aproximou e Amy a viu, se assustou e segurou na mão de Valentine. — O que foi? Quer alguma coisa? — Valentine questionou.

Amy não conseguiu responder. Apenas apertou mais a mão de sua irmã e começou a ficar com sua respiração falha. Quando os aparelhos começaram a apitar, Valentine se assustou e gritou pelos médicos. Ao se dar conta de que talvez a pequena esteja com medo de Clair, pediu que a mulher

saísse. A mesma relutou, mas saiu deixando a própria Amy morrer por conta própria. Pelo menos não precisaria “sujar” suas mãos. A mulher pensou. Quando os médicos finalmente conseguiram controlar Amy, Valentine pôde respirar aliviada e não saiu de perto dela até que Harry chegasse.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



*Neste mundo que parece
virado pelo avesso, precisamos
fazer do fim um recomeço,
precisamos fazer o bem
brotar também do mal.*

– Augusto Branco



Dois dias após Amy ter começado a apresentar melhoras, ela finalmente pôde receber alta do hospital. Valentine não se continha de tanta felicidade, já Clair se manteve preocupada quanto ao fato da garota contar a alguém o que sofrera em suas mãos.

Quando a enfermeira chegou no quarto onde Amy tinha sido transferida logo após ter saído da terapia intensiva, deu um grande sorriso. Amy apenas se encolheu com medo de sua aproximação. Depois do ocorrido, a menina ficara com trauma.

— Você não precisa ter medo de mim, anjinho. Estou aqui para te dar um banho muito gostoso. — A mulher sorriu gentil, mas não obteve resposta.

Desde que acordara, Amy não se mostrou muito comunicativa nem mesmo com Valentine. Por este motivo, o médico achou necessário que a psicóloga conversasse com ela antes de ir para casa.

Com receio de que Amy não fosse receber bem a notícia de ter que ser acompanhada no banho por uma enfermeira, Valentine se ofereceu para cuidar da irmã e dar banho para que recebesse a psicóloga e assim pudesse ir embora, mas a enfermeira explicou que fazia parte do procedimento hospitalar. Por esse motivo, não fora permitido nem mesmo sua presença no local. Ela somente seria chamada quando Amy fosse liberada para ir pra casa.

— Olha, vai ser divertido. Você pode até brincar com os patinhos de borracha que temos. — A enfermeira tentou animá-la, mas fora em vão. Com cautela, se aproximou mais de Amy e a ajudou a levantar. Como a garotinha não reclamou de seus toques, a mulher prosseguiu e começou a tirar sua roupa, deixando sua peça íntima para que fosse tirada diretamente no banheiro.

— Vamos? — Ela esperou por sua resposta, mas apenas obteve o silêncio. Com cuidado, pegou a criança no colo e seguiu para o banheiro ao lado. — Posso tirar? — Questionou se referindo a sua calcinha, mas, mais uma vez, Amy se manteve em silêncio apenas observando a mulher com certa curiosidade. Com cuidado, sua última peça fora abaixada e a menina entrou em choque, começando a ofegar e se afastar da enfermeira.

— Calma, eu não vou te machucar. — Sua voz saiu calma e suave, ao mesmo tempo, em que achou sua reação estranha. Amy permaneceu a uma certa distância e não olhou em seus olhos. — Se você quiser, pode entrar na banheira e eu fico aqui te olhando. — Ela voltou a dizer de forma mansa. Amy olhou para trás e viu a banheira. Quando virou para entrar, a mulher

pôde ver as marcas que Clair deixou. Algumas já estavam roxas, outras ainda eram feridas.

Assustada diante do que viu, a jovem enfermeira permaneceu perplexa durante um tempo. Amy, por sua vez, sentou na banheira de modo que não incomodasse e pegou um dos patinhos para mergulhar na água. Quando a mulher fez menção de se aproximar dela outra vez, ela se assustou e levantou bruscamente encostando na parede e voltando a ficar ofegante.

— Calma, eu só quero te ajudar a tomar banho. — Respondeu atônita com tudo. Em sua mente, várias cenas de violência se passaram fazendo seu estômago embrulhar. Como alguém machucaria uma criança tão pequena, inocente e indefesa? A mulher pensou enquanto olhava para a menina terrivelmente assustada à sua frente.



Durante longos minutos, a jovem enfermeira finalmente conseguiu aproximação suficiente para que pudesse auxiliar Amy no banho e vesti-la com a roupa que Valentine havia separado. Com poucos minutos, a garota entrou no quarto para ver se Amy já poderia ir ao consultório da psicóloga.

— Eu não te chamei, senhorita. — A enfermeira olhou séria para a menina.

— Eu tenho o direito de estar presente, ela é minha irmã! — Respondeu tentando não ser ríspida, mas fora em vão. A mulher olhou para ela desconfiada e saiu do quarto indo em direção a parte administrativa do hospital para relatar tudo o que viu. Valentine olhou para a porta e fez uma expressão interrogativa.

— Ela é estranha, não acha amor? — Ela questionou indo até sua

irmã. Amy olhou para ela e não respondeu. — Por que está tão quieta? Você não é assim. Me conta o que aconteceu.

Assustada, Amy cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Não chore, princesa. — Valentine descobriu seu rosto e pego-a no colo. Amy colocou suas pernas em volta da cintura de sua irmã e pôs a cabeça em seu ombro abraçando-a de volta. — Está tudo bem. Você não precisa falar nada agora, se não quiser. Valentine acariciou seu longo cabelo cacheado. Quando saiu do quarto com Amy ainda em seu colo, o diretor do hospital aguardava a garota com Clair, Harry e mais uma moça que ela não reconheceu.

— O que aconteceu? — Questionou sem entender.

— Valen, estão nos acusando de agredir a Amy. — Foi Harry quem respondeu. O garoto lançou um olhar preocupado enquanto a mesma devolveu outro sem entender.

— Como podem simplesmente nos acusar? — Indagou incrédula. — Estão loucos?

— Calma, Valen. — O garoto pediu com medo de que toda a situação ficasse pior.

— Essa é a psicóloga e ela vai conversar com a menina. — O homem mais velho disse com uma expressão desconfiada e carrancuda.

— Vocês não podem simplesmente fazer esse tipo de acusações sem provas. — Valentine respondeu irritada.

— A enfermeira relatou marcas de agressões, senhorita. — O velho respondeu impaciente.

— Como? Ela está blefando.

— Então deixe que vamos averiguar. Se não há agressões, não há com o que se preocupar. — O homem respondeu ríspido. Quando fez menção de pegar Amy, que até então estava com o rosto escondido, a pequena não quis ir e mais uma vez começou a chorar.

— Anda, Valentine, dê a garota para que vejam isso logo. — Clair respondeu se intrometendo. — Me dê ela aqui! — Quando a mulher se aproximou para pegá-la, Amy começou a gritar e chorar ainda mais para que não fosse com ela.

— Deixe ela, não vê que está assustada? — Valentine respondeu irritada com a mulher, que para ela, nem deveria estar ali.

— Senhor, venha aqui um instante. — A psicóloga finalmente se pronunciou chamando o velho para que pudessem conversar em um ponto um pouco distante.

— O que houve, Katherine?

— Só eu percebi o quanto a menina ficou assustada com a presença da mulher?

— Eu não notei, mas a psicóloga aqui é você, e não eu.

— De qualquer forma, preciso conversar com a criança sem nenhum deles por perto, mas eu desconfio de que ela esteja envolvida.

— Faça o que tem que ser feito e me aponte o culpado. Vou relatar à polícia.

Quando os dois voltaram para onde estavam, a psicóloga pediu para levar Amy consigo até o consultório, mas antes, Valentine exigiu que mostrassem as provas de que estavam falando. Ambos, foram até o banheiro e foi averiguado o que a enfermeira havia relatado. Valentine olhou para as

marcas em Amy e não conseguiu acreditar que algo assim poderia ter acontecido.

— Foi você, não foi? — Ela gritou se referido a Clair que observava tudo calada.

— Você quem convive com ela e eu que sou a agressora? Me poupe, garota.

Valentine se aproximou dela tão rápido que nem tiveram tempo para impedir.

— Eu sei que foi você! Como ousa fazer isso com ela? Ela é só uma criança, seu monstro! — Ela permaneceu a gritar e a desferir tapas em Clair. Atônito, Harry segurou a garota pela cintura e impediu que a mesma continuasse a bater em sua mãe. Clair olhou para Valentine com raiva e desejou lhe bater tanto quanto fizera com Amy, mas se conteve e manteve a compostura para que Valentine se passasse por louca. Quem iria culpá-la com uma adolescente louca dando uma crise histérica?

— Eu sempre soube que essa garota não podia estar cuidando de uma criança. Olha aí no que deu. — A mulher insinuou.

— Sua cobra maldita! Eu vou acabar com você! — Valentine gritou enquanto Harry tentava mantê-la presa a si para que não fizesse mais besteiras.

— Já chega! — A psicóloga respondeu em meio aos caos. — Amy virá comigo e só ela poderá me dizer quem foi o autor dessa tamanha atrocidade. Valentine, diga a ela que não farei mal algum e que agora ela precisa vir comigo. Valentine seguiu calada até onde sua irmã estava com uma enfermeira e explicou o que iria acontecer.

— Meu amor, ela não vai te machucar, tá!? — A pequena chorava

baixo enquanto Valentine dizia que ela precisava ir com a psicóloga. — Eu não vou deixar que voltem a te fazer mal, eu vou protegê-la. Você confia em mim?

Durante todo o tempo, Valentine tentou se manter firme e não chorar para que não assustasse Amy, mas, no fundo, desejou chorar por imaginar tamanho sofrimento que a pequena passara. Em nenhum momento, ela chegou a pensar que Harry pudesse ter feito tamanha maldade, por isso, sabe que a única pessoa capaz de fazer uma atrocidade como essa é Clair.

— Vai ficar tudo bem. — Valentine repetiu baixo, limpou às lágrimas de Amy e beijou sua testa com carinho. — Agora vou relevar até a moça, OK? — Amy não respondeu.

Valentine foi com ela no colo até a mulher e lhe entregou Amy. A medida em que ela se afastava, Amy chorava mais por não estar junto a Valentine. Toda essa situação partira o seu coração. Harry a abraçou forte e ambos permaneceram calados. Tanto eles quanto Clair, foram mantidos em uma sala até que fosse dada a confirmação. Um policial mantinha Valentine e Clair longe, para que não se atacassem.



Na sala da psicóloga, Amy já estava mais tranquila e observava os brinquedos e os adesivos da parede com atenção.

— Amy, nós vamos falar de coisa séria agora, tá!?

Amy não respondeu. A mulher segurou em sua mão e fez carinho.

— Você pode me dizer quem te machucou? — Questionou com voz suave. Amy abaixou a cabeça e permaneceu calada.

— Você gosta muito da sua irmã, não gosta? — A psicóloga

finalmente conseguiu a sua atenção. Amy apenas afirmou que sim com um aceno de cabeça.

— Pois, se você não me disser quem lhe machucou, sua irmã será acusada de algo que ela não fez... Aí ela será levada para longe de você.

Mesmo falando coisas ruins, a psicóloga mantinha uma voz suave para que Amy compreendesse.

— Se você me disser quem foi, essa pessoa será presa e nunca mais poderá machucá-la.

Vendo que Amy não iria falar, a mulher tentou outra tática.

— Você pode fazer um desenho para mim? Eu amo desenhos e ficaria muito feliz com um desenho seu.

Pela primeira vez, Amy reagiu de forma positiva e logo começou a desenhar. Depois de alguns minutos, ela entregou o desenho para a psicóloga que analisou com atenção. Era exatamente o desenho que ela queria.

— Quem é essa? — A mulher questionou apontando para uma bonequinha deitada em uma cama. Amy olhou para ela e o desenho e se manteve em silêncio.

— Vamos, meu amor. É importante que você diga pra tia saber. Amy olhou mais uma vez para o desenho e enfim respondeu com a voz trêmula:

— Essa sou eu...

Feliz, a mulher continuou com o processo.

— E esse, é quem? — Questionou apontando para um boneco ao lado esquerdo da cama a qual ela também desenhara.

— Esse é o Harry. Amy apontou o dedo para a outra boneca do lado direito da cama. — E essa é a tina.

— E o que eles estão fazendo?

— Contando uma história.

— Que legal. — Sorriu — Você gosta de ouvir histórias?

Amy assentiu.

— Eu também gosto.

Sorriu outra vez.

— Mas essa aqui, quem é? — Indagou apontando para a outra parte da folha, onde tinha uma mulher com expressão brava e outra pessoa deitada de bruços em seu colo. Na mão da mulher, tinha uma cinta e a criança chorava.

— Sou eu de novo. — Respondeu baixo e abaixou a cabeça. A mulher segurou em seu queixo e obteve sua atenção novamente.

— Eu estou aqui com você e nada vai acontecer, meu amor. Está tudo bem. — A mulher deu uma pausa — O que é isso na sua boca?

Voltou a se referir ao desenho.

— É pra eu não fazer barulho.

— E quem é essa pessoa? — Finalmente se referiu a quem ela queria: O monstro no desenho.

— É... — Hesitou por um momento — É a mamãe do Harry.

Sussurrou.

— A Clair?

Amy assentiu e lágrimas surgiram de seus olhos.

— Por que ela fez isso, meu amor? — Questionou com um nó na garganta.

— Pra eu ser obediente e fazer o que ela manda.

— Alguém viu isso acontecer?

— Harry estava com a tine no quarto dela e eu no meu.

— Obrigada por ter me contado, meu amor.

— Você vai contar pra tine?

— Só se você quiser. — Garantiu — Você quer que eu conte?

— Se contar, ela vai sofrer

— Clair te disse isso?

Amy assentiu.



Com tudo o que precisava para relatar a polícia, a psicóloga entregou ao chefe e levou Amy para Valentine e Harry. Quando foi questionada por Valentine, a mulher disse apenas a culpada, não revelando detalhes da conversa. Quando Clair foi questionada, negou e disse que a criança estava enganada e inverteu as histórias.

Como não tinham provas concretas, não puderam prendê-la por abuso infantil. Foi quando Valentine se lembrou de um detalhe que passou despercebido. No quarto de Amy tinha uma câmera ligada. A mesma fica ligada 24 horas, para que a mesma seja monitorada.

Desta forma, tudo o que Clair fizera foi gravado e usado como prova para lhe acusar. No mesmo dia, ela fora presa por abuso físico e

psicológico causado a Amy. Incrédulo, Harry não conseguiu acreditar que sua mãe tenha cometido tamanha maldade. Como alguém faz o que fez e não sente remorso? Foi o que ele pensou durante horas.

Quando ele e Valentine assistiram à gravação, sentiram repulsa e raiva por estarem tão perto de uma pessoa tão desprezível. Por ter sido forte demais, Harry não quis que Valentine assistisse ao momento da agressão física. Ela somente viu a tortura psicológica. Para eles, ainda existe um questionamento: por que fazer isso a uma criança?



Em casa, Harry e Valentine decidiram que iriam tentar esquecer o que viveram nos últimos dias, por pelo menos algumas por algumas horas. Afinal de contas, Amy irá precisar de todo o apoio e carinho neste momento difícil para ela.

— Finalmente em casa! — Valentine falou baixo e foi se sentar no sofá com Amy em seu colo. A pequena passou o caminho inteiro em silêncio. Nem mesmo quando Harry ou Valentine tentaram puxar assunto, ela falou. Eles sabem que tudo será muito difícil para ela, principalmente agora no início. Eles precisarão estar sempre juntos para apoiar e dar todo o amor a Amy.

— Estou cansado também. — Harry respondeu sentando-se ao lado de ambas. — Preciso de um banho bem quente e relaxante.

— Ótima ideia, Harry. Nós também precisamos, principalmente essa mocinha aqui que ainda está com cheiro de hospital. — Valentine sorriu e apertou o nariz de Amy, mas a mesma permaneceu quieta e com a cabeça apoiada em seu peito. Valentine mergulhou seus dedos entre os cachos de Amy e começou a fazer carinho.

— Eu tomo aqui em baixo e vocês lá em cima. Depois podemos preparar o jantar juntos. — Harry despertou Valentine de seus pensamentos após alguns segundos. Depois de concordar com o garoto, deu-lhe um beijo na bochecha e subiu com Amy ainda em seu colo. Quando chegou em seu quarto, deixou a pequena sentada em sua cama e foi para o banheiro colocar água na banheira e preparar roupas para ambas vestirem após o banho.

— Vem, meu amor. — Valentine a chamou parada na porta do banheiro. Vendo que a pequena não iria até ela, voltou para onde a tinha deixado e pegou a mesma em seu colo. No momento em que Valentine começou a tirar a roupa de Amy, notou que a pequena começou a ficar tensa. — Sou eu, meu amor. Não vou te fazer mal. — Valentine afirmou olhando em seus olhos, ao mesmo tempo, em que tentou se manter firme para não chorar. Ver Amy tão frágil e com um abalo psicológico tão grande lhe deixa angustiada. Amy olhou para Valentine como nunca e a abraçou.

— Eu te amo, tine. — Respondeu baixo. — Ela ia te fazer mal, muito mal. — Quando Amy afirmou isso, Valentine se deu conta de quem a pequena estava falando. Ainda segurando suas lágrimas, Valentine afastou Amy de seus braços com carinho e olhou firme em seus olhos.

— Ela não pode mais lhe fazer mal, meu amor. Nem a mim. — Afirmou e beijou sua testa.

— Nunca mais, tine? — A menor quis saber segurando firme em seus braços.

— Nunca mais, meu amor. Eu estarei aqui para te proteger. Sempre. — Então, pela primeira vez desde que acordou no hospital, Amy sorriu. Um pequeno sorriso que fez o coração de Valentine se iluminar. — Agora eu posso tirar? — Valentine questionou se referindo a sua última peça e roupa. Amy balançou a cabeça em confirmação e assim ela o fez. Por fim, prendeu o

cabelo da pequena em um coque frouxo para que não molhe no banho. Em seguida, Amy virou de costas para Valentine e entrou na banheira para esperá-la. Quando Valentine viu suas marcas roxas e algumas ainda por cicatrizar, sentiu seu coração doer ao imaginar tudo o que a pequena sofreu sem que alguém pudesse ajudar. Inerte em seus pensamentos, não percebeu quando Amy lhe chamou.

— Vem tine, a água está quentinha. — A pequena chamou pela segunda vez e Valentine enfim despertou. Logo, começou a tirar suas roupas e entrou na banheira prendendo o seu cabelo para que não molhe também.

— Meu amor, tem uma coisa que eu ainda preciso entender. — Disse após chegar a pequena para mais perto de si.

— O que, tine? — Amy molhou seu rosto e olhou de volta para Valentine.

— Por que você tomou aqueles remédios? — Questionou e começou a ensaboar a irmã.

— Eu estava com dor de cabeça e vi a mamãe dizer pra você que aqueles serviam pra dor de cabeça.

— Dor de cabeça? Você nunca sentiu dor de cabeça antes, meu amor. — Valentine respondeu confusa.

— É porque eu chorei muito... Mamãe sempre diz que se chorar muito, dar dor de cabeça. — A pequena se justificou e logo fechou os olhos quando Valentine jogou água em si para tirar o sabão.

— Entendi... — Mais uma vez, Valentine sentiu seu coração doer. — De qualquer forma, aqueles remédios são para outra coisa, Amy. Você não pode pegar remédios sozinha. Para isso tem eu e o Harry aqui, tudo bem?

— Mas você estava dormindo. Eu te chamei, mas você não ouviu, Harry não estava em casa. — Amy respondeu fazendo Valentine sentir o peso da culpa.

— Eu tinha tomado remédio pra ficar mais calma... Harry pensou que você estivesse dormindo também e foi até a feira, mas Amy, me promete que não vai mais fazer isso? — Valentine segurou em seu queixo e olhou bem fundo em seus olhos.

— Eu prometo, tina. — Por fim, Amy beijou a bochecha de Valentine e pegou o sabonete para passar na irmã. Valentine sorriu por ter a doçura e a espontaneidade de Amy de volta e deixou que a mesma continuasse a lhe ensaboar.

Logo após o banho, Valentine se enrolou na toalha e fez o mesmo com Amy. Depois de abrir a tampa da banheira para a água que usaram ir embora, ela pegou Amy em seu colo e seguiu de volta para o seu quarto colocando a mesma deitada.

— Amor, eu vou passar uma pomada nesses machucados feios e eles vão melhorar rapidinho, tudo bem?

— Vai doer? — Questionou com medo.

— Só um pouco, amor, mas vai fazer melhorar mais rápido. Você deixa eu passar? — Amy continua a olhá-la com medo, mas acabou concordando. Valentine foi até o banheiro e pegou a pomada em sua gaveta do armário e voltou para o quarto. Depois de tirar a toalha de Amy e colocá-la deitada de barriga para baixo em sua cama, começou a passar a pomada nas feridas que ainda não cicatrizaram. Amy resmungou algumas vezes, mas se manteve quieta para que Valentine continuasse. Por fim, Valentine lhe vestiu e deu um beijo em sua testa.



Logo após Harry e Valentine terem preparado o jantar juntos, sentaram a mesa e chamaram Amy, que estava assistindo desenho na sala. Quando a pequena viu que os dois tinham feito sopa de legumes, fez cara feia e não quis comer. Valentine a colocou sentada em seu colo e tentou convencê-la a comer.

— Está gostoso, Amy. E, além disso, o médico disse que você precisa comer coisas leves por enquanto. — Ela insistiu.

— Mas eu não gosto de sopa, tine. — A pequena resmungou.

— Essa sopa é diferente, Amy. Tem um ingrediente secreto. — Harry respondeu sorrindo de orelha a orelha.

— Qual, Harry? — A pequena quis saber. Sem saber o que responder, o garoto respondeu a primeira coisa que veio a sua cabeça.

— Se eu disser, vai deixar de ser secreto e especial. — Valentine riu da tentativa dele.

— Eu como, se vocês comerem também. — Amy respondeu olhando para o prato vazio dos dois.

— Mas quem disse que nós não vamos comer? — Harry respondeu e Valentine fez cara feia, porque também não gosta de sopa de legumes, mas disposta a fazer Amy comer, ela e Harry também comeram. Vez ou outra, Amy olhava para as caretas que Valentine fazia e a mesma disfarçava dizendo que estava muito gostoso. Não que estivesse ruim, mas para quem não gosta, não tem como achar bom. Harry foi o único a comer totalmente satisfeito, pois desde pequeno, sempre gostou de sopa. Principalmente sopa de legumes.



Com tudo o que aconteceu, Valentine não quis deixar Amy dormir em seu quarto sozinha. Pelo menos não nas primeiras noites. Por isso, decidiu que a pequena iria dormir com eles. Amy no meio para que os dois pudessem abraçá-la. Desse modo, Amy se sentiu protegida e logo pegou no sono. Valentine segurou em uma de suas mãos e começou a fazer carinho enquanto Harry observa atento.

— Eu tive tanto medo de perdê-la, Harry. — Valentine sussurrou ainda olhando para o rosto tranquilo de Amy.

— O importante é que ela está bem, meu amor. Nós vamos cuidar dela agora. Juntos. — Respondeu sorrindo e tendo a atenção de Valentine para ele.

— Obrigada por estar aqui comigo. — Sorriu de volta para ele. Harry se aproximou mais acariciando seu rosto e contornando seus lábios com seu dedo indicador.

— Eu jamais deixaria vocês sozinhas, Valen.

— Eu te amo tanto, sabia? — Valentine respondeu e mesmo com a pouca luz no quarto, Harry conseguiu ver suas bochechas ficarem levemente vermelhas, e então, sorriu.

— Eu também te amo, meu girassol. — Harry respondeu dizendo o apelido que John e sua mãe lhe dera e logo voltou a contornar seus lábios. Valentine fechou seus olhos com a lembrança nostálgica do passado e suspirou. Percebendo o erro que cometeu, Harry se apressou em arrumar seu erro.

— Desculpa, Valen. — Acariciou seu rosto e enfim ela abriu os olhos encontrando os olhos aflitos de Harry.

— Não se desculpe, Harry. Eu gosto desse apelido. — Respondeu tranquila e finalmente feliz por se lembrar do passado com sentimento de alívio. Harry sorriu e aproximou seu rosto para beijar seus lábios com carinho, iniciando um beijo calmo, doce e apaixonado.

— Meu lindo girassol. — Afirmou contente e voltou a cobrir seus lábios com carinho. Por fim, envolveram a pequena mão de Amy entre as deles e dormiram tranquilos.



No meio da madrugada, Amy começou a ter pesadelos horríveis com Clair lhe batendo outra vez e não tendo ninguém para defendê-la. Assustada, acordou chorando. Valentine e Harry logo acordaram também. Sem entender, Valentine pegou Amy em seu colo e limpou suas lágrimas, mas logo novas começaram a surgir descontroladas.

— O que houve, meu amor? — Valentine questionou e Harry acendeu o abajur.

— Ela... ela voltou pra... estou com medo, tina. — Amy respondeu entre soluços e tremendo muito. Aflita, Valentine levantou da cama com Amy em seu colo e tentou lhe acalmar. A pequena colocou suas pernas em volta da cintura de Valentine e deitou sua cabeça em seu ombro ainda chorando e tremendo.

— Está tudo bem, meu amor. Eu estou aqui e não vou deixar ela te fazer mal outra vez. — Valentine respondeu baixo e começou a fazer movimentos circulares em suas costas, mas nada fazia Amy parar de tremer ou chorar. Preocupada, Valentine olhou para Harry pedindo ajuda. O mesmo levantou rapidamente e desceu para pegar um pouco de água com açúcar para Amy. Quando voltou, encontrou Valentine limpando algumas lágrimas

disfarçadamente e tensa por Amy permanecer em crise. Harry caminhou até ela também preocupado e lhe entregou o copo com água.

— Bebe um pouco, Amy. — Valentine pediu com a voz trêmula.

— Eu...N — ã... não quero.

— Só um pouco, vai te deixar mais calma, anjinho. — Insistiu. Amy levantou a cabeça e Valentine lhe ajudou a beber toda a água. Em seguida, a pequena voltou a deitar sua cabeça no ombro de Valentine e continuou a chorar. Só que dessa vez, baixo. Harry se aproximou de ambas e junto a Valentine, falou palavras para acalmar Amy e lhe dar a certeza de que eles iriam protegê-la. Aos poucos, ela se acalmou e voltou a dormir. Com cuidado, Valentine a colocou de volta na cama e cobriu seu corpo pequeno. Em seguida, voltou sua atenção para Harry que a abraçou apertado.

— Hey... — Harry levantou seu queixo com carinho. — Estamos juntos nessa, lembra? — Questionou olhando em seus olhos marejados.

— Sim, eu sei, mas é tão angustiante vê-la assim, Harry. — Assumiu. Ele colocou uma mexa de seus cabelos atrás de sua orelha e voltou a segurar em seu queixo para que ela olhe para ele.

— Eu sei que sim, minha linda. Ela é tão pequena e já passa por traumas tão grandes, mas assim como você, ela vai aprender a superar. Nós sempre estaremos aqui para ela. — Harry faz carinho em sua bochecha e limpa suas lágrimas teimosas.

— E também podemos levá-la para fazer terapias... Eu só quero ver minha pequeninha bem e saudável correndo por essa casa, Harry. — Respondeu com a voz embargada.

— Nós iremos fazer de tudo para ela ficar bem, baixinha. — Harry segurou em seu queixo e beijou seus lábios devagar. — Agora vem aqui,

deixa eu te dar um abraço de urso. — Finalmente lhe arrancou um sorriso. Ambos se abraçaram até que o sono começasse a vencê-los. Cansados, voltaram para a cama, e com Amy no meio novamente, deitaram cada um de um lado e se abraçaram. Por fim, dormiram.





_____ ≡ _____

Existe um milagre em
cada recomeço.

_____ ≡ _____

Os primeiros raios de sol começaram a invadir o quarto, Valentine abriu seus olhos e logo se deu conta de que haviam deixado a cortina aberta antes de irem dormir. Ao olhar para o lado, sorriu ao ver Harry abraçado com Amy em um sono tranquilo e pesado ao mesmo tempo. Por um momento, ficou parada, apenas memorizando aquele momento em sua mente. Harry se tornou um incrível companheiro nos últimos meses. Sem dúvida alguma, é a pessoa a qual ela deseja passar o resto de sua vida.

Quando saiu de seus devaneios, Valentine decidiu se levantar para fechar a cortina. Ao olhar em seu relógio digital, constatou que ainda são 7:15 da manhã. Olhando para Harry e Amy mais uma vez, decidiu deixá-los dormir por mais algum tempo enquanto ela prepara o café da manhã. Durante os últimos dias, Harry quem cuidou de tudo, agora ela quer retribuir todo o cuidado que o garoto teve por elas.

Enquanto descia a longa escada de sua casa, ela se deu conta de que Beatrice finalmente viria para casa. Em um misto de alegria e frustração, ela continuou seu percurso até a cozinha e pegou as coisas para começar a fazer o café. Em seu coração, ela mantém a angústia de ter sido enganada durante

todos esses anos, e, ao mesmo tempo, o amor que sente por Beatrice. Agora, seus laços são diferentes. Não são mais madrastra e enteada. Pelo contrário, agora são tia e sobrinha.

A saudade em seu peito, e a felicidade por finalmente poder tê-la em casa e fora de perigo falou mais alto causando fortes emoções e algumas lágrimas teimosas em sua face. O que ela diria a Beatrice? Foi o que pensou. É certo que a primeira coisa que fará é dar-lhe um forte abraço. Após matar a saudade que machuca o seu peito, exigirá algumas explicações. Afinal, ela tem o direito de conhecer sua história. Um passado o qual nunca fora contado, agora está bem diante de seus olhos.

Quando enfim terminou de passar o café, a garota o colocou na garrafa térmica em cima da mesa e começou a preparar mingau para Amy. Depois do grande susto, ela decidiu seguir à risca todas as instruções do médico. Nos primeiros dias, ela precisará comer coisas leves e tomar bastante água. Com o mingau pronto, Valentine o colocou em um prato para que pudesse esfriar e pôs na mesa junto ao café. Ao olhar no relógio da cozinha, viu marcar 8:15 da manhã. Uma hora já havia se passado e os dois dorminhocos ainda dormiam. Ela sorriu e decidiu preparar um bolo de laranja para ela e Harry.

Assim que o bolo ficou pronto, ela colocou na mesa também e junto a ele, colocou três pães. Por fim, terminou e viu Harry descer a escada com Amy em seu colo. Ao olhar para a pequena, Valentine notou seu rosto pálido.

— Ela vomitou na cama — Harry justificou ao ver a expressão confusa no rosto de Valentine. — Mas eu já tirei o lençol para lavar.

— Vem cá, meu amor. — Ela pegou Amy em seu colo e afastou alguns cachos de seu rosto. — Ela está um pouco quente demais, você não acha?

— Já medi a temperatura dela. O médico disse que é normal ela se sentir enjoada nos primeiros dias. A febre também é normal, mas se persistir devemos levá-la ao hospital para fazer exames.

— Você está sentindo dor, meu amor? — Valentine questionou ao escutar alguns gemidos vindo de Amy.

— Meu estômago está doendo, tine. — A garotinha resmungou querendo chorar.

— Não chore, vai passar. — Fez carinho em sua bochecha e foi se sentar com a mesma em seu colo à mesa. Harry passou pelas duas, deu um beijo nos lábios de Valentine e também sentou à mesa para que pudessem tomar o café da manhã.

— Mais que bela mesa — Harry sorriu e olhou para o bolo com brilho nos olhos.

— Merecemos algo especial. — Ela também sorriu e ele concordou se servindo e tirando outro pedaço para ela.

— Eu também quero bolo, tine. — Amy pediu e encostou a cabeça no peito da irmã.

— Amor, por enquanto você só pode comer coisas leves, lembra? — Questionou fazendo carinho em sua bochecha quente. — Você deu remédio pra ela, Harry?

— Sim, vai melhorar.

— Eu vou ter que comer esse negócio aqui? — A pequena questionou fazendo careta ao olhar para o mingau de aveia.

— Sim, está gostoso. — Valentine puxou o prato para perto delas e pegou uma colher pequena — Experimenta um pouquinho.

Harry levantou de seu lugar e foi até a geladeira para pegar leite, enquanto Amy experimentava o mingau com uma careta insatisfeita.

— Não é gostoso, tine. — Resmungou. — Meu estômago ainda está doendo.

A garota colocou sua outra mão por baixo da blusa de Amy e começou a fazer carinho.

— Vai passar depois que você tomar todo o mingau. — Ela afirmou. Harry olhava para as duas atento e sorria.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Depois de uma longa luta para fazer Amy tomar todo o mingau, Valentine arrumou a cozinha e depois foi assistir desenho com Amy. Ambos não iriam à escola hoje, pois pretendem fazer uma pequena recepção para Beatrice. Valentine não via a hora de poder vê-la e abraçá-la com toda a força possível. Ela até quis ir buscá-la, mas o pai de Harry garantiu levá-la em segurança para casa. O mesmo sentiu na obrigação depois de tudo o que Clair causou.

Ele se se sentia envergonhado só de olhar para Valentine. Depois que Clair foi presa, o homem passou a viver uma vida de solidão e arrependimento por um dia ter se casado com uma mulher assim. Tudo o que restou foi um filho o qual a vida deu após Clair ter passado por um aborto espontâneo. A vida nunca foi fácil para eles também, mas nada justifica toda a dor que Clair causou a uma família que nunca tivera culpa de seus fracassos na vida.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Enquanto Amy assistia a um desenho na TV, com sua cabeça apoiada no colo de Harry, e suas pernas no colo de Valentine, ela fazia carinho na

barriga da pequena para que a dor em seu estômago passasse. Assim que o remédio para a febre fez efeito, ela ficou mais aliviada, mas não podia dar remédio para seu estômago por algumas semanas até que o mesmo esteja totalmente recuperado do dano físico.

Por sorte, a pequena assistia ao desenho tranquila enquanto as mãos de Valentine fazia uma massagem gostosa. Eles decidiram somente contar à Amy que sua mãe viria pra casa, somente quando estivesse perto dela chegar, para que assim a pequena não fique ansiosa por muito tempo.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Mais tarde, enquanto Amy continuava assistindo desenho na sala, Harry e Valentine arrumavam toda a pequena recepção para Beatrice. No momento em que começaram a encher as bexigas, tiveram que responder às várias perguntas de Amy do porque estarem enchendo bolas se não iam ter festa. Para que a pequena continuasse quieta assistindo ao desenho, Valentine disse que era surpresa. Óbvio que Amy insistira em saber o que era, mas Harry conseguiu convencê-la a esperar até o momento certo com a desculpa de que se de contassem, deixaria de ser surpresa. Assim passaram o restante da manhã.

Durante o banho, Amy mais uma vez insistiu para que Valentine contasse qual iria ser a surpresa. A garota, apenas afirmou que logo ela iria saber. Só precisaria esperar por um pouco mais de tempo.

Valentine se cobriu com o seu roupão e primeiro fora arrumar Amy. A mais velha escolheu um vestido todo florido e cheio de joaninhas para colocar na pequena, que não parava quieta um só segundo. Rindo de sua euforia e feliz por vê-la tão animada, ela colocou suas sapatilhas vermelhas em seus pés e seguiu arrumando o seu cabelo. Era um trabalho bem mais complicado, devido ao tamanho e textura do cabelo de Amy. Valentine

sempre usa pente de dentes largos para que não machuque Amy e também não arrebe todo o seu cabelo.

O comprimento do cabelo de Amy vai à cintura, igualmente o de Valentine. Era trabalho e gasto em dobro para manter os dois cabelos, mas Beatrice sempre amou. Quando era menor, sempre quis ter o cabelo igual o da mãe de Valentine, mas infelizmente, tinha puxado os traços do pai, que era branco, já Elise puxou a sua mãe. Nessa questão, às duas irmãs eram completamente diferentes e até eram questionadas na escola, mas Elise sempre dizia que não era a cor de suas peles ou o cabelo que tinham que definia se as duas eram irmãs ou não, mas sim o laço de amor e sangue. Desde então, Beatrice passou a se aceitar do jeito que era e se orgulhar da irmã que tinha.

Com o cabelo de Amy enfim desembaraçado e penteado, Valentine pegou uma de suas flores artesanais que ama pôr em seu cabelo e pôs na lateral da cabeça da pequena que já estava inquieta no banco. Quando enfim terminou, olhou para a mais nova e sorriu orgulhosa.

— Estou bonita, tine? — Ela questionou dando uma voltinha e fazendo Valentine sorrir.

— Está perfeita, meu amor. A princesa mais linda que eu já vi. — Ela olhou para a menor com um brilho nos olhos. Amy sorriu e abraçou Valentine. No mesmo instante, Harry entrou no quarto.

— Mais que princesa linda! — Elogiou a pequena radiante.

— Foi ela que me arrumou! — Respondeu com brilho nos olhos. Harry beijou sua bochecha e se dirigiu a Valentine, que ainda está em seu roupão lilás.

— Sabia que você fica muito linda de cabelo molhado? — Ele falou

baixo fazendo Valentine corar.

— Seu bobo! — Sorriu tímida. Ele se aproximou e beijou seus lábios com carinho. — Pode dar o almoço pra ela? Por favor, não deixe ela se sujar e nem bagunçar o cabelo.

— Pode deixar, minha linda. — Sorriu e fez carinho em sua bochecha. Antes de sair com Amy, Harry beijou seus lábios mais uma vez e enfim deixou a garota sozinha para que pudesse se arrumar.

Valentine caminhou até seu armário e passou suas mãos entre os inúmeros vestidos ali presentes. O que ela vestiria para receber Beatrice? No canto do seu armário, ela viu um embrulho o qual rapidamente reconheceu. No seu aniversário de 15 anos, Beatrice deu um vestido cheio de girassóis para a garota. A mulher sempre conheceu seus gostos muito bem, mas ela nunca quis admitir. Tanto que nunca usou o vestido que foi dado com tanto carinho.

Emocionada, Valentine pegou o embrulho e o abriu revelando o vestido que ela amou, mas que fingiu ter odiado por ter sido dado por Beatrice. Ela cheirou o vestido e sentiu o cheiro de amaciante. Beatrice sempre o pegava para lavar com a certeza de que a menina usaria algum dia. Ela fazia questão de lavar na mão e com todo cuidado para não estragar o vestido. Valentine sorriu e decidiu que iria usá-lo. Certamente, deixaria a mulher muito feliz.

Assim que vestiu o vestido, se olhou no espelho e viu o quanto lhe caiu bem. Beatrice o escolheu pensando em cada medida de Valentine. Mesmo com quase seus 16 anos, a mesma não mudou em absolutamente nada. O vestido é justo até sua cintura, deixando uma perfeita marcação e com o caimento solto e um pouco rodado. Perfeito! Ela pensou. Com um sorriso de satisfação, calçou as sapatilhas pretas e logo começou a arrumar

seu cabelo.



Quando Valentine desceu à escada, Harry não conseguiu evitar olhá-la maravilhado e com um sorriso de radiante. Ela havia feito o mesmo penteado que fizera em Amy e usou uma flor amarela para combinar com o vestido. Harry se aproximou e puxou-a pela cintura.

— Você está linda demais, sabia? — Sorriu ao acariciar sua bochecha. Valentine devolveu um sorriso tímido e beijou seu queixo, bem no lugar onde ele tem uma covinha que ela sempre achou fofa.

— Eu tenho uma leve impressão, já que deixei meu namorado babando — Ela soltou uma gargalhada gostosa e o fez rir junto. O garoto encontrou sua testa na dela. Valentine colocou suas mãos em volta do pescoço dele e ficou nas pontas dos pés para beijá-lo. Surpreso por ela ter tomado a iniciativa, retribuiu o beijo com paixão e intensidade. Para ambos, quando se beijam, é como se fosse sempre a primeira vez. Valentine sente um frio gostoso em sua barriga e ambos sentem como se tivessem flutuando. Como se não existisse mais ninguém ao redor. Quando se lembrou de Amy, Valentine encerrou o beijo e sorriu. Ele puxou-a de volta e iniciou outro beijo sem se importar com Amy que assistia desenho na sala.

A cada cinco minutos, Amy questionava a Harry e Valentine se não iriam contar o que era a tão esperada surpresa. Ao ver o nome de Beatrice na parede da sala, a garotinha se esforçou para que pudesse reconhecer as letras. Quando o fez, insistiu em dizer que era o nome de sua mãe.

— Amy, quando for o momento certo, nós iremos contar qual é a surpresa. — Valentine respondeu após as suas incansáveis perguntas.

— Está demorando muito, tina. Quando vai ser o momento que vocês

falam? — Questionou enquanto Valentine pendura uma bexiga do lado esquerdo da porta de entrada. Após fazer o mesmo no lado direito, a garota olhou para a irmã e respondeu:

— Logo, meu amor. — Sorriu paciente. Antes que Amy pudesse fazer outra pergunta, Harry lhe pegou no colo e foi com ela até a cozinha para terminar de preparar o suco de abacaxi. Enquanto isso, Valentine terminou de arrumar a sala.

Quando tudo já estava pronto e arrumado, ela olhou para tudo e sorriu. Beatrice com certeza irá amar cada gesto de carinho. Valentine não via a hora de ver o sorriso em sua face e abraçá-la tão forte quanto quando fazia com sua mãe. Quando Harry terminou sua parte na cozinha, foi de encontro a Valentine e colocou Amy no chão. A garotinha olhou para os dois com brilho nos olhos e pronta a lhes encher de mais uma avalanche de perguntas.

— Já podem contar agora? — Questionou com um sorriso sapeca em seus lábios. No mesmo instante, Harry recebeu uma mensagem em seu celular. Era exatamente a confirmação que precisavam. Seu pai havia chegado com Beatrice e ambos estavam do lado de fora. Ele olhou para Valentine e sorriu cúmplice.

— Meu amor — Ela se abaixou para que ficasse do tamanho de Amy. — A surpresa está atrás da porta.

Amy sorriu em expectativa e correu para abrir a porta. Quando a pequena se deparou com sua mãe do outro lado da porta, não se conteve em lágrimas. Beatrice olhou para sua filha bem à sua frente e então sorriu emocionada. Devagar, se aproximou um pouco mais da entrada e esticou os braços para pegá-la no colo. Amy envolveu sua cintura com suas pernas e olhou para sua mãe com o rosto vermelho e cheio de lágrimas recém formadas.

— Eu senti tanta saudade, mamãe. — A pequena enfim falou entre muitas lágrimas que insistiam em cair por sua face. Beatrice tentava, inutilmente, limpar todas elas enquanto beijavam cada canto de seu rosto.

— Mamãe estava muito doente, lembra? — Sua voz saiu baixa e emotiva. Do outro lado, Harry e Valentine apenas observavam toda a cena em silêncio. Valentine não se continha em lágrimas. Ver Beatrice tão perto lhe causou fortes sensações e emoções. Harry puxou-a para perto e abraçou-lhe. Amy beijou a bochecha de Beatrice e passou a fazer carinho com o polegar.

— Eu vou cuidar de você, mamãe. Você não vai mais ficar doente. — A pequena sorriu em meio as lágrimas. Beatrice retribuiu o sorriso e apertou-a em seu abraço.

— Eu senti tanto a sua falta, meu docinho. — A mulher respondeu sentindo seu cheiro de colônia infantil.

— Eu também, mamãe. Um tantão assim! — Amy mostrou esticando seus braços e fazendo-a rir.

— Você está muito linda, meu amor. — Beatrice mencionou ao reparar em seu vestido de festas e em seu penteado bem-arrumado. Amy sorriu contente e disse que fora Valentine quem havia arrumado. Só então ela notou Valentine no interior da casa. Com a emoção falando mais alto, ela entrou com Amy ainda em seu colo e olhou para toda a decoração que prepararam para ela. Ao seu canto esquerdo, um lindo painel escrito: Bem-vinda ao lar, Beatrice, está estampado com várias pedrinhas brilhantes. Os balões foram escolhidos em suas cores favoritas: branco e vermelho. Valentine encontrou seus olhos e ambas permaneceram durante longos segundos apenas conversando através de seus olhares.

— Deixa mamãe falar com sua irmã um pouquinho, meu amor? — Beatrice respondeu baixo e colocou Amy no chão após a mesma ter concordado. Beatrice deu um longo passo a frente e esperou que Valentine fosse até ela. Longos segundos se passaram e a mesma caminhou até a mulher e abraçou-a tão forte que parecia que iria parti-la ao meio. Lágrimas inundaram sua face sem pedir permissão e nada foi dito durante longos minutos.

Beatrice afagou seu cabelo com carinho e afastou um pouco o seu corpo para que pudesse olhar para ela

— Senti sua falta também, querida. — A mulher fora a primeira a falar. Valentine deixou que as lágrimas caíssem livremente enquanto guardava em sua mente cada traço e marcas no rosto de Beatrice.

— Você não tem ideia do quanto eu senti sua falta, Bea. — Valentine respondeu baixo. Beatrice limpou algumas de suas lágrimas e beijou sua face, assim como fizera com Amy. No mesmo instante, a garota lembrou da carta de sua mãe para Beatrice onde ela se referia à: “tão sua quanto minha”. Logo seu coração se apertou, mas ela disfarçou no mesmo instante. Não era o momento para questionar Beatrice, não ainda. Elas com certeza terão muito tempo para isso.

— Eu posso imaginar, querida. — Respondeu com um sorriso terno. Longos minutos se passaram em que ambas permaneceram em suas trocas de afeto até que Beatrice finalmente notou no vestido de Valentine.

— Você está usando o vestido que te dei — Sorriu emocionada, pois ela nunca quisera usar o vestido que fora dado com tanto carinho.

— Pensei que fosse gostar — Deu uma pausa e se olhou — Ficou ótimo, não acha?

— Perfeito. Parece que foi feito exatamente para você, querida. — Valentine sorriu diante de sua afirmação.

— Estou tão feliz que você está aqui. — A garota acariciou sua bochecha naturalmente rosada e sorriu. Parecia um sonho e ela não queria acordar.

— Agora é sem doenças ou brigas. — Beatrice sorriu e voltou a abraçá-la. Valentine sentiu um nó em sua garganta, pois teme que no momento em que for questionar Beatrice sobre seu passado, elas briguem. Afastando seus pensamentos, ela levou Beatrice até a mesa para que pudesse comer tudo que fora preparado para ela. Ao olhar para toda a decoração e preparativos, Beatrice se emocionou com tanto carinho e dedicação. Aos poucos, conseguiu falar com Jerry, que até então, apenas observa tudo em silêncio e agradeceu ao seu pai por ter lhe acompanhado até em casa. O homem fora embora logo em seguida.

— Eu quero bolo! — Amy pediu em meio bagunça. Quando Beatrice cortou um pedaço para a pequena, Valentine tomou de sua mão.

— Ela não pode — Justificou colocando o pedaço de bolo de volta na mesa. Amy fez cara feia.

— Por quê? — Beatrice quis saber fazendo Valentine sentir outro nó em sua garganta. Como iria explicar tudo o que aconteceu com Amy? Beatrice a culparia por não ter cuidado bem de Amy? Esse era o seu medo.

— Restrição médica. — Foi o que a garota se limitou a dizer. Antes que voltasse a ser questionada, voltou a responder: — Aconteceram muitas coisas enquanto você estava no hospital. Infelizmente, coisas que saíram de meu controle.

Valentine olhou para baixo com receio de encarar os olhos de

Beatrice. A mulher colocou sua mão por cima da mão de Valentine e sorriu quando a mesma encontrou seus olhos.

— Teremos tempo para conversar, querida. — Beijou sua testa — Agora eu preciso descansar um pouco. Estou muito cansada.

Valentine assentiu e levou Beatrice até seu quarto para que a mesma pudesse dormir um pouco. Quando desceu, encontrou Harry a sua espera.

— Se você quiser pode ir, eu arrumo tudo por aqui. — Afirmou próxima a ele.

— Tem certeza? Eu posso ajudar, se você quiser.

— Tenho. Você já ajudou o suficiente e seu pai precisa de você agora. Ele parecia um pouco abatido e triste. — Afirmou segurando em sua mão e apertando um pouco.

— Eu também notei... Ele sente falta da esposa e da família que um dia também teve. — Assumiu triste por ele e pelo pai que sofria calado.

— Eu sinto muito...

— Vamos ficar bem. Somos homens fortes. — Sorriu brincalhão. Valentine sorriu e o abraçou.

— Eu amo você, senhor fortão.

Harry beijou-a nos lábios com carinho.

— Eu também, baixinha.

Após se despedirem, Valentine pegou Amy quase comendo um pedaço de bolo.

— Hey, mocinha! — Pegou de sua mão enquanto a mesma fez cara

feia e cruzou os braços. Valentine riu e foi guardar tudo antes que a mesma voltasse a atacar.



A noite enfim havia chegado e Beatrice continuava a dormir feito anjo. Valentine havia arrumado toda a bagunça da pequena festa e dado a janta para Amy. A pequena dormiu minutos depois deixando Valentine sem muitas opções do que fazer. Harry ainda não havia voltado, então ela subiu para tentar dormir também. Mesmo não estando com sono. Apenas iria deitar e refletir um pouco. Principalmente em como iria conversar com Beatrice. Ela sentia que não seria uma conversa simples. Pelo contrário, seria longa e exaustiva.

Assim que chegou em seu quarto, fechou a porta atrás de si e acendeu a luz, tirou o vestido e o jogou na cama, tirando a sapatilha logo em seguida. Quando ia em direção ao seu armário, Harry entrou pela janela de seu quarto assustando-a.

— Que susto, Harry! — Colocou a mão em seu coração. Ele a olhou com um sorriso travesso em seus lábios. Percebendo como está, suas bochechas ficam vermelhas enquanto ela procura por uma toalha.

— Por que não veio pela porta? — Questionou se enrolando na toalha e voltando a procurar seus olhos.

— Estava trancada. — Sorriu travesso e se aproximou dela novamente.

— Por que não usou sua chave? — Questionou como se fosse óbvio. Harry acabou com o pouco espaço que ainda tinha entre eles e segurou em suas mãos que mantinham a toalha segura. Valentine logo pôde sentir o cheiro de seu perfume.

— Eu me esqueci dela — Segurou em seu queixo e aproximou seus rostos. Com seus lábios bem próximo ao dela, Harry roçou em seus lábios entreabertos. Valentine suspirou enquanto apertou a toalha contra o seu corpo. Aos poucos, iniciaram um beijo calmo que logo fora se transformando em um beijo mais intenso. De seus lábios, Harry passou a beijar seu pescoço de forma lenta e provocativa causando alguns suspiros baixos. Sem soltá-la, ele apaga a luz e acende o abajur.

— Harry... — Sua voz sai baixa e ofegante. O garoto sorri satisfeito e toma seus lábios em um beijo intenso e cheio de significados. Valentine colocou uma de suas mãos no cabelo de dele enquanto a outra permanece segurando a toalha. Harry interrompe o beijo e olha em seus olhos. Suas mãos vão de encontro a da garota e a toalha, puxando o tecido devagar revelando seu corpo novamente. Ele acaricia sua bochecha vermelha e volta a beijar seu pescoço.

— Cheirosa... — Ele continua a beijá-la e provar com seus lábios quentes sobre sua pele sensível. Em um gesto rápido, Harry abre o feixe de seu sutiã e procura seus olhos.

— Linda! — Ambos se beijam novamente. Ele empurra a garota devagar até sua cama e deita seu corpo sobre o tecido fino de sua cama. Seus lábios macios percorrem toda a região sensível de seu pescoço e seios. Valentine suspira entre seus beijos e toques suaves deixando Harry satisfeito. O garoto se livra de suas roupas rapidamente e procura por um preservativo em seu bolso das calças. Ela o olha atenta e com suas bochechas levemente coradas. Ele volta sua atenção para ela, após colocar o preservativo de forma cuidadosa e lhe beija. Suas mãos percorrem cada parte de seu corpo à medida que o beijo se torna urgente. O garoto se afasta um pouco e se livra da última peça que ainda cobria parte do corpo de Valentine deixando suas bochechas

um pouco mais avermelhada. Sorrindo, ele volta a beijá-la. Ambos entrelaçam suas mãos e Harry lhe preenche com cuidado, causando a tão conhecida sensação de formigamento. Ele interrompe o beijo e analisa as expressões no rosto de Valentine enquanto se movimenta sobre ela. Logo, a sensação prazerosa os invade deixando seus corpos cansados. Após se livrar se deu preservativo, Harry deita ao lado de Valentine e puxa seu corpo para ele.

— Eu te amo, ursinha. — Ele sorri afastando seus cachos de seu rosto e acariciando sua bochecha com o polegar.

— De onde tirou esse apelido? — olhou atenta aos seus carinhos.

— É uma comparação carinhosa, já que você é pequena, fofa e tem o cabelo cheio. Parece uma ursinha muito fofa. — Ele sorri de suas bochechas vermelhas.

— Você tem cada ideia — Sorri — Eu não sou tão pequena assim.

— Ah! É sim! Você tem o que, 1,40? — Ele provoca.

— 1,50. Seu bobo. — Ela dá um tapa em seu braço e ri de sua falsa indignação.

— É pequenina. — segura em seu queixo e beija seus lábios.

— Só um pouquinho. — Sorri.

— Você conversou com a Beatrice sobre.... aquilo? — Questiona cuidadoso.

— Ainda não... Ela precisa descansar. — Harry continua a acariciar sua bochecha com o dedo polegar.

— Hey, você não disse que me ama também. — Ele muda de assunto e faz um falso bico.

— Nossa, como ele é dramático! — Beija seus lábios e desfaz o bico.
— Eu te amo! Como diz a Amy, um tantão assim! — Ambos riem. Ele puxa a coberta para cobri-los e mergulha seus dedos nos cachos de Valentine que agradece mentalmente.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____

*A vida só pode ser compreendida,
olhando para trás; mas só pode
ser vivida, olhando para frente.*

— Soren Kierkegaard

_____ ≡ _____

Pela manhã, quando Valentine acordou, Harry ainda permanecia dormindo tranquilamente. Por alguns instantes, a garota apenas permaneceu olhando para ele. Os primeiros raios de sol invadia o quarto através do tecido fino de sua cortina amarela. Através da claridade, ela admirou o rosto tranquilo de Harry e então sorriu. Por fim, decidiu se levantar enrolada em seu lençol amarelo de girassóis, e com cuidado para não acordá-lo, caminhou até o banheiro. Deixando a porta entreaberta, ela deixou o lençol cair no chão frio de seu banheiro e se observou no longo espelho da parede. Seu cabelo volumoso estava em um de seus melhores dias, então decidiu que não iria molhá-lo. Esticou seus braços e pegou uma toca plástica para cobrir o cabelo.

Depois de tudo o que passou, finalmente iria voltar para a escola e não sabia bem o que esperar sobre isso. Ela nunca gostou de sua escola, e muito menos das pessoas de lá, que desde o início a julgaram como estranha. Ninguém ousou se quer aproximar, e considerando seu modo de agir

anteriormente, se tivessem feito, teriam se arrependido.

Ela caminhou até o chuveiro e o abriu fechando a porta de vidro logo em seguida. Poucos segundos depois, Harry despertou. Quando abriu os olhos e não viu Valentine ao seu lado, imaginou que a mesma pudesse estar tomando banho ou o café da manhã, mas logo ouviu o som do chuveiro. Com um sorriso travesso em seus lábios, se levantou e caminhou em direção ao banheiro da garota e entrou tentando fazer o mínimo de barulho possível.

Alheia a qualquer movimento ou barulho ao seu redor, Valentine estava de costas para ele. Através do vidro levemente embaçado, devido à temperatura da água, ele fora capaz de enxergar suas curvas. Sem fazer barulho, fechou a porta do banheiro com chave e abriu a divisória de vidro sem que ela notasse. A água caía por todo o seu corpo causando arrepios no garoto, que acompanhava cada gota até o fim de seu percurso. Quando sua mão fora até a cintura de Valentine, a garota virou-se e soltou um grito assustado. Quando o viu, suspirou aliviada.

— Pensou que era quem? — Sorriu travesso observando seu corpo molhado enquanto a água continuava cair sobre o mesmo. Suas bochechas ganharam um tom rosa que o divertiu.

— Deixe de ser bobo. Eu só não estava esperando por você, oras. — Sorriu tímida e beijou a covinha de seu queixo. Harry segurou no queixo dela para levantar levemente o seu rosto e beijar seus lábios macios e úmidos.

— Eu adoraria tomar banho com você. — Sussurrou próximo aos seus lábios e então sorriu.

— Você pode... — Pareceu pensar um pouco — Mas sem gracinhas.

Sua última frase o fez fazer um bico a contra gosto. Ela riu de sua expressão e beijou seus lábios. Por fim, virou-se de costas para ele

novamente. Harry colocou sua mão novamente em sua cintura e aproximou seu corpo — ainda quente — e beijou o caminho entre seu ombro esquerdo e seu pescoço. Valentine soltou um suspiro involuntário e fechou seus olhos.

— Harry... — Sussurrou — Eu disse sem gracinhas. — Sua voz saiu falha e não muito convicta.

— Seu corpo não diz isso, Valen... — Sussurrou bem próximo ao seu ouvido, causando um frio na espinha dela. Ele sorriu e voltou a distribuir beijos em seu ombro e pescoço. Parecendo não satisfeito, o mesmo virou seu corpo de frente para si novamente. Em seus olhos, é possível ver um brilho que Valentine adorava.

O garoto tomou seus lábios em um beijo urgente e intenso. Suas mãos passeavam pelo corpo dela causando sensações novas. Quando estava com Harry, sempre sentia novas sensações e sentimentos. Ele apertou sua cintura e desceu sua mão para seu bumbum. Ela soltou um pequeno gemido e o empurrou de leve.

— Desse jeito vamos nos atrasar. — Disse baixo encarando a intensidade de seus olhos sob os seus tão calmos e vulneráveis.

— Eu não me importo nem um pouco se ficarmos mais alguns minutos aqui. — Sorriu travesso. Ela sorriu tímida e beijou seus lábios com suavidade.

— Você é espertinho demais. — Deu um pequeno tapa em seu braço.

— Louco por você. — Admitiu antes de voltar a beijá-la com paixão. Seus beijos fizeram caminhos de seu pescoço até seus seios, onde a água caía incessantemente. Valentine soltava suspiros a cada beijo seu que fora descendo até sua barriga. Os olhos dele encontraram os seus e então sorriu, antes de continuar o caminho de beijos.

Quando seus lábios tocou sua parte sensível, a mesma não conseguiu evitar um gemido alto. Quando sentiu seu corpo mole, parou e subiu seu olhar para a mesma, que mantinha seus olhos fechados. Ele levantou novamente e acariciou sua bochecha levemente vermelha. Ela então abriu os olhos e o encarou com timidez.

— Te amo, Harry. Tanto que eu nem sei explicar. — Assumiu e fechou os olhos para sentir seus toques suaves em sua bochecha.

— Eu amo amar você todos os dias. — Seus lábios tocaram os dela com carinho e novamente se beijaram.



Quando Beatrice desceu com Amy ao seu lado, se surpreendeu com tamanho carinho e gentileza ao se deparar com o café da manhã posto a mesa.

— Que mesa linda, Valentine. — Beatrice afirmou tirando-a tirando de seus pensamentos. A garota se concentrou em apenas garantir um bom momento entre família e se permitiu esquecer o passado. Pelo menos por alguns instantes.

— Fiz tudo o que você gosta e arrumei da forma como gosta também. — Sorriu indo até ela e dando um beijo na bochecha. — É muito bom te ter de volta aqui. Estava sentindo sua falta.

— Oh! Meu amor. — Era a primeira vez que Beatrice a tratava assim. — Eu não disse que ficaria boa? Agora vai ter que me aguentar por muitos anos.

Ambas sorriram e se abraçaram. Amy apenas observava ainda sonolenta. Quando Valentine olhou para ela e viu seus olhinhos pequenos de

sono, pegou-a no colo e beijou sua bochecha.

— Bom dia, minha pequena. — Amy beijou sua bochecha de volta e sorriu.

— Bom dia! — Respondeu e encostou a cabeça em seu ombro. Ambas se sentaram para comer.

— Eu fiz um mingau delicioso, não vai comer? — Questionou se referindo a Amy que parecia querer dormir.

— Por falar nisso, você ainda não me falou o motivo para Amy ter restrição alimentar. — Valentine olhou para Beatrice e temeu contar o que realmente aconteceu.

— Ela teve um problema enquanto você esteve fora. — Respondeu enquanto acariciava seus cabelos ao notar que a pequena tremia com o rumo da conversa. Falar do que aconteceu ainda deixava a menina tensa e fazia seu pequeno corpo tremer.

— Que problema? Eu deveria me preocupar? — A mulher quis saber enquanto mordida um pedaço de bolo de laranja.

— A Clair bateu nela. — Disse por fim e fechou os olhos com receio do que Beatrice fosse disse. Amy se aninhou no colo de Valentine e começou a chorar baixo. Beatrice se engasgou com o bolo assim que ouviu tal frase.

— Como é? O que você disse? — Questionou após se recuperar do susto. Valentine abriu seus olhos e encarou a realidade. Ela teria que falar sobre isso uma hora ou outra, assim como também terá que questionar sobre o seu passado.

— Eu estava com problemas com ansiedade e Harry estava comigo

em meu quarto... Foi quando Clair apareceu aqui falando coisas horríveis sobre você e a mamãe. — Valentine fechou os olhos com força para reprimir o choro e voltou a abrir. — Harry mandou ela ir embora, e pensamos que ela tinha ido mesmo. Amy estava no quarto, dormindo. A megera foi para o quarto dela e descontou nela o que não pôde fazer comigo.

Após ter dito isso, Beatrice entendeu o que acontecera, mas não o motivo para Amy ter restrição alimentar. Por isso, Valentine continuou.

— Por esse motivo, ela sentiu dor de cabeça, por ter chorado muito. Como eu estava dormindo sob efeito de medicamentos para ansiedade, e Harry também pensou que ela estivesse dormindo, foi até a feira. Amy acabou se automedicando. Tomou seus remédios, pois lhe ouviu dizer que eram para dor de cabeça. Eu sei que eu devia ter tomado mais cuidado, deveria estar cuidando dela. Desculpe!

A essa altura, Valentine já estava chorando e aflita. Beatrice segurou em sua mão e lhe acalmou. Então, toda a história foi contada com mais calma e com todos os detalhes. Horrorizada, Beatrice pediu para ver os machucados de Amy.

— Calma, meu amor. É só a mamãe. — Valentine falou em seu ouvido. A pequena levantou de seu colo e fora até sua mãe que abaixou seu pijama. Ao constatar tamanha maldade, sentiu ânsia e raiva ao mesmo tempo. Depois de vestir Amy novamente, virou a pequena para si e limpou suas lágrimas insistentes. Pegou a mesma em seu colo e a abraçou apertado.

— Mamãe está aqui agora, e nada, nem ninguém irá te fazer mal novamente, meu amor. Eu não irei permitir. — A medida que Amy ia se acalmando, Beatrice fazia cafuné.



Pensativa, Valentine colocou a cabeça no braço do sofá e seus pés no colo de Harry enquanto assistiam televisão. Ela estava cada vez mais agitada e pensativa em relação à conversa que precisaria ter com Beatrice. Percebendo sua inquietação, Harry segurou em seus pés e fez cócegas fazendo-a puxar o pé e sorrir.

— Relaxa, Valem! Vai dar tudo certo! — Ele afirmou e pegou seus pés novamente, mas dessa vez, para fazer uma boa massagem.

— Estou nervosa, eu não sei o que falar, ou que perguntar. Na verdade, acredito que tenho medo de descobrir o que ela não me contou. — A garota afirmou tentando relaxar com a massagem em seus pés.

— Uma hora ou outra você precisaria saber. Fique tranquila, vai dar tudo certo. — Ele afirmou mais uma vez. Nesse mesmo instante, Beatrice desceu a escada e foi direto para a cozinha. Quando percebeu os dois, sorriu e continuou seu percurso até a geladeira.

— Acredito que chegou o momento. — Ela respondeu aflita e em uma altura que só Harry pôde escutar. O garoto segurou em sua mão gelada e beijou com carinho.

— Eu sei que você consegue, Valen. — Beijou sua testa. — Quando terminar, me liga e eu venho para saber como foi.

— Você não vai ficar? — Questionou fazendo bico e sentando com suas pernas ainda em seu colo.

— Não faz essa carinha fofa. Essa conversa é entre vocês, meu amor. Vocês precisam desse momento. — Afirmou e desfez seu bico com um beijo suave em seus lábios.

— Tem razão. — Suspirou e o abraçou. — Obrigada por estar sempre aqui.

— Sempre estarei. — Deu um último beijo em seus lábios e enfim lhes deixou só. Valentine olhou para sua madrastra e sorriu com aflição. O momento mais esperado finalmente havia chegado.

Ainda meio receosa e com um aperto em seu coração, Valentine se aproximou de Beatrice e sorriu em aflição. A mulher devolveu um olhar curioso e, ao mesmo tempo, preocupado.

— Aconteceu alguma coisa, querida? Quer me perguntar algo? — A mulher questionou e sentou em uma das cadeiras postas ao lado da mesa da cozinha. Valentine fez o mesmo.

— Eu... bem... não é nada. — Vacilou e olhou para suas unhas. Beatrice pôs suas mãos por cima das dela e sorriu.

— Você ainda está preocupada e se achando culpada por causa do que Clair fizera com Amy?

— Não, não é isso. — Olhou para ela novamente e apertou sua mão em um gesto nervoso. Tentando tomar coragem para iniciar o assunto, fechou os olhos com força e tentou se concentrar.

— Então o que está incomodando esse coraçãozinho apaixonado? — Questionou acariciando sua mão gelada, devido ao nervosismo excessivo. Valentine levantou-se em um gesto brusco e caminhou de um lado para o outro pelo que pareceu uns dois minutos. Beatrice acompanhava seus passos nervosos, mas nada dizia.

— Eu descobri o porão... — Por fim deu início ao tão temido

assunto. Beatrice pareceu analisar sua afirmação e soltou um suspiro longo.

— E o que você encontrou lá? — Questionou temerosa do que a menina pudesse ter descoberto e com medo do passado vir à tona.

— A carta de John... — Deu uma pausa e olhou em seus olhos — Por que nunca me entregou?

— Porque ele me pediu para te entregar no momento certo. — Respondeu com cautela. No fundo, ela temia que tivessem uma briga e tudo voltasse a ser como antes.

— E quando seria o momento certo? — Valentine fez aspas com os dedos para dar ênfase ao “momento certo”. Beatrice caminhou até ela e segurou em suas mãos. Em silêncio, levou a mesma até o sofá onde se sentaram uma olhando nos olhos da outra.

— Quando você fosse mais velha e entendesse certas coisas. — A mulher colocou uma mecha de seus cachos atrás de sua orelha e acariciou seu rosto com carinho.

— Entendesse o quê? — Questionou sem entender os propósitos de John e da madrasta.

— Ele queria que você estivesse preparada, meu amor. Você entende que eu não fiz por mal?

Valentine olhou bem no azul dos olhos de sua madrasta e tentou achar algum traço de sua mãe, mas foi em vão. Beatrice sempre tivera um rosto daquelas bonecas de porcelana e uma beleza admirável. Sem contar os lindos olhos azuis que sempre lhe chamaram a atenção. Já sua mãe, tinha olhos castanhos, a pele bem mais morena e longos cabelos cacheados. Sem dúvidas, a diferença entre elas são gigantescas. Como podem ser irmãs? Esse pensamento não sai de sua mente confusa.

— E quanto as cartas de minha mãe? — Olhou firme para ela. Beatrice mudou sua expressão rapidamente. Sentiu um frio na espinha e se afastou um pouco. — Por que nunca me mostrou? Por que fez isso? Você sabia que seria importante para mim, ter algo dela para guardar!

Valentine não conseguiu mais segurar as lágrimas. Sua garganta doía e as lágrimas desceram salgadas em sua bochecha. Nesse momento, Beatrice se deu conta de que o passado tinha sido descoberto.

— O que você sabe, Valentine? — Questionou com a voz falha. A garota lançou um olhar confuso e cheio de interrogações.

— Eu sei de tudo, Beatrice! Eu sei que você é... — Travou por um instante. Na verdade, ela não sabia bem o que eram. Tia e sobrinha? Mãe e filha? Quando, na verdade, sempre foram madrastra e enteada. Tudo estava muito confuso para Valentine. — Minha tia. Isso, minha tia. — Afirmou por fim e limpou as lágrimas de sua bochecha.

Beatrice quis abraçá-la e dizer que tudo iria ficar bem, mas, no fundo, ela sempre soube que essa conversa não seria nem um pouco fácil. Só não imaginou que pudesse ser tão cedo.

— Eu sinto muito. — Sussurrou.

— Sente? Você sente mesmo? Porque não parece, Beatrice! — Seu tom de voz aumentou um pouco. — Por que nunca me contou? O que você estava pensando? Por que traiu a mamãe? O papai sabia disso?

Suas perguntas não tinham fim e a cada uma feita, mais confusa ela ficava. Seu coração se apertou em uma angústia sem fim e sentiu sua garganta travar novamente. Beatrice devolveu um olhar de indignação. Ambas estavam em um conflito interno.

— Eu jamais faria uma coisa dessas com sua mãe, Valentine. Ela era

minha irmã e eu jamais seria capaz de fazer isso. — Respondeu com o olhar triste e ferido. Ela sabia que não seria fácil trazer o passado a tona, mas ser acusada de algo tão absurdo nunca se passou por sua cabeça.

— Eu não sei mais de nada! A culpa é sua! Você mentiu para mim durante todos esses anos! Por que fez isso? Tem noção de como as coisas poderiam ter sido diferentes se você não tivesse mentido? Eu tinha o direito de saber! É da minha vida que estamos falando! É o meu passado também! Você estragou tudo!

— Você está de cabeça quente, Valentine, e desse jeito não iremos chegar a lugar algum. Você precisa se acalmar.

— Me acalmar? — riu nervosa. — Não me pede calma! — Gritou. Beatrice se calou por alguns instantes e logo voltou a falar.

— Se você continuar assim, não iremos conseguir conversar e esclarecer as coisas. Então sim! Eu peço calma.

Valentine respirou fundo e foi sentar no sofá novamente. Beatrice a acompanhou e sentou ao seu lado. Por alguns instantes, nada fora dito entre as duas. Quando ela tentou tocar seu rosto novamente, a menina desviou de seu toque.

— Eu entendo que esteja brava comigo, Valentine, mas eu peço que você me deixe explicar.

— Estou ouvindo. — Respondeu sem olhar para a madrastra.

— Seu pai não sabia de nada. Ele nunca teve a oportunidade de me conhecer como irmã de sua mãe.

Valentine olhou para Beatrice com um olhar de interrogação.

— Por que não? — Questionou com a voz falha.

— Porque todas as vezes em que visitei sua mãe, ele nunca estivera presente. E sempre que sua mãe falava de mim, não dizia o quanto éramos diferentes.

— Vocês não têm nada a ver uma com a outra. Nem parecem irmãs.
— Concluiu. Mas não de uma forma para magoá-la, mas somente para deixar claro seus pensamentos.

— Nosso pai era assim como eu. Tinha a pele bem clara, olhos azuis e o cabelo bem liso. Já nossa mãe era o oposto. Tinha a pele bem morena, quase como a sua, um pouco mais escura. Seus cabelos eram bem cacheados. Os olhos? Bem clarinhos também, mas eram castanhos. Resultado, uma mistura bem louca entre mim e sua mãe.

— Eles são vivos? — Quis saber de seus avós.

— Morreram em um acidente de carro. — Concluiu com um pesar e saudade no olhar.

— Por que você mentiu, Beatrice? Eu poderia ter lhe conhecido de outra forma. Como tia, não madrasta. Poderia ter te amado e visto em você uma parte da mamãe. E de mim também. Por que fez isso?

As lágrimas desciam descontroladas por suas bochechas rosadas.

— Você não entende o quanto foi difícil para mim, Valentine. Descobrir que minha única irmã estava doente. E pior, já estava morta quando a carta chegou em minhas mãos. Ela me pediu que eu me unisse a seu pai para te criar como filha. Você não imagina o quão difícil foi. Eu não queria te ver porque sabia que me lembraria dela. Era tudo muito forte para mim e eu era jovem, Valentine. Jovens cometem erros. E eu tenho total consciência de meu erro. Cinco anos se passaram e eu finalmente tive a coragem de cumprir a vontade de minha irmã.

— A dor não era só sua! Você não tinha o direito de fazer isso! Você escondeu todo o meu passado de mim!

— Sua mãe queria assim! Eu não podia contar nada! Não enquanto você fosse madura o suficiente para entender as coisas como elas são.

— E como as coisas são, Beatrice? Me diz! Qual o motivo para minha mãe querer me esconder o passado?

— Seus avós não aceitavam o fato de Elise ter começado a namorar Louis. Clair também nunca facilitou as coisas, tornando a convivência entre nós um caos.

— Por que eles não aceitavam? Você está falando da mãe do Harry? Vocês eram amigas?

— Mais do que isso, Valentine. Claire é seu nome na certidão, mas meus pais optaram por trocar assim que a adoção foi concluída.

— Adoção? Vocês eram como irmãs?

— Sim. Mas ela nunca foi tratada como nós. Era um tanto rejeitada e nós nunca entendemos o motivo para ela ter sido adotada se nossos pais não gostavam nem mesmo da presença dela. Claire sempre tentou chamar a atenção deles e sempre desejou ser como Elise. Tudo que era dela, Claire sempre achava uma forma de conseguir. E até com Louis fora assim. Como ela não conseguiu, tentou fazer da vida de Elise um caos.

— Eu não entendo. Isso tudo não faz o menor sentido para mim. E porque meus avós não aceitavam meu pai? Por que a mamãe pediu a ajuda da Clair se as duas não se davam bem? E por que isso levou a mamãe mentir e me esconder tudo isso?

— Para seus avós, só os homens de alta sociedade eram bons o

suficiente para nós. E seu pai sempre foi muito humilde, Valentine. Sua mãe nunca se importou com isso. Para ela o dinheiro não importava quando se tinha amor. E contrariando nossos pais, foi viver com Louis fora do alcance deles. Eu sempre me mantive perto e visitava sempre que podia, mas sempre sem eles saberem. Quando ficou grávida, sua mãe fez de tudo para te proteger e não quis contar para eles de sua existência, mas Clair fizera este favor para nós. Eles ficaram furiosos e queriam que Elise abortasse. E eu também nunca consegui entender o fato de sua mãe ter pedido para Clair manter contato comigo e me ajudar.

— Eles me odiavam sem nem mesmo terem me conhecido? Eles eram tão cruéis assim?

— Você ainda é muito jovem para entender, Valentine. Mas sim, eles diziam que você era fruto de uma raça desprezível.

— Tem mais uma coisa que não faz o menor sentido para mim. Porque a mamãe disse na carta que eu sou tão dela quanto sua?

Por um instante, as duas se calaram e nada mais foi dito.

— Por que não me responde? Me diz por que ela disse isso?

— Elise não podia ter filhos, Valentine! E nossos pais não sabiam disso. E nem poderiam saber.

— Como? Você está querendo dizer que eu sou sua filha? — A voz de Valentine saiu carregada de mágoa. Seu coração estava apertado e logo a vontade de chorar voltou. Algumas lágrimas caíram por sua bochecha.

— Sua mãe tinha um problema nos dois ovários, por isso, não podia engravidar por conta própria. Eu precisei doar óvulos para ela. Que junto aos de seu pai, deu a ela a oportunidade de ter você.

— Isso quer dizer que sou sua filha? — Tornou a perguntar. Sua cabeça estava uma verdadeira confusão e tudo o que ela queria era ter a certeza de que não fora enganada nessa questão também.

— Valentine, sua mãe te carregou dentro dela por 9 meses e te amou mesmo antes de nascer. Ela não via a hora de segurar você nos braços e dizer que era a filha dela.

— Você não respondeu minha pergunta! Para de enrolar! — Seu tom de voz aumentou novamente.

— De certo modo, sim Valentine, você é minha filha. Mas é de sua mãe também. É um pedacinho de seu pai, meu e da sua mãe.

— Não é verdade! Você está mentindo! — Gritou tentando limpar as incontroláveis lágrimas que desciam por sua face.

— Eu não teria motivo algum para inventar tudo isso, Valentine. — Afirmou tentando segurar em suas mãos. Mas, mais uma vez a garota se afasta de seu toque.

— Você está mentindo! Eu não sou sua filha! Nunca vou ser!

Antes que Beatrice pudesse responder, Valentine saiu correndo escadaria a cima e se trancou em seu quarto. No mesmo instante, a mulher começou a chorar. E assim permaneceu por um longo período. Em seu quarto, Valentine também chorava e se negava a acreditar em tudo o que Beatrice contara. Para ela, nada do que foi dito fazia sentido.





_____ ≡ _____

É mais produtivo para

A evolução das almas

Acreditar naquilo que se sente

Do que nas palavras que se ouvem.

— Trecho do “livro das dores

Da alma” Hammed

_____ ≡ _____

Beatrice permaneceu sentada no sofá da sala com seus pensamentos longe. Ela sabia que quando a verdade viesse a tona, nada seria fácil e que Valentine não iria aceitar. Só nunca imaginou que tudo isso fosse acontecer justamente quando ambas estavam se dando tão bem. Para falar a verdade, quem iria imaginar que um dia as duas se dariam bem? Era uma coisa impossível aos olhos de todos. Inclusive de Beatrice, que várias vezes perdeu as esperanças de um dia conquistar a confiança da garota. Agora, não só conquistou sua confiança como também a perdeu mais uma vez, e talvez para sempre.

Distraída, Beatrice não viu quando Harry entrou por sua porta e parou bem na sua frente. O menino se abaixou e olhou em seus olhos, finalmente tomando a atenção da mulher. Ele cobriu as mãos dela com as

suas e procurou entender o motivo de suas lágrimas.

— Está tudo bem, tia? — O garoto quis saber com uma pontada de preocupação.

— Ah! — Suspirou — Meu filho, nada está bem há muito tempo. Infelizmente, eu nunca enxerguei o grau do problema que eu mesma estava causando. — Beatrice olhou para baixo e em seguida voltou seu olhar para ele.

— O que aconteceu? Você e a Valen conversaram? — No fundo, ele já sabia o motivo das palavras tão profundas de Beatrice.

— Você já sabe de tudo, não é querido? — Questionou de volta. Harry tentou negar, mas do que adiantaria? Mais mentiras só trariam ainda mais transtornos.

— Depende, tia. Eu sei que a senhora é tia dela, o que mais eu deveria saber? — Questionou olhando firme nos olhos da mulher.

— Ela irá te contar, querido. Agora vá, ela precisa de você. — Beatrice deu algumas batidinhas em seu ombro e o fez levantar, mas antes do mesmo subir as escadas, se inclinou e beijou sua testa.

— Vai ficar tudo bem, tia. Acredite. A Valen é uma boa pessoa e tem um coração enorme.

Beatrice afirmou com a cabeça e Harry subiu para o quarto de Valentine. Quando bateu na porta, não ouviu nada de dentro do quarto, bateu mais três vezes e tornou a ouvir apenas o silêncio. Por já ter certa liberdade com a garota, abriu uma pequena fresta da porta e olhou para o interior de seu quarto. Devido ao sol ter começado a se pôr, uma fraca luz entrava pela janela iluminando os cachos escuros de Valentine. A mesma se encontra deitada de bruços em sua cama e parecia estar dormindo, pois não emitia

nenhum som. Com passos silenciosos, o garoto entrou em seu quarto, fechou a porta sem fazer barulho e se aproximou da garota. Quando chegou perto de sua cama, se ajoelhou e ficou olhando-a mais de perto.

Alguns cachos cobriam sua face e não era possível ver seus olhos. O garoto os afastou e pôde ver seus olhos fechados, mas sabia que a mesma não estava dormindo por ter lágrimas em seus olhos. Suas bochechas vermelhas logo denunciaram que ela estava chorando.

— Quer conversar? — Sussurrou próximo ao seu rosto. A mesma abriu seus olhos e o encarou.

— Não. — Respirou profundamente — Só fique aqui comigo. — Pediu olhando para ele. Harry sorriu fraco e acariciou sua bochecha úmida e vermelha. Por fim, beijou sua testa e permaneceu em silêncio, apenas olhando e fazendo carícias em sua bochecha. Algumas lágrimas caíam vez ou outra, mas ele não questionava. Sabia que ela precisava de um tempo para assimilar e aceitar tudo o que tinha descoberto. Mesmo ele não tendo conhecimento de tudo, sabia que não era tudo tão simples e fácil de se lidar, mas a conhecendo tão bem, sabia que ela logo iria compreender os fatos. Valentine havia amadurecido tanto e em tão pouco tempo que até o surpreende.

Quando o sol enfim se pôs por completo, o quarto escureceu. Harry levantou, fechou a janela e acendeu apenas o abajur próximo à cama de Valentine. A mesma virou sua posição na cama e deitou de lado para ele.

— Quer conversar agora? — Ele questionou ao passar seu polegar em sua bochecha ainda vermelha, mas sem vestígios das últimas lágrimas.

— Não. — Disse baixo — Espero que não se importe, mas só quero ficar quieta. Sua presença já me faz muito bem. — Afirmou sem sorrir, mas o

garoto se sentiu feliz por estar ajudando de alguma forma.

— Tudo bem, eu entendo! — Ele se aproximou, segurou em seu queixo e beijou seus lábios devagar. — Te amo, pequena.

— Eu também. — Fechou seus olhos e tentou dormir. Ao seu lado, Harry permaneceu a acariciar suas bochechas. Com pouco tempo, ela pegou no sono.



Harry cobriu Valentine, beijou sua bochecha, fechou a cortina de sua janela e saiu de seu quarto sem fazer barulho. No andar de baixo, Beatrice estava na mesa com Amy. Ambas jantando. Quando as duas perceberam sua presença, o chamou para se sentar e comer também. Um tanto angustiada, a mulher quis saber de Valentine.

— Ela dormiu, tia. Não quis conversar. — Afirmou um pouco preocupado. Ele conhece Valentine e sabe que, apesar de a mesma ter mudado muito, permanece a guardar os sentimentos ruins somente para ela.

— Ela precisa de um tempo, querido. É como você disse, logo tudo irá ficar bem. — A mulher respondeu parecendo estar com as forças e esperança renovada. Uma grande mulher, ele pensou consigo.

— Tine está doente, mamãe? — Amy questionou. Ambos até se esqueceram da pequena ali presente.

— Ela só está um pouco cansada, meu amor. Por isso dormiu mais cedo hoje, mas logo ela estará bem outra vez. — Ela sorriu e apertou sua bochecha. Logo teriam que conversar sobre o passado com Amy também.

— Antes de dormir, eu posso ir lá dar um beijo para ela sarar? — Questionou com sua habitual inocência de criança. Beatrice sorriu e afirmou

que sim.

Antes de irem dormir, Beatrice permitiu que Amy fosse ver Valentine. Ela ainda dormia e a pequena beijou sua bochecha com carinho e saiu sem fazer barulho. Satisfeita, foi com sua mãe até seu quarto, onde lhe colocou para dormir e seguiu para o seu. Finalmente poderia pensar em tudo com mais calma e decidir o que fazer no dia seguinte.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Quando amanheceu, Beatrice foi a primeira que acordou. Como de costume, se levantou, fez sua rotina de limpeza matinal e desceu para preparar o café da manhã. Em sua mente, teve a certeza de que teria um longo dia pela frente. Não só por já ter que voltar a trabalhar, mas também por não saber como seria com Valentine.

Em seu quarto, Valentine finalmente despertou. Olhou em volta e percebeu que já era dia. Procurou Harry, mas não o encontrou. Angustiada, a menina se levantou ainda pensando em seu sonho e caminhou até o banheiro, onde pegou um comprimido para dor de cabeça e engoliu sem água, mas o remédio passou rasgando em sua garganta, o que a fez se arrepender de não ter usado água. Com passados curtos, foi até a cômoda de seu quarto e pegou um pouco de água na jarra que sempre fica por ali. Aliviada, sentou-se na beirada de sua cama e parou para pensar com mais calma sobre o dia anterior. Quando sentiu o cheiro de café invadindo a casa, imaginou que pudesse ser Beatrice. Com certa urgência, a menina caminhou para o andar de baixo e parou ao pé da escada quando viu Beatrice. Logo que a mulher notou sua presença, levantou-se e ficou olhando-a com incerteza do que fazer.

Valentine se aproximou dela tão rápido que a mesma até demorou para reagir. A menina lhe abraçou com força e logo começou a chorar muito. Incerta, Beatrice retribuiu o abraço e acariciou seus cachos tentando acalmá-

la. Com certo desespero, Beatrice puxou Valentine até a cadeira, onde antes estava sentada, e se apressou em pegar um copo d'água para a menina. A mesma tomou com dificuldade, pois tremia muito e não parava de chorar. Beatrice ajoelhou á sua frente e segurou suas mãos trêmulas.

— Respira, Valentine. — Pediu com preocupação, pois nunca a viu chorar dessa maneira. Logo imaginou que pudesse ser uma crise de Pânico. Valentine tentou respirar, mas não conseguia, voltando a chorar compulsivamente. Desesperada, Beatrice ligou para Harry e pediu que o mesmo trouxesse seu pai o mais rápido possível. Segundos depois, ambos já estavam batendo em sua porta. Harry entrou desesperado e correu até Valentine que permanecia no mesmo estado.

— Respira, por favor. — Pediu em desespero e preocupação. Suas mãos geladas tremiam muito e a menina não conseguia respirar ou parar de chorar. Seu pai logo preparou um sedativo e pediu para Harry segurá-la para que o mesmo aplicasse. Com poucos segundos, a menina desmaiou em seus braços. Ele colocou-a deitada no sofá e então respirou aliviado. Beatrice se aproximou da menina e acariciou seu rosto enquanto lágrimas caíam de seus olhos.

— Desculpe por isso, minha menina. Eu sinto muito. — Ela chorou ao lado de Valentine. Ficou ali alguns minutos, enquanto acariciava seu rosto e pedia inúmeras desculpas. Matthew receitou remédios novos para ansiedade e indicou consultas com a psicóloga do hospital onde trabalha.

— Tia, você precisa tomar uma água. Ela está bem agora. — Beatrice assentiu e aceitou o copo d'água que Harry logo foi pegar.

— Pode ir, filho. Logo você tem aula. — Respondeu após ter bebido toda a água.

— Eu não conseguiria prestar atenção na aula, tia. Não posso deixar ela aqui e ir para a escola. — Admitiu sentando-se próximo a Valentine e acariciando seu rosto calmo devido ao forte sedativo.

— Imagino que tenham perdido muita aula, filho. Vá, ela vai ficar bem. Vou ligar para o meu patrão e dizer que preciso mais desse dia em casa.

— Eu vou, mas venho assim que sair da escola. — Afirmou. Beatrice assentiu. Ele beijou a bochecha de Valentine e a testa de Beatrice antes de sair.

Quando Amy acordou, logo quis saber o motivo para Valentine ainda estar dormindo. Sua mãe explicou que a menina passou mal e precisou tomar um remédio que a fez dormir. Amy foi até a irmã, deitou sua cabeça na barriga de Valentine e ali ficou por alguns minutos. Por fim, deu um beijo na bochecha da menina e afirmou que era para ela sarar logo. Sua mãe sorriu e a arrumou para a escola. Com certa preocupação em deixar Valentine sozinha, pediu que a vizinha, que trabalha na mesma escola de Amy, a levasse para a escola. A mulher prontamente disse que levaria e desejou melhoras para ela e Valentine.



Mais tarde, quando deu o horário de Amy sair da escola, Beatrice precisou ir buscá-la. Por isso, mesmo com um pouco de receio, deixou que Harry ficasse com Valentine até que voltasse. Ao longo da tarde, a menina continuou dormindo, o que a fez pensar que talvez o pai de Harry tenha exagerado um pouco na dose do calmante, mas somente por lembrar como a menina ficou pela manhã, não teve dúvidas de que foi necessário tal ato. Do contrário, as coisas poderiam ter se complicado. Por outro lado, sabe que quando a menina acordar, precisarão ter outra conversa. Só pelo fato da mesma não ter reagido tão bem, a mulher teme que algo pior aconteça.

Enquanto a mulher se dirigia até o ponto de ônibus, Harry caminhou até o sofá de três lugares e sentou no chão próximo à Valentine, que dormia tranquilamente. O garoto afastou alguns cachos de seu rosto e acariciou. Quase que instantaneamente, a menina se mexeu um pouco e soltou uma respiração longa antes de abrir os olhos devagar. Quando encontrou os olhos atentos de Harry sob si, procurou entender o que estava acontecendo.

— Onde estou? — Questionou com a voz rouca e olhou ao redor. Seus olhos ainda não estavam focando como o desejado e até o rosto de do garoto se tornou embaçado. Ele tocou seu rosto mais uma vez com os dedos e sorriu aliviado.

— No sofá da sua casa. — Sorriu travesso. Valentine coçou os olhos na tentativa de poder enxergar com mais clareza e voltou seu olhar confuso para Harry.

— E o que aconteceu? — Questionou baixo. — Quanto tempo eu dormi?

— O dia todo, baixinha. — Sorriu. — Não se lembra de nada?

— Vagamente. — Força sua mente a raciocinar. Quando tentou se levantar, sentiu enjoos e tontura, obrigando a voltar seu corpo para o estofado macio do sofá novamente.

— Hey, fica bem quietinha aí. Acredito que meu pai exagerou um pouco na dose. — Concluiu após novamente retirar os cachos que cobriam sua bochecha.

— Onde está a Beatrice? — Questionou se recordando do que houvera entre elas no dia anterior e o acontecimento da manhã.

— Foi buscar Amy na escola. — Explicou — O que você está sentindo? — Segurou sua mão e acariciou com o dedo polegar.

— Um pouco de dor de cabeça e enjoos. — Justificou o olhando.

— Meu pai disse que seria normal.

— Ela te contou algo? — Ela se referiu a Beatrice.

— Não. Você quer me contar? — Seus olhos mediam suas expressões e concluiu que já era hora de conversarem.

— Ela é minha mãe, Harry. — Sua voz saiu baixa, quase que para ela mesma. Se não estivesse sob o efeito do calmante, teria derramado uma lágrima.

— Estou confuso. — Ele franziu a testa — Ela não era sua tia? — O garoto quis saber.

— Sim, ela é. Minha mãe não podia ter filhos. Deste modo, Beatrice deu os óvulos dela, que junto aos espermatozoides de meu pai, foram introduzidos em minha mãe. Entende agora?

Harry continuou acariciando sua bochecha e admirar seu olhar tranquilo.

— Entendo sim, Valen, mas sua mãe continua sendo sua mãe, meu amor. Isso não muda nada.

— É tudo muito confuso para mim, Harry. Penso que nunca vou entender isso direito. Pra mim ela sempre foi uma inimiga. Fico imaginando como tudo seria se ela não tivesse me escondido toda essa história.

— Ela sempre tentou ser sua amiga, Valen. Você que nunca permitiu.

— Eu sei. — Abaixou a cabeça — Não precisa me lembrar disso. — Uma lágrima finalmente escorreu por sua bochecha.

— Desculpe, baixinha. Eu não quis ser rude. — limpou sua lágrima.

— Tudo bem, você tem razão afinal. Eu fui uma pessoa horrível durante muito tempo.

— Está se sentindo melhor? — Quis saber preocupado.

— Eu só preciso tomar um banho quente e me sentirei melhor. — Afirmou por fim.

— Quer ajuda? — Questionou. A menina avaliou seu olhar e não encontrou segundas intenções. Ele jamais se aproveitaria de uma situação como essa e ela tem total conhecimento disso.

— Não precisa, eu consigo sozinha. — Disse por fim e sorriu fraco para tranquilizá-lo e se levantou se desequilibrando um pouco. Ele lhe segurou pela cintura e sorriu travesso.

— Tem certeza? Você não me parece bem. — A olhou sério dessa vez.

— Só me ajuda a subir, o resto eu consigo. — Afirmou e ele assentiu.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Assim que terminou seu banho, Valentine saiu de deu banheiro já vestida. Harry lhe analisou e sorriu se aproximando. O garoto puxou-a para mais perto e rodeou sua cintura com os braços.

— Melhor agora? — Questionou colocando uma mexa de seu cabelo molhado atrás da orelha.

— Outra pessoa. — Sorriu. Ele aproximou seu rosto do pescoço dela e sentiu seu cheiro.

— Erva-doce? — Questionou sorrindo.

— Beatrice que gosta desses sabonetes. Tem um cheiro bom. —

Afirmou olhando para a intensidade de seus olhos.

— É inebriante. — Sorriu voltando a sentir o cheiro em seu pescoço. Quando voltou a atenção para seu rosto, depositou um beijo suave em seus lábios.

Somente se afastaram por ouvir uma batida suave na porta do quarto. A mesma se encontra aberta e Beatrice mantém seu olhar sob o casal apaixonado. Valentine corou um pouco e Harry sorriu.

— Vou deixar vocês conversarem. Volto mais tarde. — Beijou-a com intensidade antes de sair e a deixou ainda mais constrangida. Por fim, beijou a testa de Beatrice e saiu de seu campo de visão.

— Vocês são tão fofos, sabia? Faz lembrar minha adolescência. — Beatrice afirmou com um sorriso provocativo. Valentine sorriu tímida. — Como está se sentindo? — Questionou analisando a menina. A garota esticou seus braços para que a mulher segurasse suas mãos e sorriu mais abertamente.

— Estou bem melhor agora que tomei banho. Estava um pouco zozua e com enjoos. — A garota se aproximou da mulher e lhe abraçou forte. Surpresa e aliviada ao mesmo tempo, Beatrice retribuiu ao gesto de carinho.

— Eu tenho tanta coisa para dizer, minha menina. — Afirmou após o abraço.

— Você não precisa dizer nada. Tudo já ficou claro para mim. Só é difícil, entende? — Afirmou com sinceridade.

— Entendo sim, querida. Eu te darei o tempo que precisar para processar tudo isso. Só não se afaste de mim novamente.

Valentine analisou o olhar angustiado de Beatrice e beijou sua face

com carinho.

— Não farei isso. Eu sei que surtei ontem, mas foi tão difícil lidar com tudo. Você entende?

— Sim, meu amor. Não se preocupe. — Beijou sua testa. Ambas se abraçaram novamente. Assim ficaram até Amy invadir o local com sua voz melodiosa e doce.

— Mamãe, eu estou com fome. — Afirmou com uma banana recém mordida em suas mãos lambuzadas. Ambas riram. Valentine pegou sua irmã em seu colo e caminhou até sua cama apontando o espaço ao seu lado para Beatrice sentar também.

— Amor, nós precisamos contar uma história. Tudo bem? — Valentine questionou e a pequena assentiu com seus olhos brilhando em expectativa. Valentine olhou para Beatrice e pediu que a mesma contasse.

— Meu amor, se lembra que a mamãe disse uma vez que minha irmã tinha ido morar no céu quando eu ainda era bem jovem? — Questionou. A pequena assentiu. — Então, o que eu não tinha contado, por você ainda ser muito pequena na época, era que a minha irmã era mamãe da Valentine.

Amy pareceu analisar sua mãe e Valentine ao mesmo tempo.

— Mamãe da Valentine? Eu não entendo, mamãe. — Afirmou confusa. Sua mãe sorriu apertando sua bochecha e continuou.

— Isso te faz prima da Valentine por um lado. — A pequena torceu o nariz.

— Não sou irmã, mamãe? — Questionou um pouco triste.

— Sim, meu amor. Porque você também é filha do papai da Valentine. — Afirmou apertando seu nariz.

— Eu prefiro ser irmã. Prima não. — Afirmou descontente.

— Hey, meu amor. Significa que temos dois laços de sangue. Ninguém mais tem isso. Quer dizer, pode até ser que tenha outros casos parecidos por aí, mas isso mostra que nós somos ainda mais unidas. — Valentine afirmou enrolando seus cachinhos em seu dedo. Amy olhou em seus olhos e sorriu.

— Vai continuar igual? — Questionou com receio de que algo mude entre elas.

— Sim, meu anjinho. Você é meu docinho e nada vai mudar. — Beijou a ponta de seu nariz.

— Então eu aceito ser irmã e prima, mas irmã primeiro. — Afirmou. Ambas riram de sua insegurança infantil.

— Tudo bem, meu amor. — Afirmou ainda brincando com seus cachinhos.

— Mas a mamãe não terminou a história, docinho. — Beatrice afirmou tendo a atenção da garotinha novamente.

— O que é, mamãe? — Questionou atenta.

— A mamãe da Valentine tinha dodói na barriga, e não podia ter bebês. Sendo assim, a mamãe teve que ajudar ela a ter Valentine.

— Como, mamãe? Como nascem os bebês?

As mais velhas se entreolharam e sorriam nervosas.

— Os bebês nascem quando o papai e a mamãe se amam muito, amorzinho. — Resumiu a história. Valentine riu.

— O papai não amava a mamãe da time? — Valentine de remexeu

desconfortável.

— Sim, anjinho. Amava muito, mas como eu disse, a mamãe dela tinha um dodói na barriga e não tinha sementinhas para formar os bebês dentro dela.

— E você tinha, mamãe?

— Tinha sim, meu amor. Aí eu dei para ela e aí a Valentine nasceu.

— Isso te faz ser mamãe dela? — Questionou confusa.

— Você é muito espertinha, sabia? Sim, anjinho. É como se eu fosse um pouco a mamãe dela, mas ela nasceu da barriga da minha irmã, então, é filha dela. Mais dela do que minha, entende?

— Sim, mamãe, mas você é mamãe dela também?

— Sou só um pouquinho. Sou mais tia do que mãe.

Valentine sorriu para Beatrice.

— Entendi, mamãe. É uma história muito difícil.

Ambas riram.

— Você irá entender quando crescer, anjinho. Agora vamos tomar banho, jantar e dormir.

— Posso comer primeiro? — Questionou fazendo as mais velhas rirem.

— Banho primeiro, mocinha.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Mais tarde, Beatrice já tinha colocado Amy para dormir e logo foi para o seu quarto descansar também. Valentine rolava de um lado para o outro em sua cama e não conseguia dormir. Angustiada com toda a história

de sua vida, se levantou e foi caminhando sem fazer barulho até o corredor. Ao ver a porta de Beatrice entreaberta e o abajur aceso, se aproximou da porta do quarto da mais velha e colou apenas a cabeça para dentro. Beatrice lia um livro, distraída olhou para a porta sorrindo do gesto da garota.

— Não consigo dormir, posso entrar. — Pediu com uma carinha fofa que a fez rir ainda mais. A mulher autorizou sua entrada e ela correu até o outro lado de sua cama.

— Parece a Amy com medo do escuro. — Sorriu deixando o livro próximo ao abajur e direcionando seu olhar a Valentine.

— Eu não estou com medo do escuro, mas posso dormir aqui essa noite? — Pediu baixo, um tanto envergonhada. Beatrice sorriu, afastou seus cachos já secos de sua bochecha e acariciou o local.

— Claro, será ótimo. — A mulher puxou seu corpo pequeno para mais perto de si e lhe cobriu.

— Seria muito pedir que me abrace? — Pediu com as bochechas vermelhas.

— Não, minha menina. — Sorriu de seu constrangimento e lhe abraçou sentindo seu cheiro de frutas no cabelo. — Eu amava quando sua mãe usava esses produtos com cheiro doce. Era tão bom sentir o cheiro em seus cachinhos.

— Harry também gosta. — Falou de repente e logo ficou vermelha. Beatrice riu.

— Ah! O amor. É tão lindo ver vocês juntos. — Afirmou ainda sorrindo de suas bochechas vermelhas e puxou um cachinho para cheirar.

— Ele é muito carinhoso comigo. Sinto que o amo mais a cada dia. —

Admitiu com timidez.

— O amor é assim, minha linda. É lindo ver vocês tão unidos e apaixonados. Agora me diz, enquanto eu estive fora vocês fizeram amor novamente?

Valentine puxou a coberta para cobrir seu rosto ruborizado e fez Beatrice gargalhar.

— Hey — Tentou puxar a coberta — Não precisa ter vergonha de mim. Como sua tia, preciso saber de tudo o que houve aqui. Como sua amiga, quero sua sinceridade, meu amor.

Valentine abaixou a coberta e encontrou os olhos brilhantes de sua tia. Ainda tímida, tentou criar coragem para responder.

— Não. Enquanto você estava fora não. — Respondeu por fim.

— Depois que eu voltei? — Questionou fazendo as bochechas dela voltarem a ficar vermelhas.

— Uma vez... Na noite anterior a nossa conversa e também pela manhã. — Admitiu constrangida.

— Se protegeram? — Questionou mais séria.

— Sim. Não se preocupe. Harry além de muito carinhoso, também é cuidadoso com isso.

— Obrigada por sua sinceridade, minha linda. Não é para te deixar constrangida, mas sim para lhe proteger. Você entende?

Valentine assentiu e sorriu. Beatrice beijou sua bochecha e puxou seu corpo para mais perto de si.

— Obrigada, tia. — Ao dizer isso, Beatrice sentiu seu coração se

aquecer e não evitou derramar uma lágrima de emoção. Valentine levantou a cabeça em sua direção e analisou sua reação. — Posso te chamar assim?

— Do jeito que você quiser, meu amor. Me sinto feliz por fazer parte da sua vida.

A menina sorriu e chegou para ainda mais perto e fechou os olhos para dormir. Segura nos braços de sua tia e se sentindo amada e protegida.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____

*Quando nos sentimos ameaçados, a inveja,
a cobiça ou o ressentimento que nos movem
se tornam santificados, pois nos convencemos
de estar agindo em defesa própria.*

— Carlos Ruiz Zafón

_____ ≡ _____

Amanheceu e o dia estava tranquilo na casa de Harry, até o momento em que o telefone começou a tocar de forma desesperada. Seu pai quem fora atender. Ainda estava meio zozzo e sonolento, quando ouviu a voz de Clair do outro lado da ligação. Seu corpo inteiro estremeceu naquele momento. Por alguns instantes, nada fora dito e a mulher insistiu do outro lado. Voltando para a realidade, o homem pensou em ignorar a ligação, mas, várias lembranças dos momentos felizes que ambos passaram juntos vieram a sua mente. Com a voz falha, o homem respondeu.

— Alô! — Respondeu incerto. Do pé da escada, Harry olhou para seu pai ao telefone e parou para escutar.

— Querido, é você? — Clair respondeu desesperada. Sua voz fizeram o homem se entristecer.

— O que você quer? — Questionou sem mencionar seu nome, para que Harry não escutasse. O menino olhava atento para o pai ao telefone. Curioso, desceu os degraus rapidamente e se colocou ao lado do pai.

— Quem é, pai? — Ele questionou próximo ao telefone. Quando Clair o escutou, ficou ainda mais agitada e desesperada por atenção de sua família.

— Ninguém, Harry. Vá arrumar a mesa para o café da manhã. Já estou indo para ajudar.

Ele desconfiou, mas obedeceu. Do outro lado, Clair falava ainda agitada.

— Deixe eu falar com ele! Preciso ouvi-lo. — Ela pediu.

— Você não pensa que já fez estragos demais, não? — Seu tom de voz engrossou. Harry levantou seu olhar do balcão da cozinha e observou a postura do pai.

— É a mãe, pai? — Questionou aflito. Só ela o deixaria irritado. Só ela quem causou problemas para eles.

— Filho, faça o que eu te pedi. — O homem insistiu.

— Eu preciso falar com meu filho! Você não pode me negar isso. — Clair gritou do outro lado. O policial ao seu lado quis pegar o telefone e encerrar a ligação, mas somente a lembrou que seu tempo já estava se encerrando.

— Pai, deixe eu falar com ela. — Harry se aproximou do pai a passos largos.

— Não, Harry. Ela não merece nossa atenção.

Do outro lado, Clair se indignou com o que o esposo acabara de dizer.

Em um impulso, Harry pegou o telefone das mãos de seu pai.

— O que você quer, mãe? — Ao ouvir a voz do filho, Clair derramou algumas lágrimas involuntárias e desejou estar perto para que pudesse abraçá-lo, beijá-lo e dizer o quanto o ama.

— Filho, eu sinto tanto a sua falta. — A mulher limpou algumas lágrimas insistentes e fungou um pouco. O policial impaciente, disse-lhe que restavam apenas dois minutos para encerrar a ligação.

— Você destruiu tudo o que tinha, mãe! A troco de quê? — O garoto quis saber. Ainda não tinha conversado com Valentine a respeito de todos os detalhes do passado, por isso, ainda não sabe que sua mãe adotiva era filha adotiva dos avós maternos de Valentine.

— Filho, eu não tenho muito tempo no telefone, mas você pode vir me visitar e nós teremos mais tempo para conversar. — A cada ruído do telefone, a voz de Clair se distanciava.

— Por que eu faria isso? Já não foi o suficiente tudo o que você fez? — O garoto questionou irritado.

— Por favor, Harry. Eu preciso te explicar tudo. — Mais uma vez o policial alertou do pouco tempo que a mulher ainda tinha. Preocupada, acreditou que não fosse convencer o filho de ir vê-la.

— Eu vou. — Antes da mulher responder ou se quer dizer o horário, Harry encerrou a ligação com raiva e frustração. Seu pai, que o olhava atento, esperou que ele dissesse algo.

— O que ela queria, filho? — Questionou após perceber que o menino não falaria.

— Que eu fosse vê-la. — Harry passou por seu pai e foi terminar de

arrumar a mesa para o café da manhã.

— E você vai? — Questionou o acompanhando e pegando o queijo na geladeira. Harry parou por alguns instantes e observou o pai.

— Sim. Quero ouvir o que ela tem para me dizer. — Afirmou e pegou o queijo da mão do pai para pôr na mesa. Em silêncio, continuaram a arrumar tudo para o café da manhã, mas em sua mente, seu pai reprovava sua decisão, mas em nenhum momento ousou interferir nas decisões do filho.



Após o café da manhã, Valentine ajudou Beatrice com a louça e em seguida fora terminar de se arrumar para ir à escola. Quando ouviu a companhia tocar, correu até o andar de baixo, pois sabia que era Harry.

— Bom dia, querido. — Beatrice respondeu ao abrir a porta. O garoto sorriu simples e beijou sua testa.

— Bom dia, tia. A Valen já está pronta? — Questionou olhando o interior da casa. No mesmo instante, a garota apareceu em seu campo de visão e sorriu para o mesmo. Ainda perturbado com a ligação, Harry não foi capaz de sorrir tão abertamente como nos outros dias e Valentine estranhou.

— Vou deixar vocês conversarem. — Beatrice respondeu percebendo o clima que havia se instalado no ar.

— Aconteceu alguma coisa? — A garota quis saber e o empurrou levemente para fora fechando a porta atrás de si.

— Minha mãe ligou. — O garoto foi sincero, mas não olhou em seus olhos como sempre faz.

— O que ela queria? — Valentine segurou a mão de Harry e entrelaçou seus dedos.

— Que eu fosse vê-la. — O garoto puxou Valentine para mais perto e a envolveu em um abraço. Era tudo o que ele mais queria. Ela retribuiu o abraço e mergulhou seus dedos nos fios macios do garoto.

— Você quer que eu vá com você? — Questionou sem se afastar. Conhecendo-o, ela sabe que o garoto jamais deixaria de ir.

Harry se afastou de sua namorada e olhou-a nos olhos.

— Não precisa, Valen. Sei que não te faria bem. — Afirmou e beijou sua bochecha.

— Eu iria com você onde quer que fosse, Harry. — Afirmou acariciando sua bochecha. Ele envolveu sua cintura com uma de suas mãos e com a outra segurou em seu queixo.

— Você é incrível, sabia? — Aproximou-se e beijou seus lábios suavemente.

— Você já fez muito por mim. É o mínimo que eu posso fazer para retribuir. — Sorriu. Suas mãos envolveram o pescoço de dele e ambos se beijaram.



Após o período escolar, Valentine foi de ônibus com Harry até a prisão feminina da cidade vizinha. A medida que iam se aproximando, o garoto sentia suas mãos suarem e o nervosismo dominá-lo por inteiro. Ao seu lado, Valentine segurou em sua mão e acariciou com seu polegar. O garoto tentou sorrir, mas o nervosismo o dominou.

O que falaria para sua mãe? O que ela iria dizer? Eram as perguntas que o rondavam o tempo todo durante o longo percurso que fizeram até a prisão. Valentine até pensou em dizê-lo o que Beatrice contou sobre Clair ter

sido adotada por seus avós, mas logo imaginou que a mulher quisesse contá-lo pessoalmente.

— Não fique assim. — Ela Sussurrou deitando a cabeça em seu ombro. Vê-lo tão aflito estava deixando-a angustiada. Ainda mais por não poder fazer nada para aliviar sua frustração e ansiedade.

— Está tudo bem, Valen. — Afirmou antes de voltar sua atenção para a janela, onde as árvores passavam rapidamente, uma ao lado da outra anunciando que estavam saindo da cidade.

— Você não precisa dizer isso só para me acalmar, Harry. Olhe para mim. — Ela pediu ainda sussurrando. O garoto olhou para ela com os olhos brilhando anunciando algumas lágrimas. — Eu estarei ao seu lado durante todo o tempo.

— Obrigada, Valen. Eu não sei se conseguiria sozinho. — Afirmou angustiado.

— Eu não te deixaria sozinho. Nem se me pedisse. — Afirmou passando seu dedo em uma lágrima solitária que descia por sua bochecha. Era a primeira vez que o via chorar. Mesmo que, tenha sido uma única lágrima solitária. — Deite aqui.

Valentine indicou seu colo para que o mesmo apoiasse sua cabeça. Sem dizer nada, o mesmo deitou sua cabeça no colo da garota e se deixou ser cuidado por ela. Valentine mergulhou seus dedos no cabelo de Harry e começou um cafuné que o fez relaxar. Aos poucos, ele se deixou levar pela calma e suavidade de seus dedos em seus cabelos. Antes que pudesse perceber, já haviam chegado em seu destino.



No momento em que Harry avistou sua mãe, todo o nervosismo que

antes o dominava voltou em cheio. Seus olhos foram de encontro aos de sua mãe que o olhava com emoção. No momento que a mulher percebeu Valentine ao seu lado, sua expressão ficou seria. A garota segurou firme na mão do namorado e seguiu ao seu lado na direção da mulher.

Harry sentou-se de frente para sua mãe com Valentine ao seu lado e ainda segurando em suas mãos. A garota entrelaçou seus dedos aos dele e permaneceu em silêncio. Durante um longo período, nada fora dito. Até Clair quebrar o silêncio.

— Pensei que viesse sozinho. — Olhou em direção a Valentine com a expressão de desgosto e chateação por tê-la ao lado do filho.

— Eu não o deixaria só. — A garota garantiu.

— Meu filho não é nenhuma criança mimada que precise de atenção. Agora, já não posso dizer o mesmo de você. — Clair cuspiu as palavras.

— Mãe, eu não vim aqui para a senhora falar besteira. — Harry interviu. Clair o olhou e tentou, por alguns instantes, ignorar a presença de Valentine.

— Ah! Meu filho, eu senti tanto a sua falta. — Ela tentou cobrir a mão do menino com as suas, mas o mesmo afastou sua mão livre da mesa. Por de baixo da mesma, o garoto apertou a mão de Valentine.

— A senhora está pagando pelo que fez. — Jogou as palavras com irritação. — Por que fez aquilo, mãe? Era só uma criança.

— Eu quis te proteger, meu filho. Tudo o que eu fiz foi por amor. — A mulher começou a se agitar.

— Proteger do que, mãe? A senhora agrediu uma criança inocente para me proteger do quê? Isso é loucura! Tem noção da gravidade de seus

atos? — Harry soltou a mão de Valentine e pôs as duas em cima da mesa e olhou firme nos olhos de sua mãe. Em nenhum momento, Valentine interferiu na conversa.

— Eu não podia deixar que você se aprofundasse nos problemas dessa menina, meu filho. Você estava destruindo sua vida e consumindo todas as suas energias para cuidar dela e isso nem era sua obrigação. — Clair se exaltou e todos a sua volta podia ouvir a conversa. Valentine se agitou, mas permaneceu calada.

— Ah! Por isso a senhora agride uma criança? — O garoto cuspiu as palavras em tom de ironia.

— Era o único jeito de fazê-la fazer o que eu estava mandando. — Clair respondeu em um tom mais baixo afastando os olhares curiosos das outras presas e seus visitantes.

— Do que a senhora está falando? — Ele questionou sem entender. Valentine olhou para ambos, assustada e intrigada ao mesmo tempo.

— Oras, vai se fingir de desentendido agora? — Respondeu com irritação.

— Do que está falando, mãe? — O garoto insistiu. — Valentine pegou em sua mão e apertou um pouco. Parecendo se lembrar da presença da garota ao seu lado, ele também apertou um pouco sua mão e permaneceu olhando para sua mãe.

— A menina não contou? — Questionou sem entender.

— O que ela deveria ter contado? — Foi Valentine quem questionou. Clair olhou para ela irritada e voltou sua atenção para Harry.

— Eu pedi para a garota dizer para essa aí ao seu lado que você a

havia molestado ela. Desta forma, ela iria querer se afastar de você. Seu caminho estaria livre e você não precisaria mais cuidar delas.

Ao final de sua confissão. Ambos estavam chocados e em choque. Amy ainda não havia contado essa parte. Harry levantou da mesa e envolveu o pescoço de Clair com suas mãos. Os policiais o pegaram e colocaram de volta na mesa.

— Se houver outro ataque, a visita estará encerrada. — Um deles falou olhando para ambos com irritação se afastando em seguida.

— A senhora tem noção do que acabou de dizer, mãe? Tem noção do que fez á uma pobre criança inocente? — O garoto questionou querendo enforcá-la outra vez. Do seu lado, Valentine se encolheu um pouco com o rumo da conversa. Era muita coisa para processar e mal tinham iniciado a conversa.

Um longo silêncio se instalou e ambos permaneceram um olhando para o outro. Quando os policiais disseram que a visita logo iria terminar, Clair olhou para seu filho e decidiu enfim responder sua pergunta.

— Tudo o que eu fiz foi para o seu bem, Harry. Eu quis te proteger — Deu uma pausa e olhou para suas mãos — Quando você for mais velho, irá entender.

— Mãe, nada do que você fez foi por amor ou com a intenção de me proteger. Eu quis cuidar da Valentine e da Amy. Eu decidi ficar ao lado delas. Se isso estava consumindo minhas energias ou não, era eu que tinha que decidir, não acha? — Irritado, o garoto olhou para a mãe. Tanto ele quanto Valentine, já estavam tensos com o rumo da conversa.

— Você não entende o amor de uma mãe, Harry. Nós somos capazes de tudo para proteger nossos filhos. Eu não pretendia machucar a menina. Se

ela tivesse feito o que eu pedi desde o início, eu não teria perdido a cabeça. Nada disso teria acontecido.

— Ah! Então a culpa é da Amy? — Valentine quem questionou. A garota riu em escárnio e encarou a mulher com fúria.

— Pode se dizer que sim. — Ao responder, Valentine quis voar no pescoço da mulher, assim como Harry fizera antes.

— Você me dá nojo. Aposto como meus avós sentiam o mesmo ao olhar para você. — Valentine despejou as palavras com raiva. No mesmo instante, se arrependera. Ao seu lado, Harry não entendera o motivo para a garota ter dito isso. Clair respirou fundo, fechou os olhos com força e relembrou o seu passado sombrio.

— Do que você está falando, Valen? — O garoto quis saber. A garota o olhou aflita, sem saber se dizia, ou se deixava a mulher falar. Clair abriu seus olhos vermelhos e algumas lágrimas de puro ódio desceram por sua face.

— Vai, conta para ele! — Disse com raiva — Diga, Valentine. Eu quero ouvir.

A mulher quase gritou as palavras, mas se conteve para que não atraísse mais atenção para eles. Valentine engoliu em seco e olhou para Harry.

— Eu iria te contar — Começou a dizer — Mas depois que você contou que viria aqui, acreditei que ela fosse querer te contar pessoalmente.

Harry analisou a face enfurecida de sua mãe e voltou sua atenção para Valentine. Tentando não ficar irritado, o garoto segurou em sua mão e pediu que a mesma fosse direto ao ponto.

— Essa eu quero ouvir. — A mulher disse com raiva e um riso

sarcástico.

— Meus avós maternos adotaram a Clair quando ela era adolescente.
— Disse por fim. O garoto olhou para sua mãe, intrigado e esperou que a mesma confirmasse.

— É querido Harry. Você não é o único adotado nessa família. — Riu novamente. Lágrimas desciam por sua face, mas não de tristeza e sim de ódio. Clair sentia ódio por todos que um dia fizeram parte de sua vida. Sentia ódio de sua vida e de todo o seu passado. Harry cobriu o rosto com suas mãos e ficou um tempo pensando e digerindo tudo.

— Porquê? — Ele questionou por fim — Eles te adotaram e você nunca me contou? E você, Valen? Pensei que fôssemos sinceros um com o outro sempre.

A garota abaixou os olhos, chateada e não respondeu. O que ela diria? A verdade é que não houve tempo para esclarecerem todas as coisas.

— Eu não tive tempo, Harry. Tudo aconteceu rápido demais e eu iria te contar hoje. — Se justificou sem olhar em seus olhos. Clair estava adorando vê-los em uma possível discussão.

— Depois nós conversamos — Deu uma pausa — Agora precisamos esclarecer toda essa história. — Concluiu olhando para sua mãe. — Por que a Valen disse que seus avós sentiam nojo ao olhar para você? O que mais você não me contou?

Clair olhou nos olhos de dele e decidiu contar toda a história.

— Eles nunca quiseram me adotar. — Concluiu com raiva. Harry e Valentine continuaram atentos ao que a mulher dizia.

— Eles só me adotaram porque ela tinha acabado de abortar e estava

sensível. Elise tinha 7 anos na época. Eu tinha acabado de fazer 12 anos. Sua mãe queria muito outra menina, mas acabou perdendo aos 6 meses de gestação. Para deixar a esposa feliz, Gerald foi até o orfanato para adotar um bebê. Mas advinha? Não tinha bebês. Eu era a única menina presente no orfanato. Por isso, sua única alternativa fora me adotar.

— Eles poderiam ter ido em outros orfanatos. Por que te adotar, se desde o início não te queriam? — Harry questionou intrigado.

— Eu não sei, Harry. Deixe eu terminar. — Pediu impaciente. — Quando chegamos em casa, Elisabeth quase teve um surto. Ela desejava um bebê e ganhou uma adolescente problemática. Eles nunca me trataram como filha, sempre me evitavam e não me dirigiam a palavra. Na frente de seus amigos de alta sociedade, eu era a filha desejada e atenciosa. Mudaram meu nome e só me tratavam como filha nas festas que davam para seus amigos ricos.

— O que você fez para eles te tratarem assim? — O garoto questionou confuso.

— A princípio, nada. — Disse nostálgica. O passado lhe assombrava todos os dias.

— Você se dava bem com minha mãe? — Valentine quis saber.

— No começo, nos estranhamos um pouco. Ela era toda certinha e eu toda problemática. Brigávamos as vezes, mas no fim, acabamos virando amigas. Quer dizer, ela virou minha amiga. Eu nunca gostei dela. Eu queria ser ela, queria o que ela tinha e desejava ter os pais dela somente para mim.

— Por que você sentia tanto ódio, mãe? Qual o motivo para tanta inveja? — Harry questionou sem entender.

— Eu queria ser amada, Harry! — Riu amargamente — Um ano se

passou e tudo só piorou. Elisabeth ficou grávida novamente. Eles me ameaçavam dizendo que iriam me devolver quando a menina nascesse. Afinal, não iriam mais precisar de mim, já que o bebê tão desejado iria enfim chegar.

— Eles eram tão cruéis assim? — Valentine questionou se sentindo mal. Não que ela sentisse pena da mulher a sua frente, mas estava começando a sentir da adolescente, que até então, não tinha culpa de nada que estava acontecendo a sua volta.

— Eles só se importavam com o dinheiro e a posição social que tinham. Eles pouco se importavam se estavam me ferindo ou não. — Clair deu uma pausa e limpou suas lágrimas de raiva e ressentimento. — Eu fiquei com muita raiva. Tanto que quando a Beatrice nasceu, eu coloquei uma aranha armadeira no berço dela. Elise quem viu e gritou.

— Mãe, era apenas um bebê. — Harry afirmou alarmado — Mesmo que não fosse. Como a senhora teve coragem de fazer uma coisa assim?

— Eu estava pouco me importando, Harry. Eles mereciam por tudo o que estavam fazendo comigo. — A mulher afirmou com ódio contido durante tantos anos.

— Não se paga o ódio com o ódio. — O garoto afirmou.

— Não me venha com lição de moral agora, Harry. Eu queria vingança e eu fiz. Tudo fora pensado de forma fria e calculista, mas eu não me arrependo nem um pouco. — Ela deu uma pausa e olhou para o lado. O policial apontou para o relógio em seu pulso, como se quisesse dizer que o tempo estava acabando. Ela ignorou e voltou sua atenção para os dois. — Elisabeth surtou quando viu a aranha pronta para atacar. Ela não podia fazer nada sem antes calcular qual seria os movimentos do bicho. Gerald quem

tirou a pobre coitada e a matou. Eles ficaram furiosos comigo. Gerald quis me sufocar quando agarrou em meu pescoço, mas Elisabeth não permitiu. Eles estavam prontos para me levar de volta para o orfanato, mas uma amiga influente disse que eles não podiam me descartar como se fosse um lixo. Com medo da mulher colocar na mídia, não me devolveram para o orfanato, mas desse dia em diante, minha vida se tornou um verdadeiro inferno. Eles já não me dirigiam a palavra, depois disso, se quer me olhavam. Fingiam que eu não existia na casa. Elise se afastou de mim por um tempo. Ela tratava Beatrice como se fosse uma boneca de porcelana, mas com o passar dos dias, voltou a falar comigo.

— Até hoje eu não sei como minha mãe conseguia ser sua amiga. Você sempre foi uma pessoa desprezível. — Valentine concluiu com irritação.

— Mãe? — Riu sarcástica — Elise não podia ter filhos, querida. Nem isso ela era capaz de fazer por conta própria.

Valentine quis voar no pescoço de Clair e enforcá-la, mas se conteve.

— Anos se passaram nesta mesma rotina. No aniversário de 15 anos de Elise, ela conheceu um rapaz. Seu nome era Louis. Ele era pobre, coitado. E eu sabia que Gerald e Elisabeth jamais permitiriam esse relacionamento. Eu fiz de tudo para prejudicar. Tentei roubá-lo para mim, mas não deu muito certo. Ele me rejeitou. Minha única alternativa fora contar para meus pais queridos. Eles proibiram o relacionamento e o garoto fora obrigado a viajar para que não encontrasse Elise novamente. Elisabeth garantiu que ele jamais voltasse. Quando Elise fez 18 anos, viajou ao encontro de Louis, mas o mesmo já estava namorando e prestes a se casar com uma menina de sua escola. A pobre da Elise ficou muito mal, tadinha. Quando voltou, seus pais disseram que se ela voltasse a vê-lo, iria levá-la para muito longe. O tempo

passou, Elise fez 20 anos e em uma festa na capela onde Elisabeth e Gerald ajudavam ocasionalmente, estava Louis, mas a garota com quem ele iria se casar não estava com ele. Logo, descobrimos que ele não chegou a se casar e estava solteiro. Elise ficou radiante. Seus pais não permitiam que ela continuasse a vê-lo. Como ela já tinha idade suficiente para fazer suas próprias escolhas, fugiu com Louis para longe. Elisabeth e Gerald surtaram, mas não podiam impedir. Então, tomaram uma atitude drástica. Cortaram os laços familiares e Elise deixou de ser tratada como filha. Eu fiquei muito feliz com isso, pois finalmente poderia ter o lugar dela. De fato, eles se aproximaram mais de mim, mas não tanto quanto eu gostaria.

— Eles nunca foram capazes de te amar. — Valentine riu. Harry olhou para ela um tanto irritado e a mesma se calou desviando o olhar.

— O tempo foi passando e eu sempre contactava Elise, me passando por amiga verdadeira. Acabei descobrindo que ela não podia ter filhos e obviamente contei para meus pais. Nessa época, Beatrice sempre ia visitá-la as escondidas. Acredita que ela e Louis nunca tiveram a oportunidade de se conhecerem? Por terem 8 anos de diferença, viviam em mundos opostos. Mesmo sendo muito unidas, os nossos pais eram muito rígidos e colocavam Beatrice para estudar em horário integral. Deste modo, elas se viam poucas vezes ao dia. Então, nas poucas vezes em que Elise estivera com Louis, Beatrice estava estudando. Com 14 anos, Beatrice doou seus óvulos para Elise. Imagina ser mãe aos 14 anos? E ainda por cima, do namorado de sua própria irmã! — Clair quis provocar Valentine e conseguiu.

— Você não sabe que está falando! Beatrice não é minha mãe, não foi ela quem me gerou. — A menina concluiu evitando as lágrimas.

— Parece que alguém andou fugindo das aulas de biologia. — Clair zombou.

— Mãe, já chega! — Harry segurou na mão de Valentine e apertou um pouco.

— Só estou falando a verdade. — Afirmou rindo.

— Não viemos aqui para falar disso. — Harry afirmou com irritação.
— Agora me diz, como a senhora foi parar no orfanato?

Tal pergunta fez Clair estremecer. Ela não estava preparada para falar da parte mais obscura de sua vida.

— Eu — Sentiu um nó em sua garganta e respirou fundo. Uma hora ou outra ela teria que falar sobre isso. E já que não tem nada a perder, decidiu contar o segredo que tanto a assombrava. — Eu tinha quatro anos quando tudo aconteceu. Não tenho muitas lembranças claras daquele dia, mas lembro que estava tudo muito escuro, chovia muito e raios atravessavam a janela deixando a grande sala iluminada vez ou outra. Eu estava com muito medo e acredito que tinha alguém na casa, porque eu estava me escondendo. Em minhas mãos tinham uma faca muito grande e muito bem afiada. Eu conseguia ver meu reflexo nela. De repente, uma voz estremeceu toda a minha espinha. Eles estavam cada vez mais perto e eu morria de medo. A voz dizia: eu vou te pegar, sua vadiazinha filha da ȳ\$?%!ȳ. Era uma voz masculina e muito ameaçadora. Quando fui levantar para correr, uma mulher me agarrou por trás e eu gritava e esperneava muito. A faca estava em minhas mãos o tempo todo e acredito que eu cortei a mulher, porque ela me jogou com tudo no chão e gritou: eu vou te matar sua vadia nojenta. Eu sentia muita dor em todo o meu corpo. Quando ela se aproximou, me arrastei para o canto do cômodo escuro e me encolhi com a faca na mão. Ela sempre esteve em minhas mãos. Eu só via os olhos azuis penetrantes se aproximando, era ele. Ele me agarrou em seus braços e me jogou no chão. Eu chorei, porque estava doendo muito. Sua voz ecoou por toda a sala: cala a boca, sua vadiazinha. Eu

vou acabar com você de uma vez por todas. Eu senti todos os meus músculos se contraírem naquele instante. Suas mãos tocaram meu corpo dolorido outra vez e só lembro de dizer: não papai, não pai. Suas mãos grandes e calejadas envolveram o meu pescoço com muita força. Eu sentia todo o ar indo embora e tudo ficando ainda mais escuro a minha volta. Os olhos azuis me encaravam com muita fúria. Então eu levantei meus braços e a faca entrou em seu coração. Suas mãos soltaram meu pescoço e ele caiu agonizando no chão. Mas ela ainda estava lá. Correu até mim e tentou pegar a faca de minhas mãos, que eu puxei do coração dele. Eu fui mais rápida, me joguei em cima dela e cravei a faca em seu peito mais vezes do que eu podia contar. Eu estava ofegante, só parei quando ela não mais se debatia embaixo de mim. Mas ele ainda estava vivo. Então, repeti o ato com ele também. Assustada e toda ensanguentada, saí de cima dele e me encolhi em um canto. A faca sempre em minhas mãos. Ela sempre esteve em minhas mãos. Pouco tempo depois, uma enorme equipe estava na casa. Tinha sirenes para todos os lados e vozes ecoavam pelo escuro e vazio da casa. Eu estava em choque. Não me mexia, respirava com dificuldade e tremia muito. Foi quando eu escutei: lá está ela.

Em choque e completamente perdidos, Harry e Valentine encaram Clair atônitos e sem saber como reagir ou o que falar.

— Você matou seus pais, é isso? — Ele questionou em total desespero.

— Eu não sei o que eu fiz, Harry. Eu não lembro de mais nada daquela noite. Não me lembro o porquê eles estavam furiosos comigo porque queriam me matar. Eu não sei o que fiz. Fui encontrada cheia de sangue, com a faca na mão e em choque. Tinha digitais na faca e elas eram minhas. Não tinha nenhuma outra, só as minhas. Eles concluíram que fui eu. 39 facadas

nela e 55 nele. Eles disseram que era muita fúria e força para uma menininha de 4 anos. Eu era magra e pequena. Não tinha força. No momento, eu tive. Fui diagnosticada com esquizofrenia infantil e internada por um tempo. Depois fui levada para o orfanato, mas eu ainda fazia o tratamento. Eu só parei quando fui adotada.

— Então você imaginou tudo? Foi tudo psicose? — Harry questionou ainda atônito. Valentine se quer movia um músculo.

— Eu não sei, Harry. Realmente não sei se foi real ou se foi uma psicose da minha cabeça. Juro que não sei. Parecia real, eu via, ouvia e sentia.

Antes que ele pudesse fazer mais perguntas para sua mãe, o policial pegou a mesma pelo braço e disse que a visita havia acabado. Atônitos, ficaram mais um tempo sem dizer nada e em silêncio, saíram do presídio feminino.





≡

*Há muitas dores que São quase insuportáveis,
Mas nenhuma é mais forte que a da alma”.*

— Alessandro Boniolo

≡

Deitada sobre o corpo de Harry, Valentine acariciava o seu cabelo enquanto ele mantinha seu pensamento longe. Quando chegaram em casa, o garoto quis ir tirar satisfação com o pai a respeito de sua mãe, mas não o encontrou em casa, pois estava em um plantão urgente e só voltaria na manhã seguinte. Nada fazia sentido para ele. Se sua mãe tivesse esquizofrenia eles saberiam, certo? Na verdade, ele não tinha certeza. Só o seu pai poderia responder se é ou não possível Clair ter esquizofrenia desde a infância. Apenas isso explicaria seu ato de violência contra os pais. Como uma menina de 4 anos teve tamanha força e brutalidade? Claro, não era ela sozinha, certo? Ele não tinha como saber.

— No que tanto pensa? — Valentine fez o contorno do rosto de Harry com seu dedo e sorriu, quando finalmente o garoto olhou para ela.

— Você acredita que ela tem esquizofrenia? — Questionou angustiado. Tudo o que ele mais queria era descobrir o que houve com sua mãe.

— É difícil dizer, Harry, mas explicaria tudo, não acha? — A garota acariciou seu rosto com carinho para tentar fazê-lo relaxar.

— Se ela tivesse, saberíamos. — Afirmou. A verdade é que ele não quer admitir que sua mãe está doente. Mesmo ela tendo feito tudo o que fez, é sua mãe. A mulher que lhe deu a hipótese de viver feliz em outra família, que o impediu de viver com um trauma para o resto de suas vidas, ela o acolheu, deu amor e tratou como filho legítimo. Essa mulher não poderia ter esquizofrenia.

— Não dar para saber, Harry. Não somos médicos. — A garota afirmou. Ele se calou. Ela tinha razão. Eles não são médicos e ficar tentando solucionar um problema que eles não entendem não os levaria a lugar algum.

— Meu pai saberá me responder. — Disse por fim e respirou fundo. Valentine passou seu dedo indicador na covinha do queixo do garoto e sorriu. Ela estava tentando a todo custo fazê-lo relaxar.

— Não se preocupe com isso agora, Harry. Amanhã seu pai poderá tirar todas as suas dúvidas. — Ela beijou seu queixo. Ele a olhava atento e não conseguiu evitar um sorriso.

— Você é incrível! — Afirmou segurando-a pela cintura e invertendo a posição de ambos na cama. Valentine o olhou surpresa, mas logo sorriu.

— Não fiz nada de mais. — Concluiu por fim. O garoto afastou alguns cachos de seu rosto e acariciou sua bochecha.

— Tenho certeza que qualquer outra pessoa em seu lugar não faria o que fez por mim hoje. — Afirmou com um brilho em seus olhos. O garoto que tanto ama está de volta.

— Eu não sou qualquer pessoa. — Sorriu. Harry encostou sua testa na dela e sorriu.

— Tem razão. — Beijou seus lábios devagar e deitou a cabeça em seu peito. A garota mais uma vez sorriu e mergulhou seus dedos nos fios sedosos do garoto.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Na manhã seguinte, Harry fora o primeiro a acordar. Deixou Valentine dormindo e foi direto para sua casa. Ele precisava saber se sua mãe é ou não uma pessoa desequilibrada, e para isso precisa falar com o pai. Quando entrou em casa, o homem de quase meia-idade o encarou com uma expressão cansada em seu rosto. A noite havia sido longa.

— Bom dia, pai. — O garoto beijou a testa de seu pai. Um ato de respeito que ele o ensinou quando ainda era criança. É como se tivesse pedindo a benção. O homem cansado sorriu e repetiu o gesto confirmando a benção.

— Bom dia, meu filho. — Seu jaleco foi posto sobre as costas da cadeira e seus sapatos ao pé da escada.

— Fui ver a mamãe. — Suas palavras simples fez o homem ficar alerta.

— E sobre o que conversaram? — Questionou indo até o lavabo e lavando as mãos. Mesmo estando cansado, tinha um longo dia pela frente e só poderia dormir a noite. Finalmente havia conseguido uma folga do hospital.

— Ela matou os pais quando tinha 4 anos. — As palavras de Harry fizeram o homem se engasgar com a água que bocejava.

— O que disse, Harry? — Questionou visivelmente assustado.

— Pai, se a mãe tivesse esquizofrenia, nós saberíamos, certo? —

Questionou angustiado.

— Calma, Harry. É muita informação e eu nem digeri a primeira. — Ele caminhou até a mesa da cozinha e pediu que o garoto se sentasse. Uma longa conversa se seguiu, e Harry contou tudo o que Clair disse na penitenciária. Seu pai ficou em choque por algum tempo e quando enfim voltou a realidade, encarou os olhos aflitos de Harry.

— Saberíamos, pai? — O garoto voltou a questionar.

— É impossível que ela tenha esquizofrenia, Harry. Essa doença não tem cura e saberíamos se ela tivesse. Seu comportamento não seria nem um pouco normal. — O homem deu uma pausa — Sua mãe não seria a pessoa sensata que sempre acreditei que fosse, e uma pessoa com esquizofrenia não consegue manipular a personalidade tão bem assim. Essa doença mexe com a cabeça da pessoa. Ela não conseguiria distinguir o real do imaginário. Eu saberia se ela tivesse.

— Então eles se enganaram! Precisamos tirar ela de lá, pai. — O garoto respondeu aflito e impaciente.

— Harry, mesmo sua mãe não tendo esquizofrenia, ela cometeu um crime e ela precisa pagar por ele. — O homem afirmou com cautela.

— Mas pai, precisamos descobrir o que ela tem! Uma garota de 4 anos não mataria os pais por simples desejo. — Harry apertou as mãos do pai e suplicou com os olhos.

— É certo que ela tem algum distúrbio, mas esquizofrenia não é.

— Então, pai. O médico que atendeu ela na infância se enganou e precisamos descobrir o que a mãe tem. Não é justo que ela fique lá sem se entender. Ela está visivelmente transtornada e precisamos ajudá-la.

— Harry, ela cometeu um crime. — Seu pai reafirmou.

— Ela é minha mãe! E eu vou ajudá-la, pai. — Harry se levantou da mesa e ia dar as costas para o pai quando o mesmo segurou seu braço.

— Tudo bem, meu filho. Eu irei ajudar. — Ele puxou-o para um abraço. Ele não deixaria seu filho se arriscar sozinho. Se Clair tem algo, ele irá descobrir o que é.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

— Como assim sair da cadeia, Harry? — Valentine questionou após a notícia do garoto. Seu pai entrou em contato com o advogado da família, e em menos de uma hora, o ele afirmou que poderia tirar Clair da cadeia para refazer os exames, mas ainda assim, seria vigiada vinte e quatro horas por dia.

Valentine permaneceu olhando incrédula para o garoto a sua frente. Ela não estava acreditando que, mesmo depois de tudo, Clair seria solta.

— É só para fazer os exames, Valen. — O garoto afirmou tentando se aproximar dela. Ela deu um passo para trás e o encarou com angústia.

— Ela estará livre, Harry. Tem noção disso? — Questionou sem conseguir controlar as lágrimas. Era difícil crer que uma mulher como Clair estará livre como se não tivesse cometido crime algum.

— Ela será vigiada o tempo todo e estará sempre em casa ou no hospital. — Ele justificou. Valentine o olhou com irritação e limpou as lágrimas que caíam pela bochecha.

— E você acredita que isso a impedirá de sair fazendo maldade por aí? — Indagou irritada. Pela primeira vez desde que começaram o relacionamento, ambos estavam iniciando uma briga.

— Ela é minha mãe, Valentine. Tenho certeza que você faria o mesmo pela sua ou por Beatrice. — Harry jogou as palavras se arrependo logo em seguida. A garota respirou fundo, fechou os olhos e voltou a abrir.

— Não fala da minha mãe! Você não tem esse direito. — Gritou — Não era ela a louca nessa família.

Mais lágrimas caíam descontroladas. Pela primeira vez, Harry olhou para ela com irritação.

— Você também não tem o direito de falar sobre a minha. Ninguém sabe o que ela passou na infância e eu vou ajudá-la. — Afirmou firme, mas não gritou.

Assustada, Amy apareceu na sala com sua mochila nas costas e encarou os dois jovens a sua frente. 6 estão brigando? — Questionou querendo chorar. Valentine olhou para a pequena e tentou disfarçar uma lágrima. Beatrice logo apareceu também e tentou levar Amy consigo, mas a garotinha correu e abraçou Valentine pela cintura.

— Não chora, tine. Não gosto de te ver chorando. — A pequena respondeu triste.

— Está vendo o que você está prestes a fazer? Não achou muito o que sua mãe causou a Amy e até a você mesmo? — A garota voltou a cuspir as palavras. Beatrice permaneceu em silêncio. Ela sabia que se falasse algo, poderia piorar ainda mais as coisas.

— Você não entende, Valentine. Ela é minha única família agora. — E sem dizer mais nada, o garoto saiu de sua casa e bateu a porta de entrada com força. Beatrice encarou a jovem com preocupação. Sem dizer nada, correu até a mesma e abraçou-a apertado. Amy ficou no meio, tentando não chorar junto.

— Vai ficar tudo bem, minha menina. — A mulher afirmou afagando seu cabelo.

Por um longo tempo, ficaram assim. Paradas no meio da sala se abraçando. Quando a jovem se acalmou, ela se afastou e limpou suas últimas lágrimas.

— Melhorou, tine? — Amy questionou olhando pra cima. Valentine se abaixou para ficar do seu tamanho e beijou sua bochecha.

— Eu te amo! Muito! — Foi a única coisa que a garota disse antes de abraçar a pequena com carinho. Ela não acreditava que o monstro que causou tanto mal a sua família estaria livre por aí. E ela também não conseguia acreditar que Harry aceitava isso. E também não conseguia acreditar que tinham brigado pela primeira vez.

— Eu também te amo, tine. — A pequena respondeu com a voz abafada.



Quando chegou em casa, Harry foi direto para seu quarto batendo a porta com força atrás de si. Seu pai até tentou conversar com ele, mas o mesmo pediu para ficar sozinho. Ele estava irritado por Valentine não o apoiar, mesmo depois de tudo o que ele fizera por ela. Como ela não entendia que era de sua mãe que estavam falando? Sua única família e ela não entendia? Porque ela simplesmente não podia ficar do lado dele? Ele sempre estivera ao lado dela sem questionar.

O garoto jogou alguns livros de sua estante no chão e sentou com raiva. Seus olhos estavam vermelhos e seu coração acelerado. Ele nunca havia brigado com Valentine antes, mas para tudo se tem a primeira vez, certo? Eles não iriam concordar em tudo sempre.

O garoto olhou para sua cômoda e viu o porta-retrato com uma foto dele e Valentine. Sua vontade fora quebrar e rasgar a foto. Mas ele sabia que iria se arrepender depois, por isso, apenas abaixou o objeto e colocou a cabeça entre os joelhos.

Quando seu pai voltou a bater na porta, ele apenas ignorou. Ele não queria conversar e não iria abrir a porta. Sua frustração não havia passado e sua raiva muito menos. Se abrisse a porta, poderia tratá-lo mal.

Depois de algum tempo, o garoto saiu de seu quarto e fora conversar com o pai. Ele disse tudo o que Valentine dissera. Seu pai o aconselhou dizendo que fosse conversar com a garota. E ainda disse que a atitude da garota não fora insensata. Era errado ele querer o apoio da garota depois de tudo o que sua mãe fizera. É claro que ele não estava dando razão a ela. Só estava tentando fazê-lo entender que Valentine apenas está com medo do que Clair possa fazer. Todos sabem que ela é uma mulher cruel e capaz de qualquer coisa. Não seria todos que iria entender sua atitude de ajudar a mãe.

Depois da conversa com o pai, o garoto se viu tentado a ir conversar com a garota, mas decidiu esperar até que não estivesse mais com raiva, ou iriam brigar novamente.

Enquanto isso, Beatrice tinha a mesma conversa com Valentine. Disse que apesar de tudo, Clair era a mãe de Harry. A mulher que o tirou do orfanato e o deu um lar, uma família e muito amor. Ele jamais deixaria de ajudá-la mesmo depois de tudo o que ela os causou. Porque mesmo ela tendo feito o que fez, continuava sendo sua mãe. E o garoto se sentia grato por tudo o que os pais o deram. Ele não a abandonaria agora.

Ela também pensou em ir conversar com ele, mas preferiu deixar sua raiva passar.



New York, 1980.

Passado de Clair.

A noite estava fria e escura, os raios e trovoadas anunciavam que logo iria cair uma forte tempestade. No pequeno quarto cor de rosa, se encontrava uma miniatura encolhida entre sua cama de princesas e a cômoda de mesma cor. Vez ou outra, fungava baixo para que seus pais não escutassem. No cômodo ao lado, os dois adultos discutiam aos berros. Eles nem mesmo faziam questão de disfarçar ou abafar seus gritos.

A garotinha tampava os ouvidos cada vez que os gritos invadiam seu quarto. O pequeno cômodo estava iluminado somente com um abajur cor de rosa — sua cor favorita — e com a fresta de luz que vinha de sua porta entreaberta.

— Você pensa que é fácil para mim? — A mulher berrou no quarto ao lado. — Eu não suporto aquela aberração tanto quanto você!

— Você que quis engravidar! — Ele berrou de volta.

— Mas eu não a fiz sozinha! — Ela deu uma pausa melancólica e soltou uma risada em escárnio — A parte louca da família não é a minha, querido Albert.

— Minha mãe não é louca! — O homem cobriu o rosto em frustração — Ela só tem transtornos de personalidade.

— Para mim isso é ser louca! — Concluiu com uma expressão de enjoo. Para ela, sua filha era uma aberração que merecia a morte.

— O que quer que eu faça, Andie? — O homem questionou furioso. Já estava cansado de tanto discutir e só queria um pouco de paz.

— Mate a peste e nossas vidas estarão resolvidas! — Disse baixo. Dessa vez ela não queria que a menina escutasse o que fariam com ela.

Em seu quarto, Claire travava uma luta interna entre ela e sua outra personalidade.

— Saí da minha cabeça! — A garotinha gritou assustada. Ela não entendia o que estava acontecendo e tampouco porque seus pais a odiavam.

— Eles vão te matar, garota estúpida. — Uma voz grossa e firme falou, aparentemente em sua cabeça. Ela não conseguia controlar as vozes que a faziam ser outra pessoa. Uma pessoa que ela própria tinha medo.

— Você não pode me obrigar, você não pode me obrigar! — A garotinha sussurrava apavorada. Quem era a pessoa que falava dentro de si e tomava posse de seu corpo?

— Sua estúpida, eles vão te matar! — A voz tornou a dizer e aterrorizar. Agoniada, Claire saiu correndo de seu quarto e fora para a sala. Em silêncio, se escondeu atrás da bancada da cozinha americana — que dividia a cozinha e a sala — e olhou para ver se vinha alguém.

— Claire, lindinha. Onde está você? — Uma voz masculina predominou o ambiente escuro. Ela sabia que era seu pai. Ele não a faria mal algum, ou faria?

— Ela está escondida em algum canto. Já olhei no quarto. — Foi sua mãe quem falou e a fez tremer. Por algum motivo, tinha medo da presença de sua mãe.

— Eu vou te achar, lindinha. — Seu pai voltou a dizer.

O pequeno corpo de Claire tremia compulsivamente e ela não conseguia controlar. Devido à tremedeira, seu corpo caiu no chão frio e parou

estático no chão. Quase que imediatamente, seus olhos se abriram mais azuis que o normal. Seu reflexo rápido a fizera levantar e olhar a sua volta. Agora não era mais uma garotinha indefesa, mas sim uma fera pronta para atacar.

Com agilidade e sem ser vista, a garota pegou uma faca na bancada e olhou para seu reflexo na mesma. Ao se ver, riu sem dentes e passou o dedo na lâmina afiada. Ela sabia que cortaria, mas não sentiu a dor. O sangue escorreu por seu dedo, causando a sensação que predominava a sua mente sempre que estava no controle: morte.

Preparada para o ataque, olhou para o cômodo escuro a sua volta e os viu se aproximar.

— Já chega de bancar o bonzinho, Albert. Mostra para essa fedelha quem é que manda. — Ela respondeu com irritação.

— Eu vou te pegar, sua vadiazinha filha da ;\$?%!;. — O homem disse assumindo sua verdadeira face. A garota riu novamente e continuou em seu esconderijo. De repente, seu corpo voltou a tremer e oscilar entre suas duas personalidades. Quando a garotinha sensível e assustada voltou a ter o controle, sua mãe puxou-a por trás. A garota começou a espernear, com medo de sua mãe. No meio da luta, a faca cortou o pulso de sua mãe. O sangue escorreu por seus braços pequenos.

— Eu vou te matar, sua vadia nojenta. — Ela disse com fúria e arremessou a criança ao chão com muita brutalidade. Ela sentia muita dor em todo o seu corpo. Quando a mulher se aproximou, se arrastou para o canto do cômodo escuro e se encolheu com a faca na mão.

De onde estava, ela só via os olhos azuis penetrantes se aproximando, era ele. Seu pai agarrou-a em seus braços e a jogou no chão. Ela chorou porque estava doendo muito. A voz de seu pai ecoou por toda a sala:

— Cala a boca, sua vadiazinha. Eu vou acabar com você de uma vez por todas. — A garotinha sentia todos os seus músculos se contraírem naquele instante. As mãos firmes tocaram seu corpo dolorido outra vez, em total desespero, ela gritou:

— Não papai, não pai. — Seu corpo inteiro tremeu outra vez paralisando-a por completo. Lá estava a fera outra vez. Com muita raiva. Dessa vez, pronta para matar. As mãos grandes e calejadas de seu pai envolveu o seu pescoço com muita força. Ela sentia todo o ar indo embora e tudo ficando ainda mais escuro a sua volta. Os olhos azuis a encaravam com muita fúria. Então, com sua força brutal, agarrou os braços de seu pai e cravou a faca em seu peito. O homem soltou seu pescoço e caiu agonizando no chão, mas a mulher ainda estava lá. Correu até a garota e tentou pegar a faca de suas mãos, que ela puxou do coração dele.

A garota em fúria foi mais rápida, se jogou em cima dela e cravou a faca em seu peito mais vezes do que podia contar. Ela estava ofegante, só parou quando sua mãe não mais se debatia embaixo de si, mas ele ainda estava vivo. Então, repetiu o ato com ele também. Olhou para ambos os corpos no chão e deu um sorriso diabólico e satisfeito.

Seu corpo inteiro tremeu e paralisou, segundos depois, Claire estava de volta a cena aterrorizante. Assustada e toda ensanguentada, se encolheu em um canto. Pouco tempo depois, uma enorme equipe estava na casa. Tinha sirenes para todos os lados e vozes ecoavam pelo escuro e vazio da casa. Claire estava em choque. Não se mexia, respirava com dificuldade e tremia muito. Foi quando a voz ecoou pela sala:

— Lá está ela. — Era um oficial da polícia. Seus olhos escureceram e não viram mais nada.



Filadélfia, 2018.

Trinta e oito anos depois/ Dias atuais

Quando a noite chegou, lá estava Harry na porta da casa de Valentine. Quem atendera fora Beatrice que logo o recebeu como das últimas vezes. Sem precisar perguntar, a mulher disse que a menina estava em seu quarto. A passos lentos e cuidadosos, ele caminhou até o quarto de porta amarela com um girassol.

Por alguns minutos, permaneceu parado, apenas observando a porta. Quando por fim decidiu girar a maçaneta, a garota abriu a porta ao mesmo instante. Seus olhares se cruzaram e nada fora dito. Apenas se conversavam através de seus olhos. Sem tempo para o garoto reagir, Valentine o abraçou apertado e então chorou. Harry a abraçou de volta e na mesma intensidade.

— Me desculpe! — Ambos disseram ao mesmo tempo. O garoto a afastou do abraço e segurou em sua mão, entrando em seu quarto e fechando a porta em seguida. Eles precisavam muito dessa conversa.

— Eu sei que fui injusta com você, me desculpa. — A garota tornou a dizer. Ele cobriu seus lábios com seu dedo e sorriu.

— Eu também errei, Valen. Sei que minha mãe causou muito mal a todos nós e sei que você está com medo do que ela possa fazer. — Valentine abaixou a cabeça e olhou para seus pés. No mesmo instante, lembrou de sua conversa com Beatrice. O garoto segurou em seu queixo e levantou sua cabeça.

— Ela é sua mãe e você tem todo o direito de querer ajudá-la. Eu entendo, Harry. — Disse por fim. Ele sentou em um dos puffs postos no quarto da garota e a puxou para sentar em seu colo, com uma perna de cada lado de seu corpo.

— Também entendo sua insegurança. — Segurou em suas mãos e começou a fazer carinho com seus polegares. — Eu não vou deixar ela te fazer mal, ou a qualquer um dessa casa. Ela será sempre vigiada, meu amor. — Afirmou sem parar o carinho.

— Seja qual for sua decisão, eu estarei ao seu lado. — Afirmou encostando sua testa na dele. Ambos sorriram. Havia passado por tantas coisas. Não podiam simplesmente deixar uma briga destruir o que tinham. Não depois de tudo que precisaram enfrentar.

— Você é o amor da minha vida, sabia? — Ele questionou olhando em seus olhos cor de avelã.

— E você é meu amor todinho. — Sussurrou. Ambos estavam tão próximos que seus lábios quase se tocaram. Harry encostou seus lábios nos dela em uma pequena carícia, como se quisesse sentir e memorizar cada sentimento. Sem pressa, seus lábios começaram a se movimentar sobre os de Valentine. Um beijo calmo, doce, cheio de carícias e sentimentos fora iniciado de imediato.

Os braços dela envolveram seu pescoço, enquanto suas mãos passeavam pela lateral de seu corpo, indo parar em sua cintura. Como se ainda fosse possível, puxou ela mais para si e intensificou o beijo. Apenas se afastaram em busca de ar. Com suas testas unidas e respirações desreguladas, sorriram um para o outro.

— Quando ela vem? — Foi Valentine quem questionou.

— Acredito que amanhã. — Afirmou e mergulhou seus dedos em seus cachos.

— Tão rápido assim? — Questionou tensa.

— Fique calma, ela não fará mal algum. Não iremos permitir. —

Garantiu voltando a beijar seus lábios.

Leves batidas foram dadas na porta e a mesma fora aberta. Amy colocou apenas a cabeça para dentro do quarto da garota e perguntou se podia entrar.

— Pode sim, meu amor. — Valentine respondeu. A garotinha correu e se juntou ao casal.

— Vocês não estão brigando, né? — Questionou intercalando seu olhar entre os dois. Ambos sorriram.

— Não, só estamos conversando. — A garota respondeu novamente.

— Que bom! Porque eu não gosto de te ver chorar, tine. — Assumiu e abraçou a cintura da irmã. Valentine pegou-a no colo — mesmo estando sentada no colo de Harry — E beijou sua bochecha.

— Eu te amo tanto, sabia? — Valentine não tinha ideia de como iria contar a Amy que logo Clair estará de volta. Ao se lembrar das crises e do trauma que ficou com a garotinha, temeu o que pudesse acontecer.

— Eu te amo mais! — Respondeu com os olhos brilhando.

— Mais que eu? — Harry entrou na conversa e a pequena olhou para ele.

— Mais que você. — Respondeu firme fazendo o garoto rir.

— Você é muito esperta, sua sapequinha. — O garoto apertou seu nariz. Valentine saiu de seu colo e beijou a testa da irmã mais nova.

— Nos espere lá com a mamãe, tudo bem? — Questionou colocando a pequena no chão.

— Vocês vão namorar? — Questionou olhando de um para o outro.

Harry riu alto e Valentine sorriu com a bochecha vermelha.

— Só vamos conversar, meu amor. — Respondeu por fim. A pequena deu uma última olhada para Harry e então saiu do quarto saltitando. Valentine se jogou em sua cama e soltou um suspiro.

— O que foi? — Ele questionou deitando sobre seu corpo sem apoiar o peso.

— Tenho medo da reação dela, só isso. — Afirmou o olhando. As mãos do garoto acariciou sua bochecha.

— Vai ficar tudo bem. — Afirmou e beijou seus lábios.

Assim eu espero.

Valentine pensou.





_____ ≡ _____

... afinal, o amor é isso.

Um pelo outro, não importa

O que aconteça.

_____ ≡ _____

Enquanto é conduzida por Harry, Clair observa toda a sua casa em busca de algo semelhante à quando ela estava em casa, mas nem tudo está como ela havia deixado. Seu esposo nunca fora muito bom em organização e Harry nunca precisou fazer isso, já que sua mãe nunca o deixou ajudar na arrumação da casa. Ela dizia que poderia cuidar de tudo sozinha.

Vidrado em sua mulher, o homem observava atento a todo momento, enquanto fica imaginando como fora se deixar enganar por ela. Quem iria imaginar que uma mulher tão calma e amorosa iria causar tudo isso?

Por um instante, Clair pareceu distante e confusa. Olhou para Harry e tentou assimilar tudo o que estava acontecendo. Naquele momento, era a menina indefesa e assustada á olhar para seu filho. Em seus olhos, não mais existia a mulher fria e calculista.

— Você está tão diferente, Harry. — Ela afirmou Analisando cada detalhe seu. Sem entender, ele apenas assentiu.

— A senhora deve estar cansada, não é mesmo? — Questionou

olhando firme em seus olhos. Ele mal sabia o que de fato estava acontecendo.

— Cansada? Por que eu estaria cansada, meu filho? — Clair olhou para ele e tentou entender o que estava acontecendo.

— Mãe, o que está acontecendo? — Neste instante, seu pai se aproximou e pediu para o garoto se afastar um pouco. O pouco que havia estudado sobre o estado de saúde de sua esposa, o ajudou a identificar o que poderia estar acontecendo.

— Clair, você estava na cadeia. Se lembra disso? — O homem olhou em seus olhos azuis e procurou vestígios de uma provável atuação da mulher, mas não encontrou nada além de confusão.

— Por que eu estava lá, querido? O que eu fiz? Foi ela, não foi? Eu não consegui deixá-la partir, é mais forte do que eu! — Clair estava começando a perder o controle de suas emoções. Em algum momento, ela sabia que não era mais ela. No entanto, nunca tivera o controle de si própria.

— Do que você está falando, Clair? — O homem questionou confuso e frustrado. Harry apenas observa atento. Eles não mais reconheciam a mulher de alguns dias atrás. Naquele momento, era a Clair que eles conheciam antes de toda essa confusão começar.

— Ela tem o controle — sua voz vacilou por um tempo — Ela sempre teve o total controle.

Sem conseguir assimilar o que Clair dizia, seu esposo decidiu aplicar um sedativo. Dentro de algumas horas, eles precisariam ir á consulta marcada, mas ele não podia deixá-la descontrolada como estava.

Harry observou o que o pai fazia em total silêncio. Sua mente estava uma bagunça total e ele não conseguia compreender o que estava acontecendo com sua mãe.



Já havia se passado longos minutos desde quando colocaram Clair em uma sala branca, completamente sozinha e sem objetos que ela pudesse usar para se ferir. Ela ainda permanecia confusa e sem entender o que se passava ao seu redor. Muito menos compreendia o motivo para estar sendo tratada como uma doente mental.

Os médicos observam através do falso espelho onde a mulher se observava constantemente. 5umas vezes chegavam o rosto tão próximo ao espelho que até parecia que podia vê-los. Para ela, era apenas um espelho. Eles tinham total noção de que, se ela tivesse um surto, poderia usar o espelho para se machucar. No entanto, tudo estava sob controle. Clair permanecia assustada, confusa e desorientada. Não sabia dizer o mês ou dia em que estavam.

Do outro lado, Harry e seu pai observava junto aos médicos tudo o que a mãe fazia. Quando enfim começaram a fazer perguntas, a mulher pareceu ainda mais desorientada.

— Clair, precisamos saber o que aconteceu em 1980. Você sabe nos dizer? — O médico questionou. Clair olhou a sua volta em busca da voz e não achou nada além do vazio.

— Eu não fiz nada! — Clair começou a tremer compulsivamente. Assustada, tentou conter suas mãos. Dentro de si, uma voz grita em busca de liberdade.

— Só queremos entender o que aconteceu naquela noite, Clair. Você pode nos dizer? — Sua tremedeira aumentava a cada instante e os médicos logo puderam notar. Eles queriam identificar quem estava no controle e o que acontecia quando ocorria a troca de personalidade. Naquele momento, eles

sabiam que alguém queria sair. Só não sabiam se era a Clair ou a identidade que se apossava dela.

— Eles queriam me matar! — Ela disse. Eu não tinha o controle, eu nunca tive. Ela sempre me dominava e fazia o que eu não queria. Era mais forte e mais inteligente. — Sua voz começou a falhar e assumir uma nova tonalidade. Seu corpo tremia e se enrijecia cada vez mais. Quando ia falar que a sentia sob controle, seu corpo caiu estático sobre a mesa branca.

— O que está acontecendo? — Harry questionou assustado. Seu pai o abraçou de lado e tentou passar segurança.

— Suponho que temos outra personalidade aqui. — O médico respondeu olhando para o garoto. Quando olharam para a sala novamente, Clair os olhava com um sorriso diabólico. Seus olhos azuis estavam mais intensos e sua face parecia mais rígida. Não era mais a mulher assustada.

— Eu posso vê-los — Sorriu — Eu vou acabar com todos vocês.

Convictos de que não era Clair naquele corpo, três enfermeiros entraram na pequena sala e aplicaram um sedativo.

— Pai, o que vão fazer com ela? — Harry segurava as lágrimas a todo custo. Ele não conseguia ver sua mãe sendo tratada daquela maneira. Por mais que ela estivesse doente e precisasse daquilo, ainda era sua mãe ali.

— Ela precisa fazer alguns testes e exames complicados, querido. — O homem afirmou aflito. — Ela está em boas mãos. Vai ficar tudo bem!

Sem conseguir segurar as lágrimas por mais tempo, Harry chorou como um garotinho que precisava de colo. Seu pai o amparou enquanto repetia a todo instante que tudo iria ficar bem.



Duas semanas depois

Depois de todo o ocorrido com sua mãe, Harry mal via Valentine. A garota sabia que ele precisava se dedicar e ajudar sua mãe. Também sabia que toda a situação era complicada para ele. No entanto, tudo o que ela mais queria, era estar ao seu lado, mas o garoto não parecia querer ela por perto. Não porque estava chateado, mas, porque não queria que ela o visse tão fragilizado. Ele sempre fora tão forte, sempre sorria, sempre dizia que tudo iria ficar bem. Todavia, estava tão fraco emocionalmente que nem mesmo ele se reconhecia mais.

Dentro de poucos dias, seria aniversário de Valentine. Finalmente estaria completando seus dezesseis anos. Mas, no fundo, a garota temia que Harry não se lembrasse. Por um lado, ela entendia se ele esquecesse, por outro, ficava triste por imaginá-lo tão distante. O relacionamento andava um pouco abalado e ela sabia disso, mas não estava preparada para perdê-lo.

Valentine saiu de seus devaneios após ouvir algumas batidas em sua porta. Ela reconhecia aqueles toques suaves de longe. Enquanto terminava sua trança lateral para que pudesse ir dormir, autorizou a entrada de Beatrice. A mulher abriu a porta devagar e entrou em seu quarto em silêncio. Por um momento, permaneceu apenas observando. Quando a garota enfim terminou sua trança, levantou de sua penteadeira e foi se sentar em sua cama. Sob o olhar de Beatrice, puxou a coberta até sua cintura e apoiou a cabeça nos montes de travesseiros em sua cama. Com passos curtos, Beatrice se aproximou e sentou-se na beirada de sua cama.

— Quer me dizer o que tanto perturba esse coraçãozinho? — Questionou e logo entrelaçou seus dedos entre os da garota. Um gesto que lhe acalmava sempre que estava angustiada.

— Por que ele me afasta? Eu só queria estar com ele agora. Sei que

está sofrendo e queria ajudar. — Afirmou angustiada. Não precisava dizer de quem estava falando. Beatrice sabia que se tratava de Harry.

— Valen, algumas pessoas não sabem lidar com suas emoções e fraquezas. Em alguns casos, preferem se isolar. Não significa que ele não te queira por perto. Ele só não sabe lidar com tudo isso e provavelmente não quer que você o veja fragilizado.

Beatrice permanecia com sua mão entrelaçada a da menina e a olhava com carinho.

— Por que ele faz isso? Já me viu em situações assim, ou até piores. — Afirmou com um nó em sua garganta.

— Lembra como você lidava com suas frustrações e perdas? — A mulher questionou.

— É diferente, Bea. — Valentine desviou o olhar. Ela sabia que não era tão diferente assim.

— Diferente por quê? — A mulher quis saber. No fundo, só estava ajudando a menina compreender o que estava acontecendo. Valentine voltou a olhar em seus olhos.

— Porque todos morreram — Sentiu um nó em sua garganta — A mãe dele está viva.

— Querida, é egoísmo de sua parte pensar assim. As pessoas reagem de maneiras diferentes aos seus problemas, sejam eles qual forem. Harry também perdeu seus pais, se lembra disso? Essa é a única família que ele tem, meu amor.

Com as palavras de Beatrice, Valentine não teve o que dizer. Ela sabia que a mulher estava certa por isso, chorou.

— Não quis ser egoísta. Eu só pensei que poderia ser diferente, mas você tem razão. Não é diferente. — Afirmou ainda mais angustiada. Beatrice deitou-se ao seu lado, cobriu-se e voltou a entrelaçar suas mãos á da garota.

— Eu sei, meu amor, mas precisamos tomar cuidado, pois não sabemos o que se passa no coração das pessoas. Nenhum problema é pior ou menos pior que o outro. — Ela limpou suas lágrimas. — Eu sei que você sente falta dele e que quer ajudá-lo. Que tal ir ao hospital amanhã? Ele vai gostar da sua visita.

Valentine virou de lado e olhou em seus olhos azuis.

— Você acredita que ele vai me querer por perto? — Questionou insegura.

— O amor de vocês são tão lindo e forte, minha menina. Ele te quer por perto, só não sabe dizer. Assim como você não sabia. — Afirmou. Por um instante, soltou sua mão e voltou a limpar suas lágrimas.

— Obrigada, Bea. — Deu uma pausa — Principalmente por nunca ter desistido de mim. — Sussurrou a última parte.

— Eu nunca desistiria de você, minha menina. — Beijou sua testa.

— Te amo! — Sussurrou de volta. Beatrice sorriu e puxou-a para perto de si para abraçá-la.

— Te amo, meu amor. Tanto que você nem imagina. — Afirmou.

— Dorme aqui hoje. — Pediu com o rosto próximo ao seu peito. Após Beatrice afirmar que dormiria com ela, ouviram a porta abrir e uma figura pequena entrar no quarto.

— Mamãe, você está aí? — Amy chamou e se aproximou arrastando sua manta atrás de si e abraçando seu urso favorito.

— Vem aqui, amorzinho. — Valentine ajudou a subir na cama e a colocou deitada no meio ajeitando sua manta e seu ursinho.

— Tive um pesadelo com a mamãe do Harry. Ela vai voltar?

— Questionou tremendo um pouco. As duas lhe abraçaram e permaneceram assim por um tempo.

— Ela não pode mais te fazer mal, docinho. — Beatrice afirmou. Desde a que a pequena soube que a mulher estava de volta, começou a ter pesadelos e acordar no meio da noite.

— Nunca mais? — Questionou já sonolenta e se aconchegado no meio das duas. Por fim, fechou os olhos e esperou a resposta antes de cair no sono.

— Nunca mais. — Valentine sussurrou e beijou sua bochecha. Poucos minutos depois, a pequena já dormia feito anjo. Aproveitando, Valentine procurou a mão de Beatrice e logo entrelaçou na sua. A mulher sorriu e também fechou os olhos para dormir.



No dia seguinte, Beatrice foi com Valentine ao hospital. Assim que chegou no local, a menina varreu o local com seus olhos e não o encontrou pela recepção. Quando encontrou seu pai vindo encontrá-las, ficou feliz por se deparar com um rosto conhecido.

— É tão bom vê-las aqui — Em um pequeno impulso, o homem abraçou Beatrice e se refugiou em seu abraço. Passar tanto tempo no hospital e fazendo de tudo para se manter forte por Harry o estava deixando cada dia mais fragilizado. Pensando nisso, e também em toda a situação que os cerca, Beatrice decidiu retribuir o abraço, mas logo o frágil médico pareceu sair da nuvem escura que o cercava e voltou a assumir sua postura séria de quem

sempre está no controle.

— Me desculpe por isso. — Tratou de se desculpar evitando olhar em seus olhos, uma vez que, a situação fora constrangedora o suficiente. Se Clair os visse, aí sim as coisas poderiam se complicar.

— Não há com o que se preocupar. Sr. — Beatrice sorriu. Sem conseguir evitar, ele se viu reparando em seu sorriso doce e singelo.

Confusa, Valentine apenas os observava atenta e nada dizia. Até que, finalmente seu olhar cruzou com Harry do outro lado do corredor. O garoto devolveu o olhar, e, por um momento, tudo pareceu parar ao redor deles. Como se estivessem em câmera lenta, ambos deram um passo a frente. Quando enfim estavam um de frente para o outro, a emoção falou mais alto e o garoto puxou-a para um abraço apertado e cheio de entrega. Sem poder mais controlar, simplesmente chorou.

Chorou por toda a carga emocional que o cercava e por ter afastado a garota que tanto amava de si. Ele sabia que tinha feito isso, mas simplesmente não podia jogar tudo em cima dela. Não sabendo por tudo o que ela passou. O que ele não sabia, era que, assim como um dia esteve, ela sempre estaria ali para ele. Afinal, o amor é isso. Um pelo outro, não importa o que aconteça.

— Ah! Valen... — Sua voz embargada pelo choro falhou por um momento. Era a segunda vez que o via chorar, mas era a primeira vez que o viu tão fragilizado. Como um menininho que precisa de colo, e talvez fosse o que Harry tanto precisava naquele instante.

— Está tudo bem! — Seus dedos tocaram seus lábios trêmulos por alguns instantes — Não diga nada, eu estou aqui. Sempre estarei.

Ambos encostaram suas testas e assim permaneceram por bastante

tempo. Apenas se olhavam e memorizavam cada olhar, expressão e sentimento. Beatrice tinha razão afinal, Harry precisava e a queria por perto. Só não sabia como dizer.

— Eu te amo, Harry. — Afirmou sem deixar de olhar em seus olhos. Por um momento, abaixou seus olhos para a covinha em seu queixo que tanto ama. Beijou suavemente e o olhou profundamente. — Mesmo que me afaste, eu estarei aqui. Você sempre esteve por mim, agora é minha vez. — A garota afirmou sem quebrar o contato que haviam criado desde que se encontraram. Emocionado e sem conseguir responder, ele só conseguiu se aproximar mais de seu rosto, olhar para seus lábios e sorrir. A garota retribuiu o sorriso, ficou nas pontas dos pés e cobriu seus lábios quentes e macios em um beijo suave. Harry movimentou seus lábios e logo aprofundou o beijo intenso e cheio de entregas. Mesmo que se beijassem mil vezes, sempre seria como se fosse o primeiro beijo. Puro, apaixonado, suave e cheio de amor.

Segurando em sua cintura, ele a puxou mais para si e continuou a sincronia que era beijá-la.

— Ownn, são tão fofinhos esses dois — Foi Beatrice quem quebrou o encanto e barreira que ambos haviam criado. Eles se afastaram ofegantes e uniram suas testas. Constrangida com o comentário, Valentine abriu seus olhos e se afastou um pouco.

— Só você para tirá-lo dessa bolha que o mesmo se afundou. — Seu sogro afirmou. O mesmo estava ao lado de Beatrice e sorria para o casal apaixonado.

— Pai, vai deixar ela com ainda mais vergonha. — Harry afirmou envolvendo sua cintura e a abraçando por trás.

— Vocês formam um casal tão, cute que dá até vontade de guardar

em um potinho. — Beatrice afirmou fazendo com que Valentine escondesse o rosto na curva do pescoço de Harry. Ambos riram de sua timidez.

— Filho, aproveita e vai comer algo. Você está há dias sem se alimentar corretamente. — Seu pai advertiu. Sem pensar duas vezes, Valentine segurou em sua mão e o levou para a lanchonete do hospital.



Alguns dias depois

O aniversário de Valentine finalmente havia chegado. Bem cedo, seu despertador tocou e a garota acordou sentindo vontade de tacá-lo o mais longe possível. Um pouco impaciente, se sentou na cama e desligou o aparelho irritante que berrava sem parar. Antes que pudesse se levantar, Beatrice entrou em seu quarto cantando parabéns e com um bolo em suas mãos. Amy entrou logo atrás jogando alguns confetes por toda parte. Atordoada e em meio ao sono, Valentine demorou para processar o que estava acontecendo. Era seu aniversário e ela havia se esquecido.

— Feliz aniversário, meu amor. — Beatrice declarou ao sentar na beirada de sua cama e mostrar o bolo de chocolate feito especialmente para ela. Amy demorou alguns segundos para finalmente conseguir subir na cama e sentar ao lado da irmã para jogar os últimos confetes.

— Eu não sei nem o que dizer — Valentine respondeu emocionada.

— Você não tem que dizer nada, meu amor. — A mulher sorriu para a mesma — Fizemos com muito carinho para você.

— Ficou tudo muito lindo, Bea. — Ela respondeu admirando seu nome escrito no bolo, alguns corações e girassóis para enfeitar. — É o bolo mais lindo que já vi.

— Eu também ajudei, tine. — A pequena logo se pronunciou alegre — Fiz esse coração aqui e a mamãe me ajudou com todos esses girassóis.

Sem conseguir segurar a emoção, Valentine simplesmente chorou. Ela jamais imaginou que pudesse receber tanto carinho em seu aniversário outra vez.

— Você não gostou, tine? — Amy questionou sem entender suas lágrimas. A garota segurou-a no colo e beijou a ponta de seu nariz.

— Eu adorei, meu amor. Ficou tudo muito lindo. — Afirmou olhando para Beatrice. A mulher devolveu um sorriso radiante e se juntou as suas duas pérolas para abraçá-las.

— Feliz, dezesesseis anos, minha menina. — Beatrice beijou sua face com carinho.

— Mamãe, quanto é dezesesseis? — Amy quis saber.

— É quatro vezes quatro, meu docinho. — Respondeu apertando sua bochecha.

— Falta muito para mim, fazer tudo isso? — Amy voltou a questionar arrancando risada das duas.

— Bastante, sapequinha. — Valentine respondeu. Se dando por vencida, a pequena foi até o bolo e tentou pôr seu dedo.

— Quem tem que cortar é a Valen, meu amor. — Sem pensar duas vezes, a pequena puxou a coberta de sua irmã e a puxou pelo braço. Mais uma vez, todas riram. Em seu pensamento, Valentine desejou que Harry também estivesse com ela neste dia tão especial, mas o garoto estava com sua mãe. Triste, pensou que ele não se lembraria que era seu aniversário. Todos os dias, ela ia vê-lo e dizer que estava com ele para tudo. Tinha momentos em

que Harry não parecia compreender que a garota estava com ele. Sua preocupação com a mãe estava acabando com sua saúde mental.

Tentando não se sentir mal por Harry não estar presente, Valentine escovou seus dentes e fora tomar café da manhã com Beatrice e Amy que já não resistia mais ao bolo tão delicioso preparado por sua mãe. Até Valentine não conseguiu resistir, mesmo após o segundo pedaço. Por alguns instantes, até se esquecera que estava triste por não ter Harry ao seu lado. Era egoísmo pensar assim? Ela não sabia ao certo o que pensar. Se sentia mal pela distância do namorado, mas o entendia e não podia se sentir assim. Ainda mais por tudo o que ele estava enfrentando, mas ainda assim, não conseguia evitar se sentir triste e imaginar como seria se nada disso estivesse acontecendo.



Durante a manhã e quase toda a tarde, Valentine ficara assistindo séries e filmes enquanto via o tempo passar tão lentamente que até se sentia entediada. Com a casa vazia, Beatrice no trabalho, Amy na escola, ela não tinha muito o que fazer. Iria visitar Harry, mas pensou em deixar para o dia seguinte. Não queria aparentar tristeza ao lado dele. Não com a barra que ele tem que enfrentar. Para sua surpresa, o inesperado aconteceu.

Quando estava na metade do filme” Como eu era antes de você” sua companhia tocou. Confusa, fora atender e se deparou com Harry e um enorme buquê de girassóis. Perplexa, não conseguiu fazer nada, se não chorar feito um bebê. O garoto a olhava com um sorriso no rosto e vez ou outra limpava suas lágrimas incessantes.

— Pensou que eu iria esquecer? — Questionou beijando sua bochecha. Como ela pôde pensar que ele se esqueceria? Logo ele?

— Pensei que fosse estar com sua mãe — Sussurrou sem quebrar o contato com seus olhos.

— Eu jamais deixaria de estar com você neste dia, minha pequena. — Sussurrou — Você esteve ao meu lado todos esses dias, mesmo tendo que lutar com o medo que tem de minha mãe, você estava lá. Eu não te esqueceria hoje.

— Você não existe — Sorriu em meio as lágrimas. O garoto encostou sua testa na dela e segurou em seu queixo para erguer um pouco o seu rosto.

— Existo sim — Sussurrou antes de colar seus lábios aos dela e beijar suavemente. Sua mão livre envolveu sua cintura e a puxou mais para si. Ela, por sua vez, mergulhou seus dedos nos fios sedosos de seu cabelo e curtiu cada momento. O beijo foi aprofundado, causando leves sensações de borboletas em seu estômago. Não importava o tempo que passasse, ela sempre iria se sentir assim com Harry.

Ao fim do beijo, ambos sorriam.

— Feliz, dezesseis anos, minha linda. — Disse por fim. O buquê fora entregue e a garota logo procurou um vaso para que pudesse colocá-lo. Com certeza iria para o seu quarto. Quando voltou sua atenção para ele, o mesmo estava com uma caixinha dourada em suas mãos.

— Mais presentes? — Questionou olhando para a caixinha em suas mãos.

— Eu não poderia deixar para trás sabendo que era tão a sua cara. — Quando abriu a caixinha, seus olhos brilharam outra vez. Era um lindo e delicado colar com um pingente de girassol.

— É tão lindo, Harry. — Continuou olhando para o objeto e para o garoto. Ele retirou-o com cuidado de dentro da caixinha e pediu que ela

virasse para ele colocar nela. Extasiada, a mesma virou-se de costas para ele e esperou que o garoto colocasse o colar em seu pescoço.

Harry afastou seu cabelo volumoso do pescoço e colocou o colar. Em seguida, beijou seu pescoço causando um arrepio bom nela. Quando virou de frente para ele, sorriu emocionada. Estava sendo um dos melhores dias de sua vida.

— Preparada para a grande surpresa? — Ele questionou puxando-a pela cintura. Um beijo foi dado em seus lábios e a garota o olhou sem entender.

— Mais surpresas? — Questionou sorrindo. Sem responder nada, Harry beijou-lhe com paixão e intensidade. Do outro lado da rua, Clair os observava sem que pudessem notá-la. Assim que Harry saiu do hospital, a mulher dera um jeito de fugir e seguiu-o. Antes que os dois pudessem vê-la, entrou em sua casa.

— Vamos! — Segurou em sua mão e a puxou para fora. A garota trancou a casa e saiu com o mesmo para onde quer que ele fosse. Antes de sumirem no fim da rua, Clair os olhou pela janela. Em seu olhar, a raiva predominava qualquer parte de sua sanidade. Ela se vingaria, nem que custasse sua vida, mas iria se vingar.





_____ ≡ _____

[...] Era isso, era seu fim. Era aceitava,

Desde que pudesse estar com

Eles novamente.

_____ ≡ _____

Quando Harry chegou próximo ao parque da cidade, precisou vender os olhos de Valentine para que assim a garota não descobrisse para onde estavam indo e o que fariam. Parte da surpresa que ele havia preparado para ela, seria um passeio de balão. A garota ficou um tanto apreensiva quanto a aceitar vender os olhos, porque nunca gostou de surpresas, mas sendo ele, ela decidiu que confiaria. Um instrutor deu as últimas orientações ao garoto e o ajudou a colocá-la dentro do balão.

— Onde estamos, Harry? Onde está me colocando? — A garota quis saber, apreensiva.

— Logo você irá saber, Valen. — Respondeu e também entrou no balão junto a ela. Quando o objeto começou a subir, Valentine sentiu o balanço. Apreensiva, segurou nas mãos de Harry.

— Agora você pode me dizer onde estamos? Que balanço foi esse? — Questionou segurando firme nas mãos do garoto. Sem responder, Harry tirou

a venda escura de seus olhos e sorriu mostrando onde estavam. A garota olhou em volta um tanto alarmada e, em seguida, foi até a borda do balão e olhou para baixo. A uma distância considerável do chão, ela começou a se sentir ofegante.

— O que foi, Valen? Não gostou da surpresa? — O garoto quis saber ao notar seu semblante aflito.

— Eu tenho medo de altura. — Respondeu baixo, quase que para ela mesma. Com um pouco de esforço, Harry conseguiu ouvi-la. Sorrindo, segurou em suas mãos e puxou-a para perto de si. O garoto abraçou seu corpo trêmulo e buscou seus cachos com os dedos.

— Sinta o balanço, não acha bom? — De olhos fechados e com seus braços em volta dele, Valentine se permitiu relaxar e sentir o balanço suave do balão. O vento passava suavemente pelo seu rosto e trazia a sensação de estar voando.

— É... diferente de tudo o que senti antes. — Afirmou, e então, abriu seus olhos e o encarou sorrindo. — Você sempre arrumando um jeito de me surpreender.

— Essa é minha melhor especialidade. — Sorriu e beijou seus lábios suavemente. — Quis que seu aniversário fosse especial de alguma forma.

— E está sendo... — Sorriu e o apertou mais em seu abraço. — Só não me solta.

Harry soltou uma gargalhada gostosa e retirou alguns cachos de seu rosto.

— Você precisa sentir, confia em mim? — Questionou contornando os traços de seu rosto com seu dedo indicador. Relutante, ela apenas assentiu. Ele colocou suas mãos em sua cintura e virou o corpo da garota para frente e

encostou ao seu novamente. Seus braços rodearam a cintura dela e a mesma apoiou a cabeça em seu peito.

— É tão lindo aqui de cima... Como não notei isso antes? — Questionou olhando ao redor. O céu apresentava tons alaranjados e o sol caminhava para o fim da tarde. Algumas nuvens brincavam pelo céu e outras iam se dissipando suavemente. O vento suave passava por eles e voltava, causando uma leve sensação gostosa.

— É mágico, não acha? Tudo é tão perfeito. — Ele afirmou observando a natureza esplêndida ao seu redor.

— Perfeito e mágico. — Afirmou. — É a surpresa mais incrível de toda a minha vida.

— É bom saber que está gostando. — Afirmou e virou a mesma para si novamente.

— Estou amando estar ao seu lado aqui em cima. — Sorriu tímida. O garoto se aproximou, segurou em seu queixo. Uma de suas mãos segurou firme em sua cintura e a outra foi para sua nuca. Puxando-a suavemente mais para si, cobriu seus lábios em um beijo suave. A garota levantou um pouco os pés e permitiu que o mesmo intensificasse o beijo.

Ao redor, nada tirava a magia de estarem conectados. Um beijo lento, doce e suave se intensificou a medida que o balançar do balão e o vento suave os alcançou novamente. Quando se separaram, sorriram um para o outro e uniram suas testas.

— Nada pode tirar a felicidade e a magia de hoje. — Harry afirmou. Valentine sorriu.



O dia estava quase se encerrando e dando lugar a noite, quando Harry deixou Valentine em casa. A garota sorria a toa com a surpresa e toda a magia do dia. Já ele, mal entrou em casa e já recebeu uma ligação. Era seu pai ligando para o telefone de casa, já que o seu estava no silencioso durante toda a tarde. Quando atendeu, ouviu seu pai dizer de forma ofegante que sua mãe havia desaparecido da clínica. Assustado, o garoto desligou o telefone e verificou seu celular. Eram quase 18:00 da tarde. Angustiado, deixou o celular em qualquer lugar e correu para o hospital. Ele precisava descobrir onde estava sua mãe.

Enquanto isso, Clair saiu de trás da porta que conecta a sala ao escritório e pegou o celular do garoto. Devido à pressa, Harry não teve tempo de bloquear o aparelho. Dessa forma, Clair teve fácil acesso ao seu aplicativo de mensagens, onde rapidamente mandou uma mensagem para Valentine.

Me encontre no prédio ao lado da igreja. Precisamos conversar. Estarei no terraço.

A mulher se limitou o máximo possível nos detalhes da mensagem. Sabia que estava sério demais, mas não podia escrever algo a mais ou daria a entender que talvez não fosse o garoto.

Valentine colocou seu celular na bancada e foi até a geladeira para pegar água. Na porta tinha um bilhete de Beatrice.

Estou no mercado com Amy, deixei um, sanduíche para você. Não iremos demorar muito. Beijos e abraços.

No fim do recado, tinha um coraçãozinho e uma carinha feliz. A garota sorriu e abandonou a água para pegar a jarra de suco e seu, sanduíche para que pudesse esquentar. Quando virou para ir até à bancada, viu a tela do seu celular, acesa. Terminou de colocar as coisas na bancada e desbloqueou a

tela para ler a mensagem.

Ao ler o conteúdo que, supostamente Harry tinha mandado, a garota arqueou a sobrancelha. A mensagem era curta e clara. Não tinha se quer um emoji, o que significa que algo sério tinha acontecido, mas, eles tinham acabado de se encontrar, o que poderia ter acontecido de tão sério e em tão pouco tempo?

Intrigada, voltou o suco e o sanduíche para a geladeira, escreveu um bilhete rápido para Beatrice e colocou seu celular no bolso de sua calças. Por fim, saiu de casa e foi para o tal prédio se encontrar com Harry. O lugar citado por Clair na mensagem era um prédio abandonado, mas que ainda tinha acesso de algumas pessoas por se tratar de um lugar tranquilo para conversar, ou somente passar a tarde.

Durante sua caminhada até o local, Valentine se perguntava o motivo para ele querer conversar lá. Eles nunca haviam ido lá antes ou se quer conversaram sobre o local. Muito curiosa, seguiu seu caminho até o prédio. Quando chegou, notou que a rua estava um pouco vazia, quase deserta. A noite logo chegaria e o vento frio do fim da tarde logo lhe abraçou.

O prédio tinha uma aparência antiga e um tanto destruída pelo tempo. Um pouco relutante, ela entrou no prédio e subiu os 5 lances de escada até o topo. Era um prédio de 5 andares e o garoto quis conversar logo no topo? Como se alguém fosse vê-los em qualquer outro andar do prédio. Por que tinha que ser justo no topo? Será que era mais uma surpresa do garoto? Um jantar sob as estrelas para encerrar o dia mágico que tiveram?

Em meio a tantas perguntas, Valentine terminou de subir os últimos degraus e procurou o garoto por toda a parte, mas não o encontrou. Nada denunciava que poderia ter alguém no local. Nada decorativo, nenhuma mesa, nenhum lençol, nada estava ali. Não era uma surpresa. Afinal, onde

estava Harry?

Decidida a voltar para casa, virou se deparando com Clair. Imediatamente, assustou-se. A mulher mantinha uma expressão facial indecifrável. Seus olhos escuros e sombrios denunciava sua expressão vazia.

— Procurando algo? — Ela questionou e sorriu. Um sorriso sombrio e ameaçador. Valentine deu um passo para trás e analisou suas formas de fuga, mas a mulher estava com toda a situação sob seu total controle. Não havia chances para uma fuga.

— O que está fazendo aqui? Onde está Harry? Ele me mandou uma mensagem e...

Sua fala foi cortada por um riso ameaçador. Clair estava completamente fora de controle. Afinal, não era ela ali, mas sim sua fiel perseguidora há tantos anos.

— Você é tão idiota, sabia? Foi tão fácil te enganar e trazer até aqui. — encarou-a com desdém — Mais fácil do que tirar doce da mão de uma criança.

— O que você quer? — Questionou assustada com o rumo da conversa. Afinal, qual era a origem daquele encontro?

— O que eu quero? — R alto e parou bruscamente para olhá-la com raiva. — Vingança.

Seus olhos ganharam um brilho assustador. Valentine sentiu seu corpo inteiro tremer e arrepiar. Ela não sabia explicar, mas tinha certeza que não era uma mulher normal ali, mas sim alguém com a mente perturbada e com um ódio incontrolável.

— Eu vou acabar com todos que entraram em meu caminho. Terei o

privilégio de começar por você, vadiazinha nojenta.

Clair agarrou em seu pescoço e apertou com toda a força que tinha. Assistia Valentine se debater e perder o ar rapidamente. A garota estava ficando sem cor e a mulher sorria fora de controle parecendo se saciar com tamanha cena de horror.

Para o alívio de Valentine, seu pescoço fora solto e a mesma empurrada para o chão frio. Enquanto recuperava o ar, Clair permanecia olhando-a com ódio.

Em seu olhar havia a raiva e ódio de toda uma vida.

Ela não se contentaria com tão pouco. Ela faria todos sofrerem violentamente, e começaria por Valentine.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

O vento frio, as nuvens escuras e o ambiente escuro deu lugar à noite na cidade. Durante alguns minutos, que mais se pareciam intermináveis horas, nada fora dito entre Valentine e Clair. A mulher mantinha seu ódio no olhar, e, acima de tudo, alimentava sua sede de vingança por todos que um dia atravessaram seu caminho.

Assustada, Valentine corria seus olhos por qualquer canto onde pudesse sair das garras de Clair. No bolso de sua calça jeans escura, seu celular vibrou, mas ela não podia pegá-lo. Muito menos deixar que Clair soubesse que ela estava com o aparelho eletrônico. Quem ligava incessantemente era Harry. O garoto chegou ao hospital tão rápido e eufórico que o pai precisou dar água com açúcar para ele se acalmar. Quando perceberam que a mulher não estava mais no hospital, já era tarde demais.

Neste meio tempo, Beatrice ligou para ele, pois queria saber onde estavam, já que no bilhete a garota dizia que iria se encontrar com ele, mas o

aparelho só dava desligado. Preocupada, decidiu ligar para seu pai. O homem logo deu a informação a Harry, que Intrigado disse que havia deixado sua namorada em casa e estava no hospital com o pai a procura de sua mãe.

Não precisava muito para juntar as peças do quebra cabeça. Ambos perceberam o quão grave era toda a situação.

Prestes a entrar em pânico, Harry desligou a chamada com Beatrice e ligou desesperado para Valentine. Mas a garota não o atendia, e na terceira chamada, ele desistiu.

— Harry, se acalme meu filho. Vamos encontrá-la. — Seu pai segurou em seus ombros e olhou firme em seus olhos. Ele também estava preocupado, mas não podia entrar em desespero. Por ele e por Harry, precisava ser sensato e manter o controle.

— Como quer que eu mantenha a calma, pai? — Questionou frustrado — Minha mãe fugiu e pode estar com Valentine, sabe-se lá onde e fazendo o que. Você sabe que ela não está em seu juízo normal e não sabemos que ela, ou quem quer que esteja dentro dela, seja capaz de fazer.

— Harry, eu sei que a situação é desesperadora, mas não podemos perder o controle, tudo bem? — O homem deu uma pausa e respirou fundo. — O hospital já entrou em contato com a polícia e logo estarão aqui.

Parecendo ler seus pensamentos, os policiais entraram no ambiente hospitalar com certa urgência e logo foram em direção ao pai de Harry. Os homens fizeram intermináveis perguntas até chegarem no fato de que Valentine pudesse estar em perigo. Constataram ser um sequestro. Sem fazer muito alarde, pegaram o celular de seu pai e tentaram rastrear o celular de Valentine. Com sucesso, identificaram o local onde poderiam encontrá-la.

— A localização que temos é do prédio abandonado ao lado da igreja

central. Ao que tudo indica, está no topo. Se estivermos certos, a mulher está com ela e pode estar em perigo. — Um dos oficiais da polícia o olhava com bastante preocupação no olhar. Harry sabia a gravidade da situação, mas tentava acreditar que tudo ficaria bem.

— Como minha mãe conseguiu atrair Valentine justo para aquele lugar? — O garoto questionou.

— Isso não sabemos responder, mas precisamos agir com cautela e rapidez ao mesmo tempo. Precisamos de uma ambulância e bombeiros no local, pois não sabemos o que pode acontecer. — Ele respondeu enquanto o outro fazia a chamada para a equipe médica.

Durante o caminho, Harry atualizou Beatrice de tudo o que poderia estar acontecendo. A mulher quase teve um surto, mas precisou se conter por causa de Amy. Angustuada, se colocou em constante oração.

No prédio, Valentine sentiu que era o seu fim. Não teria como fugir, ninguém sabia onde ela estava. Só podia contar com a própria sorte e a sanidade de uma mulher completamente fora de si. Parando para pensar, sua vida nunca fora grande coisa mesmo. Nunca foi ninguém importante, perdeu todos que amava e nunca se deu a oportunidade de viver. Não seria uma perda tão significativa assim para as pessoas que ficariam. Ao menos, era o que ela tentava se convencer.

Tudo bem em morrer agora, porque não sou nada, não sou ninguém.

No fundo, ela sabia que nada disso era verdade. Ela era alguém, mesmo que não fosse uma juíza, uma advogada, ou que estivesse em qualquer cargo importante. E se partisse, deixaria um enorme vazio em Beatrice, em Harry e até mesmo na pequena Amy. Ela tinha o seu valor independente da pessoa que foi e que é agora.

Angustiado, soltou uma lágrima solitária por sua bochecha. Do que adiantava pensar em tudo isso se iria morrer a qualquer momento?

Parado, olhando para ela, Clair sorriu. Seu rosto inexpressivo mostrou a mulher fria e vazia que era. Era incapaz de sentir qualquer emoção ou remorso, mas não era Clair ali. Era seu escudo protetor que criara na infância, para se proteger do mundo a sua volta. A capa vazia, inexpressiva e solitária que a protegia do mundo exterior. Ela precisava disso para sobreviver.

— Você acredita que vai conseguir fugir daqui? — Riu em escárnio enquanto Valentine permanecia sentada no chão. — Olha pra você, está morrendo de medo.

A mulher ria de sua expressão assustada e angustiada. Valentine só conseguia pensar em seu fim iminente.

— Não chore, o que estou fazendo é para o seu bem. Sabe? — Sussurrou — Eles não gostam de você como diz. Eles fingem te amar para no final te abandonarem como se fosse lixo descartável. Eu só estou fazendo o favor de apressar isso para eles. Você — Aumentou o tom de voz e apontou seu dedo indicador para a garota — Não tem valor algum para eles, garotinha.

Valentine não respondia. Era incapaz de dizer uma palavra se quer, mas, no fundo, aquelas palavras lhe feriam.

— Todas as pessoas que você ama vai embora... Você não vale nada para eles, porque não te amam.

Clair já não tinha mais controle do que falava. Misturava suas próprias emoções e medos de menina para atingir Valentine. Era uma frágil mulher em busca de refúgio interno. Uma mulher quebrada e incapaz de amar, de sorrir, sentir ou viver por ela mesma.

Quebrando o silêncio daquela noite fria e sombria, uma sirene tocou alto cortando todo o clima melancólico que havia se instalado entre elas. Em um movimento rápido, aproveitando da distração da mulher, Valentine se levantou e correu para longe. Quando pensou que estava livre, Clair segurou em seu braço com força e puxou-a bruscamente para trás.

— Onde pensa que está indo? — Questionou com todo o ódio dominando novamente.

— Me solta, sua louca! — Valentine tentou se soltar, chutou, socou até que a mesma soltasse-a, mas não demorou muito para que a mesma lhe agarrasse novamente. Dessa vez, com mais força e fúria dentro de si.

— Você não vai à lugar algum, garotinha. — riu alto — Está presa a mim e eu decido o seu fim.

— Atenção, Claire! Sabemos que está aí em cima. Liberte a garota. — Seu nome verdadeiro fora dito pelos policiais. Clair sentiu todos os seus músculos se contrair. Era como se pudesse estar naquela fatídica noite outra vez. Onde ela era apenas uma garotinha assustada e indefesa. Eles estavam cada vez mais perto de si e iriam matá-la. Ela sabia disso, mas o que poderia fazer, se era só uma garotinha? Ela podia fazer tudo o que quisesse. Sua outra metade, outra de si. Mais forte, veloz e experiente. As mãos fortes e calejadas tocaram o seu pescoço, seu ar ia embora cada vez mais rápido. Em um impulso, Clair tomou o pescoço de Valentine outra vez. A mulher estava dominada pela raiva e o medo. Estava presa à seu pior pesadelo.

— Liberte a menina, Claire! — Disseram outra vez. Valentine não conseguia respirar, sentia seus sentidos irem embora. Lá embaixo, os homens gritavam incessantemente em uma ordem e súplica ao mesmo tempo. Clair caminhou com Valentine até a beira do prédio e olhou para todos aqueles homens ordenando que soltasse a menina. Vendo Valentine nas mãos de sua

mãe, Harry sentiu todos os seus medos irem embora, mas não por muito tempo, pois as luzes das lanternas direcionadas à ela logo pudera mostrar que estava sendo estrangulada por sua mãe. A mulher que lhe deu a oportunidade de ter um lar, uma família e, acima de tudo, lhe deu a chance de ser feliz outra vez, aquela ali em cima, tirando a vida de sua namorada não era sua mãe. Não poderia ser a mulher dócil e protetora que conheceu. Como alguém que o deu a vida poderia tirá-la de outra pessoa?

Em um impulso incontrolável, Harry pediu o megafone e tentou falar com sua mãe, mas a mulher estava incontrolável. Valentine já estava sem forças e seu ar faltava-lhe no pulmão. Devido estarem na beira, a equipe médica logo prepararam a cama elástica, caso Clair jogasse Valentine lá de cima.

A mulher olhou para sua presa assustada e já quase desfalecida e soltou seu pescoço. Valentine buscava por ar e tossia incontrolavelmente. Harry soltou o ar aliviado. Seu pai o abraçou angustiado e todos olhavam para o passo a seguir. Sem que Clair notasse, um policial chegava por trás, mas sua sombra o denunciou. A mulher virou-se bruscamente, ao mesmo tempo, em que segurou firme no braço de Valentine.

Nesse instante, helicópteros sobrevoava o local em busca de reportagem. Eles não podiam perder qualquer ‘flash’ que fosse. Tinham que registrar cada passo da mulher louca que queria matar a jovem indefesa. Em casa, Beatrice e Amy assistiam o noticiário ao vivo da cidade. Naquele instante, seu coração foi a boca. Amy não entendia o que estava acontecendo e não sabia porque sua irmã estava na tv, mas quando viu Clair segurar seu braço, começou a ofegar e abraçar sua mãe com força. Beatrice não sabia o que fazer. O que poderia fazer de tão longe? Porque não foi com todo mundo? Mas, o que poderia fazer se estivesse lá?

A angústia de todos era grande, Clair se sentia encabulada, Valentine estava cada vez mais próxima do precipício. Seu pé vacilou e a mulher logo soltou-a para que não caísse também.

A cena na tv era registrada, Beatrice fechou os olhos com força, Amy gritava por ver sua irmã cair de um prédio e ninguém fazer nada, Harry se agarrou ao pai enquanto a equipe corria de um lado para o outro com cama elástica. Era difícil calcular onde ela iria cair.

Valentine? Sua vida inteira passou pela sua cabeça em um pequeno instante. Era como se pudesse rever tudo o que viveu em uma queda que parecia estar em câmera lenta. O vento jogava o cabelo em seu rosto e lhe impedia de respirar. Seu corpo sentia todo o atrito. Sua mente parou por um instante. No fundo, somente a voz de sua mãe era ouvida.

Eu te amo, minha doce girassol.

Quando fechou seus olhos, podia vê-la perfeitamente. Seus cachos magníficos caíam por seus ombros e cobriam seus seios cobertos por um tecido fino na cor branca. Ao seu lado, estava John. Em suas mãos havia um lindo girassol.

Era isso, era seu fim. Era aceitava, desde que pudesse estar com eles novamente.

Sua mãe esticou seus braços e seus dedos se tocaram levemente. Ao mesmo tempo, seu corpo chocou-se contra o couro mole da cama elástica e levantou no alto novamente. Quando voltou, sua cabeça bateu forte contra a parte de ferro da superfície. Seus olhos abriram e lágrimas escorriam por sua bochecha. De repente, não podia sentir mais nada. Tudo o que ouvia era um zumbido insuportável. E não mais podia ver sua mãe ou John. Tudo o que restou foi o silêncio e o vazio escuro de sua mente.

✧ ◦ ✧ ◦ ✧ ◦



_____ ≡ _____

[...] Vou pedir para papai do céu

Curar ela. Se ele me atendeu

Uma vez, irá atender outra vez.

_____ ≡ _____

Os ‘bips’ da máquina que mantinha Valentine viva era o único barulho no quarto branco do hospital. Após seu acidente, o desespero de todos foi grande. Por muito pouco não perdeu sua vida. Quando perceberam sua inconsciência, logo se preocuparam. Afinal, todo o esforço que tiveram para resgatá-la havia sido em vão. Ninguém percebeu quando sua cabeça bateu contra a superfície de ferro, todos estavam preocupados demais para notarem isso, mas se não fosse a equipe no local, sua queda seria bem pior que uma pancada na cabeça.

Os médicos não sabiam ao certo explicar o que acontecia com Valentine. Eles estavam certos que a forte pancada que recebeu foi forte o suficiente para matá-la em segundos, mas ela não está morta, está presa ao inconsciente e vazio de sua mente. Não havia nenhuma hipótese dela acordar, e todos estavam começando a perder todas as suas esperanças.

Três dias haviam se passado.

Nada acontecia, nenhum movimento, nenhuma reação. É como se

a garota não mais estivesse ali com eles. Somente as máquinas eram capazes de manter seu corpo presente, mas não havia vida. Seu coração batia a ritmos lentos, como se apenas estivesse se preparando para o fim de sua jornada. Se acordasse, não haveria nada além do vazio. Sua mente não iria trabalhar em função do corpo. Seria uma alma vegetando para o resto de sua vida.

Não é isso o que eu quero para ela.

Era o que Beatrice pensava a todo instante. Como seria, se ela acordasse e não reagisse mais? Seria como uma máquina. Iria viver conforme pessoas conduzissem. Não iria reagir a um mísero vento que passasse por ela. Vegetando. Era surreal e assustador pensar nessa hipótese. Ela não poderia suportar.

E então, o que fazer? Desligar as máquinas? Permitir que ela se vá sem que lutassem por sua vida? Não parecia justo. Não era o certo a se fazer? Então, o que esperar? Haveria esperança para um ser que já tinha sido considerado morto?

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Cinco meses depois

Enquanto terminava de ajeitar Amy em sua cama, Beatrice pensava na ligação que recebera pela manhã. Pensamentos ruins atormentaram a moça durante o dia inteiro. Era como se toda a pressão estivesse em seu controle. E estava. Somente ela poderia decidir o que iria acontecer, mas a verdade era que ela não estava preparada para tomar essa decisão. Ela não poderia, não sozinha. Jamais iria conseguir viver com o peso da culpa.

Harry havia passado em sua casa naquela manhã quente. Eles choraram juntos, decidiram juntos. Mas no fim, não havia uma conclusão.

Como irão tirar a vida de uma pessoa? Eles tinham poder para isso? Mas, se não havia vida, não seria tão cruel assim, ou seria? Eles não sabiam o que pensar. Enquanto hospital insistia para que tomassem logo uma decisão. Outro paciente poderia precisar dos equipamentos e eles não podiam mais segurar aqueles que mantinha Valentine viva. Mesmo que, inconsciente. Era difícil dizer que não havia mais o que fazer. O universo já tinha tomando sua decisão afinal.

Desde o fatídico dia, Harry não conseguia olhar para sua mãe. Mesmo que fosse a mulher que o resgatou e deu amor. Essa mesma mulher havia tirado a vida de outra pessoa. Levou consigo todo o amor que tinha. Seu pai, que antes já não sentia nada pela mulher que um dia amou, sentia apenas desprezo. Mesmo que sua personalidade oscilasse cada vez mais, e um dia fosse Clair, no outro Claire, ele não conseguia sentir nada além do total desprezo.

A mulher continuava sendo tratada, agora em vigilância máxima. Não recebia visitas e não convivia com os demais pacientes. Quando voltava a si, não compreendia o porque estavam fazendo isso com ela, mas quando a personalidade dominadora voltava, sentia uma enorme sede de vingança. Sua jornada já havia sido traçada. Não havia mais como tirá-la da prisão que ela mesma criara.

— Mamãe? Amy chamou a atenção da mulher para si. Seu olhar era vazio e triste. A moça jovem que um dia fora não mais estava ali. O peso da culpa e o cansaço trouxe a angústia e pesar em sua vida.

— Oi! Meu amor. — Olhou para a pequena. Seu feixe de luz em meio a escuridão.

— Tine vai ficar bem, mamãe. Não fique triste. — Após dizer isso, Beatrice não conseguiu manter o controle de suas emoções. Sem conseguir

evitar, começou a chorar como criança. Ela sabia que não ficaria nada bem.

Vendo sua mãe chorar, Amy se levantou e a abraçou chorando também. Em sua cabeça, nada fazia sentindo e ela não entendia o porque Valentine não acordava, mas ela acreditava que teria sua irmã de volta e tudo ficaria bem outra vez.

Durante todos esses meses, Beatrice tentou não demonstrar o quão ruim era toda a situação, mas a pequena era inteligente e percebia o que estava acontecendo a sua volta. Sua sensibilidade era grande demais.

— Mamãe, não chora. Eu sei que papai do céu vai trazer ela de volta porque eu pedi. — A pequena insistiu e isso só fez a mulher chorar ainda mais. Era muita emoção para ela aguentar sozinha.

— Anjinho, a mamãe vai ficar bem. — Disse em meio ao choro e segurou a pequena entre seus braços. Amy conseguia ouvir as batidas frenéticas de seu coração e se sentia mal por não conseguir ajudar sua mãe.

— Ele vai curar ela, mamãe. Eu sei que vai. Não precisa chorar, eu vou cuidar de você. — Amy beijou sua bochecha e limpou as lágrimas insistentes.

— Você é minha única razão de ainda estar de pé. — A mulher afirmou. Amy não entendia suas palavras. Só queria que ela parasse de chorar.

— Você pode entregar a cartinha na igreja. Acredito que papai do céu vai atender mais rápido se tiver lá. — A garotinha continuou em seus devaneios inocentes.

— Que cartinha, meu amor? — Quis saber.

— Essa, mamãe. — A garotinha foi até seu travesseiro e pegou a

cartinha que havia escrito com a ajuda de Harry. O garoto se comoveu tanto no dia que precisou ir para casa chorar longe da garotinha inocente.

Beatrice abriu o envelope meio amassado devido ao atrito com o travesseiro e começou a ler. Logo, não conseguia segurar a emoção e chorava outra vez.

Papai do céu, você está aí? Eu tenho um pedido muito especial para fazer. Não quero mais presentes, só quero que cuide de minha mamãe e não a deixe chorar tanto. Ela esconde, mas eu sei que chora. Nem precisa mais me dar aquela bicicleta linda que vi na loja. Mas por favor, traz a tina de volta. Ela é minha irmãzinha e eu sinto muito a falta dela. Mamãe e Harry também. Eu prometo que nunca mais faço bagunça se trouxer ela pra casa como era antes. Porque eu amo muito minha irmãzinha e minha mamãe. Faria qualquer coisa por elas.

Ao fim da carta, Beatrice puxou Amy para o seu colo e a abraçou forte. Era tanta inocência que ela não conseguia aguentar a emoção.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

E enfim havia chegado o momento. Beatrice e Harry chegaram juntos ao hospital. Eles não queriam, mas teriam que tomar a decisão. Deixaram Amy com o pai do garoto e foram ver Valentine pela última vez. Viva. A mulher segurou em sua mão fria e pequena, apertou um pouco e deixou que suas lágrimas caíssem em sua bochecha. Doía, mas precisava ser feito.

Harry inclinou um pouco o seu corpo e beijou a bochecha de sua namorada. Devagar, acariciou seu rosto e mergulhou seus dedos grandes nos cachos da garota. Fez isso por tantas vezes que até memorizou todas as expressões que a garota fazia com esse gesto de carinho. Seu coração se

apertou ao imaginar como seria sua vida sem ela. Não poderia seguir sem tê-la ao seu lado. Era injusto tudo o que estava acontecendo.

A porta do quarto fora aberta e um homem alto e robusto adentrou o local.

— Tudo pronto? — Questionou sem expressão alguma em seu rosto. Como se fosse a coisa mais normal do mundo. Para ele era. Eles faziam isso quase todos os dias. Era assim que funcionava a administração de um hospital.

— Sim. — Beatrice respondeu em um fiapo de voz. Seu coração estava apertado demais para dizer qualquer coisa. Estava feito. Não teria mais como retroceder.

O homem se aproximou dos equipamentos e começou a desligar um por um sem muito pensar no que estava fazendo. Ele não podia pensar. Era treinado para isso todos os dias.

Enquanto os cabos eram soltos, Beatrice puxou Harry para seus braços e chorou junto ao garoto. Quando o último cabo foi solto e o enfermeiro saiu do quarto, Amy entrou no quarto como um raio. O pai de Harry veio logo atrás cansado por ter que correr atrás da garotinha.

— Desculpa, eu não consegui alcançá-la. — Ele respondeu com a respiração descontrolada. Não tinha mais idade para corridas assim.

— Mamãe, o que estão fazendo com ela? — A pequena questionou olhando para todos os equipamentos desligados. Ela já havia se acostumando com os ‘bips’ que a máquina fazia e sabia que ela mantinha Valentine viva.

Beatrice abaixou para ficar na mesma altura que a garotinha e tentou manter o controle de suas emoções.

— Meu amor, nós tivemos que deixar o médico desligar os aparelhos.
— Ela não queria ter essa conversa com Amy. Ela era tão pequena. Como iria compreender?

— Por que fizeram isso, mamãe? Vocês não podiam... — A pequena chorou e correu até a cama hospitalar. Com dificuldade, subiu e se deitou por cima do corpo frio de Valentine. Sua mãe tentou tirá-la, mas ela começou a gritar e chorar alto. Sem forças, a mulher simplesmente deixou. Ela já não tinha mais força para nada. O pai de Harry se aproximou e abraçou a mulher em seus braços fortes e firmes.

— Então é isso? Acabou mesmo? — Harry questionou perdido entre seus devaneios. Nada fora dito. O garoto sentou no chão e ali ficou.

Amy olhou para o rosto de sua irmã e o beijou com carinho.

— Eu sei que você está aí... Volta pra mim... Por favor, irmãzinha.
— Sussurrou. Sua mãe tentou lhe tirar novamente, mas, mais uma vez a garota voltou a gritar e esparnear. Beatrice desistiu outra vez.

— Eu pedi para papai do céu e sei que ele vai trazer você de volta. — A garotinha afastou alguns cachos que cobriam o rosto de Valentine e sentiu sua pele quente. Ela não tinha consciência de que um morto fica gelado, por isso, não deu importância.

A pequena continuou a acariciar seu rosto com muito cuidado, como se fosse machucá-la. Devagar, Valentine respirou profundamente e abriu os olhos. Amy se assustou e levantou bruscamente. Todos se aproximaram assustados com o movimento da garotinha e logo notaram os olhos de Valentine abertos.

— Valen? Você está me ouvindo? — Harry questionou desesperado. Valentine não demonstrava reação alguma, mas estava ali presente.

— Mamãe, o coração dela está batendo. — Amy afirmou sorrindo em meio as lágrimas. — Eu disse que papai do céu ia trazer ela de volta, mamãe, eu disse.

Ainda nos braços firmes do pai de Harry, Beatrice desmaiou.

— Harry, chame a equipe para ver Valentine. Eu cuido dela. — Se referiu a Beatrice. Eufórico, Harry correu pelos corredores do hospital atrás de uma equipe médica.

Valentine estava de volta.

Em uma fração de segundos, uma equipe de médicos entraram rapidamente no quarto em que Valentine estava e se dirigiram a garota, que continuava sem qualquer expressão ou movimento. Ainda eufórico e atordoado, Harry pegou Amy em seu colo e caminhou para um canto mais afastado do quarto. Enquanto isso, Matthew, seu pai, tentava reanimar Beatrice em outro quarto.

O garoto olhava atento para todos os procedimentos médicos que a equipe realizava em Valentine, enquanto Amy o abraçava apertado o tempo todo. Uma lanterna foi direcionada aos olhos castanhos de Valentine, a medida que outros procedimentos eram realizados. Eles queriam ter certeza de que a menina realmente estava consciente.

Alguns minutos depois, todos se afastaram, alguns frustrados, outros curiosos e ainda espantados com tamanha cena que presenciavam. Afinal, Valentine estava morta, como que de uma hora pra outra ela estava viva? Não era possível aos olhos dos médicos, mas Amy tinha certeza que seu pedido era inteiramente expresso do céu.

— Ela está bem? — Harry cortou o clima silencioso que havia se instalado no local. O garoto já não se aguentava mais de emoção.

— Precisamos ter certeza antes de responder, garoto. — O líder da equipe pronunciou não muito satisfeito. Ele era um dos mais céticos da equipe. Para ele, tudo se baseava em fatos científicos. — Iremos continuar com os testes.

E por fim, deram continuidade aos inúmeros testes com a garota imóvel em sua cama.

— Valentine, você pode nos ouvir? — Como se a voz do médico fosse um comando na mente vazia da jovem, ela inspirou profundamente e piscou seus olhos, mas a medida que ia se orientando ao ambiente e as pessoas que via, sua mente se tornava ainda mais confusa e em um completo vazio. Ela não reconhecia ninguém. Seus olhos varriam cada objeto no local, media as pessoas de cima a baixo. Por fim, olhou para Harry e Amy mais no fundo. Ao mesmo tempo, Beatrice entrou no quarto com Matthew logo atrás de si. Recuperada, a mulher só queria saber de sua sobrinha. Queria se certificar de que não tenha sido um sonho ou mera ilusão de sua mente cansada, mas não era um sonho, também não era uma ilusão. Era tudo real.

Valentine continuou observando cada pessoa presente naquele quarto. Sua mente, antes vazia, se tornou conturbada e ofuscada. Ela não compreendia onde estava e quem eram aquelas pessoas.

— Valen — Beatrice se aproximou rapidamente e segurou na mão trêmula da garota. Lágrimas escorriam por sua face sem que ela pudesse perceber. Ao sentir o toque da mulher, Valentine sentiu um pequeno desconforto, mas não reconheceu a mulher. Ela teria se lembrado de olhos tão bonitos se tivessem os vistos antes, mas não reconhecia. — Você está viva, meu amor. Eu mal posso acreditar que estou tocando em sua mão e olhando em seus olhos. Ensei que tinha sido um sonho, mas não, você está aqui comigo. Como sempre foi. E agora eu vou cuidar de você como deveria ter

cuidado antes. Nada vai te acontecer.

Beatrice tocou o rosto da menina com carinho. Os homens acharam melhor se afastarem para dar lugar a família. Logo, não estavam mais ali. Harry se aproximou cautelosamente com Amy em seu colo. Seu pai logo fez o mesmo e se colocou atrás de Beatrice.

— Tine, eu sabia que você iria voltar pra gente. Eu pedi ao papai do céu e ele me atendeu. — Amy respondeu sorrindo para a irmã mais velha. Ela estava doida para deitar-se junto a ela, mas estava se controlando. Valentine também não a reconheceu. A voz doce de Amy não causou reação alguma. Era como se nunca a tivesse visto em toda a sua curta vida. Afinal, quem era essa tal de Valentine que todos insistiam em dizer? Por que parecia que apenas esse nome lhe tirou de um transe que nem ela mesma reconhecia que estava?

Harry tocou em sua outra mão e acariciou com carinho. Suas emoções estavam nas alturas. Tinha tanta coisa para dizer, tanto a mostrar, mas mal sabia por onde começar.

— Fala alguma coisa, querida. — Beatrice pediu. O olhar assustado e confuso de Valentine já estava deixando seu coração apertado outra vez. Era como se ela pudesse sentir que algo não estava certo. E para cortar o silêncio, a garota se pronunciou:

— Quem são vocês? — Questionou olhando de um para outro. Sua confusão era evidente para todos ali presentes. — Quem sou eu? Que lugar é esse? Por que me olham dessa maneira?

Suas perguntas não terminavam. Sua mente estava completamente vazia. Era como se nunca tivesse existido. Nem mesmo se reconhecia.

— Meu amor — A voz de Beatrice vacilou um pouco — Não nos

assuste dessa forma. — A mulher pediu em completa angústia. Valentine soltou a mão da mulher e do garoto que insistia em olhar para ela de uma maneira estranha. Aflita, sentou-se na cama e olhou a sua volta. Era noite ou dia? Não saberia dizer.

— Eu não sei quem são vocês, tá!? — Uma lágrima caiu por sua bochecha. Ela estava assustada e muito confusa. — Nem mesmo sei quem eu sou. — Deu uma pausa — Por que me olham dessa forma? Quem eu sou afinal?

Sem conseguir conter a angústia e o aperto em seu coração, Beatrice virou-se para Matthew e chorou com o rosto próximo ao seu peito. Lágrimas molhavam o seu jaleco e o mesmo tentava lhe confortar acariciando seu cabelo. Era difícil para todo mundo.

— Porque a mamãe está chorando, Harry? Por que a tine está agindo assim? Ela não reconhece nós? — Amy questionou sem compreender o que acontecia a sua volta.

— Pai, vou levar ela pra beber uma água. — Harry saiu com Amy sem esperar por uma resposta de seu pai. Ele não estava suportando olhar para Valentine e saber que a mesma não sabia quem ele era. Tudo estava o sufocando e ele não conseguia lidar tão bem quanto gostaria com suas emoções.

— Amy, tudo isso é muito difícil pra todos nós. — Ele deu uma pausa e deixou que as lágrimas caíssem por sua face rosada. Amy enxugou todas elas e beijou sua testa.

— Não chore, Harry. Vai ficar tudo bem. Eu prometo não fazer mais nenhuma pergunta. — A garotinha continuou a limpar suas lágrimas.

— A Valen bateu a cabeça muito forte, por isso está confusa agora. —

O garoto acariciou sua bochecha. Admirava sua doçura e inocência. — Mas é como você disse, meu amor. Vai ficar tudo bem. Pelo menos ela está aqui conosco, não é mesmo?

Amy apenas sorriu e lhe abraçou. Depois de um tempo, sussurrou próximo ao ouvido do garoto.

— Vou pedir para papai do céu curar ela. Se ele me atendeu uma vez, irá atender outra vez. — Harry não respondeu nada. Naquele instante ele só precisava de silêncio e seus próprios pensamentos. Nada estava sendo fácil.

◇ 。 ◇ 。 ◇ 。

Depois de um tempo, os médicos foram chamados ao quarto de Valentine outra vez. Eles explicaram que o fato da garota ter batido com a cabeça fez com que parte de seu cérebro fosse afetado. Suas lembranças foram apagadas e sua vida inteira foi esquecida. Angustiada, Beatrice só sabia chorar. Afinal, quando que todo o sofrimento iria acabar para essa família?

Não se podia afirmar quando a memória da garota iria voltar, e nem se um dia voltaria. Seu cérebro estava completamente danificado e eles nem mesmo conseguiam explicar como ela estava viva. Era impossível para eles.

Confusa, Valentine precisou ser sedada. A garota não parava de fazer perguntas e não se conformava com a maneira que todos a olhavam. Era tudo confuso demais para ela.

Apenas Amy se mantinha confiante de que sua irmã iria ficar boa outra vez. Para a pequena era tudo simples demais: bastava pedir para Deus e tudo ficaria bem. Ela só não entendia porque os adultos não faziam isso.

Não que Beatrice não acreditasse em Deus. Ela só estava afetada

demais para parar e fazer uma oração. Seu psicológico estava afetado demais para pensar como a garotinha. Afinal, quem tem a inocência como de uma criança? Ninguém.

O fato era que, todos precisariam ser fortes e aguentar toda essa barra de pé. Afinal, Valentine iria precisar deles mais do que nunca.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____
*[...] Seu coração doía e ela não
Entendia de onde vinha
Aquele sentimento.*
_____ ≡ _____

Uma semana depois

Com o passar dos dias, os médicos puderam afirmar que Valentine realmente estava bem e pronta para receber alta. A garota continuava confusa e sem memória alguma de seu passado. Até mesmo se negou a ir embora com Beatrice, alegando não conhecer a mulher. Foi preciso muita paciência e alguns calmantes para fazer a menina ir com sua família para casa.

Beatrice continuava a se sentir aflita e angustiada com o fato de Valentine não se lembrar de nada, mas tentava ao máximo se manter forte por Amy e por Valentine. Afinal, a garota irá precisar dela mais do que nunca. Será preciso muita paciência para lidar com ela.

Harry, triste e inconformado com a situação da namorada, se negou a acreditar que ela poderia nunca se curar. Era angustiante demais pensar que Valentine continuaria assim para o resto de suas vidas. Ele não se conformava com isso. Por isso, prometeu a si mesmo que iria fazer de tudo

para ajudar na recuperação de sua namorada.



Quando Valentine entrou em sua casa, olhou para toda a extensão da sala buscando encontrar algo que fosse familiar para ela. Olhou para o jogo de sofá, para a televisão, o tapete felpudo, que tantas vezes se deitou para assistir filmes com Harry, e por fim, analisou toda a pintura da sala. Nada era familiar para ela. Poderia dizer que nunca estivera ali antes. Atrás de si, Beatrice, Harry, seu pai e Amy esperava os seguintes passos da garota.

— Aqui é minha casa? — Questionou confusa. Beatrice colocou a mão em seu ombro e afagou um pouco.

— Sim, querida. Aqui é sua casa. Consegue se lembrar de algo? — A mulher questionou esperançosa. Valentine virou de frente para Beatrice e respirou fundo.

— Nunca estive aqui antes. É tudo tão confuso, por que não me lembro de nada? Nem de mim mesma consigo me lembrar. — Um tanto frustrada, Valentine se afastou do toque de Beatrice e seguiu olhando para a casa.

— Valen, você sofreu um acidente. — Harry justificou — Lembra que explicamos que bateu a cabeça?

Boa parte do que aconteceu não foi contado para Valentine. Seu acidente foi inteiramente omitido e até mesmo sua suposta “morte”. Todos acharam melhor não contar tudo o que aconteceu, já que a garota está confusa o suficiente. Seria mais coisas para ela assimilar e tentar compreender.

— Eu quero ir para o meu quarto. — Foi a única coisa que a garota respondeu — Eu tenho um quarto?

— Sim, querida. — Beatrice suspirou — Amy, leve ela até seu quarto.

Amy correu até Valentine e segurou em sua mão. Este pequeno toque fez Valentine sentir-se zozza por alguns instantes. Pequenas cargas elétricas pareciam unir as duas. No mesmo instante, sua cabeça começou a doer fazendo com que a mesma fechasse seus olhos com força.

— Está tudo bem, querida? — Beatrice questionou preocupada.

— Sim, está. — Abriu seus olhos novamente e encarou a garotinha a sua frente. Não havia se lembrado de nada. — Eu só preciso descansar um pouco.

Após ter conseguido se recompor, Amy a acompanhou até seu quarto. Ao se deparar com a porta amarela e um girassol enorme, a garota parou e analisou a pintura. Completamente presa a ilustração, quis tocar e sentir sua textura.

— Foi a mamãe que pintou. — Amy quebrou o silêncio com sua voz doce. Sua mão ainda segurava a outra mão livre da garota.

— É bonito. — Se limitou a responder. Pela primeira vez, algo pareceu familiar e reconfortante naquela casa. Não a porta, mas sim o que tinha nela. Era como se a pintura pudesse transmitir sentimentos bons. Sentimentos que ela não se lembra, mas tinha gostado de sentir que algo poderia ser familiar para ela.

— Podemos entrar, tina? — A garotinha questionou quebrando o silêncio novamente.

— Sim, claro. — E por fim girou a maçaneta. Ao se deparar com seu quarto, não sentiu o mesmo que sentira com a porta. Na verdade, era tudo desconhecido para ela, mas parecia boa a ideia de poder ficar distante de tudo

e todos um pouco. Afinal, era seu quarto. Poderia ficar ali o tempo que quisesse até que pudesse encarar o mundo desconhecido outra vez.

— Você pode, por favor, me deixar descansar um pouquinho? — E só neste instante, suas mãos se soltaram. A garota sentiu um enorme vazio dentro de si. Era reconfortante segurar a mão daquela miniatura de si. Era impressionante a semelhança que ambas tinham.

Amy foi até o armário de Valentine e pegou o ursinho que sua mãe dera a garota quando tinha 10 anos. De volta para perto da mais velha, entregou o ursinho. Por um instante, Valentine permaneceu imóvel até pegar o ursinho da mão de Amy.

— Você gostava muito de dormir com ele — A garotinha pronunciou com um brilho no olhar. — Foi a mamãe que te deu. Por isso é especial.

Valentine segurou o objeto fofinho entre si e o abraçou sentindo seu cheiro. Era um cheiro doce. Um sentimento bom preencheu seu coração. Era bom ter coisas as quais ajudassem a se sentir em casa.

— Obrigada. — Agradeceu. Amy subiu em um banquinho e beijou a bochecha da garota. Mais um gesto que a deixou zonzinha. Por fim, saiu saltitando do quarto. A mais velha fechou a porta e voltou a encarar seu quarto.

Se sentindo cansada, deitou na grande cama e se permitiu dormir abraçada ao urso. Não teve sonhos, era tudo um completo vazio em sua mente.



No andar de baixo, Harry fora até o jardim para espairecer um pouco. Ele precisava de um tempo sozinho para colocar as ideias no lugar. E

nada melhor do que as flores para trazer a sensação de paz.

Na cozinha, Beatrice preparava um café para Matthew. Ambos conversavam sobre a situação de Valentine e como iriam agir nos próximos dias. Ele estava sendo um grande amigo e companheiro para ela nesses últimos dias. Era como uma válvula de escape. Um refúgio em meio ao caos que estava se formando em sua pacata vida.

Quando terminou de passar o café, serviu uma xícara para si e outra para Matthew. Quando ia pôr a garrafa de volta na bancada, sentiu uma leve tontura. Rapidamente, o homem se aproximou e segurou-a antes que a mesma caísse.

— Está tudo bem? — Questionou preocupado. Suas mãos rodeavam a cintura da mulher com delicadeza. Beatrice respirou fundo e abriu os olhos. No momento em que se deparou com os olhos de Matthew concentrados em si, sentiu-se ruborizar um pouco.

— Sim, estou bem. — Disse por fim. Hipnotizado por tamanha beleza, o homem acariciou sua bochecha rosada. Ao contrário de Clair, que sempre fora magra, Beatrice tinha um corpo mais cheio, mas isso não era uma característica ruim na mulher, pelo contrário, suas curvas eram lindas e era uma mulher adorável. Foi sua beleza angelical que encantou Matthew a medida que iam se conhecendo.

Com os toques suaves em seu rosto, Beatrice se permitiu fechar os olhos por um momento. Estava fascinada com o homem. Matthew se aproximou ainda mais da mulher e tocou seus lábios macios com os seus. Era hipnotizante a sensação de ter seus lábios junto aos dele. Devagar, iniciou um beijo calmo. A sensação era diferente de todos os beijos que já dera em toda sua vida. Era melhor do que qualquer outro beijo que já tenha dado ou recebido. Nenhum outro trouxe a sensação de leveza que sentia ao beijar

Beatrice. Era eletrizante, apaixonante e entorpecedor.

O beijo foi encerrado e ambos estavam com a respiração irregular. Suas testas estavam coladas e ele ainda mantinha suas mãos em volta da cintura dela.

— Isso não devia ter acontecido — Ela sussurrou. Havia sido tão bom quanto foi para ele, mas ela não podia permitir que se envolvessem assim. Primeiro por Clair, depois por tudo o que estava acontecendo a sua volta e por fim, ainda não tinha superado a morte de seu marido. Ela não podia misturar as coisas. Não podia se deixar envolver.

— Desculpe, eu não sei o que deu em mim. — Ele se afastou constrangido. — É... Nos vemos depois.

Sem dizer nada, Matthew saiu de sua casa e foi imediatamente para a dele. O que tinha acabado de acontecer? Como pudera se deixar levar? Um turbilhão de pensamentos invadiam sua mente. Cansado, decidiu tomar um banho para aliviar toda a carga de estresse que o cercava nos últimos dias.



Com a partida triunfante do sol, Harry finalmente saiu do jardim. Ele havia conseguido colocar os pensamentos em ordem. E mesmo não se conformando, decidiu que iria fazer de tudo para ajudar Valentine a recuperar a memória.

Decidido, o garoto separou os melhores girassóis e montou um lindo arranjo para a garota. Ele sabia que aquela flor tinha um valor sentimental muito importante para ela. Por isso, acreditava que eles poderiam despertar algo nela. Uma pequena lembrança que fosse já ajudaria e o deixaria muito feliz.

Quando chegou no quarto da garota, a mesma ainda dormia. Não

quis acordá-la, por isso, deixou o arranjo e um bilhete em sua cama. Por fim, deu um sorriso e se retirou do quarto sem fazer barulho.

Ao passar pela cozinha, se despediu de Beatrice e fora para sua casa.

Assim que despertou, Valentine virou-se um pouco na cama e logo pôde se deparar com o arranjo e o bilhete deixado por Harry. Sentiu um sentimento bom ao ter os girassóis tão perto. Dessa vez, tão vivos e reais. Curiosa, pegou o bilhete para que pudesse ler.

Sei que eles são especiais para você. Espero que te ajude a se lembrar de algo e se lembrar de nós.

Com amor, Harry.

Confusa, Valentine releu o bilhete várias vezes. Ainda não teve tempo para perguntar quem eram as pessoas que se diziam ser sua família. Ainda não tinha conhecimento que Harry era seu namorado. No entanto, as palavras carinhosas causaram uma ótima sensação. Satisfeita, guardou o bilhete e colocou o arranjo em um vaso.



Perto da hora de dormir, Beatrice fora até o quarto de Valentine. Já havia colocado Amy para dormir e sentiu a necessidade de ir ver se a garota estava bem. Quando entrou em seu quarto, ela estava deitada encarando seu urso de pelúcia. O mesmo que a mulher lhe dera na infância. Isso a deixou feliz.

Em silêncio, ela sentou-se na beirada de sua cama e a olhou com um sorriso no rosto.

— Você o achou — Sorriu ainda mais. A ideia de ver Valentine

com algo que pudesse ser familiar a deixava feliz e esperançosa.

— A garotinha pegou no armário e me deu. — Deu uma pausa e olhou para a mulher — Ela disse que é especial.

Beatrice não conseguiu deixar de sorrir. Amy era mesmo uma criança muito inteligente. É claro que iria fazer algo para ajudar.

— Sim, dei quando você tinha 10 anos. — A mulher afirmou. Valentine assentiu.

— Posso fazer uma pergunta? — A garota questionou enquanto brincava com o lacinho da roupinha do urso.

— Claro, querida. Quantas você quiser. — Beatrice sorriu.

— Você é minha mãe, certo? — Questionou olhando em seus olhos. — A garotinha te chamou de mãe... — Justificou.

Beatrice não sabia bem o que responder. O que diria? Por fim, decidiu apenas dizer que era sua tia.

— De fato, sou mãe dela. — Deu uma pausa. — Ela é sua irmã, mas eu não sou sua mãe, meu amor. Sou sua tia.

Valentine ficou ainda mais confusa.

— Onde estão meus pais? Ela é filha do meu pai com você? É isso? — Questionou.

— Querida, eles ... — Vacilou um pouco na voz. — Eles faleceram já tem um tempo. Sua mãe quando você tinha 5 anos, seu pai quando você tinha 15.

— Oh! Entendi. — Abaixou o olhar. Não sentia tristeza ou solidão. Mas sentia-se cada vez mais perdida em meio ao vazio e solidão de sua

mente.

— Quantos anos eu tenho? Você é irmã da minha mãe? — Voltou a questionar. Seu coração estava apertado e ela nem mesmo conseguia explicar o porquê.

— Sim, ela era minha irmã. — Sorriu — E você tem 16 anos e meio.

— Eu me parecia com minha mãe? — Quis saber.

— Muito. É como se fosse ela aqui agora. — Mais uma vez, Beatrice sorriu.

— Aquele garoto, ele é o que meu? — Quis saber quando se lembrou do bilhete.

— O Harry? Ah! Vocês são namorados. — A mulher sorriu divertida. Pela primeira vez, Valentine sentiu um rubor em sua bochecha. A mulher sorriu ainda mais.

— É tudo tão confuso, sabe? — Deu uma pausa — Eu acordo e não me lembro quem eu sou, não lembro da minha família e não lembro de minha própria casa. Agora, descubro que meus pais morreram e que tenho um namorado. É tudo... Confuso. Essa não é minha vida. Eu não me lembro de nada disso. Por que não me lembro?

Uma lágrima caiu por sua face. Beatrice tocou sua mão e acariciou um pouco. Esse gesto causou outra sensação em Valentine. Ela se sentiu conectada. Era como se a mulher pudesse preencher um pouco do vazio que sentia. Assim como Amy fizera mais cedo. Até mesmo Harry com seu bilhete. Embora se sentisse assim, não conseguia explicar o motivo para tal sentimento repentino.

— Meu amor, tudo isso vai passar. E logo estaremos felizes com sua saúde restaurada novamente. Enquanto isso, iremos ajudar. — A mulher sorriu enquanto fazia movimentos circulares na mão da menina. Por se sentir menos vazia ao lado da mulher que descobrira ser sua tia, a garota quis tê-la por perto.

— Você pode dormir aqui essa noite? Só pra mim me adaptar a tudo isso. — Pediu um pouco sem jeito. Tinha receio da mulher dizer que não poderia.

— É claro, meu amor. — Beatrice tirou suas pantufas e foi de deitar ao lado da garota. Assim como fizera outras vezes, puxou seu pequeno corpo para perto de si e abraçou com carinho. — Se sente confortável assim?

— Oh! Sim. Está bom assim. — Valentine fechou os olhos e tentou se lembrar do cheiro que a mulher tinha, mas não se lembrou se havia sentido antes. Apenas de senti-la preenchida com o abraço da mulher e o urso no meio das duas. Devagar, Beatrice começou a fazer movimento relaxantes em seus cachos. Essa sensação lhe trouxe conforto e paz.



No dia seguinte, quando Beatrice acordou, se permitiu ficar um tempo olhando Valentine dormir ao seu lado. A menina ainda estava próxima ao seu corpo e dormia tranquilamente. Alguns cachos cobriam um pouco o seu rosto, fazendo com que a mulher os afastasse para acariciar seu rosto. Era tão difícil vê-la sem memória alguma de seu passado, mas estava feliz por tê-la em casa e bem. Só de pensar no que tinha acontecido, seu coração se apertava e sentia um nó na garganta. Em seu coração, tinha a fé e esperança de que ela logo iria se recuperar.

Depois de um determinado tempo, Beatrice decidiu se levantar para ir

fazer o café da manhã. Com cuidado para não acordar Valentine, se levantou e seguiu para o banheiro de seu próprio quarto. Precisava de um banho quente e relaxante para iniciar bem o dia. Embaixo do chuveiro, não conseguiu evitar não pensar em Matthew e no beijo do dia anterior. Se sentia culpada por ter permitido que o beijo acontecesse. Como ela iria agir com ele depois do que aconteceu? Seria difícil olhar em seus olhos e não lembrar do ocorrido. O mesmo seria para ele. Ambos estavam nutrindo um sentimento um pelo outro, mas tinham tantos empecilhos pelo caminho. E não parecia lógico deixar que um relacionamento acontecesse entre os dois.

Ela não podia e não iria permitir que o sentimento crescesse dentro dela. Por isso, decidiu que não mais pensaria nele. Ao menos, tentou obrigar sua mente a não pensar, mas a cada batida frenética de seu coração e o frio na barriga, o beijo voltava a sua mente novamente.



Valentine despertou após ter um sonho em que ela caía lentamente de um lugar alto e muito escuro. Em seu sonho, nunca chegava ao solo. Acordou em um impulso e muito ofegante. Era seu primeiro sonho desde que tinha “acordado” no hospital, mas o sonho parecia tão real que até chegou a pensar que pudesse ser sua primeira lembrança após o que aconteceu. Seria cenas de seu acidente? Ela não sabia dizer. Ninguém havia contado o que de fato tinha acontecido.

Um pouco confusa e assustada, olhou ao redor de seu quarto desconhecido e observou uma porta branca no lado esquerdo do quarto. Imaginou que fosse um banheiro e não hesitou em levantar e seguir para o local. Precisaria de um longo banho para relaxar e não pensar em seu sonho. Tinha tantas coisas a questionar, tantas outras para pensar. Nada era familiar para ela, não reconhecia ninguém, e pior, nem mesmo se reconhecia. Como

pode alguém perder toda a sua memória? O cérebro humano é mesmo uma caixa instigante e misteriosa.



Quando terminou de passar o café e coloca-lo na garrafa térmica, Beatrice escutou a campainha tocar. Enxugou suas mãos e foi atender a porta. Seus olhos rapidamente se prenderam aos de Matthew assim que a porta fora aberta. Ela não soube o que dizer, ou se era pra dizer algo. O homem parecia preso a mesma confusão de seus pensamentos e sentimentos. No entanto, fora ele quem quebrou o silêncio quase constrangedor que havia se instalado.

— Eu preciso conversar com você. — Sua voz rouca e grave ecoou pelo ambiente. Beatrice pensou em uma maneira de negar aquela conversa. Sabia bem o que ele iria falar, mas como fugiria? Qual seria sua desculpa? Não havia uma que fosse boa o suficiente, por isso, deu espaço para que o mesmo entrasse em sua sala.

— Você aceita um café? Acabei de passar. — Questionou sem conseguir olhar diretamente em seus olhos. Ao invés disso, olhava para seus pés.

— Um pouco, por favor. — A bebida foi entregue alguns segundos depois. Após o líquido quente e doce descer por sua garganta, Matthew olhou para Beatrice e tomou coragem para iniciar o assunto.

— Eu não posso negar o que sinto — Iniciou o assunto. Nesse momento, a mulher olhou para si com atenção. O que eles sentiam afinal? — Não sei ao certo o que eu sinto, mas quero estar ao seu lado.

Beatrice corou um pouco e voltou a olhar para qualquer outra direção que não fosse seus olhos penetrantes em si. O homem colocou a xícara de café em cima da bancada e se aproximou de Beatrice. A mesma sentiu seu

corpo trêmulo. Seu coração batia rapidamente.

Matthew tocou seu queixo e levantou seu olhar para ele. O homem acariciou um pouco as suas bochechas rosadas e se aproximou mais dela. Por mais que tentasse, Beatrice não conseguia se afastar. Estava completamente presa aos seus olhos.

O espaço entre eles já não existia mais. Matthew fechou os olhos e beijou os lábios de Beatrice. De início, era um beijo simples que fora aprofundado e se tornou intenso e apaixonado. Mais uma vez, sentia o turbilhão de sentimentos do dia anterior.

Naquele instante, Valentine ia descendo a escada após se localizar na casa. Não era tão grande, mas não se lembrava do caminho que havia feito na noite anterior. No fim do degrau, se deparou com o casal. Até tentou não fazer barulho, mas ambos já haviam sentindo sua presença e então se afastaram. Beatrice estava visivelmente ruborizada.

— Conversamos depois. — Ele afirmou antes de sair e seguir para mais um dia longo de trabalho no hospital.

— Desculpe, eu não quis atrapalhar. — Valentine se justificou envergonhada.

— Não há problema, querida. — Beatrice soltou o ar — Você não atrapalhou nada.

Seu sorriso doce convenceu Valentine.

— Vocês são namorados? — Questionou um tanto constrangida com o assunto. Pelo pouco que havia assimilado, sabia que o homem era pai de Harry. Seu namorado. Ainda não tinha se acostumado a afirmar isso.

— Ah! Não, não somos. — A mulher se atrapalhou um pouco.

Valentine sorriu pois achou graça. Em um impulso, como se já tivesse feito isso tantas outras vezes, se aproximou e abraçou a mulher. Seu cheiro de erva doce trouxe uma sensação familiar.

— Desculpe, foi um impulso. — Se afastou acanhada. Não entendia o que tinha acabado de acontecer. Beatrice sorriu e puxou-a de volta para o abraço.

— Você pode me abraçar quantas vezes sentir vontade, meu amor. — Acariciou seus longos cachos. Seu cabelo havia crescido muito durante o tempo que passou no hospital. Os cachos pesaram e já não estavam tão volumosos como estava acostumada, mas ainda assim, eram lindos.



De noite, Valentine observava seu quarto novamente. Havia um tempo que tomou um banho e deitou na cama com o ursinho que Amy dissera ser dela. Sentia-se confortável com ele. Enquanto mexia no lacinho de sua roupa, observava todo o seu quarto. Tentava se recordar de algo, qualquer coisa que fosse, mas não conseguia.

Foi tirada de seus devaneios com Amy entrando no quarto e correndo para se deitar ao seu lado na cama. Esse pequeno gesto fizera a garota sorrir um pouco.

— Tive uma ideia. — A garotinha pronunciou animada e com um brilho irreconhecível em seus olhos castanhos.

— Qual ideia? — A mais velha questionou curiosa. Havia se acostumado com a presença da garotinha.

— Podemos ir ver as estrelas. — Respondeu batendo palmas eufórica. Ela queria que de alguma forma, Valentine se lembrasse dela e de tudo. Por que não fazer uma coisa que já tinham feito antes? Ela era mesmo uma

garotinha muito inteligente.

— Acho que pode ser bom, mas onde podemos ir? — Questionou confusa. Não havia visto nenhuma passagem para um possível terraço na casa.

— No telhado, como fizemos uma vez. — A garotinha continuou em expectativa.

— Pode ser perigoso, não acha? — Questionou deixando seu ursinho de lado para se concentrar na garotinha.

— Já fomos lá uma vez e não foi perigoso. — Fez bico — Por favor, vai ser legal. — Pediu fazendo carinha fofa. Valentine sorriu e levantou pegando a mesma no colo em seguida.

— Me mostre. — Pediu sorrindo. Amy beijou sua bochecha e indicou o caminho. Um pouco receosa, Valentine fora até o telhado com a pequena. Durante todo o tempo, se manteve o máximo possível longe da beirada. Mantinha Amy sempre segura ao seu lado. Como fizera isso antes? Por Deus, parece ser tão perigoso. Fora o que a garota logo pensou, mas tentou fazer daquele momento algo que lhe ajudasse com a memória.

— Aquela estrela é o papai e aquela ao lado dele é sua mamãe. — Amy apontou as duas estrelas mais brilhantes no céu. Sem saber explicar, Valentine sentiu um aperto em seu coração.

— É mesmo? — Não quis parecer indiferente para a garotinha.

— Sim, você me disse quando estivermos aqui. — Amy afirmou com um largo sorriso em seus lábios. Valentine sorriu fraco. Seu coração doía e ela não entendia de onde vinha aquele sentimento. Passou um tempo e a garota pediu que voltassem, pois estava muito frio para Amy. Satisfeita, Amy concordou. Ela só queria lembrar Valentine que um dia já fizeram aquilo.

— Vem, vou te levar até seu quarto. — Valentine pegou-a no colo outra vez.

— Posso dormir aqui com você? — Amy pediu voltando a fazer carinha fofa. Valentine não resistira. Deitou-se em sua cama novamente e colocou a pequena ao seu lado e cobriu bem o seu corpo. Em seguida, apagou a luz. Amy se aconchegou na irmã e inalou seu cheiro.

— O que está fazendo? — A mais velha questionou confusa.

— Sentindo seu cheiro. É cheiro de flores, tine. — Aquela frase causou uma sensação de “dejavu” na garota. Como? Já vivera isso antes? Não conseguia dizer, mas decidiu sorrir e abraçar o corpo pequeno de Amy. Assim como fora com Beatrice, se sentiu confortável ao lado da pequena.



Na manhã seguinte, Harry fora visitar Valentine. Estava confiante em ajudar com sua memória. Faria de tudo para que a garota se lembrasse. Com um sorriso no rosto, bateu na porta do quarto dela. Valentine gritou um “já vai”, pois ainda terminava de se vestir. Tentou achar algo que fosse confortável, mas nada parecia bom o suficiente. Parecia que nada ali fosse verdadeiramente seu. Por fim, vestiu um vestido de tecido leve e estampado de flores. Nós pés, colocou uma sapatilha e enfim abriu a porta.

Harry olhou para a garota e abriu um sorriso radiante. Estava encantado, mesmo tendo visto a garota assim tantas outras vezes.

— Você está linda, Valen. — Afirmou. Valentine corou. Ainda mais por se lembrar que o mesmo era seu namorado. Ao menos, fora o que Beatrice dissera, ela pensou. Mas a mulher não teria motivo algum para mentir.

— Obrigada, é... Harry!? — Respondeu incerta. O garoto assentiu e

adentrou o local. Segurou na mão da garota e acariciou um pouco.

— Sabe, eu estava ansioso para vir te ver hoje. — Se aproximou um pouco mais dela e acariciou seu rosto. A garota se sentiu nervosa e um tanto desconfortável. Sabia que era seu namorado, mas não conseguia se lembrar. No entanto, sentia como se uma energia os ligasse. Harry segurou seu queixo e puxou a garota mais para si. Ela queria muito se afastar, mas ao mesmo tempo, sentia-se ligada a ele. O garoto pediu que a mesma fechasse os olhos, meio relutante, obedeceu. Instantes depois, sentiu seus lábios quentes e macios sobre os seus. Sentiu um enorme frio na barriga. Ao mesmo tempo, se sentiu completamente perdida, pois não sabia o que fazer. No entanto, os lábios do garoto seguiam em movimentos lentos. Devagar, iniciou um beijo doce conduzindo a garota.

Em sua mente, Valentine via flashes de momentos os quais não se lembrava de ter vivido. Era como se o beijo de Harry a fizesse viajar para longe. Podia sentir a chuva cair sobre eles, mesmo que não estivesse chovendo. Era surreal. Ela não sabia, mas havia se lembrado de seu primeiro beijo com Harry. No entanto, suas memórias fragmentadas começaram a se misturar com insights mais antigos.

Agora, podia sentir os lábios macios de outra pessoa. Não era mais Harry a vagar por sua mente, mas sim John. Ela não lembrava o seu nome, mas podia sentir suas lágrimas junto as dele e uma perfeita sincronia de seus lábios unidos pela primeira vez em um beijo puro e apaixonado.

Quando Harry se afastou, as memórias se apagaram imediatamente. Ainda ligada aos insights, a garota não abriu seus olhos. Estava ofegante e perdida. O que tinha acabado de acontecer? Ela não sabia explicar.

Quando enfim abriu seus olhos, não viu Harry, mas sim John bem na sua frente. Estava assustada demais com tudo o que estava presenciando. E

como de fosse mágica, seu nome viera na mente da garota. Mesmo sem entender quem ele fora em sua vida. Um outro namorado? Onde ele estava?

— John... — Tentou tocá-lo, mas no mesmo instante, Harry surgiu na sua frente novamente. Não compreendia o que sua mente estava fazendo.

— O que você disse? — Harry questionou ainda ofegante e conturbado ao ouvir o nome de John e não o seu. Sentia-se ferido.

— Eu não sei... Me desculpe. — Sussurrou perdida e igualmente conturbada. O garoto se afastou e correu para fora do quarto a deixando sozinha com a confusão de sua mente.

Ele sabia que não seria fácil, mas confundi-lo com John era demais para o garoto. Valentine tentou lhe alcançar, mais o mesmo já tinha rodado o corredor.

Quando virou-se para voltar ao quarto novamente, ouviu uma canção. Não sabia de onde vinha e nem mesmo como surgiu. Era uma melodia em sua mente, uma doce melodia que a conduziu até a porta do porão. Confusa, abriu e desceu pelo corredor escuro. Degrau por degrau e a melodia ficava cada vez mais próxima.

Ao se deparar com fotos e objetos de sua infância por toda parte, lembranças começaram a surgir como avalanche em sua mente. Não pediam permissão, apenas vinham, uma atrás da outra e sem qualquer ordem cronológica. Ela visualizava uma imagem ou um objeto e memórias vinham na sua mente. Era confuso e perturbador demais. Ela só queria que tudo aquilo acabasse logo.

Quando seus olhos visualizaram um quadro no alto, seu corpo paralisou. Podia vê-la bem na sua frente. Seus cachos perfeitos, seu sorriso doce e radiante, sua alegria contagiante. Seus pés tinham vontade própria,

seguia em direção ao quadro que continha a foto de sua mãe. Subiu no estofado da antiga cadeira de balanço e tentou alcançar o quadro. Sem perceber, seu pé torceu, sua mão segurou uma caixa, mas a mesma não era pesada o suficiente para mantê-la de pé. O objeto caiu em sua cabeça e ela desmaiou no mesmo instante.

Do corredor, Beatrice ouviu o barulho, viu a porta do porão aberta e correu para ver o que tinha acontecido. Ao ver Valentine desmaiada e sangue em sua testa, ficou desesperada e correu para chamar a ambulância.





_____ ≡ _____

*Homem algum poderia dizer que
Não existia mais vida. Se joelhos
Forem dobrados, e pedidos forem
Feitos, um milagre será realizado,
Independente, de quaisquer
ciência humana.*

_____ ≡ _____

No momento em que Valentine abriu seus olhos, se deparou com as paredes brancas do hospital. Paralisada, não conseguia raciocinar e entender onde estava ou que acontecia naquele momento. Quando conseguiu se situar, lembrou de Clair e o acidente. A sensação que teve ao cair do prédio, o vento batendo em seu rosto jogando seu cabelo para todos os lados, seus olhos lacrimejando e sua última visão: viu sua mãe e viu John. Seu coração acelerou e a garota começou a ofegar, fazendo com que a máquina ligada a si começasse a apitar freneticamente. Alguns enfermeiros entram no local e tentam estabilizar a garota novamente. No momento em que Harry entrou no quarto, a garota buscou suas mãos desesperadamente.

— Você precisa esperar lá fora, menino. — Um dos enfermeiros pediu de modo autoritário. Harry não deu atenção. Naquele instante, o peso

da culpa não o permitiu se afastar da garota.

— Eu não vou sair não ver que ela quer que eu fique? — Questionou angustiado. Os médicos então se afastam um pouco. O menino não pensou em nada, somente abraçou-a e afagou seus cachos bagunçados.

— Ela ia me matar, eu não consegui fugir, Harry. Pensei que fosse uma mensagem sua, mas era uma armadilha e eu não conseguia me salvar. — Valentine sussurrou em meio às constantes lágrimas que caíam por sua bochecha. Harry não entendia o que a garota dizia, só queria que a mesma se acalmasse. Por um momento, chegou a pensar que a garota houvesse recuperado a memória.

— Fique calma. — Sussurrou — Eu estou aqui agora e nada de ruim irá acontecer.

Alguns minutos depois, a garota finalmente conseguiu se acalmar. Sua memória da aterrorizante noite não saía de sua cabeça. Ela revivia cena por cena a todo instante como se ainda estivesse lá e Clair pudesse atacá-la

— Onde ela está? Eu cáí, não cáí? Eu penei que iria morrer. — Sussurrou apertando um pouco as mãos do garoto. Confuso, o mesmo arqueou a sobancelha.

— De quem está falando, meu amor? — Questionou limpando suas lágrimas.

— Como de quem? — Questionou um pouco alterada. Harry voltou a abraçá-la e dizer que tudo estava bem. — Sua mãe, Harry. Onde ela está? Como eu sobrevivi?

A garota parecia cada segundo mais confusa e perdida. Em sua cabeça, não tinha como ela sobreviver.

— Valen, do que você se lembra? — O garoto questionou. Ele precisava entender o que estava acontecendo na cabeça dela. Parecia que ela havia acabado de acordar após o acidente no prédio e isso não fazia o menor sentido.

— Do nosso passeio, da mensagem no celular e de sua mãe querendo me matar. Eu estava tão assustada, ela dizia coisas horríveis e eu estava com muito medo. Eu pensei que fosse morrer.

Ele queria dizer para ela tudo o que tinha acontecido, falar sobre seu estado de saúde, sua memória e quanto tempo já havia passado desde o acidente no prédio, mas não era o momento ideal para deixá-la mais aflita e confusa. Afinal, sua memória havia voltado, mas seus últimos dias haviam se apagado. A garota não tinha conhecimento algum do que estava acontecendo.



Beatrice olhava atenta para cada pétala de rosas que caíam no chão devido ao vento que, vez ou outra, passava por eles. Fazia um tempo desde que chegara com Valentine no hospital. A mulher estava em choque e precisou ser amparada por Matthew. Um pouco longe dela, Amy brincava no playground próximo ao hospital. A garotinha corria e brincava feliz com as demais crianças do local. Para ela, não parecia existir tempo ruim. Em sua cabeça, acreditava que logo iriam para casa e nada de ruim iria acontecer. Matthew queria muito poder dizer algo a Beatrice, mas preferiu deixar que a mesma ficasse um tempo com seus pensamentos. Ela precisava disso.

Alguns minutos depois, ele quebrou o silêncio.

— Vai ficar tudo bem! A batida não foi muito séria. — Afirmou acariciando a mão dela entrelaçada junto a sua. A mulher não sabia dizer em que momento havia feito isso, mas a sensação estava sendo boa demais para

ela simplesmente rejeitar seu toque. Quando virou seu rosto para olhá-lo, percebeu o quão próximos estavam. Matthew acariciou seu rosto com sua mão livre e encostou sua testa na dela. Ela até quis, mas não se mexeu. Naquele instante, não tinha forças para sequer impedi-lo. Sentia-se esgotada demais para protestar.

De longe, supervisionada por uma enfermeira, Clair observava Amy brincar. Sua mente trabalhava a todo instante, somente esperando um momento oportuno para fugir e levar a garota com ela. Quando viu Matthew tão próximo a Beatrice, sentiu a raiva dominar. Beatrice fechou seus olhos e permitiu que Matthew lhe beijasse outra vez. A sensação de ter os lábios dele juntos aos seus, era eletrizante. Eram surreais todas as emoções que sentia com um único beijo seu. Ela não queria permitir, mas estava se entregando demais a esse novo sentimento. Clair os olhava com uma fúria incontrolável dentro de si. Sua enfermeira não sabia dizer onde a mesma havia conseguido uma tesoura. A mulher somente percebeu o objeto quando viu o sangue escorrer por seu braço magro. Ela havia cravado a tesoura em si mesma quando viu o beijo. O ódio dentro de si não lhe permitia sentir a dor. Era fria e vazia como uma mulher sem alma. Rapidamente, enfermeiros imobilizaram-na e a levaram para ser atendida antes que chamasse atenção dos demais pacientes e crianças que brincavam no local, mas Amy havia visto. Tanto o beijo quanto Clair se torturando.

— Mamãe? — Choramingou indo até ela. Beatrice se afastou de Matthew e respirou fundo. Quando abriu seus olhos, viu Amy chorar.

— O que foi, meu amor? — Questionou preocupada. Até segundos atrás a menina brincava feliz e do nada começou a chorar.

— Podemos ir ver tine, estou com medo. — Afirmou abraçando e se aconchegando nos braços de sua mãe. No entanto, a garotinha sabia o quanto

sua mãe estava preocupada com tudo o que estava acontecendo, não queria preocupá-la mais ainda. Além do mais, elas estavam seguras. Ao menos era o que a garotinha pensava, já que haviam levado Clair para longe.

— Só quero saber se ela está bem, mamãe. — Afirmou com o rosto escondido. Beatrice decidiu não questionar. Sabia que uma hora ou outra todo esse clima iria afetar Amy também. Em silêncio, caminharam até o quarto onde Valentine estava. Amy fez questão de juntar as mãos de sua mãe e Matthew, em seguida, andou um pouco mais a frente do casal. Ambos se olharam por um instante e logo desviaram o olhar.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。

Harry permanecia ao lado de Valentine a todo instante. A menina havia se acalmado e apenas olhava para o quarto entediante ao seu redor enquanto Harry mexia em seus cachos. Tudo o que ela queria era poder ir para casa e esquecer tudo o que tinha acontecido naquela terrível noite. Quando Beatrice entrou no quarto com Amy e Matthew, seu coração se agitou um pouco.

— Meu amor, estava tão preocupada. — Sussurrou. E sem que pudesse controlar, novas lágrimas surgiram. Amy subiu na cama e foi sentar ao lado de Valentine. Angustiada, a garota limpou as lágrimas de Beatrice e apertou sua mão. É tão bom poder estar segura e com as pessoas que amava.

— Eu estou bem agora, não chore. — Sussurrou. A mulher sorriu. Era ótimo poder escutar a garota dizer aquilo.

Amy brincava com os cachos da irmã como se a atmosfera não estivesse ruim para ela.

— Me diz, como está se sentindo? — Beatrice questionou mais calma. Valentine pensou antes de dizer o que de fato sentia com tudo aquilo.

—Eu tive medo, muito medo. Pensei que fosse morrer. — Deu uma pausa — Aquela mulher estava fora de controle.

Beatrice franziu a testa confusa. Afinal, do que Valentine estava falando?

— Tia, a memória dela voltou. — Harry afirmou. Não queria dizer na frente de Valentine, mas uma hora ou outra iriam precisar falar sobre o assunto.

— Eu perdi a memória? — Questionou sem entender — Em que momento foi isso?

Todos ficaram em completo silêncio. Não sabiam explicar o que estava acontecendo.

— Querida, se passaram cinco meses. — Beatrice explicou. Valentine permanecia confusa.

— Como? Lembro-me como se fosse ontem... Todas as memórias estão vivas em minha mente como se fosse ontem.

Lágrimas escorriam por sua face outra vez. Amy, delicadamente limpou todas elas e beijou sua bochecha.

— Você teve uma complicação e lhe deram como... — Beatrice pausou sua explicação. Por Deus, era tão difícil dizer e explicar aquilo.

— O que a sua tia está querendo dizer é que você ficou em coma. — Matthew explicou. — Qualquer atividade cerebral não era emitida nas máquinas e após cinco meses decidiram desligar as máquinas.

Não tinha um jeito fácil de dizer aquilo.

— Quem decidiu isso? — A garota ficou tensa. Doía-lhe ouvir todas aquelas coisas. Principalmente por saber que não esperaram por ela. Mas, o

que tinha acontecido afinal? Ela acordou e ficou tudo bem? Por que não se lembrava de nada?

— O hospital, querida. — Beatrice respondeu aflita.

— Você concordou? — Questionou com olhos embaçados e um nó na garganta.

— Veja bem — Matthew interferiu novamente — O hospital havia dado um alerta e não tínhamos escolha. Precisavam das máquinas livres para outro paciente que seria realocado. E quando temos um caso de coma, não há muito que fazer, você entende?

Não, ela não entendia. As lágrimas caíam descontroladas e a dor que sentia era sufocante. Saber que sua família estava disposta a entregar sua vida era doloroso demais para ela.

— Eu quero ficar sozinha. — Afirmou em um fiapo de voz. Não tinha mais condição para ouvir mais nada. Mesmo que estivesse ainda mais confusa.

— Nos deixe explicar, Valen. — Harry pediu. Seu coração estava apertado e o garoto sentiu medo do que viesse a seguir. Nada fora dito pela garota. Ela precisava entender e deixou que explicassem. Mesmo que seu coração estivesse ferido. Até chegou a pensar que talvez fosse melhor se tivesse morrido mesmo.

— Não chora tina, mamãe não fez por mal. — Amy tentou explicar. Mesmo tão pequena, entendia o que estava acontecendo.

— Vem aqui, amorzinho. — Beatrice pegou a filha em seu colo. Valentine sentou com a ajuda de Matthew e permaneceu em silêncio.

— O que aconteceu depois? Desligaram as máquinas? — Questionou

com um enorme nó em sua garganta. Tinha medo da resposta e não sabia se tinha coragem para ouvir toda a história.

— Eu pedi muito ao papai do céu e você acordou tine. — Amy explicou — Mesmo com as máquinas desligadas, você acordou porque eu pedi. Quando pedimos com muita vontade, Ele nos ouve.

Naquele instante, todos ficaram tocados com o que a pequena havia dito. Afinal, poderia a fé de uma criança salvar a vida de uma pessoa dada como morta?

— E depois? — Questionou depois de um tempo.

— Você acordou sem memória alguma e te levamos para casa. E foi um dia depois que te encontrei no porão. Essa parte eu não sei explicar.

Beatrice limpou as lágrimas. Não tinha coragem para olhar nos olhos da garota. Ela havia falhado em cuidar dela e sentia um peso enorme por causa disso.

— Essa parte eu explico — Harry afirmou envergonhado — Nós estávamos juntos, eu te beijei e você começou a misturar várias memórias antigas e isso me deixou um pouco frustrado porque você me chamou de John. Acabei indo pra casa e te deixei sozinha no quarto. Bom, o resto eu não sei. Mas creio que depois disso você deve ter ido ao porão por engano.

— Eu não me lembro de nada. — A garota afirmou perdida — Só me lembro de Clair querendo me matar e de ter acordado agora.

— Uma caixa caiu em sua cabeça, Valen. Isso afetou sua memória. — Beatrice explicou. A situação do porão era um mistério para todos. Somente Valentine poderia explicar. No entanto, não se lembrava.

— Não fica brava, tine. Mamãe sofreu muito e não queria que você

fosse. — Amy explicou outra vez.

— Não estou brava, meu amor. Só estou confusa. — Justificou. Mas vai passar tudo bem? Vem aqui, deita comigo.

Sem pensar duas vezes, Amy correu e foi deitar ao lado da irmã. Valentine lhe abraçou apertado e inspirou seu cheiro.

Com Amy ao seu lado, fechou os olhos e se permitiu dormir. Precisava digerir tudo o que tinha acontecido. Atordoados, todos permaneceram no local sem nada dizer. Era difícil para eles também.



Por um instante, Valentine hesitou ao segurar a maçaneta da porta de entrada. Após ser liberada do hospital, Beatrice a levou para casa. No entanto, quando suas mãos tocaram o objeto metálico na cor dourada, sentiu uma pontada em sua cabeça. Breves segundos se passaram e algumas imagens passaram por sua cabeça. Cenas as quais ela não se lembrava de ter vivido. Com um pouco de esforço, conseguiu associar as imagens ao dia que se passou após ter acordado do acidente. Pela primeira vez, conseguiu se lembrar de tudo. De ter acordado, de ter chegado a casa, do beijo de Harry, da ida ao porão até sua queda. Uma avalanche de memórias lhe atingiu sem pedir permissão. Preocupada com o estado da menina, Beatrice tocou levemente em seu ombro e chamou sua atenção.

— Está tudo bem, querida? – A mulher questionou com um sorriso fraco. Desde que saíram do hospital, a menina não lhe dirigiu uma só palavra. Estava confusa demais com tudo o que lhe fora contado.

— Sim, está. – Respirou fundo e enfim girou a maçaneta para entrar em casa. Sua mente nunca esteve tão clara como estava naquele momento. Só havia uma coisa que ainda não conseguia compreender: sua suposta morte. A

garota adentrou o local com sua tia e irmã logo atrás. Logo o sol iria partir anunciando mais um fim de dia. Angustiado, Valentine sentou no grande sofá de sua sala e respirou fundo. Era muita informação para pouco tempo.

— Você está com fome? Quer que eu prepare algo? – Beatrice questionou colocando Amy no chão. A pequena correu e foi se sentar junto a Valentine.

— Não estou com fome. – Abriu seus olhos para encarar a mulher — Vou tomar um banho. Ela não esperou por uma resposta. Passou por Beatrice e subiu rapidamente para seu quarto. Precisava muito de um banho quente e relaxante, na esperança de que o mesmo pudesse lavar toda sua alma e mente bagunçada.



Valentine olhava para o teto durante longos minutos. A casa estava completamente em silêncio, o que a fez pensar que fosse a única acordada. A porta de seu quarto foi aberta devagar. Beatrice olhou através de uma pequena fresta e esperou por uma autorização da garota, mas não recebeu nada além de seu olhar confuso e perdido.

— Posso entrar? – Questionou ainda com a cabeça para dentro do cômodo. Apenas a luz do abajur iluminava uma pequena parte do quarto. Valentine apenas assentiu e voltou a encarar o teto. Beatrice entrou, fechou a porta atrás de si e foi se deitar ao lado da garota.

Nada foi dito por um instante. Até que Valentine finalmente quebrou o silêncio.

— Me lembrei de tudo – Deu uma pausa — Acredito que seja tudo, eu ainda não sei.

A garota parecia vazia e perdida em meio a sua mente cheia de

informações.

— Do que se lembrou, querida? – A mulher questionou olhando para si. Seus olhos se encontraram.

— De ter acordado, eu acho. Bom, eu podia ver, podia ouvir, mas não conseguia me mexer. – Justificou-se. — Era a pior sensação de toda a minha vida. Então, eu ouvi meu nome. Parecia que meu corpo havia correspondido a apenas isso: meu nome. Agora eu consigo me lembrar de exatamente tudo.

— O que foi fazer no porão, meu amor? – Questionou. Esse era um mistério o qual todos queriam saber. Valentine respirou fundo. Tinha um pouco de vergonha, mas precisava colocar tudo pra fora. Talvez assim se sentisse mais leve.

— Harry esteve no meu quarto. – Deu uma pausa — Sabe, ele me beijou. Acho que acabei confundindo memórias, porque o chamei de John.

Beatrice olhava atenta para a garota. A mesma desviou o olhar por um instante e voltou a olhar para a mulher outra vez.

— Ele foi embora. Foi aí que eu ouvi uma melodia vinda do porão, mas acho que era minha mente pregando uma peça, sabe? Acho que foi só mais uma lembrança. – Valentine suspirou — Eu fui até lá, mais memórias vieram. Eu me sentia sufocada. Bom, o resto você já sabe. A caixa caiu quando fui tentar pegar um quadro com a foto da minha mãe.

— Querida, eu sinto muito. – Foi a única coisa que Beatrice conseguiu dizer. Valentine se aproximou mais da mulher, cobriu seu rosto junto a seu corpo e chorou. Ela não saberia dizer o quanto ela chorou aquela noite. Ela simplesmente deixou que as lágrimas caíssem livremente. Beatrice apenas fazia cafuné. Quando parecia não existir mais lágrimas suficientes, ela voltou a dizer:

— Quando estamos morrendo, nossa vida inteira passa por nossa cabeça. Não achei que fosse sair viva, sabe? Eu até podia ver minha mãe. John também estava lá. Tudo parecia perdido e eu só esperava o momento da queda. A dor que eu senti quando bati a cabeça foi surreal. Naquele momento, tudo apagou.

— Eu sei que é difícil e tudo deve está te sufocando, mas você não está sozinha. Estou aqui, sempre vou está. – Beatrice enxugou suas últimas lágrimas.

— Por que deixou que desligassem os aparelhos? – Questionou. Isso ainda doía.

— Eu estava sufocada, Valentine. Não sabia o que fazer e se deveria fazer. Os médicos disseram que não tinha mais jeito e foram cinco meses esperando para que você voltasse. Você não voltou.

Naquele momento, Beatrice também chorava.

— Eu me sentia destruída a cada cabo que puxavam. Era uma parte de mim que arrancavam sem se importarem com o vazio que deixavam. Eu não quis que você fosse, mas não estava mais sob meu controle.

Valentine enxugou as lágrimas de Beatrice. Ela nunca iria conseguir entender o que aconteceu, se ela realmente morreu ou se foi algum equívoco médico, mas uma coisa era certa, aquela mulher fez de tudo por ela e lutou até o último instante. Ela sempre esteve lá.

— Obrigada por sempre está comigo, tia. – Sussurrou. Beatrice beijou sua testa e abraçou-a. O vazio fora preenchido outra vez. Seu coração se aliviou e finalmente, após várias noites sem dormir, conseguiu dormir em paz. Um verdadeiro e merecido descanso.

Algumas semanas depois

Tudo estava voltando a sua rotina. Valentine havia se conformado com seu acidente. Afinal, era algo que ela não poderia mudar, mesmo que quisesse. Então, preferiu não ficar remoendo. Entendia que na situação que estava, era difícil para Beatrice tomar uma decisão. Também sabia que era uma situação de alto risco e nem mesmo sabia explicar como estava viva. A pequena Amy que dizia a todo instante que fora Deus, mas todos achavam que era só coisa de criança. No fundo, Beatrice entendia que aquilo era sim um milagre. Um lindo e maravilhoso milagre. Uma vida nunca esteve no comando de mãos humanas. Homem algum poderia dizer que não existia mais vida. Se joelhos forem dobrados, e pedidos forem feitos, um milagre será realizado independente de quaisquer ciências humana.



Tudo estava calmo, calmo até demais para Valentine. A garota estava em seu quarto quando Harry mandou uma mensagem. Seu coração até bateu mais forte naquele momento. Com um sorriso no rosto, desbloqueou o celular e leu a mensagem.

Minha mãe morreu. Ou melhor, ela se matou. Eu não sei o que pensar ou o que sentir. Acho que ainda não caiu a ficha. Quer dizer, claro que estou triste. Mas, ela levou uma parte feliz de nossa família com ela. Eu queria que tudo tivesse sido diferente. Eu a amei. Estava disposto a ajudar no que fosse preciso. Mas aí, ela me tirou a vida. Eu pensei que fosse te perder. Naquele momento, todo o amor que eu sentia por ela caiu junto a ti naquela queda agonizante. Mas ao contrário de você, ele morreu. Encontro-te mais tarde. Preciso estar com meu pai neste momento.

Valentine não soube o que responder. Ela não se sentia triste por Clair. Na verdade, a mágoa que sentia não lhe permitia sentir empatia pela mulher. Ela só não desejava uma morte tão dolorida quanto a sua teria sido.

Isso ela não desejaria pra ninguém. Mas, também não conseguia se sentir triste. Afinal, era Clair. A mulher que he empurrou de um prédio. A mesma que quase matou sua irmãzinha. Ela não conseguia sentir nada. No entanto, ela tinha consciência de que era a mãe de Harry. E por ele, se permitiu sentir algo além da mágoa e do alívio. Ficou triste, pois compreendia a dor do garoto. Era sua segunda perda materna, mas ela cometeu tantas atrocidades que até deixou sequelas para trás. Era difícil alguém dizer que sentia sua perda. Talvez Harry sentisse, mas não da Clair que tirou sua vida, mas sim de sua mãe que tanto amou e respeitou durante anos. A única mulher que conseguiu chamar de mãe após a sua verdadeira ter partido.



No dia seguinte, Harry fora ver Valentine. Para a surpresa da garota, o mesmo não parecia triste. Pelo contrário, parecia revigorado e cheio de novos planos e sonhos para sua vida. Matthew, seu pai, também apareceu por lá naquela manhã. O homem surgiu na porta com um lindo buquê de rodas brancas. Beatrice não sabia onde se enfiar, de tanta vergonha que sentiu.

— Eu não posso mais esconder o que sinto. — Matthew assumiu esperançoso. — Não posso mais omitir esse sentimento que só cresce dentro de mim. Eu te amo e não me sinto culpado por isso.

Da escada, Valentine, com Amy em seu colo e Harry ao seu lado, assistia a cena com lágrimas nos olhos. Ela só conseguia desejar que aquele relacionamento desse certo. Ambos precisavam de uma nova fase. Por que não juntos?

— Eu também amo você. — Sussurrou. Matthew aproveitou para segurar em sua cintura e beijá-la com paixão. Do alto da escada, assobios e palmas fizeram o casal sorrir entre o beijo. Não havia mais motivos para enganarem a si mesmos. Eles mereciam serem felizes juntos.



A tarde ia caminhando para seu fim de forma majestosa, tudo estava tranquilo na casa, Amy brincava com Matthew na sala, Beatrice passava o café e Valentine conversava com Harry em seu quarto. O casal estava em uma conversa acirrada sobre o passado. A garota não sabia onde se esconder de tanta vergonha que sentia.

— Eu não era assim. – Afirmou com as bochechas rosadas. Harry gargalhou. Era tão bom ouvir sua risada e poder estar ao seu lado sem qualquer obstáculo.

— Ah! Você era sim. – Afirmou ainda rindo. — Volte a me incomodar e arranco-lhe as bolas – Ele repetiu uma antiga fala da Valentine arisca do passado. A garota se sentiu ainda mais envergonhada. Essa não podia ser ela. Por Deus.

— Para, eu não falei isso. – Quis se defender. Harry riu ainda mais. Após se recuperar, encarou a garota com mais atenção. Ela, sem dúvidas, havia mudado muito ao longo do ano. Ele afastou os cachos que cobriam sua bochecha rosada e sorriu.

— Eu não me arrependo nem um pouco de tudo o que fiz para te ter ao meu lado. – Assumiu acariciando sua bochecha. Ambos estavam sentados na cama da garota. Harry com as costas na parede e ela com suas pernas em volta de seu corpo.

— Eu era muito insuportável? – Questionou com seu rubor costumeiro nas bochechas.

— Era uma marrentinha muito arisca. – Sorriu — Mas eu sempre soube que por trás da marra existia um coração de ouro.

Valentine sorriu.

Harry subiu seus dedos pela nuca da garota até alcançar seus cachos, onde mergulhou seus dedos e passou entre os cachos fazendo-a fechar os olhos. Seus dedos sentiram um pequeno relevo na cabeça da garota. Marca de seu acidente. Uma marca que ela irá carregar para o resto de sua vida. E poderá dizer que sobreviveu.

Valentine sentiu quando Harry tocou sua “ferida”. No começo, se sentia aflita, mas havia se acostumado ao toque sutil do garoto. O espaço entre eles não existia mais. Ele segurou em seu queixo e beijou-a com carinho. Após o beijo, olhou em seus olhos e sorriu. Poderia dizer que era seu melhor fim. Na verdade, era apenas o começo, seu melhor começo. Pois agora poderiam recomeçar juntos. Um ao lado do outro, como sempre desejou que fosse.

— Amo você, girassol. – Sussurrou próximo ao seu ouvido. A menina se arrepiou toda. Ele adorava provocá-la. Ela beijou-o como nunca.

Um beijo apaixonado e de completa entrega.

✧ 。 ✧ 。 ✧ 。



_____ ≡ _____

Quando permitimos que o amor

Entre, tudo se torna mais leve.

_____ ≡ _____

Dizem que o amor pode ultrapassar barreiras invisíveis e inimagináveis. O amor é, sem dúvidas, o maior sentimento que o ser humano pode sentir. Mesmo que, alguns não tenham essa dádiva. O amor é puro, é fiel e protetor. Ele é sem limites e sem barreiras. Quando se ama, o mundo até parece mais colorido. Dizem que o amor é cego. Talvez ele seja realmente cego, ou enxergue o que o ódio não é capaz, mas há quem diga que entre o amor e o ódio existe uma linha fina.

Um amor para mim não é um conto de fadas. O mal nem sempre está debaixo da cama ou dentro do armário. Ele está dentro de nós, pronto para ser liberto. Somente o amor nos limpa por inteiro. Nos permite viver e lutar por aquilo que acreditamos.

O amor a base de tudo.



Era, sem dúvidas, o pôr do sol mais lindo que Valentine já presenciara em toda a sua vida. Talvez fosse por estar ao lado de Harry, ou simplesmente por enxergar a vida por um ângulo diferente. Pelo ângulo do

amor. O casal estava comemorando quase dois anos de namoro. Estavam mais unidos do que nunca. Faziam planos incontáveis para o futuro. Almejavam um futuro juntos. Em seu jardim, a garota vislumbrava a magnífica atração da natureza enquanto observava seus girassóis. Era a cena mais linda que presenciara. A natureza é mesmo uma atração magnífica.

Harry observava cada traço e sorriso da garota. Estava apaixonado por ela. Ele gostava de dizer que se apaixonava um pouco mais todos os dias. Dizia que o amor era renovado. De fato era.

— No que tanto pensa? — Ele questionou sorridente. Os raios de sol batiam no rosto da garota e formavam um lindo contraste com seus cachos e olhos, cor de mel.

— Em tudo — Suspirou — Em como sou feliz por ter as pessoas que mais amo ao meu lado, e por ter aprendido a dar valor a isso.

Harry sorriu e lhe acariciou o rosto dourado devido aos raios de sol.

— Quando permitimos que o amor entre, tudo se torna mais leve. — O garoto segurou firme em sua cintura e a puxou para mais perto.

— Então eu não quero que ele saia nunca. — Sussurrou.

Ambos sorriram.

Junto aos últimos raios de sol, o casal uniu seus lábios em um beijo calmo e apaixonado. Não havia pressa, apenas queriam sentir um ao outro. Se entregaram em um beijo único e puro. Valentine sentiu um frio gostoso em sua barriga, o costumeiro formigamento, como se tivessem milhões de borboletas em seu estômago. Ela sempre se sentia assim ao beijar Harry. Era sempre como a primeira vez.

— Eu te amo, meu doce girassol. — O garoto sussurrou próximo aos

seus lábios.

— Eu te amo, príncipe Harry. — Sussurrou e sorriu. Adorava chamá-lo assim. Harry não era perfeito e Valentine tinha consciência disso. Ela também não era, mas ambos eram perfeitos juntos, a maneira deles.

Essa cumplicidade era a entrega mais sincera que poderiam oferecer um ao outro.

GIRASSOL

Era a flor preferida dela, é o amarelo mais bonito do seu jardim. É flor que sabe sorrir, é quem sabe achar o sol em dias nublados demais, é saber que dias bons não somem nem se perdem, só se escondem vez ou outra.

— **João Doederlein**

FIM





Agradeço à Deus, por me conceder o dom maravilhoso da escrita. Agradeço aos amigos que me ajudaram e me apoiaram até aqui. E claro, a todos que acompanharam a história até aqui. Sem vocês, nada disso seria realizado.

Aos amigos que me ajudaram nas horas de desânimo, aos que me aconselharam e aos que dedicaram seu tempo a esse livro.

Quero dizer que vocês são essenciais em minha trajetória. Obrigada por todo o carinho, paciência e dedicação.

Em especial a Rosi Matos e Thaiana Mizuno pelos conselhos e dedicação com a história sempre que precisei.

Um abraço e um girassol para todos.

Até a próxima jornada.



Facebook: Perfil de autora:

<https://www.facebook.com/analuteodoroautora.1>

Página: Universo literário:

<https://www.facebook.com/livrosdeanaluteodoro/>

Página Facebook: Analu Teodoro:

<https://www.facebook.com/livrosdeanaluteodoro/>

Wattpad: Analu_Teodoro

<https://my.w.tt/Cx0aZISUJ8>

^[1] Música: Meus Dentinhos eu vou escovar